

Matheus Batalha



# Educação pelo mundo

*Vida em crônicas*

Education Around the World: Life Chronicles



# Educação pelo mundo

*Vida em crônicas*

Education Around the World: Life Chronicles







## GOVERNO DO ESTADO DE SERGIPE

### **Governador**

*Belivaldo Chagas Silva*

### **Vice-Governadora**

*Eliane Aquino Custódio*

### **Secretário de Estado do Governo**

*José Carlos Felizola Soares Filho*



## SEGRASE - SERVIÇOS GRÁFICOS DE SERGIPE

### **Diretor-Presidente**

*Ricardo José Roriz Silva Cruz*

### **Diretora Administrativa-Financeira**

*Maria das Graças Souza Garcez*

### **Diretor Industrial**

*Milton Alves*



# EDISE

## Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe

### **Gerente Editorial**

*Jeferson Pinto Melo*

### **Conselho Editorial**

*Antônio Amaral Cavalcante*

*Cristiano de Jesus Ferronato*

*Ezio Christian Déda Araújo*

*Irineu Silva Fontes*

*João Augusto Gama da Silva*

*Jorge Carvalho do Nascimento*

*José Anselmo de Oliveira*

*Ricardo Oliveira Lacerda de Melo*



Matheus Batalha

# Educação pelo mundo

*Vida em crônicas*

Education Around the World: Life Chronicles



**EDISE**

2013

**Autor**

*Matheus Batalha*

**Capa**

*João Victor Torres*

*Jadson Franklin Ventura*

**Ilustração de capa (aquarela)**

*Elisângela Queiróz*

**Projeto Gráfico**

*Clara Macedo*

**Diagramação**

*Clara Macedo*

**Pré-impressão**

*Dalmo Macedo*

*Marcos Nascimento*

**JORNAL DA CIDADE**

O MAIS COMPLETO DE SERGIPE

**Diretor Presidente**

*Marcos Franco*

**Diretor de Redação**

*Eugênio Nascimento*

**Diretor Comercial**

*Alfredo Moura*

**Chefe de Reportagem**

*Ronald Dória*

B328e

Batalha, Matheus

Educação pelo mundo: vida em crônicas = education around the world: life chronicles / Matheus Batalha. – Aracaju : Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe - Edise, 2019.  
232 p.: il.; 23 cm. E'book PDF.

Modo de acesso: world wide  
web: <https://segrase.se.gov.br/>

ISBN 978-85-53178-40-7

1. Educação. 2. Educação Internacional. 3. Ensino Superior. 4. Relações Internacionais. I. Título.

CDU: 37.014.53

Elaborado por Neide M. J. Zaninelli - CRB-9/ 884

Editora Filiada



**Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe - EDISE**

Rua Propriá, 227 · Centro

49010-020 · Aracaju · Sergipe

Tel. +55 (79) 3205 7421 / 3205 7420

[edise@segrase.se.gov.br](mailto:edise@segrase.se.gov.br)



Para meu Pai.





## Apresentação

Este é um livro de reflexões pessoais que provaram despertar interesse público. O livro recolhe as reflexões de um acadêmico dedicado que se tornou um entusiasta público humanista e escritor criativo. Não há nada necessário ou previsível sobre esse caminho de desenvolvimento. Foi importante traduzir sentimentos e memórias pessoais para um núcleo de experiências que equivalem a observações interpessoais. Histórias de sua família, momentos de felicidade, triunfos e desapontamentos pessoais e profissionais, aparecem nessas crônicas como incentivos para pausar e extrair significado para ajudar a manobrar em um mundo cheio de complexidade e, portanto, disponível para o desenvolvimento. Há eventos aqui, planejados e espontâneos, que se tornam marcos na vida de Matheus Batalha e, portanto, pontos de virada para seus leitores atentos e agradecidos.

Matheus é uma pessoa diferente do acadêmico que conheci anos atrás em uma tarde fria de primavera na Universidade de Harvard. Mas os fios de continuidade dessa persona para esta são claros. Eles amarram lindamente nesta reflexão não técnica sobre a vida, tanto dentro como fora da academia. Enfrentando crises pessoais e profissionais, ele consegue aprender com cada novo desafio e nos lembra que a crise literalmente significa “ponto de virada”. Desde seu foco anterior em colaborações institucionais internacionais e desenvolvimento, surgiu um foco mais amplo e básico nas perspectivas interpessoais. Em dezembro passado, duran-

## Foreword

This is a book of personal reflections that have proven to arouse public interest. The book collects the musings of a dedicated academic who has become an enthusiastic public humanist and creative writer. There is nothing necessary or predictable about this path of development. It has required translating from personal feelings and memories toward a core of experiences that amount to inter-personal observations. Stories from one's family, moments of happiness, personal and professional triumphs and disappointments, appear in these chronicles as incentives to pause and to extract meaning to help maneuver in a world riddled with complexity and therefore available for development. There are events here, both planned and unbidden, that become milestones in the life of Matheus Batalha and therefore turning points for his attentive and grateful readers.

Matheus is a different person from the academic whom I met years ago on a cold spring afternoon at Harvard University. But the strands of continuity from that persona to this one are clear. They tie up beautifully in this non-technical reflection on life, both inside and outside the academy. Facing personal and professional crises, he manages to learn from each new challenge and to remind us that crisis literally means “turning point.” From his earlier focus on international institutional collaborations and development there has emerged a broader and more basic focus on interpersonal perspectives. Last December during Christmas

te a semana de Natal, fiquei encantada em receber uma saudação pública muito pessoal através de uma de suas reflexões publicadas. Foi dedicado ao Pre-Texts, um programa de alfabetização baseado em artes que eu fui pioneira há dez anos e que é inspirado em grande parte pelas práticas brasileiras. Hoje, o Pre-Texts treina professores em todos os ambientes imagináveis, desde o Centro Bok de Ensino e Aprendizado da Universidade de Harvard até escolas públicas e prisões em toda a América Latina, China e além. Li o artigo em português e ouvi a voz gentil e generosa de Matheus. Essa generosidade se repete no design bilíngue do livro que ele oferece aqui, e os leitores terão a oportunidade de ouvi-lo em inglês e português.

Tal como Pre-Texts, que visa envolver as pessoas para além dos limites do ensino acadêmico, a fim de desenvolver alfabetização de base ampla, inovação e cidadania, Matheus Batalha espera fazer uma intervenção poderosa através da literatura. O livro convida os leitores a reconsiderar suas maneiras de pensar sobre os desafios que enfrentamos. A renovação de nossas perspectivas sobre educação e relações sociais é urgentemente necessária neste contexto global inevitável. Estou certo de que os leitores dos artigos colecionados por Matheus no *Jornal da Cidade* ficarão fascinados com a profundidade e a encantadora intimidade de seus escritos.

**Doris Sommer**

Ira e Jewell Williams Professor de Línguas  
e Literaturas Românicas e Estudos  
Africanos e Afro-Americanos  
**Universidade de Harvard**

week, I was delighted to receive a very personal though public greeting through one of his published reflections. It was dedicated to Pre-Texts, an arts-based literacy program that I pioneered ten years ago and that is largely inspired by Brazilian practices. Today, Pre-Texts trains teachers in every imaginable setting, from Harvard University's Bok Center for Teaching and Learning to public schools and prisons throughout Latin America, China, and beyond. I read the article in Portuguese and heard the gentle and generous voice of Matheus throughout. That generosity repeats in the bilingual design of the book he offers here, readers will have the opportunity hear him in both English and Portuguese.

Like Pre-Texts, which aims to engage people beyond the confines of academic teaching in order to develop broad-based literacy, innovation, and citizenship, Matheus Batalha's hopes to make a powerful intervention through literature. The book invites readers to reconsider their ways of thinking about the challenges we face. Renewal of our perspectives on education and social relationships are urgently needed in this unavoidably global context. I am confident that the readers of Matheus's collected articles from the *Jornal da Cidade* will be captivated by the depth and the charming intimacy of his writing.

**Doris Sommer**

Ira and Jewell Williams Professor of  
Romance Languages and Literatures, and  
African and African American Studies  
**Harvard University**



## Prefácio

“A boa educação é moeda de ouro. Em toda parte tem valor”.

Padre ANTÔNIO VIEIRA, Citações e Pensamentos.<sup>1</sup>

Esta coletânea dos artigos do Professor Doutor MATHEUS BATALHA MOREIRA NERY contém muito mais do que a exposição pausada da vasta experiência do autor como aluno e professor, tal como publicados com regularidade semanal no JORNAL DA CIDADE de Aracaju nos anos de 2018 e 2019.

Agora transformada em livro, a matéria que tem como assunto principal este ramo das Ciências Sociais que é a Educação é, em verdade, a epifania de um processo que fez com que a humanidade chegasse à Idade Moderna com a rica substância das reflexões filosóficas e todavia pragmáticas de dois dos maiores e mais talentosos representantes da inteligência do mundo ocidental, no Século XVII: o português/brasileiro Padre ANTÔNIO VIEIRA (1608 – 1697) e o inglês JOHN LOCKE (1632 – 1704).

O conceptismo literário e o empirismo filosófico então convergiram para a elaboração de conceitos e ensinamentos que coincidem com a criação da primeira escola de ensino superior dos Estados Unidos da América do Norte em 1636, na colônia inglesa de Massachusetts, que é o Colégio Harvard.

1 2ª Edição, [www.citada.pt](http://www.citada.pt) acesso em 29/07/19 – 03/37pg.

## Preface

“Good education is a gold coin. It has value everywhere.”

Father ANTONIO VIEIRA, Quotes and Thoughts.<sup>2</sup>

This collection of Professor MATHEUS BATALHA MOREIRA NERY's articles contains much more than the gentle exposition of the author's vast experience as a student and teacher, as published regularly every weekend in the Aracaju JORNAL DA CIDADE newspaper in 2018 and 2019.

Now turned into a book, the subject that has as its main element this branch of Social Sciences, which is Education, is, in fact, the epiphany of a process that brought humanity to the Modern Age with the rich substance of philosophical reflections and yet pragmatic aspects of two of the greatest and most talented representatives of intelligence in the western world in the 17th century: the Portuguese/Brazilian Father ANTÔNIO VIEIRA (1608 - 1697) and the Englishman JOHN LOCKE (1632 - 1704).

Literary concepts and philosophical empiricism then converged on the elaboration of concepts and teachings that coincided with the creation of the first North American higher education school in 1636 in the English colony of Massachusetts, which is Harvard College.

2 2nd Edition, [www.citada.pt](http://www.citada.pt) access on 07/29/19 - 03/37pg.



Em uma sucessão virtuosa de coincidências históricas foram postas à disposição do Ocidente o virtuosismo de VIEIRA na cátedra religiosa cristã e a fundamentação vigorosa do empirismo de LOCKE cuja obra “Pensamentos sobre a Educação”, publicado em Londres em 1693 contém as bases do ramo novo da ciência educacional que hoje temos.

Não foi por acaso que a instituição na qual operou o Padre VIEIRA, a Ordem Jesuíta, assumiu o carisma do magistério *urbi et orbis* – sendo a principal responsável pelo ensino católico cristão universalmente aplicado – e, agora, pela primeira no pontificado da hierarquia doutrinária católica com o Papa FRANCISCO. Essa vocação está certificada no importante artigo “Os Jesuítas no Brasil Colônia”, do Professor José Anderson Nascimento.<sup>3</sup>

Na outra vertente, a racionalidade do empirismo de LOCKE, consubstanciado no dístico harvardiano de *veritas* complementa a medalha pós-moderna da nova instrução: com a aprendizagem formal e o gerenciamento de métodos e sítios educacionais que se aliam ao manuseio artístico e interpretativo em movimento, e pela tecnologia institucional de última geração, produzindo a essência da Psicologia Educacional que é, afinal, o campo de sementeira do Autor e seu palco de atuação na nobre arte do magistério.

Aliás, poucas vezes temos encontrado tanta e tão saudável vaidade em um docente que sistematicamente tempera o seu

In a virtuous succession of historical coincidences were made available to the West the virtuousness of VIEIRA in the Christian religious chair and the vigorous foundation of LOCKE’s empiricism whose work “Some thoughts concerning Education”, published in London in 1693 contains the foundations of the new branch of educational science we have today.

It was no coincidence that the institution in which Father VIEIRA operated, the Jesuit Order, assumed the charism of the *urbi et orbis* magisterium - being primarily responsible for universally applied Christian Catholic teaching - and now for the first time in the pontificate of the Catholic doctrinal hierarchy with Pope Francis. This vocation is certified in the important article “The Jesuits in Colony Brazil”, by professor José Anderson Nascimento.<sup>4</sup>

On the other hand, the rationality of LOCKE’s empiricism, embodied in the Harvard’s *veritas*, complements the post-modern medal of the new instruction: with formal learning and the management of educational methods and sites that combine with the artistic and interpretive handling in motion, and by state-of-the-art institutional technology, producing the essence of Educational Psychology, which is, after all, the author’s field of sowing and its stage in the noble art of teaching.

In fact, we have rarely found such healthy vanity in a teacher who system-

3 “Foram eles os fundadores das principais escolas que funcionaram em diversas regiões da Colônia e muito contribuíram para o preparo intelectual das gerações que aqui se constituíram, ministrando-lhes pelo menos a instrução fundamental e média e mais tarde a superior, como se vê na Bahia e em São Paulo a partir do Século XVII” (Revista da Academia Sergipana de Letras, nº 38, 2011, EDISE, Aracaju-Sergipe, pp. 87 a 90).

4 “They were the founders of the main schools that operated in various regions of the colony and contributed greatly to the intellectual preparation of the generations that established themselves here, giving them at least basic and secondary education and later the tertiary education, as seen in Bahia. and in São Paulo from the 17th Century” (Journal of the Sergipe Academy of Letters, No. 38, 2011, EDISE, Aracaju-Sergipe, pp. 87 to 90).

pendor com a humildade de confessa-se também aprender com seus alunos.

Este orgulho magisterial é, felizmente, uma característica dos jovens doutores, como comprova o recente artigo do Professor Doutor ANTONIO CARLOS SOBRAL DE SOUZA, membro da Academia Sergipana de Letras que também em sede de imprensa publicou “A Cardiologia Sergipana e os Dois Brasis” no qual afirma relativamente à Medicina:

“A função essencial do Professor é ensinar é transmitir conhecimento e servir de modelo para a formação de jovens profissionais...”<sup>5</sup>

Vê-se, pois e complementarmente que a divulgação através da imprensa, em linguagem clara e conceitos precisos têm sido e pode ser ainda mais um fator de elevação cultural da sociedade, tão carente de lições e de exemplos.

É isto que celebramos na obra agora publicada do Autor e que se apresenta como corolário da magistral orientação da Professora Doutora Doris SOMMER, criadora e regente do Programa Pre-Texts desenvolvido no Centro Derek Bok de Ensino e Aprendizado da Universidade Harvard, que por sorte nossa é matéria aplicada pelo Professor Doutor MATHEUS BATALLA MOREIRA NERY aqui em Sergipe, Brasil.

**Carlos Pinna de Assis**  
Da Academia Sergipana de Letras

atically tempers his inclination with the humility of confession that he learns from his students.

This magisterial pride is, fortunately, a characteristic of young doctors, as evidenced by the recent article by Professor ANTONIO CARLOS SOBRAL DE SOUZA, a member of the Sergipe Academy of Letters who also published in the press “The Cardiology of Sergipe and the Two Brazils” in which states regarding medicine:

“The essential function of the teacher is to teach is to transmit knowledge and serve as a model for the development of young professionals...”<sup>6</sup>

It is therefore seen, and complementarily, that the dissemination through the press, in clear language and precise concepts has been and can be even more a factor of cultural elevation of society, so much in need of lessons and examples.

This is what we celebrate in the author’s now published work, which stands as a corollary of Professor Doris SOMMER’s masterful guidance, creator and conductor of the Pre-Texts Program developed at Harvard University’s Derek Bok Center for Teaching and Learning, which luckily is ours subject applied by Professor MATHEUS BATALLA MOREIRA NERY here in Sergipe, Brazil.

**Carlos Pinna de Assis**  
Sergipe Academy of Letter

5 Publicado no Jornal da Cidade, ed. de 20 a 22 de Julho de 2019.

6 Published in Jornal da Cidade, ed. July 20-22, 2019.



## Edição Internacional

Quando solicitado a escrever um prefácio para este livro, não hesitei em concordar, pois sabia que este livro, escrito por um colega e amigo, Prof. Matheus Batalha, seria um livro muito especial. Eu estava confiante de que este livro seria intelectualmente intrigante, socialmente relevante e pessoalmente divertido. Quando recebi o manuscrito do livro, e percebi que este livro é uma compilação de colunas semanais, escritas pelo Prof. Batalha para o seu jornal local 'Jornal da Cidade', fiquei emocionado ao ler alguns desses pequenos artigos que ele gentilmente já havia compartilhado comigo antes, e também ler outros que eu não havia tido a oportunidade de ler anteriormente.

As palavras escritas nesses vários artigos são certamente simples, diretas, mas poderosas e muito significativas. Estas palavras transmitem histórias, opiniões e mensagens que são tecidas através de dificuldades pessoais, triunfos pessoais, amizades, anedotas e histórias familiares, bem como opiniões sobre vários tópicos sobre educação, vida, amor, perda e determinação. Ao longo da diversidade de tópicos abordados nestas colunas, há sempre uma(s) mensagem(s) a ser/serem compartilhadas com o(s) leitor(es). Estas mensagens, por vezes claramente indicadas e outras vezes sutilmente sugeridas, reluzem de forma brilhante através de cada um destes artigos interessantes e intrigantes. Embora essas narrativas e mensagens

## International Edition

When asked to write a preface for this book, I did not hesitate to agree to do so, as I knew that this book, written by a colleague and a friend, Prof. Matheus Batalha, would be a very special book. I was confident that this book would be intellectually intriguing, socially relevant, and personally entertaining. As I received the book manuscript, and realized that this book is a compilation of weekly columns, written by Prof. Batalha for his local newspaper '*Jornal da Cidade*', I was thrilled to go over some of these short articles that he has kindly shared with me earlier, and also read others that I have not had the opportunity to read before.

The words written in these various articles are certainly simple, direct, yet powerful and very meaningful. These words relay stories, opinions, and messages that are weaved through and through with personal difficulties, personal triumphs, friendships, family anecdotes and family history, as well as opinions covering various topics about education, life, love, loss, and determination. Throughout the diversity of topics covered in these columns, there is always a message(s) that is/are to be shared with the reader. These messages, sometimes clearly stated and at other times subtly hinted at, brilliantly shine through each of these interesting and intriguing articles. Although, these narratives and messages are driven by

sejam orientadas pelas experiências de um indivíduo, um brasileiro, elas são de fato relevantes para qualquer ser humano de qualquer nacionalidade e de qualquer pessoa que viva em qualquer parte do mundo.

É a força e o poder das narrativas e mensagens que considero tão relevantes para todos nós que lidamos com questões relacionadas à educação, seja no Brasil ou nos Estados Unidos ou em qualquer outro lugar do mundo, ou que atuamos com outras questões relacionadas a diversidade cultural, sociedades ou questões relevantes para nossas interações e compromissos com várias entidades ou indivíduos. Às vezes, aprendemos muito sobre o que (e como) os outros estão fazendo ou praticando, aprendendo, educando, vivendo e interagindo com alunos, familiares, amigos ou cidadãos comuns, estejam eles acontecendo nos Estados Unidos, Holanda, na Índia, ou no Brasil, esses ambientes de aprendizagem, de relacionamentos e de experiências são altamente valiosos e enriquecedores. Os momentos de ensino e as mensagens deste livro nos permitem não apenas aprender sobre sistemas educacionais ou experiências de aprendizado, mas também nos dão oportunidades de refletir sobre nossas próprias vidas profissionais e pessoais, arriscando-se, tomando decisões e descobrindo o que é mais importante sobre vida e, por sua vez, descobrindo a nós mesmos e seguindo nosso destino. Fiquei particularmente hipnotizado pelo artigo em que o autor descreve suas experiências em sala de aula depois de superar sua batalha contra sua própria crise de saúde. É ao mesmo tempo poderoso

the experiences of one individual, a Brazilian, they are in fact relevant to any human being of any nationality, and of anyone living anywhere around the world.

It is the strength and power of narratives and messages that I found to be so relevant to all of us who deal with issues related to education, whether we are in Brazil or in the United States or anywhere else around the world, or of other issues dealing with diverse cultures, societies, or issues relevant to our interactions and engagements with various entities or individuals. At times, we get to learn a lot about what (and how) others are doing or practicing learning, education, living, and engaging with students, family, friends, or average citizens, whether these are happening in the United States, Netherlands, India, or Brazil, these learning environments, relationships, and experiences are highly valuable and enriching. The teaching moments and messages in this book allow us to not only learn about educational systems or learning experiences, but they also afford us opportunities to reflect on our own professional and personal lives, taking chances, making decisions, and discovering what is most important about life, and in turn, discovering ourselves, and following our destiny. I was particularly mesmerized by the article where the author describes his experiences in his classroom after overcoming his battle with his own health crisis. It is both powerful and captivating in how this topic could be dealt with, both in a formal environment, such as a classroom, or in an informal setting in everyday life.



so e cativante em como esse tópico poderia ser tratado, tanto em um ambiente formal, como uma sala de aula, ou em um ambiente informal na vida cotidiana.

Este livro é cheio de pensamentos, perspectivas, experiências e mensagens, mas, mais do que isso, tem muito coração. São essas mensagens sinceras sobre as reflexões do autor sobre questões humanas, educacionais, sociais e culturais que surgem em alto e bom som, com música tocando ao fundo ou tocando violão em primeiro plano! De qualquer forma que você olhe, este livro é uma coleção de fotos bem escritas da vida, e é definitivamente uma leitura agradável e vencedora!

**Schuyler S. Korban**

Professor Emérito da Universidade de  
Illinois em Urbana-Champaign

This book is full of thoughts, perspectives, experiences, and messages, but more than that, it has a lot of heart. It is these heartfelt messages about the author's reflections on these human, educational, societal, and cultural issues that come through loud and clear, with music playing in the background or guitar playing in the foreground! Any way you look at it, this book is a collection of well-written snapshots of life, and it is definitely an enjoyable and winning read!

***Schuyler S. Korban***

Professor Emeritus, University of Illinois  
at Urbana-Champaign

# Um Longo Caminho

As crônicas escritas neste livro são muito caras para mim. Elas representam um pedaço da minha história de vida pessoal e profissional. Todas remontam a conceitos e elementos que são fundamentais para o entendimento de como podemos avançar o debate sobre Educação em nosso país. Quando recebi o convite para escrever no Jornal da Cidade fiquei enormemente feliz e, ao mesmo tempo, preocupado. Sabia que as histórias, que eu já partilhava informalmente com meus amigos, poderiam encontrar um novo público e, com sorte, elas os ajudariam a compreender os dilemas que nós, educadores, passamos em nosso fazer diário. O compromisso de escrever semanalmente seria impossível para mim até pouco tempo atrás, em virtude de uma agenda de trabalho complexa. Tomei o convite como um desafio e organizei toda a minha rotina de trabalho para a escrita, com foco, dedicação e consistência, de todos os artigos publicados em minha coluna, que aqui estão organizados cronologicamente neste livro.

Desde que comecei a escrever para o jornal, percebi que a grande maioria das publicações centravam-se em análises detalhadas sobre fatos, eventos e fenômenos que nos tocam cotidianamente. Segui este estilo apenas no meu primeiro artigo publicado. Do segundo em diante passei a adotar um etilo de escrita centrado em casos e histórias de vida, buscando sempre trazer para o leitor um elemento central, um conflito, que ainda precisa ser superado na educação em nosso país. Aprendi esta metodologia nas temporadas que passei nos Estados Unidos. Por lá, via os professores usarem sempre em suas aulas os “*case studies*”, que versam sobre história de vida de pessoas, empresas ou, até mesmo, contam partes importantes da nossa evolução no Planeta Terra. Aprendi que as histórias de vida inspiram os alunos a buscarem por mais conhecimento, e passei a adotar esta estratégia em minhas aulas e em meus escritos, tendo sempre a teoria e os dados como suporte.

Não obstante, tracei como desafio sempre trazer à tona o que aprendi com diversas pessoas mundo afora. Sempre tive um olhar atento para como as pessoas inovam em soluções para os problemas que as afligem na vida em sociedade. Compartilhar essas experiências se tornou, semana após semana, uma missão para mim. Percebi, ao conversar com amigos e com os leitores, que elas encontravam um lugar incomum em suas mentes: elas os provocavam. Passei a adotar como estratégia a noção de que os artigos publicados na coluna deveriam sempre provocar a mente e mexer com os corações que, muitas vezes, estão endurecidos



por lidar com uma realidade tão difícil como a nossa. Qualquer mudança advinda da leitura das minhas ideias seria um enorme proveito.

Escrever semanalmente também foi para mim um ato de reparação simbólica. Na vida, enfrentamos muitos desafios. Alguns deles nos atormentam e nos machucam, mas precisamos ter a coragem de olhá-los de frente, e termos a dignidade de enfrentá-los em uma luta pacífica. Colocar em palavras escritas partes significativas da minha história me ajudou a perceber o quanto já caminhei e o quanto tudo que vivi, até aqui, precisava ser posto em perspectiva. Busquei privilegiar a minha caminhada na Educação e como algumas boas práticas que aprendi podem ajudar o nosso país a superar os inúmeros desafios que possuímos na área educacional. Trata-se de fazer uma análise crítica do que é adotado pelas melhores escolas e universidades mundo afora e, enquanto política, por outros países, compreendendo que, nem sempre as soluções podem ser adotadas de imediato e que há muitas diferenças culturais que precisam ser respeitadas.

Os temas e as histórias de vida que escolhi relatar foram surgindo ao acaso em minha mente ao longo das semanas. Com exceção das viagens que fiz ao exterior recentemente e que busquei relatar o que vi e vivi de imediato ao leitor no jornal, os demais artigos não seguiram uma programação pré-estabelecida. Em alguns artigos conto as minhas experiências com meu pai e minha mãe, e como os meus antepassados contribuíram para que eu tivesse uma educação humanística. Em outros, escrevi sobre amigos que me tocaram profundamente, pessoas com quem aprendi muito em horas de enorme dificuldade. Suas histórias também emergiram aleatoriamente em minha memória enquanto casos que precisavam ser contados. Em apenas um artigo discuti, antecipadamente, a temática que seria objeto de minha escrita. Trata-se do artigo que escrevi especialmente para a Academia Sergipana de Letras, que foi publicado na íntegra no Jornal da Cidade e que também compõe este livro. Busquei privilegiar em todos os artigos a força de suas histórias de vida. Usei-as como veículo de inspiração para outras pessoas pudessem buscar em suas existências feitos semelhantes ou de igual valor. Por isso, omiti os nomes dos personagens.

Eu, pessoalmente, tenho muito a agradecer a cada uma dessas histórias, pois elas me levaram a enxergar o mundo em uma outra perspectiva. Para além delas, há pessoas que não poderia deixar de mencionar, pois são, por demais, caras para mim. Primeiramente, à minha esposa, Cecília Cavalcante, minha eterna bailarina e companheira de muitos projetos, leitora, em primeira mão, de todos os artigos que compuseram minhas colunas. À minha família, em especial, a minha mãe, Tânia Batalha, que sempre batalhou para que eu tivesse a melhor educação, e às minhas irmãs, Laura e Lara, que nunca mediram esforços para que eu continuas-

se a perseguir todos os meus sonhos. Aos meus antepassados, João Moreira Filho, Saulo Nery, Maria Imperatriz e Edilde Teixeira, e em especial para minha tia-avó Zizi, que, com suas histórias de vida, me legaram lições valiosas. Aos meus tios e tias, em especial a tio Fábio Batalha, comandante de muitas aventuras. Aos meus sogros, Áurea Cavalcante e Geraldo Vieira, por entenderem os meus anseios como educador. À minha segunda mãe, Cleonice Souza, por cuidar de mim desde criança e incentivar meus anseios de juventude. Ao meu editor, Ronald Dória, e à toda a equipe do Jornal da Cidade liderada por Eugênio Nascimento, Alfredo Moura e por seu Diretor Presidente Marcos Franco, por abrir as portas para que as minhas ideias chegassem ao grande público. A todos os meus amigos, companheiros de todas as horas no Brasil e no exterior, em especial a André Cabral, Pedro Henrique (“Likito”), Schuyler Korban, Larissa Fawkner, Allen Gontz, Ramesh Sharma, Vinod Kanvaria, José Esteves Pereira, Renato Lima de Oliveira, Claudio de Moura Castro, James Ito-Adler, Biorn Maybury-Lewis, Alexander Keyssar, Paulo Sotero, Marilena Ristum, Sônia Sampaio, Claudia Oliveira, Marcos Valença, Luiz Carlos, Claudio Carvalho, Luiz Baronto, João Teles, Marcílio Pinto, Marlton Mota, José Vicente Pimentel, Krzysztof Gurba, Yuri Neiman, Hamilton Maciel, Irineu Fontes, Elber Batalha, Andrea Passarini, André Netto, John Monahan, José Dias Rezende, Deise Dias, Aline Palmeira, Magno Macambira, Jorge López, Izabella Rezende, Niraildes Prado, Ana Luiza, Paulo Autran, Demerson Pereira, Silvia Roberta, Francisco Assis e Alvani Junior. A Professora Doris Sommer, que, com sua enorme generosidade, sempre acolheu minhas ideias e me ajudou a compreender melhor os caminhos que deveria percorrer. A todos que compõem a Academia Sergipana de Letras, pessoalmente ao seu presidente, Dr. José Anderson Nascimento, e aos Imortais Carlos Pinna de Assis, Luzia Nascimento e Estácio Bahia Guimarães, com quem iniciei os primeiros diálogos que resultaram na publicação deste livro. A Elisângela Queiróz, por carinhosamente pintar a ilustração da capa. A todos os educadores de nosso país, em especial aos colegas da Uninassau, que sempre buscam incorporar as melhores práticas em suas aulas. À EDISE por viabilizar a publicação desta obra. E, por fim, mas não por último, a meu pai, Alberto Nery, por ser uma fonte eterna de inspiração em minha vida.

Boa leitura!

**Prof. Dr. Matheus Batalha Moreira Nery**

# A Long Way

The chronicles written in this book are very important to me. They represent a piece of my personal and professional life story. All of them go back to concepts and elements that are fundamental for understanding how we can advance the debate on Education in Brazil. When I received the invitation to write in *Jornal da Cidade* I was enormously happy and, at the same time, worried. I knew that the stories I had already shared, informally, with my friends could find a new audience and hopefully, they would help them understand the dilemmas that we, educators, have experienced in our daily lives. The commitment to weekly writing would have been impossible for me until recently, because of a complex work agenda. I took the invitation as a challenge and organized my whole writing routine to write with focus, dedication, and consistency, all the articles published in my column, which are organized chronologically here in this book.

Since I started writing for the newspaper, I noticed that the great majority of publications focused on detailed analyses of facts, events, and phenomena that touch us daily. I followed this style only in my first published article. From the second on, I began to adopt a style of writing centered on cases and life stories, always seeking to bring to the reader a central element, a conflict, that still needs to be overcome in Brazil's educational scenario. I learned this methodology in the seasons I spent in the United States. There, I saw that professors always used case studies in their classes, cases that narrated the life history of people, companies or even tell stories of important parts of our evolution on Planet Earth. I learned that life stories inspire students to search for more knowledge, and I began to adopt this strategy in my classes and in my writings, always having theory and data as support.

Nonetheless, I set the challenge of always bring out what I have learned from many people around the world to my articles. I have always had a watchful eye on how people innovate in solutions to the problems that afflict them in life in society. Sharing these experiences became, week after week, a mission for me. I realized by talking to friends and readers that my stories found an unusual place in their minds: they provoked them. I began to adopt as a strategy the notion that the articles published in the column should always provoke the mind and fiddle with the hearts that are often hardened by dealing with reality as difficult



as ours. Any change that comes from reading my ideas would be a huge benefit.

Publishing an article per week was also an act of symbolic reparation for me. In life, we face many challenges. Some of them torment us and hurt us, but we must have the courage to look at them head-on, and have the dignity to face them in peace. Placing in written words significant parts of my story helped me realize how far I've walked and how much everything I've lived so far needed to be put into perspective. I have sought to privilege my walk in education and how some good practices that I have learned can help our country to overcome the many challenges we have in the educational field. This is a critical analysis of what is being adopted by the best schools and universities worldwide and, as a policy, by other countries, realizing that solutions cannot always be adopted immediately and that there are many cultural differences that need to be respected.

The themes and life stories that I chose to tell were randomly popping up in my mind over the weeks. Except for the trips I made abroad recently, which I tried to report what I saw and lived immediately to the reader in the newspaper, the other articles did not follow a pre-established schedule. In some articles, I tell my experiences with my father and mother, and how my ancestors contributed to my humanistic education. In others, I wrote about friends who touched me deeply, people with whom I learned a lot in hours of great difficulty. Their stories also emerged randomly in my mind as cases that needed to be told. In just one article I discussed, in advance, the theme, not the character, that would be the object of my writing. This is the article I wrote especially for the Academia Sergipana de Letras, which was published in its entirety in the *Jornal da Cidade* and it is also part of this book. I have sought to privilege in all articles the force of their life histories. I used them as a vehicle of inspiration so that other people could seek in their existences similar achievements of equal value. Therefore, I omitted the names of the characters.

I, personally, have much to thank for each of these stories, as they have led me to see the world from another perspective. Beyond them, there are people I could not fail to mention, as they are too much important for me. First of all, to my wife, Cecilia Cavalcante, my eternal ballerina and companion of many projects, a first-hand reader of all the articles that made up my columns. My family, in particular, was my mother, Tania Batalha, who always struggled for me to have the best education, and my sisters, Laura and Lara, who always supported me, while I was pursuing all my dreams. To my ancestors, João Moreira Filho, Saulo Nery, Maria Imperatriz and Edilde Teixeira, and especially to my great-aunt Zizi, who, with their life histories, gave me valuable lessons. To my in-laws, Aurea

Cavalcante, and Geraldo Vieira, for understanding my yearnings as an educator. To my second mother, Cleonice Souza, for taking care of me since I was a child and understanding my youthful yearnings. To my editor, Ronald Dória, and to the whole team of *Jornal da Cidade* led by Eugênio Nascimento, Alfredo Moura and CEO Marcos Franco, for opening the doors so that my ideas could reach a broad audience. To all my friends, in Brazil and abroad, especially André Cabral, Pedro Henrique (“Likito”), Schuyler Korban, Larissa Fawkner, Allen Gontz, Ramesh Sharma, Vinod Kanvaria, José Esteves Pereira, Renato Lima de Oliveira, Claudio de Moura Castro, James Ito-Adler, Biorn Maybury-Lewis, Alexander Keyssar, Paulo Sotero, Marilena Ristum, Sônia Sampaio, Claudia Oliveira, Marcos Valença, Luiz Carlos, Claudio Carvalho, Luiz Baronto, João Teles, Marcelo Pinto, Marlton Mota, José Vicente Pimentel, Krzysztof Gurba, Yuri Neiman, Hamilton Maciel, Irineu Fontes, Elber Batalha, Andrea Passarini, André Netto, John Monahan, José Dias Rezende, Deise Dias, Aline Palmeira, Magno Macambira, Jorge López, Izabella Rezende, Niraildes Prado, Ana Luiza, Paulo Autran, Demerson Pereira, Silvia Roberta, Francisco Assis and Alvani Junior. Professor Doris Sommer, who, with her enormous generosity, always welcomed my ideas and helped me to better understand the paths I should take. To all who are part of the Sergipe Academy of Letters, in particular, to its president, Dr. José Anderson Nascimento, and to the Immortals Carlos Pinna de Assis, Luzia Nascimento, Estácio Bahia Guimarães, with whom I began the talks that resulted in the publication of this book. To Elisângela Queiróz, for lovingly painting the cover illustration. To all the educators of Brazil, especially to the colleagues of the Uninassau, who always seek to incorporate the best practices in their classes. To EDISE, for making the publication of this book viable. And, finally, but not lastly, to my father, Alberto Nery, for being an eternal source of inspiration in my life.

Hope you enjoy the Book!

**Prof. Matheus Batalha Moreira Nery, Ph.D.**

# Sumário

|                              |     |
|------------------------------|-----|
| Apresentação                 | 7   |
| <i>Foreword</i>              | 7   |
| Prefácio                     | 9   |
| <i>Preface</i>               | 9   |
| Edição Internacional         | 12  |
| <i>International Edition</i> | 12  |
| Um Longo Caminho             | 15  |
| <i>A Long Way</i>            | 18  |
| Epílogo                      | 229 |
| <i>Epilogue</i>              | 229 |

## Crônicas

|                                                       |    |
|-------------------------------------------------------|----|
| O que a Educação brasileira pode aprender com a Ásia? | 23 |
| <i>What Can Brazilian Education Learn From Asia?</i>  | 25 |
| O desafio é pensar criticamente                       | 27 |
| <i>The Challenge is the Critical Thinking</i>         | 29 |
| O que você já aprendeu online?                        | 31 |
| <i>What have you learned online?</i>                  | 33 |
| O Poder de uma Amizade                                | 35 |
| <i>The Power of a Friendship</i>                      | 37 |
| O Som da Inovação                                     | 39 |
| <i>The Sound of Innovation</i>                        | 41 |
| O Valor do Diploma                                    | 43 |
| <i>The University Degree Value</i>                    | 45 |
| A Vida é um Esporte                                   | 47 |
| <i>Life is a Sport</i>                                | 49 |

|                                               |    |
|-----------------------------------------------|----|
| Sou Professor                                 | 51 |
| <i>I am a Professor</i>                       | 53 |
| Um Lar Para Chamar de Meu                     | 55 |
| <i>A Home to Call of Mine</i>                 | 57 |
| O Sabor da Vida                               | 59 |
| <i>The Taste of Life</i>                      | 61 |
| Califórnia, Sua Linda, Bom Dia!               | 63 |
| <i>California, Your Beauty, Good Morning!</i> | 65 |
| As Boas Vibrações                             | 67 |
| <i>The Good Vibrations</i>                    | 69 |
| O Tom Maior                                   | 71 |
| <i>The Major Key</i>                          | 73 |
| A Arte de Voar Mais Alto                      | 75 |
| <i>The Art of Flying Higher</i>               | 77 |



|                                         |     |
|-----------------------------------------|-----|
| Mudando Vidas _____                     | 79  |
| <i>Changing Lives</i> _____             | 81  |
| O Futuro Está em Nossas Mãos _____      | 83  |
| <i>The Future Is In Our Hands</i> _____ | 85  |
| Um Pretexto para a Vida _____           | 87  |
| <i>A Pre-text for Life</i> _____        | 89  |
| Resoluções para o Ano Novo _____        | 91  |
| <i>New Year's Resolution</i> _____      | 93  |
| Escalando Montanhas _____               | 95  |
| <i>Climbing Mountains</i> _____         | 97  |
| O Sabiá Silencioso _____                | 99  |
| <i>The Silent Sabiá</i> _____           | 101 |
| A Sorte Está Lançada _____              | 103 |
| <i>The Die is Cast</i> _____            | 105 |
| A Casa Branca _____                     | 107 |
| <i>The White House</i> _____            | 109 |
| A Terra Prometida _____                 | 111 |
| <i>The Promised Land</i> _____          | 113 |
| A Ironia _____                          | 115 |
| <i>The Irony</i> _____                  | 117 |
| Um Antídoto Para a Solidão _____        | 119 |
| <i>An Antidote to Loneliness</i> _____  | 121 |
| O Capital Humano _____                  | 123 |
| <i>The Human Capital</i> _____          | 125 |
| O Caminho da Bondade _____              | 127 |
| <i>The Path to Goodness</i> _____       | 129 |
| A Estrada é o Caminho _____             | 131 |
| <i>The Road is the Way</i> _____        | 133 |
| Navegar é Preciso _____                 | 135 |
| <i>Sailing is a Necessity</i> _____     | 137 |
| A Fusão do Conhecimento _____           | 139 |
| <i>The Fusion of Knowledge</i> _____    | 141 |
| Sonhos e Vidas _____                    | 143 |
| <i>Dreams and Lives</i> _____           | 145 |
| Amigos à Distância _____                | 147 |
| <i>Long Distance Friendship</i> _____   | 149 |

|                                             |     |
|---------------------------------------------|-----|
| A Longa Estrada _____                       | 151 |
| <i>The Long Road</i> _____                  | 153 |
| Summa Cum Laude _____                       | 155 |
| <i>Summa Cum Laude</i> _____                | 157 |
| A Primavera de Safo _____                   | 159 |
| <i>The Spring of Sappho</i> _____           | 161 |
| As Esculturas do Deserto _____              | 163 |
| <i>The Desert Sculptures</i> _____          | 165 |
| As Tramas do Destino _____                  | 167 |
| <i>The Plots of Destiny</i> _____           | 170 |
| Estradas e Destinos _____                   | 173 |
| <i>Roads and Destinations</i> _____         | 175 |
| Atalhos Para a Magnitude _____              | 177 |
| <i>Shortcuts to Magnitude</i> _____         | 179 |
| Picos de Energia _____                      | 181 |
| <i>Power Peaks</i> _____                    | 183 |
| O Sindicato _____                           | 185 |
| <i>The Union</i> _____                      | 187 |
| O Hotel dos Sonhos _____                    | 189 |
| <i>The Hotel of Dreams</i> _____            | 191 |
| A Viagem é o Destino _____                  | 193 |
| <i>The Journey is the Destination</i> _____ | 196 |
| A Cidade das Bruxas _____                   | 199 |
| <i>The City of Witches</i> _____            | 202 |
| A Dama de Cinza _____                       | 205 |
| <i>The Gray Lady</i> _____                  | 207 |
| O Mar de Tubarões _____                     | 209 |
| <i>The Sea of Sharks</i> _____              | 211 |
| O Sodalício _____                           | 213 |
| <i>The Academy</i> _____                    | 215 |
| A Princesa e o Guerreiro _____              | 217 |
| <i>The Princess and the Warrior</i> _____   | 219 |
| A Colônia _____                             | 221 |
| <i>The Colony</i> _____                     | 223 |
| O Lado Bom da Vida _____                    | 225 |
| <i>The Good Side of Life</i> _____          | 227 |

# ○ que a Educação brasileira pode aprender com a Ásia?

25/08/2018<sup>7</sup>

Imagine que você está assistindo a um jogo de cartas. Na mesa estão sentados os principais formuladores de políticas públicas em educação de diversos países. Em vez de receberem cartas de baralho comuns, os jogadores recebem um série de fatores que compõem a história, a demografia, a cultura, a economia, e a disponibilidade de escolas e universidades para superarem os desafios educacionais correntes em seu país.

Esses fatores fazem parte do arcabouço de dados que devem integrar o processo de tomada de decisão em políticas públicas. Assim, os agente públicos, em posse de suas cartas fatores, precisam decidir como jogar o jogo. Eles devem esboçar e implementar estratégias a longo prazo que ajudem o seu país a superar seus desafios.

É possível que um jogador receba ótimos fatores, mas não consiga desenvolver uma estratégia coerente para desenvolver a educação de seu país e deixá-la estagnar. Por outro lado, também é possível que os fatores não sejam animadores, mas o formulador consiga traçar uma estratégia ampla e astuta para avançar as ambições de seu país.

A mesa desse jogo de cartas fatores é a arena internacional. É nela que analisamos quem conseguiu avançar em seus desafios educacionais. Atualmente, a educação brasileira passa por um momento complexo. Foram feitos cortes em áreas importantes, como financiamento estudantil universitário (FIES), e em investimentos em pesquisa científica.

Quando olhamos os fatores de nosso país, vemos que o quantitativo de jovens entre 18 e 24 anos que estão matriculados em cursos universitários corresponde a apenas 18,1% da população nessa faixa etária. Considerando o quadro atual, em que 18.697.083 de jovens não estão matriculadas em nenhum curso superior, para alcançarmos a meta de 33% de estudantes matriculados até 2024, precisaremos jogar o jogo muito bem no próximo ciclo de gestão pública. Teremos que ter em nosso time verdadeiros ninjas em estratégia educacional.

Ao passo que patinamos, do outro lado do mundo, países como Japão, Coréia do Sul, China, Taiwan e Cingapura, desenvolveram um sistema de ensino supe-

7 Uma versão mais ampla deste artigo foi publicado pelo autor no Asian Journal of Distance Education

rior forte. Eles exploraram estratégias para aumentar as matrículas e a qualidade dos cursos.

O modelo desenvolvido na Ásia caracteriza-se por Estados-Nação fortes e centralizados. Por uma tendência de participação universal no ensino superior, com a participação de 96% dos jovens na Coreia do Sul, 87% em Taiwan e 58% no Japão, em que as famílias passaram a assumir, gradativamente, o papel do Estado como financiador estudantil. Por vestibulares centralizados para todas as universidades, e pelo desenvolvimento de universidades de pesquisa, com forte investimento estatal, capazes de competir globalmente.

Para tanto, é preciso criar mecanismos para que as pessoas permaneçam matriculadas, se graduem e possam contribuir positivamente para a sociedade, em uma visão de longo prazo. O papel do Estado está em viabilizar uma constante inovação no sistema educacional. Às famílias cabe se manterem como uma força motriz que impulsiona as gerações mais jovens a atingir objetivos mais ambiciosos. É a noção disseminada na sociedade de cada país de que uma geração deve ser melhor educada do que a anterior.

O elemento fundamental deste princípio é a capacidade do Estado de traduzir o compromisso das famílias com a qualidade acadêmica em um sistema que lhes permita ter a chance de matricular seus descendentes em universidades de classe mundial. Ou seja, um sistema em que haja mérito e equidade.

No Japão, os efeitos dessa estratégia já são sentidos plenamente. A maioria dos estudantes japoneses, 72%, não recebe financiamento do governo. No Brasil, 63,5% dos estudantes recebe algum tipo de suporte do Estado. O compromisso assumido pelas famílias asiáticas em torno do financiamento estudantil foi compensado com um acelerado investimento estatal em desenvolvimento científico. O número de artigos científicos publicados cresceu exponencialmente. Além disso, as universidades asiáticas passaram a figurar em posições de prestígio em rankings internacionais.

No ranking elaborado pela Universidade de Leiden, um dos mais prestigiados, 10 universidades asiáticas figuram entre as 25 melhores do planeta. Por aqui, contamos nos dedos as universidades brasileiras que figuram em algum ranking internacional. Evidentemente, como em qualquer sistema, há problemas na Ásia. Há casos de corrupção acadêmica, além da ausência de princípios democráticos em alguns países.

O momento que a Educação brasileira atravessa exige pensarmos em diferentes estratégias. Elaborar novos caminhos e mudar a racionalidade da educação brasileira será uma tarefa árdua. Mas, o desafio da Educação, antes de tudo, é um desafio humano. Precisamos criar condições para que mais pessoas estudem. Para tanto, precisaremos de propostas inovadoras.



# What Can Brazilian Education Learn From Asia?

08/25/2018<sup>8</sup>

Imagine that you are watching a card game. At the table are sitting the main policymakers in education of several countries. Instead of receiving ordinary playing cards, players are given a number of factors that make up the history, demographics, culture, economy, and availability of schools and universities to overcome the current educational challenges in their country.

These factors are part of the data framework that should integrate the decision-making process into public policies. Thus, policymakers, in possession of their playing cards, need to decide how to play the game. They must outline and implement long-term strategies that help their country overcome its challenges.

It is possible for a player to receive great factors but cannot develop a coherent strategy to develop his country's education and let it stagnate. On the other hand, it is also possible that the factors are not encouraging, but the policymaker can devise a broad and astute strategy to advance the ambitions of his country.

The table of this card game factors is the international arena. It is in this table that we analyze who has managed to advance in its educational challenges. Currently, Brazilian education is going through a complex period. Cutbacks were made in important areas, such as the government student loans program (FIES), and investments in scientific research.

When we look at the factors of our country, we see that the number of young people between 18 and 24 who are enrolled in university courses corresponds to only 18.1% of the population in this age group. Considering the current situation, where 18,697,083 young people are not enrolled in any higher education program, in order to reach the goal of 33% of students enrolled by 2024, we will need to play the game very well in the next cycle of public management. We will have to have on our team true ninjas in educational strategy.

As we walk backwards, on the other side of the world, countries such as Japan, South Korea, China, Taiwan and Singapore have developed a strong higher education system. They explored strategies to increase enrollments and academic quality.

<sup>8</sup> A broader version of this article was published by the author in the Asian Journal of Distance Education.

The model developed in Asia is characterized by strong and centralized nation states. By a trend towards universal participation in higher education, with the participation of 96% of young people in South Korea, 87% in Taiwan and 58% in Japan, where families gradually assumed the role of the state as a student financier. For centralized entrance exams for all universities, and for the development of research universities, heavily funded by the State, capable of competing globally.

Therefore, it is necessary to create mechanisms for people to stay enrolled, to graduate and to contribute positively to the society in a long-term vision. The role of the State is to enable a constant innovation in the educational system. Families are expected to remain a driving force that drives younger generations to achieve more ambitious goals. It is the widespread notion in the society of each country that a generation should be better educated than the previous generation.

The key element of this principle is the state's ability to translate the commitment of families to academic quality into a system that allows them the opportunity to enroll their descendants in world-class universities. That is, a system in which there is merit and equity.

In Japan, the effects of this strategy are already fully felt. Most Japanese students, 72%, do not receive government funding. In Brazil, 63.5% of the students receive some kind of funding from the State. The commitment made by Asian families to student funding was offset by an accelerated state investment in scientific development. The number of published scientific paper has grown exponentially. In addition, Asian universities have come to be present at prestigious positions in international rankings.

In the ranking prepared by the Leiden University, one of the most prestigious, 10 Asian universities are among the 25 best on the planet. Around here, we count in the fingers the Brazilian universities that appear in some international ranking. Evidently, as with any system, there are problems in Asia. There are cases of academic corruption, in addition to the absence of democratic principles in some countries.

The moment that Brazilian education is passing requires us to think about different strategies. Elaborating new paths and changing the rationality of Brazilian education will be an arduous task. But the challenge of Education, above all, is a human challenge. We need to create conditions for more people to study. To do so, we will need innovative strategies.

# O desafio é pensar criticamente

01/09/2018

No início do verão passado, João decidiu tirar um domingo para explorar a natureza. Ele e alguns amigos foram caminhar na Serra de Itabaiana. Após algum tempo, João encontrou uma cachoeira e resolveu tomar um banho para espantar o calor. A água corrente era bastante forte e ele precisou decidir como atravessar usando alguns caminhos de pedra que se formaram naturalmente. As pedras eram imperfeitas e escorregadias. João precisou ter cuidado para não cair. Por momentos ele parou, pensou, ouviu os palpites dos amigos e decidiu qual pedra receberia seu próximo passo. Lentamente chegou à queda d'água e foi presenteador com um banho refrescante.

Na manhã seguinte, João encontrou-se com Pedro, seu colega de turma na faculdade. Ele lhe contou sobre sua aventura no dia anterior. Pedro, impressionado com a história de João, perguntou se ele havia consultado alguém ou algum site especializado. Em sua visão, João poderia ter se machucado ou se perdido durante a aventura.

A aula iniciou antes que João tivesse a oportunidade de esclarecer a Pedro o que realmente havia aprendido. Naquela manhã, a professora Carolina iria ensinar um pouco mais sobre estruturas metálicas. Ela era uma jovem que acabara de terminar o mestrado e estava tendo sua primeira experiência profissional. Para a aula, ela havia preparado uma série de slides apresentando belas fotografias de prédios e os conceitos teóricos que embasavam seu processo de construção. Durante todo o semestre, esta havia sido sua estratégia.

Por diversos momentos, Carolina sentira que o ritmo de suas explicações era tedioso. Entre uma fala e um apontamento no slide, ela olhava para os alunos em busca de compreender suas reações. Ela sempre pedia que eles imaginassem que estavam usando as estruturas metálicas em alguma construção. Mas, a maioria dos alunos parecia alheio ao seu pedido. Poucos anotavam qualquer coisa em seu caderno. Após algum tempo, ela se virou para a turma e percebeu que João estava olhando fixamente para ela. Havia um certo brilho em seus olhos.

Sentindo que podia contribuir, João pediu a palavra. Ele relatou à turma o quão desafiador foi ter que escolher por qual caminho chegar a queda d'água. Por fim, ele sugeriu à professora que levasse os alunos para conhecer *in loco* as tais



estruturas metálicas. Os alunos protestaram veementemente. Eles argumentaram que tudo que eles tinham para aprender deveria ser passado em sala de aula. E que, os professores deveriam pensar em novas formas de ensinar, para que suas aulas não fossem tão chatas.

Após a aula, Carolina passou os dias seguintes pensando o que poderia fazer. Ela resolveu que, para seguir em seu ofício, precisaria mudar. Ao digitar a palavra-chave sala de aula do futuro na internet, ela encontrou cerca de 20 milhões de resultados. A maioria dos links levava a projetos em desenvolvimento ou a salas de aula modernas. Mas, pouco se falava do papel do professor.

Passeando pelos resultados ela descobriu que os professores de geologia da Universidade Estadual de San Diego (SDSU) já usam óculos de realidade virtual para transportar os alunos da sala de aula diretamente para falésias em lugares remotos do planeta. Esses professores, bem como os de outras universidades na Europa e na Ásia, estão tentando fazer com que os alunos se movam da simples necessidade de aprender em direção as possibilidades de explorar os conteúdos. É a noção de que os alunos podem vivenciar aquilo que precisam aprender.

Carolina se surpreendeu em como o processo era fácil. Os professores utilizam um aplicativo gratuito em seus smartphones. Nele, eles inserem fotos em 360 graus de áreas a serem estudadas. No início de cada aula, eles explicam os conceitos que serão explorados. Em sequência, eles pedem que os alunos abram as fotos em seus smartphones e os coloque nos óculos de realidade virtual distribuídos a classe. Então, dá-se início ao processo de exploração do conhecimento. Tal qual um condutor, os professores guiam os alunos a buscarem respostas para perguntas desafiadoras: que era geológica cada parte da falésia representa? Esta falésia é diferente de outras exploradas nas aulas anteriores? Por quê? Ao final, os professores pedem aos alunos que também contribuam com imagens para as próximas aulas.

Os óculos mais baratos por lá custam US\$ 21. Aqui chegam por R\$ 227. Uma diferença considerável, mas não inacessível. Carolina descobriu que o desafio não está somente em usar novas tecnologias. Mas, em como fazer com que elas sejam incorporadas aos currículos acadêmicos. A tecnologia usada pelos professores em San Diego é apenas um suporte para fazer seus alunos pensarem criticamente. Para Carolina, o seu desafio agora é tornar a sala de aula um espaço de aventura do conhecimento. Tal qual João, ela compreendeu que seu trabalho envolve mover os alunos para que eles superem desafios. Ela aprendeu que os desafios são uma parte essencial do pensar criticamente.

# The Challenge is the Critical Thinking

09/01/2018

Early last summer, João decided to take a Sunday to explore nature. He and some friends went walking in the *Serra de Itabaiana*. After a while, João found a waterfall and decided to take a shower to ward off the heat. The running water was quite strong and he had to decide how to cross it by using some naturally formed rock paths. The stones were imperfect and slippery. João had to be careful not to fall. For a moment he stopped, he thought, he listened to his friends' ideas and decided which stone would take his next step. Slowly he came to the waterfall and was presented with a refreshing bath.

The next morning João met with Pedro, his classmate in college. He told him about his adventure the day before. Pedro, impressed by João's story, asked if he had consulted anyone or any specialized website. In his vision, João could have been injured or lost during the adventure.

The class began before João had the opportunity to enlighten Pedro what he had really learned. That morning, Professor Carolina would teach a little more about metal structures. She was a young faculty who had just finished her master's degree and was having her first professional experience in the university. For that class, she had prepared a series of slides presenting beautiful photographs of buildings and the theoretical concepts that explained its construction process. Throughout the semester, this had been her strategy.

For several moments, Carolina had felt that the rhythm of her explanations was tedious. Between a phrase and an indication on the slide, she looked at the students in search of understanding their reactions. She always asked them to imagine that they were using the metal structures in some construction. But most of the students seemed unmindful to his request. Few would write anything in their notebook. After a while, she turned to the group and noticed that João was staring at her. There was a certain gleam in his eyes.

Feeling he could contribute, João asked to speak. He reported to the class how challenging it was to have to choose which path to reach the waterfall. Finally, he suggested to the professor that she needed to take the students to see these metallic structures. The students protested vehemently. They argued that every-

thing they had to learn should be taught in the classroom. And, the professors should think of new ways of teaching, so that their classes were not so boring.

After class, Carolina spent the next few days wondering what she could do. She decided that in order to continue teaching, she would have to change. By entering the keyword classroom of the future on the Internet, she found about 20 million results. Most of the links led to projects in development or to modern classrooms. But little was said about the role of the professor.

Strolling through the results, she discovered that geology professors at San Diego State University (SDSU) already use virtual reality headsets to transport students from the classroom directly to cliffs in remote parts of the planet. These professors, as well as those from other universities in Europe and Asia, are trying to move students from the simple need to learn towards the possibilities of exploring content. It is the notion that students can experience what they need to learn.

Carolina was surprised at how easy the process was. Professors use a free application on their smartphones. In it, they insert 360-degree photos of areas to be studied. At the beginning of each class, they explain the concepts that will be explored. In sequence, they ask students to open the photos on their smartphones and place them in the virtual reality headsets distributed to the class. Then, the process of exploration of knowledge begins. Like a conductor, professors guide students to seek answers to challenging questions: what geological age each part of the cliff represents? Is this cliff different from others explored in previous classes? Why? In the end, the professors ask the students to contribute with pictures for the next classes.

The virtual reality headsets there cost \$21. Here they are sold for R\$ 227. A considerable difference, but not inaccessible. Carolina discovered that the challenge is not just to use new technologies. But how to get them incorporated into the curriculum. The technology used by San Diego's professors is only a support to make their students think critically. For Carolina, her challenge now is to make the classroom a space of adventure knowledge. Like João, she understood that her job involves moving students to meet challenges. She has learned that challenges are an essential part of critical thinking.

# ○ que você já aprendeu online?

07/09/2018

A notícia é boa, mas a realidade é bem complexa. O universo online tem se desenvolvido em uma velocidade impressionante. Em um tempo curtíssimo, entramos na era do *streaming*, onde tudo está online.

Eu ganhei meu primeiro iPod em 2007. As minhas irmãs haviam feito uma viagem à Europa e resolveram me trazer um de presente. Elas pensaram, com razão, que eu gostaria de ter em mãos um aparelho em que eu pudesse carregar, livremente, milhares de músicas no meu bolso. Na minha família, a música sempre foi importante. Meu pai era músico e mantinha uma coleção enorme de discos, CDs, e DVDs com concertos de diversas bandas. Era como se tivéssemos uma biblioteca musical em casa. Foi dessa forma que ele me apresentou aos mais diferentes estilos musicais.

Apesar de ter sido um ótimo presente, a experiência inicial foi estranha. Tive que baixar um software, cujo o download demorou horas. A Internet lá em casa era de baixíssima velocidade. Demorei também para transferir as músicas que eu já possuía para o novo aparelho. Quando tudo foi concluído, o meu iPod passou a me acompanhar para onde eu vou. Somados, já são milhares de quilômetros percorridos de carro, trem, barco e avião ouvindo música em diversos países.

Mas, em 2009, um acidente envolvendo o meu iPod mudou a minha experiência de aprendizagem. Naquele ano, eu morava em Salvador. Eu passava horas na biblioteca da UFBA lendo artigos e livros, e escrevendo a minha tese. O meu iPod era o meu companheiro inseparável nessas horas de solidão. Ao levantar para alcançar um livro que estava no extremo da mesa, lancei ao ar o aparelho, que estava conectado a mim pelos fones de ouvido. Quando o resgatei, a tela estava completamente destruída. Pensei que havia destruído o aparelho.

Alguns meses depois, passeando pelo YouTube, eu me deparei com um vídeo em que um técnico ensinava a trocar telas quebradas de iPods. O processo como um todo parecia ser fácil ao ponto de ser ridículo. Com a ajuda de algumas poucas ferramentas, ele trocava a tela do aparelho, como se ela fosse parte de um Lego. Na descrição do vídeo havia um link para a loja online que vendia a peça. Na época, ela e as ferramentas para realizar a troca saíam por pouco mais de R\$ 100. Resolvi arriscar.

Em posse da nova tela e das ferramentas, preparei uma pequena mesa de cirurgia na casa de um amigo para operarmos o iPod. Ele possuía um pouco



mais de conhecimento em informática do que eu e juntos tentaríamos evitar um desastre. O vídeo no YouTube tinha cerca de dois minutos de duração. Levamos duas horas e meia. O serviço foi trabalhoso. Assistíamos ao vídeo e, com dificuldade, copiávamos o que o técnico fazia.

Desde aquele dia, não parei mais de acompanhar a evolução do YouTube. Os seus números são assustadores. O site recebe 450 horas de conteúdo a cada minuto. São 1 bilhão de horas em streaming por dia. O desafio deles é continuar desenvolvendo tecnologia para que mais pessoas consigam expressar suas ideias em forma de vídeo. Quer fazer uma viagem para um país distante e não sabe o que encontrará lá? Há uma alta probabilidade de você achar um vídeo de alguém que já esteve por lá para lhe dar informações. Quer assistir uma aula de uma universidade prestigiada? Também encontrara lá.

Se compararmos, a grosso modo, a evolução do ensino a distância brasileiro com o desenvolvimento do YouTube, vemos que ainda há muito o que fazer. No final de 2015, somados todos os alunos, o Brasil já possuía 1.393.752 estudantes matriculados em cursos de ensino a distância (EAD), 90,7% destes em instituições particulares. O *TED Education*, canal no YouTube especializado em educação, possui sozinho 7.559.858 de inscritos.

As melhores universidades ao redor do planeta produzem conteúdo direcionado aos espectadores do YouTube. Mas, mesmo instituições com forte presença global, como a *Harvard University* e o *MIT*, possuem poucos inscritos em seus canais, 712 mil e 376 mil respectivamente. A diferença fica ainda mais dramática quando as comparamos aos principais canais da plataforma, que chegam a ter mais de 28 milhões de inscritos, com vídeos que atingem facilmente mais de 1 milhão de espectadores. A *Harvard University* e o *MIT* criaram suas plataformas próprias de cursos online em 2012. Foi um esforço conjunto para fazer chegar a milhares de pessoas conhecimento altamente especializado, em uma estratégia que combina cursos gratuitos com certificação paga. Desde então, o número de adeptos tem aumentado.

A luta dentro do YouTube é por atenção. Os vídeos publicados precisam ser bons o suficiente para inspirar as pessoas e ganhar sua atenção. Em sala de aula, este é um desafio natural de todo professor. De pouco adianta produzir conteúdo acadêmico para ser reproduzido em EAD se estes não forem capazes de inspirar as pessoas. O universo online dá a oportunidade de onde as pessoas estiverem terem acesso a conteúdos que podem inspirar e mudar suas vidas. O desafio é aliar inspiração a novas estratégias tecnológicas de aprendizagem. O meu iPod sobreviveu a operação. No final da cirurgia, sobraram alguns parafusos que até hoje eu não sei para que servem. Mas, ele continua cumprindo seu objetivo que é o de me inspirar cotidianamente.

# What have you learned online?

09/07/2018

The news is good, but the reality is very complex. The online universe has developed at an impressive speed. In a very short time, we entered the era of streaming, where everything is online.

I won my first iPod in 2007. My sisters had made a trip to Europe and they decided to bring me one as a gift. They thought with good sense that I would enjoy having a portable player on which I could freely carry thousands of songs in my pocket. In my family, music has always been important. My father was a musician and kept a huge collection of records, CDs, and DVDs with concerts by various bands. It was as if we had a music library at home. It was in this way that he introduced me to the most different musical styles.

Although it was a great gift, the initial experience was strange. I had to download software that took hours to complete. The Internet at home was very slow. It also took me time to transfer the songs that I already had for the new device. When everything was completed, my iPod came to accompany me wherever I go. In sum, I already completed thousands of miles by car, train, boat, and airplane listening to music in several countries.

But in 2009, an accident involving my iPod changed my learning experience. That year, I was living in Salvador. I spent hours in the UFBA library reading articles and books and writing my thesis. My iPod was my inseparable companion in these hours of solitude. As I stood up to reach a book at the end of the table, I threw to the air the device, which was connected to me by the headphones. When I rescued it, the screen was completely destroyed. I thought I had destroyed the device.

A few months later, on YouTube, I came across a video in which a technician taught how to swap broken iPods' screens. The process as a whole seemed easy enough to be ridiculous. With the help of a few tools, he was able to change the screen of the device, as if it were a Lego part. The video description had the link to the online store that sold the screen replacement. At the time, a new screen cost just over R\$ 100. I decided to take my chances.

In possession of the new screen and the tools to replace it, I prepared a small surgical table in the house of a friend to operate the iPod. He had a little more

computer knowledge than I did and together we would try to avoid a disaster. The video on YouTube was about two minutes long. It took us two and a half hours. The service was painstaking. We watched the video and with great difficulty copied what the technician did.

Since that day, I have not stopped tracking the evolution of YouTube. Their numbers are scary. The site receives 450 hours of content every minute. There are 1 billion hours of streaming per day. Their challenge is to continue to develop technology so that more people can express their ideas in their platform. Want to take a trip to a distant country and do not know what you'll find there? There is a high probability that you will find a video of someone who has been there to give you information. Want to watch a prestigious university class? You can also find there.

If we compare, roughly speaking, the evolution of Brazilian Online Distance Learning Programs with the development of YouTube, we see that there is still much to do. At the end of 2015, in total, Brazil already had 1,393,752 students enrolled in online programs (EAD), 90.7% of them in private institutions. TED Education, a YouTube channel specializing in education, has, alone, 7,559,858 subscribers.

The best universities around the world produce content targeted to YouTube viewers. But even institutions with a strong global presence, such as Harvard University and MIT, have few subscribers in their channels, 712 thousand and 376 thousand respectively. The difference is even more dramatic when compared to the main channels of the platform, which have more than 28 million subscribers, with videos easily reaching more than 1 million viewers. Harvard University and MIT have created their own edX platforms in 2012. It was a joint effort to reach thousands of people with highly specialized knowledge in a strategy that combines free courses and paid certification. Since then, the number of people enrolling in their programs has increased.

The fight inside YouTube is for attention. Online videos need to be good enough to inspire people and to gain their attention. In the classroom, this is a natural challenge for every professor. There is little point in producing academic content to be reproduced online if they are not able to inspire people. The online universe gives people the opportunity to access, wherever they are, content that can inspire and change their lives. The challenge is to combine inspiration with new technological learning strategies. My iPod survived the operation. I still hold some leftover screws that to this day I do not know what they were built to. But, my iPod continues fulfilling its goal that is to inspire me every day.

# O Poder de uma Amizade

15/09/2018

Almoços em família aos domingos são um dos melhores momentos da vida para quem quer compreender um pouco mais sobre o comportamento social. Geralmente, a comida é compartilhada com inúmeras histórias, em uma espécie de “não faça o que eu fiz de errado, mas tente fazer o que eu lhe digo que é certo”. Quando eu era criança, os nossos domingos eram uma verdadeira maratona, pois alternávamos entre as casas dos meus avós maternos e paternos. Mas, comíamos bem e ouvíamos muitas histórias. Em certa medida, algumas histórias familiares se tornaram para mim momentos paradigmáticos.

O meu avô paterno fez carreira na indústria farmacêutica. Ele era representante de vendas e viajava para várias cidades do interior do país para coletar pedidos e entregar encomendas. As suas aventuras foram feitas em uma época que uma viagem de carro para qualquer lugar durava uma eternidade. O seu trabalho fundamentalmente consistia em criar e manter uma boa rede de relacionamentos com a comunidade médica, farmacêuticos e os administradores hospitalares. Para tanto, ele possuía um sistema de regras que seguia com precisão cirúrgica. Ele sempre se vestia bem, era pontual, possuía um excelente caligrafia e dominava seu ofício, que era explicar as propriedades dos novos medicamentos aos médicos, de modo que eles pudessem receitá-los.

Além disso, ele sempre viajava com exemplares de jornais e revistas, para distribuir a pessoas ilustres que encontrava em suas andanças. Ele sabia que gentileza gera gentileza e com isso portas se abrem. Sua personalidade era forte e ele fazia questão de defender suas opiniões amparando-se em dados que havia juntado após décadas de leitura. Ele também tinha um enorme facilidade de contar histórias. Por isso, lembro que ainda criança, eu o imaginava como um verdadeiro Indiana Jones, uma pessoa que desbravou o Brasil em um *Jeep Willys* levando medicamentos para aqueles que mais precisavam.

Mas um dia, durante um almoço de domingo, descobri algo que me deixou perplexo. Ele somente havia estudado até a quarta série primária. Naquela época, início da minha adolescência, fiquei intrigado com o fato dele ter conseguido, com tão pouca educação formal, desenvolver um *networking* que lhe permitiu, por décadas, usufruir de uma vida estável. Ele trabalhava em um ambiente competitivo, em que a maioria dos profissionais com quem interagía haviam se graduado em



universidades. Outro detalhe que me chamou atenção foi a sua habilidade de transformar alguns vínculos profissionais em amizades verdadeiras e duradouras.

Aquele momento mudou a minha compreensão sobre a importância do *networking* e das amizades para o desenvolvimento pessoal e profissional. No Brasil, pouco se fala de sua importância durante os anos de formação acadêmica. As instituições educacionais brasileiras poderiam fazer muito mais para o desenvolvimento desta habilidade em seus alunos. Nos EUA esse desenvolvimento começa cedo. As escolas trabalham diversas estratégias para incentivar a formação de redes entre alunos, pais e professores. A ideia central é sempre facilitar que os estudantes interajam, troquem informações, formem clubes acadêmicos e desenvolvam conexões que poderão ser úteis em seu futuro.

Quando chegam à universidade, os estudantes são incentivados a um novo desafio. As instituições americanas trabalham fortemente a noção de *networking* global e a importância de se conhecer outras culturas. Em 2015, 312.415 estudantes americanos se engajaram internacionalmente como uma forma de criar vínculos em outros países. Os EUA também recebem anualmente mais de 1 milhão de estudantes estrangeiros, que em interação com os seus alunos, os ajudam a ampliar suas visões de mundo. A China igualmente investe pesadamente nesta estratégia. Os chineses já ocupam 35% das vagas para estudantes internacionais nos EUA.

Em comparação, o esforço brasileiro, feito através do Programa Ciência Sem Fronteiras, entre 2011 e 2015, deu oportunidade internacional a 101.446 estudantes. Por aqui, raríssimos são os casos de instituições brasileiras que recebem com regularidade estudantes estrangeiros. Após a graduação, os estudantes americanos se reúnem periodicamente em eventos organizados pelas próprias universidades. No Brasil, o engajamento das instituições com egressos praticamente não existe. O *networking* é justamente a habilidade de conectar pessoas, de modo que juntas, possam criar algo novo. Para as universidades essas conexões são ouro, pois ajudam o seu próprio desenvolvimento.

Na última conversa que tive com meu avô, ele me revelou que havia aprendido suas regras básicas quando trabalhou com meu bisavô, que era alfaiate. Enquanto pregava botões, ele observava meu bisavô, elegantemente vestido, atender a clientela em hora marcada. Os pedidos eram registrados com letra legível, e sempre havia algo para oferecer aos clientes. Quando meu bisavô morreu, meu avô teve que parar de estudar. E foi com essas regras básicas que ele seguiu em frente. Os amigos vieram como uma consequência natural por ele se importar com as pessoas. No fim, ele me disse: “meus contatos me auxiliavam a manter o meu *Jeep* rodando, mas os amigos me ajudavam quando o motor ameaçava quebrar”.

# The Power of a Friendship

09/15/2018

Family lunches on Sundays are one of the best times in life for those who want to understand a little more about social behavior. Generally, the food is shared with countless stories, in a kind of “do not do what I did wrong, but try to do what I tell you is right.” When I was a child, our Sundays were a real marathon, because we alternated between the homes of my maternal and paternal grandparents. But we ate well and we heard many stories. To some extent, some family stories have become paradigmatic moments for me.

My paternal grandfather made his career in the pharmaceutical industry. He was a sales representative and traveled to several cities in the interior of the country to collect and deliver orders. His adventures were made at a time when a car trip to any place lasted an eternity. His job was to create and maintain a good network of relationships with the medical community, pharmacists and hospital administrators. For this, he had a system of rules that he followed with surgical precision. He always dressed well, was punctual, had excellent calligraphy, and mastered his trade, which was to explain the properties of the new medicines to the doctors, so that they could prescribe them.

In addition, he always traveled with copies of newspapers and magazines, to distribute to the honorable people that he encountered in his wanderings. He knew that kindness generates kindness and with that the doors open. His personality was strong and he always used data that he had gathered after decades of reading to defend his opinions. Therefore, during my childhood, I imagined him as a true Indiana Jones, a person who adventured through Brazil in a Jeep Willys to convey medicines to those who needed it most.

But one day, during a Sunday lunch, I discovered something that perplexed me. He had only studied until the fourth grade. At that time, at the beginning of my adolescence, I was intrigued by the fact that he had managed to develop a network with little formal education that enabled him to live a stable life for decades. He worked in a competitive environment where most of the professionals that he interacted with had graduated from universities. Another detail that caught my attention was his ability to turn some professional bonds into true and lasting friendships.

That moment changed my understanding of the importance of networking and friendships for personal and professional development. In Brazil, little is said about its importance during the academic years. Brazilian educational institutions could do much more for the development of this skill in their students. In the US, this development starts early. Schools work on various strategies to encourage networking among students, parents, and professors. The central idea is always to make it easier for students to interact, exchange information, create academic clubs, and develop connections that may be useful in their future.

When they arrive at university, students are encouraged to take on a new challenge. American institutions work strongly on the notion of global networking and the importance of getting to know other cultures. In 2015, 312,415 American students have engaged internationally as a way to create bonds in other countries. The US also receives annually more than 1 million foreign students, who in interaction with their students help them broaden their worldviews. China equally invests heavily in this strategy. The Chinese already occupy 35% of the international students' placements in US universities.

In comparison, the Brazilian effort, made through the Science Without Borders Program between 2011 and 2015, gave an international opportunity to 101,446 students. Here, Brazilian institutions that regularly receive foreign students are rare. After graduation, American students meet periodically at events organized by the universities. In Brazil, the engagement of institutions with alumnus practically does not exist. Networking is precisely the ability to connect people so that together, they can create something new. For universities, these connections are gold because they help their own development.

In the last conversation I had with my grandfather, he revealed to me that he had learned his basic rules when he worked with my great-grandfather, who was a tailor. As he preached buttons, he watched my great-grandfather, elegantly dressed, attend the clientele on time. The orders were legibly written in handwriting, and there was always something to offer to the customers. When my great-grandfather died, my grandfather had to stop studying. And it was with these basic rules that he moved on. Friends came as a natural consequence because he cared about people. In the end, he told me: "My contacts helped me keep my Jeep running, but my friends helped me when the engine threatened to break."

# O Som da Inovação

22/09/2018

A música sempre fez parte da minha vida. Meu pai era músico e as primeiras lembranças que tenho são dele tocando seu violão. Lá em casa, parte dos fins de semana era dedicado à contemplação musical. Sempre que podia, ele tentava me apresentar a alguma novidade. Muitas vezes, não tão nova assim, mas certamente desconhecida para mim. Além disso, ele gostava de explicar as inovações musicais de cada artista. Algumas dessas introduções me marcaram profundamente.

Lembro vividamente da tarde de sábado em que assisti ao filme *Woodstock*. Entre uma música e outra, meu pai explicou o quanto o filme havia influenciado sua concepção de liberdade e relatou que quando o assistira pela primeira vez, em sua juventude, ainda não havia ouvido falar de Jimi Hendrix. Assombrado com que viu e ouviu, passou os dias seguintes procurando por referências sobre o artista até descobrir que, infelizmente, ele já havia falecido. Tempos depois, em uma tarde de domingo, ele me apresentou a Miles Davis. Recordo ter sido quase impossível prever quando cada música chegaria ao fim, tamanha era liberdade e criatividade dos músicos.

Enquanto o Jazz rolava, meu pai falou que Miles Davis havia influenciado toda uma geração de músicos, incluindo, entre eles, Jimi Hendrix. Explicou como as harmonias brilhantes de Tom Jobim haviam inspirado muitos Jazzistas, e como Chet Baker, por sua vez, havia influenciado a forma de cantar de João Gilberto. E esclareceu que a ideia central é sempre produzir uma atmosfera musical que permita que os músicos, em interação, criem e recriem suas contribuições musicais. É a noção básica de que podemos aprender muito com os outros e a partir daí ajudar a evoluir aquilo que foi feito por outra pessoa.

Muito tempo depois, eu estava me preparando para uma longa viagem e resolvi atualizar as músicas disponíveis no meu iPod. Revirando os CDs que o meu pai havia me deixado de herança, encontrei o álbum *Kind of Blue* de Miles Davis. Lembrei que meu pai havia me falado que este era o disco mais inovador do Jazz. Eu nunca o havia ouvido de forma séria e achei que a viagem seria um bom momento para isso. Além do mais, aquela seria a primeira de série de viagens que fiz para interagir com universidades no exterior. O tom das conversas por lá seria as inovações da educação superior e nada melhor como um disco inovador para servir de inspiração. No avião, ao final da música *So What*, percebi que o desafio



dos músicos era inovar melodicamente sem utilizar uma estrutura musical demasiadamente rígida.

Olhando em perspectiva, essa noção foi extremamente útil para mim. A inovação é antes de tudo uma forma de pensar. Nesta primeira temporada no exterior, percebi que a criatividade tem um lugar especial nas instituições americanas. Por lá, as universidades passaram a assumir não só o papel de educar as futuras gerações, mas servem também para impulsionar novos ecossistemas de inovação e catalisar o desenvolvimento social e econômico. Para tanto, elas focam em promover o empreendedorismo como parte da experiência acadêmica, em encorajar a colaboração com as diversas empresas que fazem parte de sua comunidade, de modo que haja um diálogo contínuo que vá além da mera transferência de conhecimento, permitindo o real engajamento dos talentos mútuos em projetos de interesse da sociedade, em promover a diversidade como uma forma de agregar diferentes visões de mundo, e em explorar ao máximo os nexos possíveis entre as inovações tecnológicas e o desenvolvimento da sociedade.

A ideia básica é dar liberdade acadêmica aos professores para que, constantemente, projetos inovadores possam emergir. Trata-se de aceitar a noção de que a criatividade é um vetor imprescindível para a inovação. Assim, a pesquisa é compreendida como uma forma de expressão da criatividade humana, executada em prol do desenvolvimento da sociedade. Essa noção também é expressa como prioridade na forma de recursos financeiros. Os EUA lideram o investimento mundial em pesquisa e desenvolvimento. No último ano, foram US\$ 476,5 bilhões investidos. No Brasil, somados todos os esforços, o montante não chega 10% deste valor, US\$ 42,1 bilhões, e as universidades brasileiras tem sofrido fortemente com a redução do investimento estatal.

Lidamos com o pensamento equivocado de que pesquisa científica é custo. Esta visão, atrelada a rigidez burocrática, faz com que nosso desenvolvimento seja lento. Além disso, há a ausência de projetos amplos que possam introduzir novas concepções de liberdade acadêmica e inovação na base de nossa educação superior. A China já aprendeu essa lição e, em 2016, já liderava os pedidos de patente mundo afora, representando 42,8% de todas as solicitações, o dobro dos pedidos dos EUA e quatro vezes os do Japão.

Eu não tive tempo de contar ao meu pai o que vi no exterior. Mas, se houvesse tempo, haveria lhe dito que temos potencial de fazermos muito mais. O método utilizando por Miles Davis para gravar *Kind of Blue* foi extremamente simples. Ele deu poucas instruções aos músicos e solicitou que eles tocassem sem qualquer expectativa, de modo que eles preenchessem os espaços musicais criativamente. O disco foi gravado em dois dias. Entrou para a história. Então, pelo menos, podemos começar a mudar nosso pensamento.

# The Sound of Innovation

09/22/2018

Music has always been a part of my life. My father was a musician and my first memories are of him playing his guitar. In our home, part of the weekends was dedicated to musical contemplation. Whenever he could, he tried to introduce me to something new. Often, not so new, but certainly unknown to me. In addition, he liked to explain the musical innovations of each artist. Some of these introductions struck me deeply.

I remember vividly the Saturday afternoon I watched the movie Woodstock. Between one song and another, my father explained to me how much the film had influenced his concept of freedom, and told me that when he first saw it in his youth, he had not yet heard of Jimi Hendrix. Haunted by what he saw and heard, he spent the next days searching for references to the artist until he discovered that, unfortunately, he had already passed away. Some time later, on a Sunday afternoon, he introduced me to Miles Davis. I remember being almost impossible to predict when each song would come to an end, due to the musicians' freedom and creativity.

As Jazz rolled, my dad said that Miles Davis had influenced a whole generation of musicians, including Jimi Hendrix. He explained how Tom Jobim's brilliant harmonies had inspired many Jazz players, and how Chet Baker, in turn, had influenced João Gilberto's singing. And he clarified that the main idea is always to produce a musical atmosphere that allows the musicians, in interaction, to create and recreate their musical contributions. It is the basic notion that we can learn a lot from others and, from there, help to evolve what was done by someone else.

A long time after, I was preparing for a long trip and I decided to update the songs available on my iPod. Searching through the CDs that my father had left me as an inheritance, I found Miles Davis' Kind of Blue album. I remembered that my father had told me that this was Jazz's most innovative record. I had never heard him seriously and thought the trip would be a good time for that. Besides, that would be the first of the series of trips I've taken to interact with universities abroad. The tone of the conversations there would be the innova-

tions of higher education and nothing like an innovative record to serve as an inspiration. On the plane, at the end of the song So What, I realized that the challenge of the musicians was to innovate melodically without using an excessively rigid musical structure.

Looking in perspective, this notion was extremely helpful to me. Innovation is first and foremost a way of thinking. In this first season abroad, I realized that creativity has a special place in American institutions. Universities have come to assume not only the role of educating future generations but also to foster new ecosystems of innovation and to catalyze social and economic development. To do so, they focus on promoting entrepreneurship as part of the academic experience, encouraging collaboration with the various companies that are part of their community, so that there is a continuous dialogue that goes beyond the mere transfer of knowledge, allowing real engagement mutual talents in projects of interest to society, to promote diversity as a way to aggregate different worldviews, and to explore as much as possible the links between technological innovations and the development of society.

The basic idea is to give professors academic freedom so that innovative projects can emerge constantly. It is about accepting the notion that creativity is an indispensable vector for innovation. Thus, research is understood as a form of expression of human creativity, executed for the development of society. This notion is also expressed as a priority in the form of financial resources. The U.S. leads the world's investment in research and development. In the last year, US\$ 476.5 billion were invested. In Brazil, putting all efforts into account, the amount does not reach 10% of the U.S. value, US\$ 42.1 billion, and Brazilian universities have suffered severely from the reduction of state investment.

We deal with the mistaken thought that scientific research is a cost. This vision, tied to bureaucratic rigidity, makes our development slow. In addition, there is the absence of broad projects that can introduce new conceptions of academic freedom and innovation at the bases of our higher education system. China has already learned this lesson, and in 2016 it was already leading patent applications worldwide, accounting for 42.8 percent of all applications, two times more than the US and four times than Japan.

I did not have time to tell my father what I saw abroad. But if I had, I would have told you that we have the potential to do much more. The method used by Miles Davis to record Kind of Blue was extremely simple. He gave a few instructions to the musicians and requested that they play without any expectation so that they would fill the musical spaces creatively. The record was recorded in two days. He made history. So, at least, we can begin to change our rationality.

# O Valor do Diploma

29/09/2018

De todos os momentos da vida universitária, um dos que mais gostei de participar foi da minha formatura. Desde então, sempre que posso, compareço aos eventos de formatura dos amigos e, especialmente, dos meus estudantes. Uma das cerimônias que mais gostei foi a de um dos meus melhores amigos. Aconteceu há alguns bons anos atrás. Lembro que ao final, fui lhe dar um abraço e ele, com o seu bom humor de sempre, me disse “passei de futuro do país para problema para a nação”.

A sua jornada para chegar até ali havia sido longa. Começou quando decidi estudar Ciência da Computação. No ano seguinte, às vésperas do novo milênio decidi trancar o curso e ir estudar aviação em São Paulo. Foi com a cara e a coragem, e lá ficou por dois anos. Terminado as aulas de voo e passado todos os exames, ele retornou à Aracaju. Não havia emprego nas companhias aéreas. Decidiu que deveria voltar a estudar, dessa vez em outro curso, Sistemas de Informação. Quando iniciou o semestre, surgiu uma oportunidade de estágio em um grupo de varejo. Não era bem o que ele queria, mas a oportunidade estava ali. Assim que conheceu os executivos, resolveu que era hora de mudar. Passou para Administração.

A formatura veio acompanhada de uma surpresa. Em vez de se tornar um problema para nação, como havia profetizado, se tornou gerente de pesquisa da mesma rede de varejo. Durante o estágio, ele gostava de visitar as lojas da rede e conversar com os clientes sobre produtos e serviços para compilar informações úteis. Essa era uma habilidade que seus gestores apreciavam. Logo após a promoção, cursou por dois anos um MBA. Era uma forma de falar no mesmo tom de voz dos executivos com quem convivia todos os dias. As coisas iam de vento em popa até que a crise mundial, no final da década passada, abateu os supermercados e muitos empregos deixaram de existir, incluindo o seu.

Mas, a ausência de emprego durou pouco. Como uma simples reviravolta do destino, se tornou copiloto de outro grupo empresarial. Esta era a chance de realizar seu sonho profissional e ele a agarrou com as duas mãos. Contratado, ele tratou de aprimorar seu ofício e ganhar as preciosas horas de voo, essenciais para progredir na carreira. Ao final de dois anos, uma nova porta se abriu. Dessa vez, em uma companhia aérea nacional.



Ainda na universidade, sempre que podíamos, dedicávamos um bom tempo para colocar a conversa em dia. Um tópico que sempre emergia era a dificuldade que tínhamos para obter informações seguras sobre quais caminhos profissionais poderíamos percorrer. Frequentemente, recorriamos aos professores que, ao seu modo, tentavam nos ajudar fornecendo opiniões e conselhos. Mas, faltava um sistema organizado que facilitasse o processo de compreensão sobre como escolher entre caminhos profissionais difíceis e complexos. Desde então, muita coisa já avançou, mas, infelizmente, no Brasil ainda há muito o que fazer para acompanharmos o que é feito por instituições no exterior.

Lá fora, as universidades mantêm ações contínuas de *Job Market*. Os estudantes são encorajados a refletir sobre o seu futuro desde o início da graduação. Em algumas instituições, como no MIT, esse nível de sofisticação vai além. Os alunos são incentivados a pensarem nos valores essenciais propagados pela instituição como pilares fundamentais para a construção de uma carreira perene e de sucesso. Eles são informados que computação, consultoria e engenharia absorvem o maior número de profissionais, que a média salarial dos graduandos, em 2017, ficou em US\$ 88.381,00 anuais, e sabem que aqueles que obtêm uma pós-graduação recebem um salário anual médio de US\$ 112.719,00. Os melhores alunos possuem uma sala de trabalho na instituição, que divulga amplamente o seus avanços. A educação é vista como desenvolvimento humano. Já no Brasil, poucas são as instituições que superaram o modelo básico de oferta de estágio e pequenas feiras temáticas sobre o mercado de trabalho.

As universidades no exterior compreenderam que a sua melhor propaganda são seus próprios alunos, e celebram amplamente as suas histórias de sucesso. Elas perceberam também o valor de integrar estas ações ao seu posicionamento global. Neste sentido, o LinkedIn é amplamente usado. As estratégias incluem um relacionamento ativo com empresas e ex-alunos, facilitando as conexões, e um forte trabalho de captação de novos alunos e talentos. Atualmente a rede conta com 562 milhões de profissionais em mais de 200 países. Nela, não há espaço para exibicionismo, e os profissionais se concentram em fomentar o networking. Para os estudantes, essa noção é de grande valor, pois eles podem analisar a evolução de diferentes profissionais e, com isso, traçar seus próprios objetivos.

O meu amigo continua voando. De tempos em tempos, atualizamos a nossa conversa, mesmo que rapidamente tomando um café no aeroporto. Ir para uma grande companhia aérea foi uma difícil decisão para ele, pois envolvia passar muito tempo fora de casa. Atualmente, são oito folgas ao mês aproveitadas ao máximo com sua família. Passada a dureza inicial, ele compreendeu que não há sonho sem sacrifício e que a vida profissional é uma estrada longa na qual, além do diploma, carregamos os nossos valores. Eu sempre lembro disso quando entro em um avião.

# The University Degree Value

09/29/2018

Of all the moments of university life, one that I liked the most was my graduation. Since then, whenever I can, I attend the graduation events of friends and especially of my students. One of my favorite ceremonies was one of my best friends. It happened some good years ago. I remember that in the end I gave him a hug and he, with his good humor, told me “I was part of the country’s future, now I’m a problem for the nation”.

His journey to get there had been long. It started when he decided to study Computer Science. The following year, on the eve of the new millennium, he decided to drop out to study aviation in São Paulo. He went only with his courage and stayed there for two years. After finishing the flight classes and passing all exams, he returned to Aracaju. There was no job in the airlines. He decided that he should come back to university, this time in another program, Information Systems. When the semester started, an internship opportunity arose in a supermarket company. It was not quite what he wanted, but the opportunity was there. Once he met the executives, he decided it was time to change. He moved to Business.

The graduation came with a surprise. Instead of becoming a problem for the nation, as he had prophesied, he became research manager for the same supermarket company. During the internship, he liked to visit the stores and talk to customers about products and services to compile useful information. This was a skill his managers appreciated. Shortly after the promotion, he attended an MBA for two years. It was a way of speaking in the same tone of voice of the executives with whom he lived every day. Things were well until the global crisis, at the end of the last decade, crushed supermarkets and many jobs ceased to exist, including his.

But the lack of employment was short-lived. Like a simple twist of fate, he became co-pilot of another business group. This was the chance to realize his professional dream and he grabbed it with both hands. Hired, he sought to hone his craft and earn precious flight hours, which are essential to career advancement. At the end of two years, a new door opened. This time in a national airline.

Back at university, whenever we could, we spent a lot of time catching up. One topic that always emerged was the difficulty we had in obtaining reliable information about what career paths we could take. Often we resorted to professors who, in their own way, tried to help us by providing opinions and advice. But it lacked an organized system that facilitated the process of understanding how to choose between difficult and complex professional paths. Since then, much has already advanced, but unfortunately, in Brazil, there is still much to do to follow what institutions abroad do.

Abroad, universities maintain ongoing Job Market actions. Students are encouraged to reflect on their future from the beginning of graduation. In some institutions, such as at MIT, this level of sophistication goes further. Students are encouraged to think about the essential values propagated by the institution as fundamental pillars for building a perennial and successful career. They are told that computing, consulting, and engineering absorb the greatest number of professionals, that the average salary of undergraduates in 2017 was \$ 88,381.00 per year, and they know that those earning a postgraduate degree receive an average annual salary of US \$ 112,719.00. The best students have an office at the institution, which broadly discloses their advances. Education is seen as human development. In Brazil, few institutions have surpassed the basic model of internships and small thematic fairs on the labor market.

Universities abroad have understood that their best advertisement is their own students, and they celebrate their success stories widely. They also realized the value of integrating these actions globally. In this sense, LinkedIn is widely used. Strategies include an active relationship with companies and alumni, facilitating connections, and recruiting new students and talents. Currently, the network has 562 million professionals in more than 200 countries. In it, there is no room for exhibitionism, and professionals focus on fostering networking. For students, this notion is of great value because they can analyze the evolution of different professionals and, with that, draw their own goals.

My friend keeps flying. From time to time, we refresh our conversation, even if quickly over coffee at the airport. Going to a big airline was a difficult decision for him as it involved spending a lot of time away from home. Currently, he has eight days off a month that he spends maximum time with his family. After the initial hard times, he understood that there is no dream without sacrifice and that professional life is a long road in which, besides the university degree, we carry our values. I always remember that when I get on a plane.

# A Vida é um Esporte

10/06/2018

De tempos em tempos, eu penso nas pessoas que contribuíram para que eu me tornasse quem eu sou. De todas as pessoas que foram importantes para mim, a minha mãe tem, em minha vida, um papel singular. Com ela, já vivi muitos momentos de alegria, e, dela, sempre recebi ensinamentos que impulsionaram minha vida.

A minha mãe não teve infância. Ela é a filha mais velha entre os seus três irmãos. Ainda menina, ajudava nas atividades de casa, cuidando dos irmãos mais novos, enquanto o meu avô fazia carreira no mundo jurídico e a minha avó batalhava em sua loja de roupas. Frequentemente, ela tinha que cuidar de outras tarefas, como ir ao banco, cobrar clientes ou ir ao contador para atualizar a papelada. Em família, haviam muitos momentos felizes e alegres, mas sempre muito o que fazer.

Na escola, ela fazia questão de tirar boas notas. Os seus colegas lhe deram o apelido de Garrincha, por conta da sua capacidade de driblar os problemas que a vida ia lhe apresentando. Apesar de todo o trabalho, ela ainda encontrava tempo para ajudar as pessoas que mais precisavam. Durante boa parte de sua vida, a minha tia avó administrou um orfanato e, sempre que podia, a minha mãe seguia para o Lar de Zizi. Lá, além de ajudar nas atividades de limpeza e organização, ela também auxiliava as professoras com as lições dos alunos. Superado o ensino médio, ela resolveu cursar odontologia. Era a chance de construir uma carreira. Graduada, começou a trabalhar no serviço público.

Com a chegada dos filhos, passou a se dedicar mais e mais ao nosso desenvolvimento. Sua missão se tornou garantir que tivéssemos a melhor educação possível. Lá em casa, a marcação era cerrada quando se tratava de educação. Quando dávamos trabalho, quase sempre, tomávamos bronca e ficávamos de castigo. Se você acha que sua mãe foi dura com você, imagine que eu já tomei bronca da minha enquanto estava sentado em uma cadeira odontológica na qual ela conduzia o tratamento. A sua filosofia foi fazer com que empregássemos o nosso tempo produtivamente, sem que nos prendêssemos a desculpas. Quando cheguei à universidade, as coisas começaram a tomar um rumo diferente. Eu escolhi fazer Psicologia. Ela queria que eu fizesse Direito, mas nunca me impôs a sua vontade. Após a graduação, fui morar na Bahia. Eu queria fazer um doutorado. Ela queria que fosse por outro caminho, mas entendeu a minha decisão. Além de dar apoio,

ela tratou de nutrir em mim um senso de responsabilidade em face à construção da minha autonomia.

Eu concluí o doutorado e me tornei professor. Anos depois, na minha primeira temporada em Boston, pude refletir sobre a importância da autonomia para a formação acadêmica. Por lá, vi de perto como universidades de excelência, como a Harvard University, desenvolvem um forte senso de autonomia e responsabilidade em seus alunos. A ideia central é sempre criar oportunidades que levem os estudantes a agirem autonomamente e a desenvolverem confiança. É a noção de que a independência, quando bem desenvolvida, aumentará as possibilidades de sucesso profissional. Assim, uma série de estratégias são elaboradas com o objetivo de fortalecer nos alunos as habilidades de auto-avaliação, autogestão dos estudos, e minimização da dependência de professores e orientados. No Brasil, a realidade é bem diferente. Por aqui, praticamente carregamos os alunos no colo.

No exterior, os alunos aprendem rapidamente que na vida é sempre possível explorar uma solução mais eficiente, que pode ser executada com ética, para resolver algum problema que eles enfrentam. Eles são instruídos sobre como diferenciar entre risco e imprudência, e aprendem que é preciso preparação e treino para superar os desafios ao longo da vida. Diversas atividades acadêmicas, esportivas e culturais são organizadas para uma contínua integração entre os alunos, que percebem que estão alcançando um nível maior de maturidade quando compreendem que estão na universidade por sua própria escolha. As instituições, por sua vez, reconhecem a importância dos relacionamentos interpessoais para a formação dos estudantes e buscam impulsionar seu desenvolvimento através de um ambiente acadêmico inspirador e diverso. Na Harvard, 38% do corpo docente é composto por professores estrangeiros, vindos de mais de 200 países. Em 2016, os seus professores fizeram 3,569 viagens ao exterior para atividades de pesquisa e de integração global.

Todas as vezes que converso com meus alunos, eu imagino o esforço que suas mães fizeram para que eles chegassem à minha sala de aula. Diante deles, eu sempre penso na melhor estratégia para torná-los mais independentes. Na vida, ora corremos, ora lutamos, ora seguimos em frente. Responsabilidade e autonomia são resultados de muito treino e dedicação. No dia da minha defesa de doutorado, a minha mãe me deu uma caneta Montblanc de presente. Ela escolheu uma bem diferente e fez questão que eu a usasse para assinar o meu diploma. Foi sua forma de dizer que a jornada havia valido a pena. Eu a guardo junto com minha carteira da biblioteca da Harvard. Outro dia, a minha mãe me contou que, quando eu nasci, ela me observou atentamente enquanto o médico me examinava. Queria ter certeza que estava tudo certo. Sabia que ali era o começo de uma longa jornada.



# Life is a Sport

10/06/2018

From time to time, I think about the people who have made me who I am. Of all the people who have been important to me, my mother has, in my life, a unique role. With her, I have lived many moments of joy, and from her, I have always received lessons that have boosted my life.

My mother did not have a childhood. She is the eldest daughter among her three brothers. As a young girl, she helped with the housework, taking care of the younger siblings, while my grandfather worked as a lawyer and my grandmother was managing her clothing store. Often, she had to take on other tasks, such as going to the bank, charging clients, or going to the accountant to update the paperwork. As a family, there were many happy moments, but there were always a lot of things to do.

At school, she made a point of getting good grades. Her colleagues gave her the nickname Garrincha, because of her ability to overcome the problems that life was presenting her. Despite all the work, she still found time to help the people who needed the most. For most of her life, my great-aunt managed an orphanage, and whenever she could, my mother went to Zizi's Home. There, in addition to helping with cleaning and organizing activities, she also assisted the teachers with the lessons of the students. After high school, she decided to attend dentistry school. It was the chance to build a career. Graduated, she started working in the public service.

With the arrival of the children, she began to dedicate herself more and more to our development. Her mission was to make sure that we had the best education possible. Back home, she followed us closely, especially when it came to education. When we created problems, almost always, she would scold and ground us. If you think your mother was hard on you, imagine that I've already been scolded while sitting in a dental chair where she was conducting the treatment. Her philosophy was to make us employ our time productively without excuses. When I got to university, things started to take a different turn. I chose to do Psychology. She wanted me to go to the law school, but she never imposed on me her will. After graduation, I went to live in Bahia. I wanted to do a Ph.D.

She wanted me to go in another direction, but she understood my decision. In addition to giving me support, she tried to nurture in me a sense of responsibility in the face of building my autonomy.

I finish my Ph.D. and become a professor. Years later, in my first season in Boston, I was able to think about the importance of autonomy for the academic training. From there, I was able to see how universities of excellence, such as Harvard University, develop a strong sense of autonomy and responsibility in their students. The central idea is always to create opportunities that lead students to act autonomously and develop confidence. It is the notion that independence, when well developed, will increase the chances of professional success. Thus, a series of strategies are elaborated with the objective of strengthening in students the ability of self-evaluation, self-management of studies, and minimization of dependence on professors and supervisors. In Brazil, the reality is quite different. Around here, we practically carry our students.

Abroad, students quickly learn that in life it is always possible to explore a more efficient solution, which can be performed ethically, to solve some problem they are facing. They are educated on how to differentiate between risk and recklessness and learn that it takes preparation and training to overcome life-long challenges. Various academic, sports and cultural activities are organized for continued integration among students who realize that they are reaching a higher level of maturity when they understand that they are at the university by their own choice. Institutions, in turn, recognize the importance of interpersonal relationships for the training of students and seek to boost their development through an inspiring and diverse academic atmosphere. At Harvard, 38% of the faculty is composed of foreign professors from more than 200 countries. In 2016, its professors made 3,569 trips abroad for research and global integration activities.

Every time I talk to my students, I imagine the effort their mothers made to get them into my classroom. Thus, I always think of the best strategy to make them more independent. In life, sometimes we run, sometimes we fight, sometimes we move on. Responsibility and autonomy are the results of hard training and dedication. On the day of my thesis oral defense, my mother gave me a Montblanc pen as a gift. She chose a very different one and made sure that I used it to sign my university degree. It was her way of saying that the journey had paid off. I keep my pen together with my Harvard library pass. The other day, my mother told me that, when I was born, she watched me closely as the doctor examined me. She wanted to make sure that everything was right. She knew that was the beginning of a long journey.

# Sou Professor

12/10/2018

A sala de aula é o meu palco. É nela que emprego a maior parte do meu tempo e me realizo profissionalmente. Aprendi, há muito tempo, que a forma como apresento o conteúdo aos meus estudantes faz muita diferença. Então, estou sempre buscando conhecer mais sobre as melhores estratégias que podem ajudá-los a vivenciarem o que precisam aprender.

Sempre estive presente em sala de aula. Anos atrás, tive um sério problema de saúde e fui obrigado a me ausentar temporariamente. Quando me recuperei, a primeira coisa que fiz foi voltar à sala de aula, pois o contato com os alunos me fazia falta. Na minha primeira aula após o tratamento, eu decidi focar completamente no conteúdo a ser explorado, como se minha ausência houvesse sido uma mera interrupção, e preparei uma série de slides e dinâmicas para que os alunos focassem no que eles precisavam aprender. Mas, todo o esforço de preparação foi em vão, pois o conteúdo pouco importava naquele momento. O que os estudantes queriam saber era o que realmente havia acontecido comigo.

Lembro que, logo no início da aula, enquanto eu falava sem trégua, um estudante me interrompeu abruptamente e questionou o que havia se passado. Naqueles dias, eu usava uma boina, que cobria parcialmente a ausência temporária dos meus cabelos. A pergunta do aluno não havia sido inoportuna e, de imediato, percebi que a curiosidade dos estudantes havia transbordado. Era importante que eu explicasse o que havia ocorrido e comecei confirmando que meus cabelos realmente haviam caído, que a quimioterapia, embora penosa, havia conseguido cumprir seu papel, e finalizei afirmando que na vida é sempre importante seguirmos em frente. Após a minha fala, o tempo restante da aula foi tomado por um longo debate sobre as diferentes experiências psicológicas que podem ocorrer durante tratamentos intensivos.

Olhando em perspectiva, aquela aula foi um dos momentos mais importantes da minha carreira. Fez com que eu abrisse os olhos para a importância do debate em sala de aula e me fez perceber o quanto as questões criadas pelos próprios alunos são fundamentais para o processo de construção do conhecimento. Daquele momento em diante, a minha história de vida, bem como outros casos, passaram a figurar constantemente em minhas aulas.

Anos mais tarde, quando comecei a interagir com universidades no exterior, percebi todo o potencial desta estratégia pedagógica. Por lá, vigora a ideia de

que o professor, sempre que possível, deve apresentar casos que possibilitem aos alunos se colocarem no papel de um profissional que vivenciou uma situação em que teve que tomar decisões difíceis. É a noção de que os estudantes precisam compreender como os profissionais de sua área pensam e como agem diante de problemas. O debate em torno de casos reais durante sucessivas aulas facilita que os estudantes conheçam os dilemas vivenciados por profissionais e permite que eles identifiquem potenciais soluções, que poderiam ser adotadas, se eles, em algum momento de suas carreiras, se depararem com situações semelhantes.

Esta metodologia é conhecida nos EUA como *case method*. Nela, o papel do professor é mediar o debate entre os estudantes, facilitando que novas questões surjam a partir das suas ponderações. Para tanto, as salas de aula são projetadas tal qual pequenos anfiteatros, em que o professor, enquanto o ator principal, ocupa o centro do palco, e os alunos, que se sentam ao seu redor, formam uma plateia ativa. Cada fileira é disposta em um grau ascendente, de modo que todos os estudantes fiquem sempre no campo de visão do professor. Esta organização facilita o debate, pois o professor consegue perceber facilmente quais estudantes podem contribuir e rapidamente os inserem na discussão. Como incentivo, 50% da nota é creditada à qualidade das contribuições dos alunos em sala de aula. Nas melhores escolas de negócio do mundo, onde esta metodologia é amplamente usada, as falas dos estudantes chegam a ocupar 85% do tempo dos debates.

Para além da arquitetura das salas de aula, as instituições no exterior mantêm um rico acervo de casos escritos por seus professores, em diversas áreas do conhecimento. Lá fora, o professor é visto como uma liderança acadêmica capaz de mover os alunos para novas direções. As discussões em sala são intensas e um estudante de MBA chega a debater cerca de 500 casos durante seu curso. Já no Brasil, as salas de aula seguem, em sua grande maioria, o modelo tradicional, em que as cadeiras universitárias são dispostas aleatoriamente e os professores falam a maior parte do tempo. Além de inovarmos pouco e lentamente, lutamos cotidianamente para que os nossos alunos leiam, pelo menos, o mínimo necessário em cada disciplina.

Eu sobrevivi ao câncer, que foi uma das maiores batalhas que venci em minha vida, e sempre entro em sala de aula sorrindo. Acredito que a missão do professor é sempre se conectar com seus alunos, de modo que, além dos conteúdos, eles possam aprender um pouco mais sobre os desafios da sua profissão. A minha mensagem para além da sala de aula é a de que sempre podemos melhorar a educação e precisamos buscar formas de superar os enormes desafios que temos como educadores. O nosso trabalho ajuda no desenvolvimento humano e torna a sociedade melhor. Então, ser professor, para mim, é uma oportunidade de ajudar a mudar o futuro de nosso país.

# I am a Professor

10/12/2018

The classroom is my stage. It is there that I spend most of my time and it is there that I found my voice. I learned a long time ago that the way I present the academic content to my students makes a lot of difference. So I'm always looking to learn more about the best strategies that can help them experience what they need to learn.

I have always been present in the classroom. Years ago, I had a serious health problem and was forced to temporarily leave. When I recovered, the first thing I did was go back to the classroom, because I missed the contact with the students. In my first class after treatment, I decided to focus entirely on the content to be explored, as if my absence had been a mere interruption, and I prepared a series of slides and dynamics for the students to focus on what they needed to learn. But the whole preparation effort was in vain, especially because the academic content did not matter at that moment. What the students wanted to know was what had really happened to me.

I remember that, at the beginning of the class, as I spoke without cease, a student interrupted me abruptly and questioned what had happened. In those days, I wore a beret, which partially covered the temporary absence of my hair. The student's question had not been inopportune, and I immediately realized that the students' curiosity had overflowed. It was important for me to explain what had happened and I began by confirming that my hair had really fallen, that the chemotherapy, although painful, had managed to fulfill its role, and I finished saying that in life it is always important to move on. After my speech, the remaining time of the class was taken up by a long debate about the different psychological experiences that can occur during intensive treatments.

Looking into perspective, that class was one of the most important moments of my career. It made me open my eyes to the importance of classroom debate and made me realize how much the questions raised by the students themselves are fundamental to the process of knowledge building. From that moment on, my life story, as well as other cases, came to figure constantly in my classes.

Years later, when I started interacting with universities abroad, I realized the full potential of this pedagogical strategy. There, the idea is that the professor,



whenever it is possible, should present cases that allow the students to put themselves in the role of a professional who experienced a situation in which he had to make difficult decisions. It is the notion that students need to understand how professionals in their field think and how they deal with problems. The debate around real-world cases during successive classes makes it easy for students to know the dilemmas experienced by the leaders of organizations and allows them to identify potential solutions that could be adopted if they, at some point in their careers, encounter similar situations.

This methodology is known in the USA as the case method. In it, the role of the professor is to mediate the debate among the students, facilitating that new questions arise from their considerations. To do so, classrooms are designed just like small amphitheaters, where the professor, while the main actor, occupies the center of the stage, and the students, who sit around him, form an active audience. Each row is arranged in an ascending degree so that all students are always in the professor's field of vision. This organization facilitates the discussion, as the professor can easily perceive which students can contribute and quickly put them in the discussion. As an incentive, 50% of the grade is credited to the quality of the students' contributions in the classroom. In the best business schools in the world, where this methodology is widely used, student speeches account for 85% of the debate time.

In addition to the architecture of classrooms, institutions abroad maintain a rich case collection written by their professors, in several areas of knowledge. Abroad, the professor is seen as an academic leadership capable of moving students to new directions. The classroom discussions are intense, and an MBA student gets to debate about 500 cases during his course. In Brazil, most of the classrooms follow the traditional model, where university chairs are arranged at random and professors speak most of the time. In addition, we move slowly to new perspectives, and we struggle every day so that our students read at least the minimum necessary in each course.

I survived cancer, which was one of the biggest battles I've ever won, and I always walk into the classroom smiling. I believe that the professor's mission is always to connect with his/her students, so that, in addition to the contents, they can learn a little more about the challenges of their profession. My message beyond the classroom is that we can always improve education and we need to look for ways to overcome the enormous challenges we face as educators. Our work helps in human development and makes society better. So being a professor, for me, is an opportunity to help change the future of my country.

# Um Lar Para Chamar de Meu

20/10/2018

Dentre os ritos de passagem, festa de aniversário é o meu predileto. Prefiro festas simples, uma tradição que vem desde a minha infância. A minha primeira festa de aniversário aconteceu no Lar de Zizi. A minha mãe, como já contei nesta coluna, havia passado parte da sua infância ajudando sua tia Zizi nos afazeres do orfanato e fez questão que todas as suas crianças participassem da celebração.

O Lar de Zizi foi o trabalho da vida de minha tia avó. Ainda jovem, ela começou a se preparar para o seu casamento. Fez enxoval, organizou a casa e todos os preparativos, mas faltando pouco para a festa, o casório foi desfeito. O dor foi grande e ela decidiu não tentar novamente. Pouco tempo depois, ela começou a criar uma menina como se fosse sua filha. Foi a primeira de muitas que acolheu em sua própria casa na rua Senador Rollemberg. A sua visão era que devemos transformar as coisas ruins que acontecem em nossas vidas em coisas boas. Assim, durante anos, ela trabalhou com afinco para dar educação e oportunidade para crianças que abrigou como suas e que não tinham outra forma de proteção.

A sua história de luta não foi fácil. Tia Zizi trabalhava como caixa de um banco no centro da cidade e quando conseguiu juntar um dinheirinho começou a organizar formalmente o seu orfanato. Ela comprou um terreno e decidiu construir lá a sede definitiva da instituição. O espaço foi sendo construído lentamente, pois ela mantinha tudo funcionando com os poucos recursos que tinha e com as doações que recebia de amigos. Durante todo ano, em especial no dia das crianças e no Natal, ela fazia uma verdadeira romaria para arrecadar roupas, brinquedos e doações. Minha mãe, quando aprendeu a dirigir, ia com ela fazer os pedidos de doação. Ela “engoliu muitos sapos” e teve muita paciência para erguer sua obra social.

Quando a sede do orfanato ficou pronta se mudou para lá, pois era com as crianças que encontrava seu verdadeiro aconchego. Com o tempo, conseguiu também organizar um curso primário. As doações aumentaram e ela conseguiu comprar uma Kombi, o que facilitou o transporte das crianças para a escola secundária e para atividades recreativas. Em pleno funcionamento, o orfanato chegou a ter mais de 108 crianças assistidas, fruto da batalha pessoal e da visão de tia Zizi. As crianças respondiam bem aos esforços empreendidos e algumas, anos depois, se destacaram internacionalmente. Atualmente são cerca de 80 crianças,

de três e cinco anos, que ficam na instituição durante todo o dia e recebem o suporte de uma pequena equipe de profissionais e voluntários. Mesmo com a ajuda de doações, as dificuldades ainda são inúmeras.

No Brasil, infelizmente, são raras as instituições que recebem doações para realizar um trabalho para além da solidariedade. Nos EUA, doações a instituições sejam elas, escolas, orfanatos, universidades, públicas ou privadas, são ações alinhadas com a necessidade de desenvolvimento humano. Por lá, as instituições competem pelos melhores *endowments*, como são chamadas as doações com finalidade educacional e social. As estratégias são inúmeras, mas é fundamental ter um projeto estratégico que traga avanços e benefícios para a sociedade, para além do que será feito institucionalmente. Nas instituições de primeira linha, como a Harvard University, os recursos totais provenientes de doações somam US\$ 37,1 bilhões. Estes recursos são investidos profissionalmente e os seus dividendos ajudam a pagar as despesas educacionais de 55% dos estudantes, os salários dos professores, e são também empregados em projetos de alto impacto.

Para se ter uma ideia da magnitude dos projetos apoiados por doações nos EUA, o MIT, que fica localizado a duas estações de metrô da Harvard, anunciou essa semana que recebeu uma doação individual de US\$ 350 milhões, que irá compor um esforço de US\$ 1 bilhão para criar uma nova faculdade dedicada a inteligência artificial. Esta nova unidade acadêmica terá como maior objetivo a educação dos bilíngues do futuro, ou seja, estudantes que possuem interesse em humanidades, psicologia, ciências sociais e saúde etc., e que possuem habilidades e conhecem técnicas avançadas em computação. Os novos professores e estudantes trabalharão em projetos interdisciplinares que farão avançar o desenvolvimento da sociedade através da utilização de novas tecnologias focadas em inteligência artificial. Os trabalhos serão iniciados no próximo ano e o moderno prédio que servirá a faculdade será entregue em 2022. Já no Brasil, são raríssimos os casos de doações que envolvam projetos visionários de transformação da sociedade em longo prazo.

Eu não cheguei a conhecer tia Zizi pessoalmente. Quando nasci, ela já havia partido. Perto do fim, ela mostrou à minha mãe o seu enxoval de casamento, que havia guardado impecavelmente. Pedi que lavassem as camisolas, pois queria se despedir vestindo branco. Além do enxoval, ela deixou um legado de carinho e amor ao próximo, que completará 58 anos de idade na próxima semana. Aprendi com ela que a solidariedade é essencial à vida humana e que vale a pena fazer um esforço homérico para tornar visões que mudam a vida de pessoas uma realidade. Para além, é importante aprendermos como aliarmos solidariedade a projetos amplos de desenvolvimento humano. Tenho esperança de que isso ainda há de acontecer.

# A Home to Call of Mine

10/20/2018

Among the rites of passage, birthdays' parties are my favorite. I prefer simple parties, a tradition that comes from my childhood. My first birthday party happened at Zizi's orphanage. My mother, as I have already told in this column, had spent part of her childhood helping her aunt Zizi in the work of the orphanage and made sure that all its children participated in the celebration.

Zizi's orphanage was the work of my great-aunt's life. As a young woman, she began to prepare for her marriage. She made the wardrobe, organized the house and all the preparations, but the wedding was undone. The pain was huge and she decided not to try again. Shortly after, she began to raise a girl as if it were her daughter. It was the first of many that she hosted in her own house on Senator Rollemberg Street. Her vision was that we should turn the bad things that happen in our lives into good things. So, for years, she worked hard to give education and opportunity to children she housed as her own and who had no other form of protection.

Her fighting story was not easy. Zizi worked as a bank teller in the city's downtown and when she got a buck she started to formally organize her orphanage. She bought a piece of land and decided to build there the institution's definitive headquarters. The new space was built gradually because she kept everything working with the few resources she had and the donations she received from friends. Throughout the year, especially on children's day and Christmas, she would make a true pilgrimage to collect clothes, toys and donations. My mother, when she learned to drive, went with her to make the donation requests. She "ate many frogs" and had patience to build her social work.

When the headquarters of the orphanage was ready she moved there, because it was with the children that she found her true warmth. Over time, he also managed to arrange a primary school program. Donations increased and she was able to buy a van, which made it easier for children to go to high school and for recreational activities. In full operation, the orphanage came to have more than 108 children assisted, a result of the personal battle and the vision of Aunt Zizi. The children responded well to the efforts undertaken and some years later some

of them stood out internationally. Currently, there are about 80 children, from three and five years old, who stay in the institution throughout the day and are supported by a small team of professionals and volunteers. Even with the help of donations, the difficulties are still numerous.

In Brazil, unfortunately, institutions that receive donations to carry out work beyond solidarity are rare. In the USA, donations to institutions, be they schools, orphanages, universities, public or private, are actions aligned with the need for human development. Over there, institutions compete for the best endowments. The strategies are numerous, but it is fundamental to have a strategic project that brings advances and benefits to society, beyond what will be done institutionally. In top institutions, such as Harvard University, the total endowments resources are US\$ 37.1 billion. These resources are invested professionally and their dividends help paying the educational expenses of 55% of students, professors' salaries, and are also employed in high-impact projects.

To get an idea of the magnitude of donor-supported projects in the US, MIT, which is located at two T stations from Harvard, announced this week that it received an individual donation of US\$ 350 million, which will comprise a US\$ 1 billion effort to create a new college dedicated to artificial intelligence. This new academic space will have as its main objective the education of the bilinguals of the future, that is, students who have an interest in humanities, psychology, social sciences, and health, etc., and who possess skills and advanced knowledge in computing science. New professors and students will work on interdisciplinary projects that will advance the development of society through the use of new technologies focused on artificial intelligence. The work will begin next year and the modern building that will serve the college will be delivered in 2022. In Brazil, there are very rare cases of donations involving visionary projects to transform society in the long term.

I did not get to meet Aunt Zizi personally. When I was born, she had already left. Towards the end, she showed my mother her wedding wardrobe, which she had kept impeccably. She asked them to wash her nightdresses because she wanted to say goodbye dressing white. In addition to the wardrobe, she left a legacy of warmth and love for people, who will turn 58 years old next week. I learned from her that solidarity is essential to human life and that it is worth making a Homeric effort to make visions that change people's lives a reality. In addition, it is important for us to learn how to align solidarity with broad human development projects. I am hopeful that this will still happen.



# O Sabor da Vida

27/10/2018

Fazer novas amizades sempre me fascinou. Felizmente, ao longo da minha vida consegui fazer amigos em vários cantos do mundo, o que me possibilitou uma jornada de aprendizagem bastante fecunda. Gosto de aprender com eles um pouco mais sobre a vida

Alguns anos atrás, eu passei um verão em Haia, na Holanda. Eu fui aprovado para fazer um curso na Academia de Direito Internacional de Haia. A *The Hague Academy*, como é conhecida, é um centro de excelência com sede no Palácio da Paz, que também sedia o Tribunal Internacional de Justiça e a Corte Permanente de Arbitragem, instituições importantes para a resolução de litígios internacionais. Era um sonho meu conhecer de perto alguns dos principais órgãos de justiça das Nações Unidas. Ao examinar a papelada do curso, notei que a instituição recomendava que seus estudantes se hospedassem com moradores locais e ofertava uma lista de pessoas que acolhiam estrangeiros. Resolvi arriscar, pois era uma possibilidade de conhecer gente nova e vivenciar, com mais profundidade, outra cultura.

Dias depois, quando cheguei na hospedagem, fui muito bem recebido por uma senhora extremamente gentil e culta que morava sozinha em seu apartamento. Seu lar era decorado de maneira simples e ficava localizado em um bairro de classe média. No centro da sala de estar do apartamento havia uma cristaleira cheia de livros, que ela me apontou logo que entrei para destacar que era lá onde guardava suas “preciosidades”. Após um café para recobrar as energias, ela me convidou para dar um passeio e, com tranquilidade, me contou que gostava de receber estudantes estrangeiros sempre que podia. Era sua maneira de estar em contato com outras culturas sem sair de sua casa. Haia é uma das cidades mais bonitas que já visitei. Tudo é simples e, ao mesmo tempo, sofisticado. Os prédios ao longo das ruas formam um conjunto arquitetônico único, misturando construções modernas e clássicas, e a praia de *Scheveningen* possui um belíssimo píer, que atrai turistas e amantes do sol de toda a Europa.

Quando retornamos, o meu colega, que também se hospedaria no apartamento, havia chegado de Paris. Ele era um diplomata japonês e havia chegado à Europa já há alguns dias. A nossa conversa fluíu com facilidade. Tal qual nossa anfitriã, ele também adorava cozinhar. Uma das primeira coisa que me contou foi que levava sempre em sua mala, para onde fosse, alguns utensílios de cozinha apropriados para a culinária japonesa. Animado, tentei lhe explicar alguns dos meus pratos

prediletos de sua culinária servidos no Brasil. A medida que eu falava, a sua cara de espanto aumentava. Após uma breve pausa, ele me falou, elegantemente, que o que eu acabara de descrever não se assemelhava a da culinária japonesa tradicional. Não consegui esconder o meu constrangimento. Nos dias seguintes, apesar das diferenças culturais, o clima era de congregação. Rapidamente nos tornamos bons amigos e passamos a conversar muito sobre a flexibilidade das culturas, em especial como o Brasil havia absorvido diversos elementos de outros países.

Uma das coisas que mais me chamou a atenção logo no início do curso foi que muitos dos meus colegas já haviam tido outras experiências acadêmicas internacionais. Muitos dos 250 alunos, vindos dos mais diversos países, faziam questão de contar suas experiências e fomentavam uma verdadeira atmosfera internacional. As aulas eram ministradas em um amplo anfiteatro com vista para os jardins do Palácio da Paz. O conteúdo programático, no ano que participei, privilegiou tanto a análise de importantes litígios internacionais, quanto visitas técnicas com o objetivo de facilitar a interação e networking com diversos profissionais.

Na Europa, há uma forte tradição em educação internacional que vem desde o estabelecimento das primeiras universidades. As iniciativas alcançaram outro patamar quando no anos oitenta o Programa Erasmus foi estabelecido. Este iniciativa maximizou os esforços de cooperação entre universidades e criou uma intensa cultura de mobilidade acadêmica. Em pouco mais de trinta anos, este programa ofertou oportunidades internacionais para 725 mil estudantes, financiou mais de 21 mil projetos acadêmicos e fomentou a mobilidade internacional de 45 mil professores, facilitando o networking e o desenvolvimento de pesquisas em diferentes países. Com um orçamento anual de pouco mais de dois bilhões de euros, atualmente chama-se Erasmus+ e o seus objetivos para os próximos anos são grandiosos. Já no Brasil, a experiência mais próxima deste tipo de iniciativa que tivemos foi o Programa Ciência Sem Fronteiras, que, após enviar cerca de 100 mil alunos ao exterior, foi abandonado pelo Governo Federal. Além disso, são raras as instituições que possuem programas de mobilidade maduros, capazes de colher bons resultados a curto e longo prazo.

Na última semana do curso, o meu amigo japonês resolveu fazer um jantar de despedida. Era um fim de tarde fresco de verão e na cozinha do apartamento, eu o observava enquanto ele preparava os ingredientes para uma refeição japonesa tradicional. Quando a massa, do que parecia ser uma espécie de panqueca, começou a assar, ele me chamou e falou que o prato que estava cozinhando chamava-se *Okonomiyaki*. e completou afirmando que *Okonomi* significava “o que você gosta”. Em sequência, me pediu que escolhesse quais ingredientes eu gostaria de colocar na minha porção. Foi a sua maneira de dizer que, por uma amizade, as culturas podem ser muito flexíveis. Lembro-me disso, todas as vezes que conheço uma nova pessoa.

# The Taste of Life

10/27/2018

Making new friends has always fascinated me. Fortunately, throughout my life, I have been able to make friends in various corners of the world, which has enabled me a very fruitful learning journey. I like to learn from them a little more about life.

A few years ago I spent a summer in The Hague, Holland. I was approved to take a course at The Hague Academy of International Law. The Hague Academy, as it is known, is a center of excellence with headquarters in the Palace of Peace, which also houses the International Court of Justice and the Permanent Court of Arbitration, important institutions for the resolution of international disputes. It was a dream of mine to get to know some of the United Nations' justice courts. While examining the course paperwork, I noticed that the institution recommended that its students stay with local residents and offered a list of people that would welcome foreigners. I decided to take my chances, because it was a possibility to meet new people and to experience, in more depth, another culture.

A few days later, when I arrived in the city, I was very well received by an extremely kind and educated lady who lived alone in her apartment. Her home was decorated simply and was located in a middle-class neighborhood. In the center of the living room of the apartment was a glass-topped bookcase, which she pointed out to me as soon as I entered saying that it was there where she kept her "precious things". After a coffee to recover the energies, she invited me to take a walk and, calmly, she told me that she liked to receive foreign students whenever she could. It was her way of being in touch with other cultures without leaving his house. Hague is one of the most beautiful cities I have ever visited. Everything is simple and sophisticated at the same time. The buildings along the streets form a unique architectural ensemble, blending modern and classic buildings, and the beach of Scheveningen has a beautiful pier, which attracts tourists and sun lovers from all over Europe.

When we returned, my colleague, who would also be staying at the apartment, had arrived from Paris. He was a Japanese diplomat and had arrived in Europe a few days prior. Our conversation flowed easily. Like our hostess, he also loved cooking. One of the first things he told me was that he always carried in his

suitcase, wherever he went, some kitchen utensils suitable for Japanese cooking. Excited, I tried to explain to him some of my favorite dishes of his cuisine served in Brazil. As I spoke, his face of astonishment grew. After a brief pause, he told me elegantly that what I had just described did not resemble traditional Japanese cuisine. I could not hide my embarrassment. In the following days, despite the cultural differences, the atmosphere was one of the congregation. We quickly became good friends and talked a lot about the flexibility of cultures, especially as Brazil had absorbed diverse elements from other countries.

One of the things that caught my eye early in the course was that many of my colleagues had already had other international academic experiences. Many of the 250 students from multiple countries were keen to tell their experiences and foster a truly international atmosphere. The classes were taught in a large amphitheater overlooking the gardens of the Palace of Peace. The program, during the year I participated, privileged both the analysis of important international disputes and technical visits with the objective of facilitating interaction and networking with diverse professionals.

In Europe, there is a strong tradition in international education that comes from the establishment of the first universities. The initiatives reached another level when the Erasmus Program was established in the 1980s. This initiative maximized cooperation efforts among universities and created an intense culture of academic mobility. In just over thirty years, this program has offered international opportunities to 725,000 students, financed more than 21,000 academic projects and fostered the international mobility of 45,000 professors, facilitating networking and the development of research in different countries. With an annual budget of just over two billion euros, it is currently called Erasmus + and its goals for the coming years are still huge. In Brazil, the closest experience of this type of initiative we had was the Science Without Borders Program, which, after sending about 100,000 students abroad, was abandoned by the Federal Government. In addition, institutions with mature mobility programs that can reap good short- and long-term results are rare.

In the last week of the course, my Japanese friend decided to have a farewell dinner. It was a cool summer afternoon. In the kitchen of the apartment, I watched as he prepared the ingredients for a traditional Japanese meal. When the dough, from what looked like a pancake, began to bake, he called me and said that the dish he was cooking was called Okonomiyaki, and completed by stating that Okonomi means “what you like”. In sequence, he asked me to choose which ingredients I would like to put in my portion. It was his way of saying that, for a friendship, cultures can be very flexible. I remember that every time I meet a new person.

# Califórnia, Sua Linda, Bom Dia!

02/11/2018

No final do semestre passado, eu recebi uma mensagem de um casal de amigos que mora no sul da Califórnia. Na mensagem no meu smartphone lia-se: “é importante que você venha à Califórnia. Há pessoas que você precisa conhecer e a conexão com elas é valiosa”.

Havia mais de dois anos que eu não pisava nos EUA. No período anterior a este interregno eu trabalhei intensamente para implantar o primeiro instituto de uma universidade brasileira na América do Norte. Foi um trabalho complexo, cheio de reviravoltas e repleto de aprendizagem. As coisas começaram a dar certo no outono de 2014, quando recebi o convite de um vice-reitor americano para implantar o instituto em sua instituição. Ele, de origem libanesa, era um hábil e astuto negociante, mas jogou no nosso time e fez de tudo para que o instituto fosse um marco para as duas instituições. No ano seguinte, ainda em Boston, conheci o casal amigos que acabaria indo morar na Califórnia. Ele é um geólogo brilhante, com grande vivência internacional. Ela uma executiva astuta, especialista em construir relacionamentos. Logo após a criação do instituto, surgiu a ideia de submetemos um projeto de pesquisa e inovação para uma concorrência apoiada pela Casa Branca. Fizemos o projeto, e, o que era praticamente impossível, aconteceu. Ganhamos um prêmio por sermos um dos nove melhores projetos de inovação em educação internacional daquele ano. Eu e o meu amigo fomos a Washington receber o prêmio das mãos do Vice-Presidente Americano Joe Biden. Meses depois, com os recursos do prêmio, trouxemos o primeiro grupo de estudantes americanos à Aracaju.

Depois disso minha vida se tornou extremamente difícil. O clima no trabalho não era bom. Então, tomei a decisão que não continuaria mais no projeto. Esperaria apenas a melhor hora para sair, pois queria deixar o projeto de forma impecável, com todos os seus obstáculos superados. E assim eu fiz. Passei mais uma longa temporada em Boston, negociando o acordo final de implantação da sede do instituto. Com o acordo assinado, surgiu o momento ideal de seguir em frente. Organizei a minha vida em casa, que estava bastante desorganizada por conta de tantas viagens, e retomei meu trabalho como professor. Como exercício de desapego, tentei não querer saber mais dos EUA, mas os convites e as notícias, de um jeito ou de outro, sempre chegavam a mim. Busquei contemplar a vida de uma outra forma e passei a escrever e publicar regularmente.



Nessa altura, o meu casal de amigos já havia se mudado para Califórnia. Ele recebeu um convite para dirigir o departamento de Geologia da *San Diego State University*, que é uma forte instituição de pesquisa na costa oeste. A chefia do departamento era a oportunidade que ele precisava para fazer seu trabalho científico decolar. Além de um clima agradável entre os seus colegas, a instituição lhe proporcionou recursos substanciais para pesquisa científica e programas internacionais. Em dois anos, o meu amigo já montou programas de educação internacional robustos na Austrália, Israel e Espanha. Um programa Brasil já foi criado e está também caminhando a passos largos.

O desenvolvimento da *San Diego State University* foi fruto de uma estratégia muito bem construída, que teve como foco principal o avanço da qualidade de seus programas. Por serem uma universidade de âmbito estadual e por não pertencerem formalmente ao sistema da *University of California*, até pouco tempo atrás eles não podiam oferecer programas de doutorado, chamados de *Ph.D. programs*. Para superarem este obstáculo, a universidade começou a fazer parcerias com os principais institutos de pesquisa da região, entre eles o *Scripps Institution of Oceanography*, um das mais prestigiadas instituições de pesquisa dos EUA. Além disso, nos últimos anos adotaram uma política agressiva de contratações de pesquisadores de renome internacional, com o intuito de diversificar as interações com os institutos associados e dinamizar o ensino aos seus alunos. A estratégia deu certo, e atualmente a *San Diego State University* aparece à frente em muitos rankings de outras universidades públicas do país.

Toda a estratégia utilizada em San Diego foi sustentada pela meritocracia, que é o princípio basilar adotado pelas principais universidades norte-americanas. O mérito é o elemento central para o avanço na educação dos alunos e para o desenvolvimento da carreira dos professores. Na academia, ele é medido por três elementos fundamentais, a saber: número de publicações em periódicos qualificados, quantidade de recursos de pesquisa obtidos fora da instituição, e os serviços prestados à comunidade acadêmica que façam avançar à sua disciplina ou a indústria a qual ela está relacionada. Tudo é medido com precisão cirúrgica e não há “jeitinho”. Além disso, visão e contribuições em projetos estratégicos são amplamente celebrados. Já no Brasil, o mérito é quase sempre suplantado. E, onde não existe o mérito, impera a mediocridade.

Quando encontrei o meu casal de amigos na estação de trem em Los Angeles, eles me deram um forte abraço. Senti que, mesmo com o tempo, ainda estávamos fortemente conectados. Lembrei do dia que fomos juntos à Casa Branca. Ao final da cerimônia chovia bastante e acabamos nos molhando muito antes do jantar ofertado aos ganhadores. Hoje, por aqui é só sol, pois a chuva já passou.

# California, Your Beauty, Good Morning!

11/02/2018

At the end of last semester, I received a message from a couple of friends who live in Southern California. The message on my smartphone read: “It’s important that you come to California. There are people you need to meet and the connections to them are valuable.”

I had not been in the US for more than two years. In the time before this interregnum, I worked hard to implant the first institute of a Brazilian university in North America. It was a complex job, full of twists and replete with learning. Things started to work out in the fall of 2014 when I received an invitation from an American vice-provost to set up the institute at his institution. He, born in Lebanon, was a skilled and astute academic and businessman, but he played for our team and did everything to make the institute a milestone for both institutions. The following year, still in Boston, I met the friendly couple that would eventually live in California. He is a brilliant geologist with a great international experience. She is an astute executive, an expert in building relationships. Soon after the creation of the institute came the idea of submitting a project proposal to a competition supported by the White House. We did the project, and, what was practically impossible, happened. We won a prize for being one of the nine best innovation projects in international education that year. My friend and I went to Washington to receive the award from Vice President Joe Biden. Months later, with the resources of the award, we brought the first group of American students to Aracaju.

After that my life became extremely difficult. The atmosphere at work was not good. So I made the decision that I would no longer be on that project. I would wait only the best time to leave because I wanted to departure the project flawlessly, with all its obstacles overcome. And so I did. I spent another long season in Boston negotiating the final settlement agreement for headquarters of the institute. With the agreement signed, the ideal moment has come to move on. I organized my home life, which was quite disorganized because of so many trips, and resumed my work as a professor. As an exercise in detachment, I tried not to want to know more about the United States, but the invitations and the

news, one way or the other, always came to me. I sought to contemplate life in a different way and began to write and publish regularly.

By that time, my friends had already moved to California. He received an invitation to become Chair of the Department of Geology at San Diego State University, which is a strong research institution on the west coast. The Chair of the department was the opportunity he needed to make his scientific work take off. In addition to a pleasant atmosphere among his colleagues, the institution provided him with substantial resources for scientific research and international programs. In two years, my friend has already set up international education programs in Australia, Israel, and Spain. A Brazil program has already been created and is also striding.

The development of San Diego State University was the result of a well-built strategy that focused on advancing the quality of its programs. Because they are a state university and because they do not formally belong to the University of California system until recently they could not offer doctoral programs. To overcome this obstacle, the university began to partner with the region's leading research institutes, including the Scripps Institution of Oceanography, one of the most prestigious research institutions in the United States. In addition, in recent years they have adopted an aggressive policy of hiring internationally renowned researchers to diversify their interactions with the associated institutes and stimulate teaching to their students. The strategy went well, and today San Diego State University appears ahead in many rankings of other public universities of the country.

The strategy used in San Diego was supported by meritocracy, which is the basic principle adopted by the main American universities. Merit is the central element for advancing students' education and for developing professors' career. In the academy, it is measured by three key elements: the number of peer review publications, the number of grants awarded outside the institution, and the services provided to the academic community to advance to its discipline or the industry to which it is related. Everything is measured with surgical precision and there are no "loop pools". In addition, vision and contributions in strategic projects are widely celebrated. In Brazil, merit is almost always supplanted. And where there is no merit, mediocrity prevails.

When I met my friends at the train station in Los Angeles, they gave me a big hug. I felt that, even with time, we were still strongly connected. I remembered the day we went to the White House together. At the end of the ceremony, it rained a lot and we ended up getting wet before the dinner offered to the winners. Today, it's only sunny here, because the rain has passed.

# As Boas Vibrações

10/11/2018

Na minha visita à Califórnia consegui realizar um dos meus sonhos de infância. Desde de criança, eu sempre sonhei em tomar um banho de mar no Oceano Pacífico. Sempre fui fascinado pelo mar e pelas praias da costa oeste norte-americana, que me pareciam um pedaço do paraíso na terra. A água do mar, a meu ver, é uma das poucas coisas com sal que ajuda a baixar a pressão.

Tudo começou com uma ligação, logo cedo, para uma empresa que aluga pranchas e roupas de surf. Tínhamos pouco tempo entre os diversos compromissos dos dias, então era importante coordenar tudo. O atendente da loja nos indicou que o melhor local para um banho de mar tranquilo seria a Coronado Beach e para lá seguimos. Ao chegarmos, me deparei com um cenário paradisíaco. Da areia da praia via-se a costa mexicana ao sul e o centro da cidade de San Diego ao norte. Acampamos na areia da praia bem em frente ao Hotel Del Coronado, um hotel construído ainda no século dezenove, todo em madeira, em estilo vitoriano, famoso por recepcionar presidentes americanos e celebridades como Marilyn Monroe e Frank Sinatra.

Na areia da praia, encontramos com o representante da loja que nos alugaria as roupas e pranchas de surf. Ele estava dando aulas de surf para uma família russa que visitava a cidade. Em tom bem relaxado, bastante comum na Califórnia, ele me pediu que o seguisse até a sua van, que lhe servia como loja. Chegando lá, ele me deu uma roupa de borracha para vestir, imprescindível para um longo banho nas águas geladas do Pacífico, e me disse “quando terminar, deixe a prancha e a roupa aqui neste gramado, que eu passarei mais tarde para buscar”. Imediatamente questionei se não haveria problema em deixar aqueles dois equipamentos caros sem qualquer proteção na grama. O local em questão era o passeio público que levava à praia. Não se tratava de nenhuma propriedade privada. Ainda insisti dizendo que poderia entregar o material onde ele estivesse. Com toda calma do mundo, ele continuou a falar que tudo estava bem e que era só eu deixar a prancha e a roupa na grama que não haveria problemas.

Durante toda a minha estadia na Califórnia encontrei pessoas com comportamento semelhante. As pessoas por lá são bem “*easygoing*”, ou seja, bastante relaxadas e lidam com facilidade umas com as outras. É como se a população tivesse a concepção que a maioria das pessoas são pessoas de bem e buscam fazer

o certo em suas relações com o próximo. Evidentemente, existem pessoas ruins e que tentam tirar vantagens umas das outras. Mas, as pessoas não são ingênuas e a tendência é que nada é mais valioso do que a sua própria honra. Trata-se da manifestação plena do lado bom da frase proferida Presidente Theodore Roosevelt acerca do valor de fazer a coisa certa, em que diz “em qualquer momento de decisão, a melhor coisa que você pode fazer é a coisa certa, a próxima melhor coisa é a coisa errada, e a pior coisa que você pode fazer é nada”.

Nas universidades que já visitei ao redor do mundo, fazer a coisa certa é sempre um imperativo. Todo trabalho deve ser realizado com comprometimento, ética e em favor do bem comum, visando ao desenvolvimento da sociedade. A diferença na Califórnia é que a coisa certa é feita de forma relaxada. É como se as pessoas soubessem o exato tempo que se leva para executar uma tarefa, e compreendessem que executá-la com a mente tranquila faz toda a diferença para uma existência mais saudável. É fácil argumentar que todo esse clima “relax” deixaria as pessoas mais propensas a trabalharem menos ou a produzirem de maneira menos diligente. Mas, na verdade os dados apontam justamente o contrário.

O Estado da Califórnia lidera o ranking feito pela *Research America* acerca dos investimentos feitos em pesquisa e desenvolvimento nos EUA. Esta entidade agrupa todos os fundos de pesquisa recebidos pelos cinquenta Estados americanos e o distrito de Columbia através do *National Institutes of Health*, do *Centers for Disease Control and Prevention*, da *National Science Foundation* e da *Agency for Healthcare Research and Quality*. São bilhões de dólares dedicados à pesquisa científica, especialmente na área de saúde, que são conduzidas pelas universidades, pela indústria, por centros médicos de excelência e outras organizações. Para se ter uma ideia da magnitude desses investimentos, o montante total investido em pesquisa e desenvolvimento na Califórnia é de US\$ 124,4 bilhões, que em sua grande maioria são controlados por indústrias que atuam em parceria com universidades de excelência. A despesa com pesquisa e desenvolvimento anual per capita em 2015 nos EUA ficou em US\$ 1.500,00. Já no Brasil, no mesmo ano, a despesa não ultrapassou US\$ 199,00, e lidamos, muitas vezes, com uma mentalidade que privilegia obstáculos à resolução pacífica e harmoniza de conflitos.

A água do mar estava tranquila e as ondas estavam pequenas. Foi fácil brincar no Oceano Pacífico. O frio pouco me incomodou e senti uma paz profunda. Quando sai do mar, deixei a prancha e a roupa no local combinado. Pouco depois, quando deixávamos o local, vi que a prancha que utilizei já estava com outra pessoa e que o instrutor já lhe passava as primeiras lições antes de entrar no mar. Aprendi que, para sermos eficientes, não precisamos estar estressados o tempo todo. Podemos aproveitar a vida com mais tranquilidade.



# The Good Vibrations

11/10/2018

On my visit to California, I was able to fulfill one of my childhood dreams. Since childhood, I always dreamed of taking a sea bath in the Pacific Ocean. I've always been fascinated by the ocean and the beaches of the North American West Coast, which seemed to me like a piece of paradise on earth. The seawater, in my view, is one of the few things with salt that helps lower the blood pressure.

It all started with an early call for a company that rents surfboards and rubber suits. We had little time between the various appointments of the day, so it was important to coordinate everything. The store clerk told us that the best place for a quiet sea bath would be to Coronado Beach and for there we went. When we arrived, I came across a heavenly setting. From the sand of the beach, I could see the Mexican coast to the south and San Diego downtown to the north. We camped in the sand on the beach directly in front of the Hotel Del Coronado, a nineteenth-century Victorian all-wood hotel, famous for hosting American presidents and celebrities like Marilyn Monroe and Frank Sinatra.

In the sand of the beach, we met with the representative of the store that would rent us the rubber suits and the surfboards. He was giving surf lessons to a Russian family visiting the city. In a very relaxed tone, quite common in California, he asked me to follow him to his van, which served as his shop. Arriving there, he gave me a rubber suit to wear, fundamental for a long swim in the icy waters of the Pacific, and told me "when you are done, leave the board and the clothes here on this lawn that I will pick up later." I immediately questioned whether it would be okay to leave those two expensive equipment without any protection on the grass. The place in question was the public promenade that led to the beach. It was not private property. I still insisted that I could deliver the equipment wherever he would be. With all the calmness of the world, he continued to say that everything was fine and that it was just to leave the board and the clothes on the grass that would be no problem.

Throughout my stay in California, I met people with similar behavior. The people there are very easygoing, that is, quite relaxed and deal easily with each other. It is as if the population had the conception that most people are good

people and seek to do right in their relationships with others. Of course, there are bad people who try to take advantage of each other. But, people are not naive and the tendency is that nothing is more valuable than their own honor. It is the full manifestation of the good side of President Theodore Roosevelt's phrase about the value of doing the right thing, which says, "in any moment of decision, the best thing you can do is the right thing, the next best thing is the wrong thing, and the worst thing you can do is nothing."

In universities that I have visited all over the world, doing the right thing is always an imperative. All work must be carried out with commitment, ethics and in favor of the common good, aiming at the development of society. The difference in California is that the right thing is done in a relaxed way. It is as if people knew the exact time it takes to perform a task, and realize that running it with a quiet mind makes all the difference to a healthier existence. It is easy to argue that this entire "relax" atmosphere would make people more likely to work less or produce less diligently. But, in fact, the data point precisely the opposite.

The State of California leads Research America's ranking of research investments in the United States. This ranking groups all the research funds received by the fifty states of the United States and the District of Columbia through the National Institutes of Health, the Centers for Disease Control and Prevention, the National Science Foundation and the Agency for Healthcare Research and Quality. There are billions of dollars spent on scientific research, especially in the health field, which are conducted by universities, industry, medical centers of excellence and other organizations. To get an idea of the magnitude of these investments, the total amount invested in research and development in California is US\$ 124.4 billion, largely controlled by industries that partner with top universities. Per capita annual research spending in 2015 in the US was US\$ 1,500. In Brazil, in the same year, the expenses did not exceed US\$ 199.00, and we often deal with a mentality that favors obstacles to peaceful resolution and harmonization of conflicts.

The seawater was calm and the waves were small. It was easy to play in the Pacific Ocean. The cold didn't bother me and I felt a deep peace. When I got out of the sea, I left the board and the clothes on the grass. Shortly afterwards, when we left the beach, I saw that someone else was already using the board I used and that the instructor was already passing the first lessons before he entered the sea. I've learned that to be effective, we do not have to be stressed all the time. We can enjoy life more peacefully.

## © Tom Maior

17/11/2018

Meu pai era uma pessoa muito tranquila. Falava pouco e quase nunca reclamava de algo. Vivia sua vida procurando trabalhar e compartilhar momentos felizes com sua família. Buscava levar sua vida com serenidade.

Seu sonho era ser cantor. Na adolescência se apaixonou, como o resto do mundo, pelos Beatles e pela Bossa Nova. Tratou de aprender a tocar violão. Ele tinha um ouvido feito para a música. Em sua casa, meu avô sempre ouvia música de alta qualidade, o que facilitou seu aprendizado e impulsionou seu desenvolvimento musical. Daí para querer ser um artista foi um passo. O começo, como o da maioria dos artistas, foi difícil, e ele perseverou de banda em banda e foi aprendendo esta arte com muito amor e dedicação. Na juventude, cantou em diversos festivais, fez show e tocou com muitos amigos. Mas, o tão esperado sucesso artístico e o sonho de viver de música não chegou. Resolveu fazer faculdade. O dinheiro era curto e ele buscou se inspirar fazendo contabilidade. Naquela altura, ele já namorava minha mãe. O casamento era o próximo passo, e para isso, uma profissão e um trabalho estável seriam fundamentais. Se formou em contabilidade e pouco tempo depois foi aprovado em concurso para trabalhar em uma empresa pública focada em pesquisa científica e desenvolvimento tecnológico. E lá, fez carreira.

Os filhos chegaram em sequência. Em casa, à medida que a família foi crescendo, ele tratou de nos incentivar em tudo que buscávamos fazer. Sua filosofia era que sua presença deveria provocar em nós um alto impacto, de modo que tivéssemos mais oportunidade do que ele e minha mãe tiveram em sua infância e juventude e perseguíssemos os nossos sonhos com ímpeto e dedicação. Cada oportunidade tinha que ser aproveitada ao máximo e as decepções, quando vinham, eram encaradas como momentos de amadurecimento e crescimento pessoal. Nada que nos impedisse de seguir em frente com passos fortes e seguros. Quando entrei na faculdade ele me deu todo apoio e sempre me deixou à vontade com a minha escolha acadêmica e profissional. Na mesma época, surgiram os primeiros estúdios de gravação de álbuns musicais em Sergipe. Daí, foi minha vez de lhe incentivar e lhe encorajar para que o sonho de ter suas músicas gravadas fosse realizado. Gravou dois discos, um deles totalmente dedicado a família. Aprendemos muitos durante a gravação dos discos. Eu pude ver de perto como músicas são gravadas e como é possível explorarmos, ao extremo, a nossa criatividade. Pude ver também a alegria de meu pai em, depois de anos de espera, poder tocar suas músicas do modo que sempre quis e apresentá-las ao público de forma madura e serena.

Quando penso em educação lembro do impacto que a presença do meu pai teve em minha vida. A gravação dos seus discos foi uma verdadeira aula ministrada fora da sala de aula

tradicional. Nas minhas andanças pelas universidades americanas aprendi a importância de se pensar a aprendizagem para além da sala de aula tradicional. A aprendizagem é pensada como um processo de alto impacto, em que diversas atividades podem ser pensadas fora do contexto tradicional de uma aula em que o professor somente tem o papel de fornecer algum conhecimento para seus alunos. Por lá, o professor deve ter um papel ativo e ser um facilitador para a aquisição de conhecimento e de novas experiências. O ação do professor é vista como de alto impacto para o desenvolvimento educacional e humano dos estudantes. Portanto, os projetos educacionais são pensados enquanto ações estratégicas que visam resultados duradouros a curto, médio e longo prazo.

Dessa forma, três ações são consideradas de enorme importância para a produção de impactos duradouros nos estudantes. A primeira é a realização de pesquisa científica durante a graduação. Trata-se fundamentalmente de encorajar os alunos a explorarem mais a realidade e fazer como que eles compreendam a importância de se buscar respostas e soluções para os problemas que afetam a humanidade. A segunda é cultivar um ambiente acadêmico que propicie um network próspero entre os estudantes e a realidade local no qual a instituição está inserida. Deve-se buscar conexões com as empresas locais que permitam que os estudantes sejam inseridos em atividades pedagógicas que facilitem que seu potencial seja analisado por futuros empregadores. Para o estudante, é de enorme importância conhecer os contextos em que pode vir a trabalhar no futuro. Por fim, a terceira ação de alto impacto são os programas de intercâmbio. É papel do professor facilitar que seus alunos conheçam outras culturas. Esse processo visa ampliar a comunicação e o entendimento entre diferentes povos.

Nas principais universidades dos EUA, da Europa e da Ásia, se pensa a educação enquanto ação global. É de fundamental importância que professores e alunos experimentem o mundo fora da sala de aula. O processo de ser cidadão global exige conhecermos em profundidade outras culturas, de modo a entendermos seus diversos matizes. Este processo está ancorado na tolerância e no respeito às diferenças e é potencializado nas universidades por sua ampla liberdade acadêmica. O objetivo final é gerar impacto nos estudantes através de diferentes estratégias educativas. Já no Brasil, a pesquisa na graduação é rara e periférica. Além disso, temos uma enorme dificuldade em mobilizar estudantes e professores para realizarem atividades fora do contexto de sala de aula. Em muitos casos, lutamos para transformar as boas práticas acadêmicas em ações regulares que tragam amplos benefícios para a comunidade acadêmica e para a sociedade a quem ela serve.

A primeira música que me recordo ouvir meu pai cantar foi Blackbird, canção de Lennon e McCartney como ele gosta de dizer. Aprendi com ele o valor de explorar o mundo. Antes de gravar seu disco, ele fez um enorme trabalho de campo, selecionou músicas e músicos, ouviu sugestões dentro e fora do estúdio para tornar melhor sua aprendizagem. De tempos em tempos eu escuto seus álbuns e estudo seus arranjos, pois há saudade que não se cura.

# The Major Key

11/17/2018

My father was a very quiet person. He rarely spoke and also rarely complained about anything. He lived his life working and sharing happy moments with his family. He sought to live his life with serenity.

His dream was to be a singer and songwriter. As a teenager, he fell in love, like the rest of the world, with the Beatles and the Bossa Nova. He learned to play the guitar. He had an ear made for music. At home, my grandfather always listened to high-quality music, which facilitated his learning and boosted his musical development. Hence, to want to be an artist was just a step. The beginning, like most artists, was difficult, and he persevered as a band and he learned this art with great love and dedication. In his youth, he sang at various festivals, performed and played with many friends. But the long-awaited artistic success and dream of living from his music have not come. He decided to go to college. The money was short and he sought inspiration going to business school. At that point, he was already dating my mother. Marriage was the next step, and for that, a profession and a stable job would be fundamental. He graduated in accounting and shortly afterward was passed a competition to work in a public company focused on scientific research and technological development. And there, he made a career.

The children came in sequence. At home, as the family grew, he tried to encourage us in everything we wanted to do. His philosophy was that his presence should have a high impact on us so that we had more opportunity than he and my mother had in their childhood and youth and pursued our dreams with impetus and dedication. Every opportunity had to be harnessed to the fullest and disappointments when they came, were seen as moments of maturity and personal growth. Nothing that would keep us from moving forward with strong and safe steps. When I became a college student, he gave me all the support and always left me at ease with my academic and professional choice. At the same time, the first studios for recording musical albums in Sergipe were opened. From there, it was my turn to encourage him and encourage him to have the dream of having his songs recorded. He recorded two albums, one of them totally dedicated to the family. We learned a lot during the recording of the records. I could see up close how songs are recorded and how we can exploit our creativity to the extreme. I could also see the joy of my father in, after years of waiting, to be able to play his music in the way he always wanted and present it to the public in a mature and serene way.



When I think about education I remember the impact that my father's presence had on my life. The recording of his records was a real lesson taught outside the traditional classroom. In my wanderings around American universities, I learned the importance of thinking about learning beyond the traditional classroom. Learning is thought of as a high-impact process in which a variety of activities can be thought outside the traditional context of a classroom where the professor only has the role of providing some knowledge to his students. For there, the professor must have an active role and be a facilitator for the acquisition of knowledge and new experiences. Professor's action is seen as having a high impact on students' educational and human development. Therefore, educational projects are thought of as strategic actions aimed at lasting results in the short, medium and long term.

Therefore, three actions are considered of enormous importance for the production of lasting impacts on students. The first is to conduct scientific research during graduation. It is fundamentally to encourage students to explore reality more closely and to make them understand the importance of seeking answers and solutions to the problems that affect humanity. The second is to cultivate an academic environment that provides a thriving network among students and the local reality in which the institution is embedded. Connections with local businesses should be sought to enable students to engage in pedagogical activities that facilitate their potential to be analyzed by future employers. For the student, it is extremely important to know the contexts in which he or she can work in the future. Finally, the third act of high impact is exchange programs. It is the professor's role to make it easier for students to get to know other cultures. This process aims to broaden communication and understanding between different peoples.

At US, European, and Asian universities, education is thought of as global action. It is of fundamental importance that professors and students experience the world outside the classroom. The process of being a global citizen demands a deep understanding of other cultures in order to understand their different nuances. This process is anchored in tolerance and respect for differences and is enhanced by universities for their broad academic freedom. The ultimate goal is to impact students through different educational strategies. In Brazil, graduation research is rare and peripheral. In addition, we have huge difficulties in mobilizing students and faculty to carry out activities outside the classroom. In many cases, we strive to transform good academic practices into regular actions that bring broad benefits to the academic community and the society it serves.

The first song I remember hearing my dad sing was Blackbird, Lennon and McCartney's song as he likes to say. I learned from him the value of exploring the world. Before recording his album, he did a lot of field work, selected songs, and musicians, listened to suggestions inside and outside the studio to make his learning better. From time to time I listen to his albums and study his arrangements because longing is not something that heals easily.

# A Arte de Voar Mais Alto

24/11/2018

Aventuras são uma parte importante da minha vida. Sempre que tenho a oportunidade de viajar para algum lugar, minha mente foca nas múltiplas possibilidades de conhecer novas coisas. Raramente planejo viagens com uma mentalidade turística. Gosto de encará-las como aventuras, em que o inesperado tem um lugar especial.

Eu aprendi a importância disso cedo em minha vida. Quando eu tinha nove anos de idade, a minha família resolveu fazer uma viagem de carro. Iríamos de Aracaju ao Rio de Janeiro. Meu pai era um grande apreciador de aventuras. Então, munidos de um “Guia Quatro Rodas”, pegamos a litorânea no sentido das terras cariocas, onde, no final da aventura, visitaríamos um tio materno, uma pessoa de grande importância em nossas vidas. Passamos por Salvador, conhecemos Porto Seguro e nos encantamos com as praias e os quebra-mares de Conceição da Barra, que é uma cidade quase na fronteira entre o Espírito Santo e a Bahia. Ficamos uns dias em Vitória, aproveitando as belezas da cidade, quando quase dez dias após iniciar nossa jornada chegamos ao Rio de Janeiro. Nenhuma das paradas foi planejada. Simplesmente seguíamos até onde achávamos que seria um lugar interessante de se conhecer.

Ao chegar no Rio encontramos meu tio. Ele é piloto de avião e sua história de vida, tal qual a minha, é cheia de reviravoltas. O sonho de ser piloto veio desde a infância. Ele adorava brincar com aviões e ir ao aeroporto ver as aeronaves decolarem e pousarem. Na juventude tomou a decisão de ser aeronauta e se matriculou no curso básico de formação de pilotos do aeroclube de Sergipe. Fez todo o curso, tirou boas notas e na sua última aula de instrução, um dia antes de ir para São Paulo, onde faria um curso avançado, uma falha no motor causou uma pane na aeronave. O avião em que ele e seu instrutor estavam caiu em cima de duas casas. Meu tio foi seriamente ferido. Em vez de ir a São Paulo, como o planejado, teve que ir para o Rio de Janeiro, pois sua coluna vertebral havia sido lesionada gravemente e precisava de cuidados especiais. A minha mãe embarcou com ele com a roupa do corpo, pois, nesta aventura, não houve tempo para fazer as malas.

Meses depois, recuperado, a primeira coisa que fez foi voltar a pilotar um avião, pois na vida é preciso ter coragem. Desde então, fez carreira na aviação comercial. Olhando em perspectiva, a sua carreira foi sempre permeada pelo mé-

rito. Cada degrau foi conquistado com muito esforço e sagacidade. Nada veio de graça. Para progredir, trocou um bom salário em uma companhia aérea regional pela chance de voar em uma companhia nacional. Nesta companhia chegou a ser chefe da base aérea do Galeão, um dos principais cargos da aviação comercial brasileira. Também ajudou o governo brasileiro a implantar projetos estratégicos importantes como o SIVAM, que é um dos pilares da estratégia de defesa do espaço aéreo da Amazônia. Já transportou milhares de passageiros e teve a oportunidade de conhecer o mundo, pilotando e em suas aventuras pessoais.

Quando penso em mérito profissional e acadêmico, eu sempre lembro da história de vida do meu tio e dos sacrifícios que ele fez para chegar aonde chegou. No Brasil, pouco fazemos para aliar os esforços individuais a mecanismos amplos de desenvolvimento pessoal e profissional. Já no exterior, o mérito é visto como um motor essencial para o desenvolvimento da própria sociedade. É a noção de que a sociedade não pode ignorar os melhores profissionais e negá-las oportunidades. É a concretização do ideal de que esforço pessoal e a dedicação ao trabalho devem ser recompensados e a sociedade, através de suas diversas organizações, deve atuar para aprimorar os mecanismos de acesso a oportunidades para todos que se engajem em um processo de desenvolvimento. O mérito é visto como um pilar essencial que movimenta o progresso das pessoas em torno de conquistas pessoais, sociais e profissionais.

Para se ter uma ideia da importância dada ao mérito nos EUA, na última semana, a Johns Hopkins University recebeu uma doação de US\$ 1,8 bilhões do ex-prefeito de Nova York, Michael Bloomberg. Para além do valor monumental, o que chama a atenção é que os recursos doados somente poderão ser utilizados para tornar o processo de admissão a esta instituição para sempre cego as necessidades financeiras dos alunos. Ou seja, nenhum aluno que tenha sido aprovado por mérito será barrado com base na condição financeira de sua família. O doador não exigiu que prédios da instituição adotassem seu nome, como é comum em muitas doações nos EUA. Fez questão que seu dinheiro fosse utilizando para ampliar as chances daqueles que, por mérito, tem condições de estudar nesta instituição, que regularmente aparece nos rankings internacionais como uma das dez melhores universidades norte-americanas, mas que não possuem recursos para pagar suas altas mensalidades.

A nossa viagem ao Rio foi ótima e a aventura de voltar para casa foi tranquila. No carro, lembrei da primeira viagem que fiz de avião. Foi um voo curtinho, entre Aracaju e Salvador, onde fui passar as férias com meu tio. Eu me recordei do orgulho que senti dele por ele ter superado o que superou para se tornar o comandante que ele é. Com ele aprendi que a estrada é a vida e esta pode ser repleta de aventuras.

# The Art of Flying Higher

11/24/2018

Adventures are an important part of my life. Whenever I have the opportunity to travel somewhere, my mind focuses on the multiple possibilities of knowing new things. I rarely plan travel with a tourist mindset. I like to face them as adventures, in which the unexpected has a special place.

I learned the importance of this early in my life. When I was nine years old, my family decided to take a road trip. We would go from Aracaju to Rio de Janeiro. My father was a great adventurer. Then, with a “Guia Quatro Rodas”, we took the seaside towards the Rio lands, where, at the end of the adventure, we would visit a maternal uncle, a person of great importance in our lives. We pass through Salvador, we visited Porto Seguro and we love the beaches and breakers of Conceição da Barra, a city almost on the border between Espírito Santo and Bahia. We spent a few days in Vitória, taking advantage of the beauties of the city when almost ten days after starting our journey we arrived in Rio de Janeiro. None of the stops were planned. We simply went as far as we thought it would be an interesting place to be.

When I arrived in Rio I met my uncle. He is an airplane pilot and his life story, just like mine, is full of twists and turns. The dream of being a pilot came from childhood. He loved playing with planes and going to the airport to see the planes take off and landing. In his youth, he made the decision to be an aeronaut and enrolled in the basic training course for pilots of Sergipe’s air club. He did the whole course, took good grades and in his last class of instruction, the day before going to São Paulo, where he would take an advanced course, a failure in the aircraft engine happened. The plane crashed on the top of two houses. My uncle was seriously injured. Instead of going to São Paulo, as planned, he had to go to Rio de Janeiro, because his spine had been badly injured and needed special care. My mother boarded with him with her body clothes, because in this adventure, there was no time to pack.

Months later, he was recovered; the first thing that he did was to return to fly a plane because, in life, you need to be courage. Since then, he has made a career in commercial aviation. Looking ahead, his career was always permeated by mer-

it. Each step was conquered with much effort and wit. Nothing came for free. To make progress, he traded a good salary in a regional airline for the chance to fly in a national company. In this company, he became head of the Galeão airbase, one of the main positions of Brazilian commercial aviation. He also helped the Brazilian government to implement important strategic projects such as SIVAM, which is one of the pillars of the Amazonian airspace defense strategy. He has already transported thousands of passengers and had the opportunity to know the world, piloting and in his personal adventures.

When I think of professional and scholarly merit, I always remember my uncle's life story and the sacrifices he made to get where he came from. In Brazil, we do little to combine individual efforts with broad mechanisms of personal and professional development. Abroad, merit is seen as an essential part of the development of society. It is the notion that society cannot ignore the best professionals and deny them opportunities. It is the realization of the ideal that personal effort and dedication to work must be rewarded, and society, through its various organizations, must work to improve the mechanisms of access to opportunities for all who engage in a development process. Merit is seen as an essential pillar that moves people's progress around personal, social and professional achievements.

To get an idea of the importance given to merit in the US, last week, the Johns Hopkins University received a US\$ 1.8 billion grant from former New York Mayor Michael Bloomberg. In addition to the monumental value, what is striking is that the resources donated can only be used to make the admission process to this institution forever blind to the financial needs of the students. That is, no student who has been approved on merit will be barred based on the financial condition of his family. The donor did not require that the university's building to adopt his name, as it is common in many donations in the United States. He made a point that his money would be used to increase the chances of those who, by merit, are able to study at this institution, which regularly appears in the international rankings as one of the ten best US universities, but which do not have the resources to pay their high tuitions and fees.

Our trip to Rio was great and the road trip back home was peaceful. In the car, I remembered my first plane trip. It was a short flight between Aracaju and Salvador, where I went with my uncle for a vacation. I remembered the pride I felt for him for knowing that he had overcome what he had overcome to become the commander he is. From him, I learned that the road is life and this can be full of adventures.



# Mudando Vidas

08/12/2018

Em minha vida profissional, eu já tive a oportunidade de ensinar a muitos jovens que, felizmente, se graduaram e que, com as habilidades adquiridas em seus cursos de graduação, atuam hoje no mercado de trabalho. Para mim, é sempre uma alegria dar aula para um nova turma e conhecer novos alunos. Sinto imensa satisfação também quando posso ajudá-los a concretizarem sonhos acadêmicos que serão enriquecedores para suas experiências universitárias.

Seja em sala de aula ou em outras ações acadêmicas, eu gosto sempre de conhecer um pouco mais sobre o itinerário estudantil de meus alunos. Considero parte fundamental do meu trabalho saber o que os inspira e seus objetivos a curto, médio e longo prazo. Essas informações são importantes porque, enquanto educador, me considero um mediador que atua para facilitar a transição de onde o aluno está hoje até um novo patamar. Penso neste processo de mediação como de enorme valor para o meu aluno, pois trata-se de uma tentativa constante de busca pela ampliação e desenvolvimento de nossa própria humanidade. Pensar dessa forma implica em aceitar certos ideais e trabalhar em conjunto com os alunos para construir um caminho que os leve a novas possibilidades de futuro. Como já destaquei nesta coluna, no universo acadêmico é sempre importante pensarmos em ações que possam gerar alto impacto no alunado. Dentre elas, está o importante trabalho feito por professores para facilitar o intercâmbio dos seus estudantes com outras culturas e países.

Dentre todos os processos acadêmicos, o intercâmbio é o mais complexo. Ele envolve tanto questões burocráticas, quanto elementos humanos sensíveis, pois o aluno emigrará para um outro país por certo período de tempo e conviverá com uma realidade distinta de seu cotidiano. Ou seja, há nesta jornada um processo de adaptação e uma transformação cultural advinda do contato com uma outra cultura. Eu me lembro vividamente do primeiro estudante que mandei para um intercâmbio nos EUA. Ele estudava medicina e possuía excelentes notas. Fizemos seu processo de aplicação juntos e nos reunimos diversas vezes para revisarmos toda a documentação. Durante as reuniões, não pude deixar de notar sua timidez. Ele falava pouco, mesmo quando eu lhe fazia perguntas específicas sobre sua vida acadêmica e sobre sua trajetória de vida pessoal. Era fundamental que ele explicasse bem suas informações acadêmicas e pessoais, em especial, sua visão de

mundo, em sua carta de apresentação ao comitê que examinaria sua candidatura. Aos poucos fomos vencendo seus limites e enviamos sua inscrição.

Meses depois, recebemos a notícia que ele havia sido aceito para a Oregon State University nos EUA. Ali começou uma nova aventura em sua vida. Foram meses intensos de trabalho para que ele cumprisse toda a burocracia que envolve a imigração temporária em outro país. A minha experiência como professor também mudou, pois passei a dar enorme importância ao atendimento aos estudantes, de modo a ajudá-los a alcançar seus sonhos e aspirações profissionais. Com o tempo consegui implementar um sistema para ajudar alunos e colegas professores a alcançar seus objetivos em educação internacional. Coleciono em minha vida, até o momento, mais de 500 histórias de alunos que orientei e que fizeram, com sucesso, sua experiência de intercâmbio acadêmico em diversos países. Mas, em comparação com outras nações, o Brasil poderia fazer muito mais para auxiliar seus estudantes a implementarem planos audaciosos de educação internacional.

Nas universidades de excelência mundo afora, o departamento responsável pelas relações internacionais funciona com precisão cirúrgica. Nada é feito aleatoriamente e o estudante é atendido dentro de um fluxo processual que permite com que ele compreenda a importância de cada etapa e como a experiência afetará sua vida. As universidades norte-americanas mantêm dentro do âmbito do seus escritórios de programas globais profissionais que atuam como orientadores dos alunos, que em conjunto com seus professores, auxiliam os estudantes no processo de tomada de decisão. Dessa forma, os estudantes são ensinados a diferenciar entre um sonho grande e um pequeno. Realizar um sonho grande, como morar em outro país, implica em uma mudança profunda de vida. Esta viagem deve ser encarada muito mais como uma aventura, em que explorar o desconhecido tem uma importância fundamental, do que como uma viagem de turismo. Os alunos aprendem que esta experiência modificará quem eles são e os ajudará a alcançar outro nível de desenvolvimento humano. Do outro lado, para incentivar que mais alunos estrangeiros se inscrevam para seus cursos, instituições como a Harvard University publicam manuais em que cartas de apresentação escritas por estudantes são analisadas em profundidade.

Após um ano em Oregon, o primeiro estudante que orientei voltou ao Brasil. Ele estava profundamente mudado. Lembro-me dele dando uma entrevista e falando com desenvoltura sobre toda sua experiência internacional. Para quem pouco falava, expressar suas ideias com segurança para um jornalista foi um enorme avanço. Quando converso com meus alunos sobre educação internacional percebo que, raramente, eles acreditam o quanto suas vidas podem mudar após essas experiências. Quando voltam, percebem que já são outras pessoas.

# Changing Lives

12/08/2018

In my professional life, I have had the opportunity to teach many young people who, fortunately, have graduated and who, with the skills acquired in their undergraduate programs, are working in the labor market today. For me, it is always a joy to teach a new class and meet new students. I also feel great satisfaction when I can help them achieve their academic dreams, which will be enriching for their university's experiences.

Whether in class or in other academic endeavors, I always like to know a little more about my students' life itineraries. I consider a fundamental part of my work to know what inspires them and what are their goals in the short, medium and long-term. This information is important because, as an educator, I consider myself a mediator who acts to facilitate the transition from where the students are today to a new level. I think of this process of mediation as of enormous value to my students, because it is a constant attempt to search for the expansion and the development of our own humanity. Thinking in this way implies accepting certain ideas and working together with students to build a path that leads them to new possibilities for the future. As I pointed out already in this column, in the academic universe it is always important to think about actions that can generate a high impact on the student. Among them is the important work done by professors to facilitate that their students can get in touch with other cultures and countries.

Of all academic processes, the study abroad is the most complex. It involves both bureaucratic issues and sensitive human elements, since the student will have to emigrate to another country for a certain time and live with a reality that is different from his daily life. There is in this journey a process of adaptation and a cultural transformation coming from contact with another culture. I vividly remember the first student I sent for an exchange in the USA. He studied medicine and had excellent grades. We ran his application process together and met several times to review all the documentation. During the meetings, I could not help but notice his shyness. He spoke little, even when I asked him specific questions about his academic life and about his personal life story. It was critical

that he explain his academic and personal information, especially his worldview, in his letter to the committee that would examine his candidacy. Gradually we have overcome his limits and we have put together his candidacy.

Months later, we received news that he had been accepted to Oregon State University in the US. There began a new adventure in his life. It was intense months of work for him to fulfill all the bureaucracy that involves the temporary immigration to another country. My experience as a professor has also changed, as I started to give a huge importance on serving students to help them achieve their dreams and professional aspirations. Over time I was able to implement a system to help students and fellow professors to achieve their goals in international education. In my lifetime, I have already collected more than 500 stories from students that I have supervised and who have successfully made their experience of study abroad in distinct countries. But compared to other nations, Brazil could do much more to help its students to implement bold plans for international education.

At universities of excellence worldwide, the department responsible for study abroad works with surgical precision. Nothing is done randomly and the student is supervised within an administrative flow that allows him to understand the importance of each step and how the experience will affect his life. US universities maintain in their global program offices professionals that act as student advisers, who, together with the students' professors, assist them in the decision-making process. In this way, students are taught to differentiate between a big dream and a small dream. Realizing a great dream, like living in another country, implies a profound change in life. This trip should be viewed much more like an adventure, in which exploring the unknown is of fundamental importance than as a tourist trip. Students learn that this experience will change who they are and help them reach another level of human development. On the other hand, to encourage more foreign students to apply for their programs, institutions like Harvard University publish manuals in which cover letters written by students are analyzed in depth.

After a year in Oregon, the first student I supervised returned to Brazil. He was profoundly changed. I remember him giving an interview and speaking candidly about all his international experience. For who spoke little, expressing his ideas with confidence to a journalist was a huge step forward. When I talk to my students about international education, I realize that they seldom believe how much their lives can change after these experiences. When they come back home, they realize that they are already other people.

# O Futuro Está em Nossas Mãos

15/12/2018

No meu último ano de graduação, eu tomei a decisão de que gostaria de ser professor. Esta decisão mudou a minha vida. Através dela, eu tive a oportunidade de conhecer pessoas incríveis em diferentes países.

Àquela época, ainda não existiam programas de pós-graduação *stricto sensu* em Psicologia em Sergipe. A minha única opção era ir estudar fora. Esta decisão não foi fácil. Meu pai e minha mãe já faziam um enorme esforço para custear meus estudos. Morar fora era um desafio humano e financeiro. Eu optei em ir estudar na Bahia, decisão que jamais me arrependi. Lembro da primeira consulta que fiz na internet sobre o que era necessário para se candidatar a um mestrado na Universidade Federal da Bahia. As fotos do programa de pós-graduação em Psicologia no site da UFBA eram um primor. Sua sede ficava no campus conhecido como São Lázaro, em um belo casarão do século XIX. Quando estive lá pela primeira vez para fazer as provas de admissão, a realidade que encontrei era bem diferente do que havia visto na internet. A infraestrutura do campus precisava de muitas melhorias e ninguém ficava por lá após às 5 da tarde, tamanha era a insegurança.

Os problemas do campus não diminuíram minha determinação. Queria me fazer doutor. Para tanto, a estrada de São Lázaro deveria ser percorrida. Além do mais, a vista do mar do alto da colina onde o casarão foi construído era impagável. Aprovado no mestrado, a minha vida se tornou uma verdadeira aventura. Eu e meu pai fizemos as contas e descobrimos que era mais barato, no primeiro momento, eu ficar indo e voltando entre Aracaju e Salvador. Gastávamos com o ônibus, mas economizávamos com a moradia. Minha mãe acionou todos os nossos amigos e parentes em terras baianas e, com a ajuda deles, a quem sou eternamente grato, sempre tive uma cama para dormir. E assim viajei, durante quase dois anos, com minha mochila nas costas para assistir aula todas as semanas em São Lázaro.

O programa de ensino e pesquisa era puxado. A visão dos professores era a de que um grande número de exigências acadêmicas levaria à excelência nos estudos. A missão era formar excelentes profissionais com um nível altíssimo de especialização em pesquisa psicológica. Tudo que sei sobre pesquisa científica em Psicologia aprendi no ritmo frenético e puxado que eram as minhas aulas de mestrado e com a supervisão, igualmente intensa, da minha orientadora. Ela prezava muito pela qualidade das

suas aulas e pelo desenvolvimento de pesquisas relevantes para a sociedade. Aprendi com ela que o terreno árido e a falta de infraestrutura não são motivos para não produzirmos trabalhos dinâmicos e competitivos em âmbito nacional e internacional. Tudo era feito com primor e dedicação para que, ao longo do curso, nós, estudantes, ganhássemos fôlego para alçarmos voos ainda maiores. Sou eternamente grato a esse período da minha vida, pois nele pude perceber o quanto podemos fazer quando nos dedicamos a temas que são relevantes para nossa existência.

No final do meu mestrado a coisa começou a mudar um pouco. O campus passou por uma ampla reforma. Quando comecei o doutorado, a Psicologia já havia ganhado um espaço próprio, pequeno e modesto, mas que ajudou na integração entre professores e alunos. Lembro-me de passar tardes agradáveis conversando com os meus professores e meus colegas no jardim do corredor que dava acesso a salas de aula da pós-graduação. Mas, raramente, me deparei com espaços planejados para serem atrativos e agradáveis, como vivenciei em universidades no exterior. Tanto eu, quanto meus colegas, tivemos que perseverar, em um ambiente muitas vezes inóspito, para conseguir alcançar o sonho de concluir um doutorado. Essas lembranças boas fazem desaparecer todas as dificuldades, pois não foi fácil. Tive a sorte de contar com a ajuda de professores excepcionais.

Ao contrário da infraestrutura que, muitas vezes, vivenciamos no Brasil, a Finlândia inaugurou no início deste mês a Oodi Library. Trata-se de uma biblioteca central que abriu suas portas ao público sendo considerada a biblioteca do futuro. Ela foi construída a partir de uma estrutura de aço e vidro, e esbanja uma belíssima fachada em madeira. “Oodi” significa ode, uma forma de poema. Assim, cada um dos três andares da biblioteca foi planejado para cumprir a visão de que o acesso a educação e à cultura deve ser mais igualitário e deve se traduzir em uma forma sustentável de fazer brilhar as vidas das pessoas. Há a expectativa que 5,000 visitantes por dia ocupem seus 16,000 metros quadrados, localizados no coração de Helsinki. Eles irão em busca de um dos seus 100,000 livros e irão fazer uso de seus amplos espaços de interação multimídia e de integração social. O custo total para chegar ao futuro foi de 98 milhões de euros. Já no Brasil, ansiamos por espaços que proporcionem a um grande público uma visão semelhante.

Recentemente estive em Salvador e reencontrei minha orientadora de mestrado. Eu quis lhe entregar pessoalmente o primeiro exemplar do livro “Expressões de Violência em Sergipe” que acabamos de lançar conjuntamente. Foi a minha forma de lhe dizer muito obrigado. Desde que me graduei no doutorado, a Psicologia continuou a evoluir na UFBA e se transformou num importante Instituto de Psicologia, uma das poucas unidades acadêmicas neste estilo no Brasil. A dedicação destes profissionais fez da lá uma das melhores universidades da América Latina.



# The Future Is In Our Hands

12/15/2018

In my senior year of graduation, I made the decision that I would like to be a professor. This decision changed my life. Through it, I had the opportunity to meet incredible people in different countries.

At that time, there were still no graduate programs in Psychology in Sergipe. My only option was to go study in another state. This decision was not easy. My father and mother already made a huge effort to pay for my studies. Living in another state was a human and financial challenge. I chose to go to Bahia, a decision that I never regretted. I remember the first consultation I made on the Internet about what was needed to apply for a master's degree at the Federal University of Bahia. The photos of the graduate program in Psychology on the UFBA website were a treat. Its headquarters were on the campus known as São Lázaro, in a beautiful nineteenth-century mansion. When I was there for the first time to take the admission tests, the reality I found was quite different from what I had seen on the Internet. The campus infrastructure needed a lot of improvement, and no one stayed there after 5:00 a.m. due to insecurity.

The campus problems did not diminish my resolve. I wanted to become a Ph.D. To do so, the road to São Lázaro should be walked. Besides that, the view of the sea from the top of the hill where the mansion was built was priceless. Approved in the Psychology master's degree program, my life became a real adventure. My father and I did the math and we discovered that it was cheaper, at first, to travel back and forth between Aracaju and Salvador. We spent money on the bus ticket, but we saved it on accommodation. My mother contacted all our friends and relatives in Bahia, and with their help, whom I am eternally grateful for, I always had a bed to sleep on. And so I traveled, for almost two years, with my backpack to attend class every week in São Lázaro.

The classes and the research program demanded a lot of hours of study. The professors' view was that a large number of academic requirements would lead to excellence in education. The mission was to train excellent professionals with a very high level of specialization in psychological research. Everything I know about scientific research in psychology I learned in the frenzied pace that was

these classes and with the supervision, equally intense, of my advisor. She prized much for the quality of her classes and the development of research relevant to society. I learned from her that the arid terrain and the lack of infrastructure are not reasons for not producing dynamic and competitive work at national and international level. Everything was done with dedication so that, during the program, we, the students, could raise and try even greater flights. I am eternally grateful to this time of my life, and through it, I have realized how much we can do when we are dedicated to themes that are relevant to our existence.

At the end of my master's degree program, things started to change a bit. The campus underwent extensive renovation. When I started my doctorate, the Psychology graduate program had already gained its own space, small and modest, but that helped in the integration between professors and students. I remember spending pleasant afternoons talking to my professors and my colleagues in the garden that gave access to the graduate classrooms. But rarely have I come across spaces designed to be attractive and enjoyable, as I have experienced in universities abroad. Both my colleagues and I had to persevere in an often-inhospitable environment to achieve the dream of completing a doctorate. These good memories make all the difficulties disappear because it was not easy. I was fortunate to have the help of exceptional professors.

Unlike the infrastructure we often experience in Brazil, Finland inaugurated the Oodi Library earlier this month. It is a central library that opened its doors to the public being considered the library of the future. It was built from a structure of steel and glass and has a beautiful wooden facade. "Oodi" means ode, a form of a poem. Thus, each of the three floors of the library was designed to fulfill the view that access to education and culture should be more egalitarian and should translate into a sustainable way of shining people's lives. It is expected that 5,000 visitors per day will occupy its 16,000 square meters, located in the heart of Helsinki. They will visit in search of one of their 100,000 books and will make use of their ample spaces of multimedia interaction and social integration. The total cost to reach the future was 98 million euros. In Brazil, we look forward to spaces that give a large audience a similar vision.

Recently I was in Salvador and I met my graduate supervisor. I wanted to personally give her the first copy of the book "Expressões de Violência em Sergipe" that we have just jointly launched. It was my way of saying thank you. Since my graduation as a doctoral student, Psychology has continued to evolve at UFBA and has become an important Institute of Psychology, one of the few academic units in this style in Brazil. The dedication of these professionals made it one of the best universities in Latin America.

# Um Pretexto para a Vida

22/12/2018

O dia lembrava o Natal. Fazia frio e as pessoas caminhavam se protegendo do vento gelado. O humor da cidade já havia mudado um pouco, pois existia a esperança de que a primavera estivesse perto de chegar. Quando adentrei ao escritório para onde eu me dirigia em Cambridge, encontrei uma das pessoas que mais me impressionou em minha vida acadêmica.

Ela tinha baixa estatura, cabelos curtos, cuidadosamente bem cortados, e usava uma jaqueta de couro feita a mão. Um passante desinformado a confundiria facilmente com alguma estrela do rock, tamanha era sua desenvoltura estética. Em vez disso, ela ostentava em seu currículo o título de professora titular da universidade mais prestigiada do planeta. Mal sentei na mesa para conversarmos, ela começou a falar incessantemente. O ritmo que dava a conversa era impressionante. Tal qual um boxeador, ela me golpeava com argumentos precisos sobre a importância das artes, da literatura e das humanidades para o desenvolvimento da sociedade e, em especial, sobre como a sua iniciativa, chamada de agentes culturais, trabalhava incansavelmente para desenvolver a educação humanística. Fiquei em silêncio a maior parte do tempo, e quando ousei falar meus argumentos foram reconstruídos por ela com a elegância de um psicanalista, indicando que havia muito mais o que se explorar naquela relação que estava se constituindo.

A sua história até chegar a Harvard University não foi nada fácil. Tudo começou em um *displaced person camp*, um nome técnico dado para campos temporários construídos para os refugiados que haviam sobrevivido aos campos de concentração após a segunda guerra mundial. Quando tinha quatro anos de idade, sua família decidiu tentar a sorte nos EUA. A mudança para Nova York trouxe para ela o desafio de conviver intensamente com diferentes culturas de forma cosmopolita. Foi necessário compreender o paradoxo que é assumir uma nova identidade cultural tendo como ponto de partida de vida um local tão inoportuno. A imprecisão acerca de sua nacionalidade a fez justamente explorar outras culturas para além do que vivia em casa. No bairro onde cresceu somente as crianças falavam inglês com sotaque americano. Os adultos carregavam consigo sua própria identidade histórico-cultural constituída nas tradições italianas, hispânicas, judaicas etc. Explorando sua vizinhança, ela se apaixonou pela cultura Latino Americana.

Aprender espanhol foi fácil e, rapidamente, ela começou a desenhar os passos seguintes de sua vida. No esplendor dos anos 60, escolheu fazer graduação em literatura e língua espanhola na *Rutgers University*, como é conhecida a tradicional universidade estadual de Nova Jersey, uma das mais antigas dos EUA. Graduada, foi passar uma temporada em Jerusalém para estudar literatura inglesa e espanhola na *Hebrew University of Jerusalem*. Quando retornou aos EUA, já nos anos 70, tratou de fazer um doutorado em literatura comparada na mesma instituição onde havia se graduado. Com o diploma de doutora na mão se tornou professora e fez carreira de forma brilhante. Primeiro na Amherst College, uma das melhores faculdades de artes liberais dos EUA. Lá, enquanto seus colegas reclamavam da crescente desvalorização das humanidades, ela tratou de publicar uma série de livros que tiveram um alto impacto na comunidade acadêmica. O seu incessante trabalho acadêmico lhe rendeu a nomeação como professora titular na Harvard University.

Lá, ela passou a perceber que a contribuição de um professor pode ir muito além do que o seu trabalho de pesquisa ou de sala de aula. Ela definiu que seu desafio seria tentar tornar as artes e as humanidades ainda mais relevantes para a sociedade. O seu raciocínio era que a mudança deveria vir de formas artísticas, uma vez que a arte sempre representa a vanguarda. Em sua visão de mundo, pensar como um artista significa inovar nas formas de enfrentar desafios sociais, econômicos, éticos e políticos. É uma forma de encontrar respostas novas para adversidades antigas. Inspirada pelo trabalho do ex-prefeito de Bogotá, Antanas Mockus, que revitalizou a cidade, destruída pelo narcotráfico, com ações artísticas, pelo teatro legislativo de Augusto Boal e por muitos outros intelectuais, ela criou um protocolo inovador chamado Pre-text. Trata-se de incentivar a leitura ativa através da criação de formas artísticas que são usadas como veículos para a interpretação de textos desafiadores. Este protocolo já foi utilizando em diversos contextos educacionais, com resultados impressionantes, em diferentes países da América Latina, e, recentemente, o programa anunciou uma forte parceria para oferecer experiências de aprendizagem global para crianças chinesas. Enquanto isso, no Brasil, lutamos para manter vivos, em muitas instituições, os cursos de letras, literatura e artes.

O nosso primeiro encontro foi muito fortuito. Desde então, mantivemos uma forte conexão e já desenvolvemos diversos projetos juntos. Aprendi com ela que na vida temos que buscar por *double bottom-lines*, ou seja, o impacto daquilo que fazemos não deve ficar restrito a uma única linha de ação, como, por exemplo, ensinar. Devemos adicionar ao que fazemos uma segunda linha, mais ampla e transformadora, capaz de gerar uma contribuição social positiva. O Pre-text é sua grande contribuição social. Para mim, escrever esta coluna semanal é o meu *double bottom-line*.

# A Pre-text for Life

12/22/2018

The day was like Christmas. It was cold and the people walked protecting themselves from the cold wind. The mood of the city had already changed a little, for there was hope that spring might be near. When I entered the office to which I was going at Cambridge, I met one of the persons who impressed me the most in my academic life.

She had short stature, short hair, carefully cut, and wore a handmade leather jacket. An uninformed person would easily confuse her with some rock star such was her aesthetic resourcefulness. Instead, she flaunted a professorship at the most prestigious university on the planet. As I sat down, she began to talk incessantly. The pace of the conversation was impressive. Like a boxer, she struck me with precise arguments about the importance of the arts, literature, and humanities for the development of society, and especially about how her initiative, called cultural agents, worked tirelessly to develop humanistic education. I was silent most of the time, and when I dared to speak she rebuilt my arguments with the elegance of a psychoanalyst, indicating that there was much more to be explored in that relationship that was forming.

Her life story until arriving at Harvard University was not an easy one. It all began in a displaced person camp, a technical name given to temporary camps built for refugees who had survived the concentration camps after the Second World War. When she was four years old, her family decided to try their luck in the USA. The move to New York brought her the challenge of living intensely with different cultures in a cosmopolitan atmosphere. It was necessary to understand the paradox that is to assume a new cultural identity having as the starting point of life such an inopportune place. The imprecision about her nationality made her explore other cultures than she lived at home. In the neighborhood where she grew up, only children spoke English with an American accent. The adults carried with them their own historical-cultural identity constituted in the Italian, Hispanic, Jewish, etc. traditions. By exploring her neighborhood, she fell in love with Latin American culture.

Learning Spanish was easy and she quickly began to draw the next steps of her life. In the splendor of the 1960s, she chose to graduate in Spanish Language

and Literature at Rutgers University, as the traditional state university of New Jersey is known, one of the oldest in the United States. Graduated, she went to Jerusalem to study English and Spanish literature at the Hebrew University of Jerusalem. When she returned to the United States in the 1970s, she pursued a doctorate in comparative literature in the same institution where she had graduated. With the doctor's degree in hand, she became a professor and made a brilliant career. First at Amherst College, one of the best liberal arts colleges in the USA. There, while her colleagues complained about the increasing devaluation of the humanities, she sought to publish a series of books that had a high impact on the academic community. Her incessant academic work earned her the appointment as a full professor at Harvard University.

There she came to realize that a professor's contribution could go far beyond its research or classroom work. She defined that her challenge would be to try to make the arts and humanities even more relevant to society. Her reasoning was that change should come from artistic forms since art always represents the vanguard. In her worldview, thinking like an artist means innovating in ways of facing social, economic, ethical and political challenges. It is a way to find new answers to old adversities. Inspired by the work of the former mayor of Bogotá, Antanas Mockus, who revitalized the city, destroyed by drug trafficking, with artistic actions, the legislative theater of Augusto Boal and many other intellectuals, she created an innovative protocol called Pre-text. It is about encouraging active reading by creating artistic forms that are used as vehicles for interpreting challenging texts. This protocol has already been used in a variety of educational contexts, with impressive results, in several Latin American countries, and, recently, the program announced a strong partnership to provide global learning experiences for Chinese children. Meanwhile, in Brazil, we struggle to keep the literature and arts programs alive in many institutions.

Our first meeting was very fortuitous. Since then, we have maintained a strong connection and have already developed several projects together. I learned from her that in life we have to search for double bottom-lines, that is, the impact of what we do should not be restricted to a single line of action, such as teaching. We must add to what we do a second, broader and more transformative, line, capable of generating a positive social impact. Pre-text is her great social contribution. For me, writing this weekly column is my double bottom-line.



# Resoluções para o Ano Novo

29/12/2018

Mais um ano chega ao fim, e sempre reflito sobre alguns desafios para o ano que irá começar. Pensar um pouco sobre o que gostaria de fazer nos segundos, minutos, horas, dias e meses que virão pela frente é a minha forma de tentar atuar melhor na vida em sociedade.

“Dez, nove...” preciso entrar em 2019 com um pensamento positivo. Gosto de eliminar de minha mente qualquer negatividade que venha embarçar os pensamentos para o ano que se iniciará. Na minha vida prefiro focar na positividade. Pensar que tudo dará errado, além de ser chato, limita minha criatividade. Trabalho com educação, então manter o pensamento positivo é essencial para enfrentar os inúmeros desafios educacionais de nosso país. Assim, a minha positividade para o próximo ano deve se refletir em estratégias de aula que movimentem meus alunos. Mentalizo formas de continuar a tirá-los constantemente da zona de conforto. Em 2019, preciso sacudir suas mentes de modo que os propósitos que os levaram a minha sala de aula continuem vivos e em plena evolução. Gosto de administrar o astral dos meus alunos, pois tão importante quanto fazê-los pensar é fazê-los sorrir.

A tecnologia continuará a ditar as regras do jogo em 2019. Não há mais como escapar dessa realidade. Atualmente, não ter um perfil no Instagram é quase como não ter carteira de identidade. O relógio corre, “oito, sete...”, sinto que terei que usar, cada vez mais, novas tecnologias que me auxiliem a tornar minha linguagem mais próxima dos alunos, sem que eu perca a minha autenticidade. Farei um esforço extra para ajudá-los a construir novas perspectivas tendo como base suas próprias ferramentas do cotidiano. A interação com a tecnologia mudou radicalmente a vida das pessoas. No momento atual, com tantas *fake news*, a confiança em pessoas que produzem conteúdos de forma responsável se tornou um imperativo. Ao tempo que também, em um mundo globalizado e conectado, penso que as ações para 2019 precisam ser disruptivas. Precisamos ser mais criativos e produzir menos conformidade.

A liberdade, para mim, é um conceito absoluto. Em 2019 continuarei a exercê-la em plenitude. Eu sou uma pessoa de gostos simples. Gosto de ler livros pelo simples prazer de lê-los e não por uma obrigação qualquer. Adoro sair para jantar com minha esposa, ir ao cinema, estar com minha família, comer pizza com os meus amigos, correr uns bons quilômetros. “Seis, cinco...”, penso que devo manter o foco. Dou um

duro danado todos os dias em sala de aula, nos projetos que estou envolvido e em quando sento para escrever esta coluna. A maturidade já me ensinou que o meu palco é a sala de aula e escrever é a habilidade que tenho para expressar meus pensamentos. Assim pretendo manter o foco e compromisso com meus alunos, leitores e a comunidade a quem eu sirvo. Para mim, a melhor forma de continuar contribuindo é seguir em frente, resoluto, navegando no mar esquizofrênico que é a educação brasileira. Com muito trabalho e esforço coletivo, em 2019 a tornaremos melhor.

Eu continuo acreditando no poder de transformação da educação. Os países asiáticos já fizeram seu dever de casa e hoje possuem sistemas educacionais fortes. Os seus alunos são capazes de competir internacionalmente. Por aqui, ainda precisamos insistir com a ideia de que a educação é o futuro do Brasil. “Quatro, três...”, reflito que o respeito profissional e a valorização dos professores serão essenciais para uma transformação ampla em nosso país. Precisamos sair da ideia de que ser professor é um sacerdócio. O professor é um profissional que atua na transformação da sociedade. Para tanto, deve ser bem remunerado, envolvido em uma atmosfera saudável e, ao mesmo tempo, desafiante, e deve contar com uma infraestrutura de primeira linha para desenvolver suas atividades. Portanto, precisamos sair do básico, de modo a superarmos as barreiras internas e as limitações do governo, para, juntos, construirmos uma comunidade melhor.

Em 2019, eu continuarei a me olhar no espelho. Faço isso sem medo e de cabeça erguida, pois tenho consciência do meu papel. Não sou melhor, nem pior, do que ninguém. Somente acredito que esforço pessoal é um elemento vital para o desenvolvimento da sociedade. “Dois”, mentalizo formas de ajudar meus alunos a compreenderem que vencer na vida pelo mérito é muito melhor do que abraçar a mediocridade, muitas vezes, disfarçada na forma de conchavos, acertos e esquemas. Acredito ser meu trabalho cultivar o mérito todos os dias em sala de aula. Preciso ajudá-los a compreender que o que fazem com suas vidas tem uma importância social e humanística, que reflete no desenvolvimento, como um todo, de nossa sociedade. Nesta batalha eu já aprendi, há muito tempo atrás, que uma boa aula gera alunos interessados. E uma boa aula depende da atitude e da autenticidade do professor, além de sua capacidade de transmitir conhecimento e forjar relacionamentos com os estudantes.

“Um”! Neste ano novo, penso que a educação é um propósito que vale a pena e que preciso continuar trabalhando intensamente por ela. Mas, precisamos renová-la. E este processo deve ser feito para além da sala de aula, com amplo engajamento de todos que compõem nossa comunidade para que o objetivo de um futuro melhor seja alcançado.

Feliz Ano Novo!!!

# New Year's Resolution

12/29/2018

Another year comes to an end, and I always reflect on some challenges for the year that will begin. Thinking a little bit about what I would like to do in the seconds, minutes, hours, days and months that will come ahead is my way of trying to act better in life in society.

“Ten, nine...” I need to get into 2019 with positive thinking. I like to eliminate from my mind any negativity that will embarrass the thoughts for the year to begin. In my life, I prefer to focus on positivity. To think that everything will go wrong, besides being annoying, limits my creativity. I work with education, and then maintaining positive thinking is essential to address the numerous educational challenges of our country. So my positivity for next year should be reflected in classroom strategies that can move my students. I think in ways to continue to pull them out, constantly, of the comfort zone. By 2019, I need to shake their minds so that the purposes that led them to my classroom are still alive and evolving. I like to manage the atmosphere surrounding my students because as important as to make them think is to make them smile.

The technology will continue to dictate the rules of the game in 2019. There are no ways of escaping this reality. Currently, not having a profile on Instagram is almost like not having a social security number. The clock runs, “eight, seven...”, I feel that I will have to use, more and more, new technologies that help me to make my language closer to the students, without losing my authenticity. I will make an extra effort to help them build new perspectives based on their own everyday tools. Interaction with technology has radically changed people's lives. At the moment, with so much fake news, trust in people who produce responsibly content has become a must. At the same time, in a globalized and connected world, I think that actions for 2019 need to be disruptive. We need to be more creative and produce less compliance.

Liberty, for me, is an absolute concept. In 2019 I will continue to exercise it to its full capacity. I am a person of simple tastes. I like to read books for the simple pleasure of reading them and not for any obligation whatsoever. I love going out to dinner with my wife, going to the movies, being with my family,

eating pizza with my friends, running a good mile. “Six, five...” I think I should stay focused. I work hard every day in the classroom, in the projects that I’m involved in, and when I sit down to write this column. Maturity has taught me that my stage is the classroom and writing is the ability that I have to express my thoughts. So I want to stay focused and committed to my students, readers and the community that I serve. For me, the best way to continue contributing is to move forward, resolute, sailing in the schizophrenic sea that is Brazilian education. With much work and collective effort, in 2019 we will make it better.

I still believe in the transformative power of education. Asian countries have already done their homework and today they have strong educational systems. Their students are able to compete internationally. Around here, we still need to insist on the idea that education is the future of Brazil. “Four, three...” I reflect that professional respect and appreciation of professors’ work will be essential for a broad transformation in our country. We need to get out of the idea that being a professor is a priesthood. The professor is a professional who acts in the transformation of society. To do so, he/she must be well paid, involved in a healthy and at the same time challenging atmosphere and must rely on a first-class infrastructure to develop its activities. Therefore, we need to get out of the basics in order to overcome the internal barriers and limitations of government, to together build a better community.

In 2019, I will continue to look at myself in the mirror. I do it without fear and with my head held high, for I am aware of my role in society. I’m no better, no worse, than anyone else. I just believe that personal effort is a vital element in the development of society. “Two,” I think in ways to help my students to understand that winning in life by merit is much better than embracing mediocrity, often disguised as cronyism and schemes. I believe it is my job to cultivate merit every day in the classroom. I need to help them understand that what they do with their lives has social and humanistic importance, which reflects in the development, as a whole, of our society. In this battle, I have learned, long ago, that a good class generates interested students. And a good class depends on the professor’s attitude and authenticity, as well as in his ability to convey knowledge and forge relationships with students.

“One”! In this New Year, I think that education is a worthwhile purpose and that I must continue to work intensely for it. But we need to renew it. And this process must be done beyond the classroom, with a broad engagement of all who make up our community so that the goal of a better future is achieved.

Happy New Year!!!

# Escalando Montanhas

05/01/2019

Construir uma carreira de forma sustentável é uma missão que exige muito cuidado e dedicação. As escolhas feitas durante o percurso podem levar a aventuras surpreendentes. São muitos os obstáculos que precisamos superar. Ora temos pressa, ora precisamos ter paciência. A vida é feita de muitos altos e baixos e é preciso estar consciente dos riscos que aceitamos correr.

Para se tornar um grande profissional, capaz de contribuir positivamente para sociedade, uma pessoa precisa construir um caminho de aprendizagem que, geralmente, envolve dois grandes desafios. Quando combinados, estes dois desafios podem gerar um enorme ganho. O primeiro deles é a educação. Lembro das palavras de minha mãe, ainda quando eu era criança, parafraseando milhares de outras mães, ao me dizer que “na vida é preciso estudar para ser alguém”. Ela tinha razão sobre um ponto deste dito popular: a educação é um objetivo que vale a pena. Quando bem desenvolvida, gera novas oportunidades. No entanto, é preciso estar disposto a encarar todo o processo, pois não existe uma receita pronta para o sucesso. Ter um diploma de uma universidade de primeira linha, por exemplo, não é garantia de sucesso profissional. Fazer escolhas certas ajudam a pavimentar o caminho, que precisa ser fortalecido com o segundo grande desafio.

Todo esforço empreendido para se obter uma boa educação pode ser desperdiçado se um profissional recém formado não estiver disposto a experimentar a realidade à sua volta. Ter experiência é justamente estar em um furacão e aprender intensamente com suas reviravoltas e seus fortes ventos. A minha experiência profissional começou cedo. Trabalhei durante todo o meu curso de graduação. Trabalhava de dia, estudava à noite. Fui recepcionista, auxiliar de datiloscopista, auxiliar de escritório e fiz quase de tudo um pouco. Fui questionado diversas vezes pelos meus colegas de graduação se o trabalho compensava financeiramente, como se, na vida, somente o ganho material importasse. Sempre respondi, diplomaticamente, dizendo que eu precisava manter o foco. No fundo, o que aprendi com as minhas primeiras experiências profissionais, recheadas de momentos difíceis e de tropeços, é que elas me ajudaram a definir para onde eu gostaria de seguir. Foi através delas que ganhei confiança naquilo que queria para minha vida.

Quando me graduei, eu queria continuar estudando. Havia decidido ser professor e queria conhecer em profundidade o sistema educacional brasileiro. Para me tornar doutor, eu viajava, praticamente, toda as semanas para Salvador. Os ônibus eram horríveis, a estrada perigosa e foram muitos os momentos de sufoco. Essas viagens e o ritmo insano de estudos aprofundaram muito o meu conhecimento sobre experiências de vida. Elas me ajudaram a expandir o meu senso do que é possível ser feito em nossa existência. Passei a tolerar mais a ambiguidade, a compreender melhor as necessidades das pessoas que me rodeiam. Ao mesmo tempo, passei também a me concentrar mais em definir a minha missão e a traçar objetivos reais para minha vida, de modo que eu pudesse alcançá-los. Lembro vividamente, por exemplo, do momento em que decidi reescrever minha tese de doutorado. Ao relê-la após a quimioterapia que eu havia sido submetido para tratamento contra câncer, percebi que faltava ao texto clareza sobre todas as experiências que eu vivi para obter os dados de pesquisa que compunham o trabalho. Compreender de que forma crescemos e como seguimos em frente após passarmos por um furacão se tornou essencial em minha vida.

Desde então, carrego esta lição comigo para onde vou. No exterior, uma das experiências mais interessantes que tive foi visitar a *John F. Kennedy Presidential Library and Museum*. Naquela época, eu estava trabalhando em um amplo projeto de cooperação internacional com a *University of Massachusetts*, Boston, localizada, tal qual a biblioteca presidencial, em Columbia Point, uma das penínsulas que formam a baía da capital de Massachusetts. Com sua fachada imensa de vidro mirando a baía de Boston, o prédio da biblioteca, projetado pelo arquiteto I. M. Pei, o mesmo da pirâmide do Louvre, se destaca por si só na paisagem daquela região. Para além do belíssimo prédio, o que mais me impressionou na visita foi o livro escrito pelo Presidente Kennedy intitulado *Profiles in Courage*. O livro remonta a história de vida de oito senadores americanos, que no século XIX sofreram críticas severas por desafiar as opiniões de seus eleitores e do seu partido ao tentar adiar, ao máximo, a Guerra Civil Americana. É a ideia do quanto as pessoas estão dispostas a sacrificar em nome do bem comum, e de que estes sacrifícios, muitas vezes, somente são reconhecidos como atos de coragem posteriormente.

Eu já sobrevivi a diversos furacões em minha vida. Das visitas que fiz à Biblioteca Kennedy, além do livro, me impressionei também com a sua visão para o desenvolvimento do programa espacial americano, visão revisitada esta semana pelo pouso da sonda chinesa no lado oculto da lua. Em meu escritório mantenho como lembrança uma pequena estatueta do presidente Kennedy. Ela me faz lembrar todos os dias que precisamos ter coragem, conhecimento e valores humanísticos para escalar as montanhas que constantemente surgem em nossas vidas.



# Climbing Mountains

01/05/2019

Building a career sustainably is a mission that requires great care and dedication. The choices made during professional life can lead to amazing adventures. There are many obstacles that we need to overcome. Sometimes we are in a hurry; sometimes we must have patience. Life is made up of many ups and downs and we must be aware of the risks that we accept to take.

To become a great professional, able to contribute positively to society, a person needs to build a learning path that usually involves two major challenges. When combined, these two challenges can generate enormous gains. The first of these is education. I remember the words of my mother, when I was a child, paraphrasing thousands of other mothers, telling me that “in life, you have to study to be someone.” She was right about one point of this popular saying: education is a worthwhile goal. When well developed, it creates new opportunities. However, one must be willing to face the whole process, as there is no ready-made recipe for success. Having a degree from a leading university, for example, is no guarantee of professional success. Making the right choices helps pave the way, which needs to be strengthened with the second big challenge.

Every effort to get a good education can be wasted if a newly trained professional is not willing to experience the reality around them. Having experience is just being in a hurricane and learning intensely with its twists and turns and strong winds. My work experience started early. I worked throughout my undergraduate course. I worked during the day and I studied at night. I was a receptionist, a dactyloscopist's assistant, an office assistant, and I did almost everything. I was asked several times by my undergraduate colleagues whether the work paid off financially, as if, in life, only the material gain mattered. I always responded, diplomatically, that I needed to stay focused. Basically, what I learned from my first professional experiences, filled with difficult moments and stumbling, was that they helped me to define where I wanted to go. It was through them that I gained confidence in what I wanted for my life.

When I graduated, I wanted to continue studying. I had decided to be a professor and I wanted to know more about the Brazilian educational system.

To become a Ph.D., I traveled to Salvador almost every week. The buses were horrible, the road dangerous and there were many moments of confusion. These journeys and the insane pace of studies have greatly deepened my knowledge of life experiences. They have helped me to expand my sense of what can be done in our existence. I began to tolerate more ambiguity, to better understand the needs of the people around me. At the same time, I also began to focus more on defining my mission and drawing real goals for my life, so that I could reach them. I remember vividly, for example, the moment I decided to rewrite my doctoral thesis. Upon rereading it after chemotherapy I had been submitted for cancer treatment, I realized that the text lacked clarity about all the experiences I experienced to get the research data that made up the work. Understanding how we grew and how we moved forward after a hurricane became essential in my life.

Since then, I carry this lesson with me wherever I am going. Abroad, one of the most interesting experiences I had was visiting the John F. Kennedy Presidential Library and Museum. At that time, I was working on an extensive international cooperation project with the University of Massachusetts, Boston, located just like the presidential library on Columbia Point, one of the peninsulas that make up Boston Bay. With its huge facade of glass overlooking the bay of Boston, the library building, designed by the architect I. M. Pei, responsible also for the Louvre pyramid, stands alone in the landscape of that region. In addition to the beautiful building, what impressed me the most was the book written by President Kennedy entitled *Profiles in Courage*. The book traces the life story of eight American senators, who in the nineteenth century were severely criticized for challenging the views of their constituents and their party in trying to postpone the American Civil War to the maximum. It is the idea of how much people are willing to sacrifice in the name of the common good, and that these sacrifices are often only recognized as acts of courage afterward.

I have survived several hurricanes in my life. From the visits I made to the Kennedy Library, in addition to the book, I was also impressed with his vision for the development of the American space program, a vision revisited this week by the landing of the Chinese probe on the dark side of the moon. In my office, I keep as a souvenir a small statuette of President Kennedy. It reminds me every day that we need courage, knowledge and humanistic values to climb the mountains that constantly arise in our lives.

# © Sabiá Silencioso

12/01/2019

O silêncio era uma coisa muito importante para o meu avô materno. Ele raramente falava. Quando se dirigia a alguém usava frases curtas e diretas, que, facilmente, podiam ser compreendidas. Sua lógica era a de usar as palavras somente quando necessário, de forma precisa, sem muitos rodeios, e deixar bastante espaço para que as pessoas pudessem lhe falar suas necessidades.

A sua carreira foi feita no mundo jurídico. Para se tornar advogado, ele teve que superar muitos obstáculos. Nasceu em Pedra Mole, uma das menores cidades de Sergipe. O meu bisavô possuía uma pequena fazenda lá e com as atividades desenvolvidas nela mantinha o sustento de sua família. Meu avô aprendeu, logo cedo, o valor da honra e da honestidade. Meu bisavô exigia de todos os seus filhos uma condução impecável com os estudos e com os relacionamentos com as pessoas com quem conviviam. Ele insistia fortemente que a educação era o caminho e fez de tudo para que seus filhos tivessem acesso as melhores oportunidades educacionais disponíveis à época. Queria garantir que seus filhos pudessem construir suas vidas para além da terra natal.

Para estudar, meu avô se mudou para Aracaju. Estudou no Colégio Tobias Barreto, em uma época de enorme rigidez moral e acadêmica. De lá, seguiu para Salvador para fazer um curso preparatório para o vestibular na Faculdade de Direito da Bahia, atual UFBA. Se as minhas viagens de ônibus para estudar em Salvador foram difíceis, a experiência dele foi ainda mais complexa. A sua vida na capital baiana não era nada fácil. Morava em um pensionato e contava com pouco dinheiro que meu bisavô lhe mandava de tempos em tempos. Além disso, havia um clima de tensão por conta da Segunda Guerra Mundial. Quando se graduou, com a ajuda de meu bisavô, abriu seu escritório de advocacia em Itabaiana. Lá passou a advogar para os produtores rurais da região. Com o tempo, passou também a atuar como advogado para os partidos políticos nos períodos de eleição. Sua filosofia de trabalho era sempre a de esperar pelos convites. Buscava abrir portas e tinha a paciência de esperar que as pessoas o convidassem para iniciativas e ações. Ser candidato a um cargo político foi um desafio natural frente ao meio em que convivia.

O meu avô se elegeu deputado estadual por duas legislaturas. Também serviu como presidente da Assembleia Legislativa por um biênio. Mas, o clima no país não era estável e tratou de se retirar da vida legislativa. Retornou à advocacia, onde

se manteve relevante. Como o destino dá muitas voltas, no esplendor da década de 60 foi chamado para contribuir para o Estado novamente. O momento era delicado. Sua missão era ajudar a fazer a máquina pública andar, fosse qual fosse, as trepidações no cenário político. Era importante que o Estado continuasse a servir sua população. Assim, passou a atuar mais na ação do que no discurso. Teve participação em diversos projetos e, ao final, foi escolhido para integrar a primeira turma do Tribunal de Contas do Estado. Lá, a vida profissional se estabilizou, e pode se dedicar mais à família. Quando nasci, ele já estava no embalo dos seus últimos anos de serviço público. Lembro de, ainda criança, acompanhá-lo em algumas ocasiões. Ele se vestia de forma sóbria. Tinha uma letra desenhada e escrevia com firmeza com sua caneta “Parker”, que sempre estava de prontidão no bolso de sua camisa. Ele cumpria religiosamente o seu horário de trabalho e fazia questão de não procrastinar nenhuma decisão que estivesse sob sua responsabilidade.

Olhando em perspectiva, a profissionalização da gestão pública ainda é um tema que merece enorme atenção no Brasil. Muito já foi feito, e no país há algumas ilhas de excelência, em que a meritocracia, a transparência e a eficiência no trato da coisa pública já estão implementadas. Mas, lá fora, o cenário de formação de profissionais para atuar na máquina pública atende a uma lógica que privilegia a construção de uma ampla cultura de gestão. Eu me recordo da primeira visita que fiz à *Harvard Kennedy School* e de como fiquei impressionado em como eles mantêm o foco na profissionalização de seus alunos. A missão central é fazê-los liderar por ideias, ao passo que também, compreendam que ideias precisam ser postas em prática. Para isso, a escola mantém um corpo docente de acadêmicos e profissionais com enorme experiência e renome global, que contribuíram extensamente com inovações em políticas públicas, e que atuam fortemente em programas de mestrado profissionalizantes e em educação executiva. A escola já formou 17 Chefes de Estado mundo afora. Enquanto isso, no Brasil, diversos projetos poderiam contribuir mais para a consolidação de uma nova cultura administrativa, a exemplo, das escolas do legislativo criadas em diversas Câmaras de Vereadores e Assembleias Legislativas em todo país.

Quando se aposentou, meu avô foi morar no Rio. Era um sonho antigo da minha avó, que durou por alguns anos, pois meu avô sentia falta do canto de seus passarinhos. Lá, passei ótimos veraneios e, mesmo com ele falando pouco, construímos uma bela relação de amizade. Nosso último encontro foi no aeroporto, quando voltei a Aracaju após a quimioterapia. Sentamos juntos para esperar o carro. Em silêncio, ele colocou sua mão sobre o meu antebraço. Foi sua maneira de me dizer que tudo ficaria bem.

# The Silent Sabiá

01/12//2019

The silence was a very important thing for my maternal grandfather. He rarely spoke. When he addressed someone, he used short, direct sentences that could easily be understood. His logic was to use words only when necessary, accurately, without too many detours, and leave plenty of space for people to tell him their needs.

His career was in the legal world. To become a lawyer, he had to overcome many obstacles. He was born in Pedra Mole, one of the smallest cities in Sergipe. My great-grandfather owned a small farm there and with the activities developed in it, he kept his family's livelihood. My grandfather learned, early on, the value of honor and honesty. My great-grandfather required of all his children impeccable conduct with the studies and the relationships with the people with whom they lived. He strongly insisted that education was the way and did everything for his children to have access to the best educational opportunities available at the time. He wanted to make sure his children could build their lives beyond their homeland.

To study, my grandfather moved to Aracaju. He studied at the Tobias Barreto College in a time of enormous moral and academic rigidity. From there, he went to Salvador to take a preparatory course for the entrance exam at the Law School of Bahia, known now as UFBA. If my bus trips to Salvador were difficult, his experience was even more complex. His life in the capital of Bahia was not easy. He lived in a hostel and had little money that my great-grandfather sent him from time to time. In addition, there was an atmosphere of tension due to World War II. When he graduated, with the help of my great-grandfather, he opened his law firm in Itabaiana. There, he went on to advocate for farmers. Over time, he also became a lawyer for political parties during election campaigns. His philosophy was always to wait for invitations. He worked to open doors and he had the patience to wait for people to invite him for initiatives and actions. Being a candidate for political office was a natural challenge to the environment in which he lived.

My grandfather was elected twice for the state legislature. He also served as President of the Legislative Assembly for a biennium. But the atmosphere in the country was not stable and he withdraws himself from the legislative life. He

returned to advocacy, where he remained relevant. As fate takes many turns, in the splendor of the 60's was called to contribute to the state again. The moment was delicate. His mission was to help make the public administration advance whatever it was the trepidations on the political scene. It was important that the state continued to serve its people. Thus, he began to act more in action than in rhetoric. He participated in several projects and, in the end, was chosen to integrate the first cohort of judges of the State General Accounting Office. There, his professional life has stabilized, and he could devote more time to his family. When I was born, he was already in his last years of public service. I remember, as a child, to accompany him on some social occasions. He dressed soberly. He had a drawn letter and wrote firmly with his "Parker" pen, which was always ready in the pocket of his shirt. He religiously fulfilled his work schedule and made a point of not procrastinating any decision that was under his responsibility.

Looking ahead, the professionalization of public administration is still a subject that deserves enormous attention in Brazil. Much has already been done, and in the country, there are some islands of excellence, in which meritocracy, transparency, and efficiency in dealing with the public business are already implemented. But abroad, the scenario of training professionals to work in the public administration follows a logic that privileges the construction of a broad culture of management. I remember the first visit I made to the Harvard Kennedy School and how impressed I was with how they keep the focus on professionalizing their students. The central mission is to get them to lead by ideas, while also making them understand that ideas need to be put into practice. To this end, the school maintains a faculty of academics and professionals with vast experience and global renown, who have contributed extensively with innovations in public policy, and who work strongly in professional master's programs and executive education. The school has already graduated 17 Heads of State worldwide. Meanwhile, in Brazil, several projects could contribute more to the consolidation of a new administrative culture, for example, the legislative schools created in various City Councils and Legislative Assemblies throughout the country.

When he retired, my grandfather went living in Rio. It was an old dream of my grandmother, who lasted for a few years because my grandfather missed the chant of his birds. There, I spent great summer holidays, and even with him speaking little, we built a beautiful friendship. Our last meeting was at the airport when I returned to Aracaju after chemotherapy. We sat together to wait for the car. Silently, he placed his hand on my forearm. It was his way of telling me that everything would be all right.



# A Sorte Está Lançada

19/01/2019

Viajar, para mim, é essencial. Eu não me incomodo em passar horas dentro de um avião, não enjoa no mar e acho fascinante ir de uma cidade a outra de bicicleta. Gosto aprender ao máximo em cada experiência.

Anos atrás, eu e minha esposa decidimos passar nossa lua de mel na Itália. Ambos apreciamos a cultura e a história romana, e a estudamos, para saciarmos nossa curiosidade, desde cedo em nossas vidas. A nossa viagem começou em Veneza, uma ótima cidade para o romantismo. Passeamos de gôndola no *Grand Canal*, tomamos um café no *Caffè Florian* e um Bellini, para adoçar um pouco mais a vida, no *Harry's Bar*, que outrora era frequentado por Ernest Hemingway. Perambulamos nos dias seguintes por diversas cidades. O nosso maior objetivo era que a história movesse nossa diversão. Assim, almoçamos em Verona, onde visitamos a estátua de Julieta e um magnífico teatro romano, construído tal qual uma concha acústica a beira do rio *Adige*, e seguimos viagem até Florença.

Lá, o tempo passou devagar. Visitamos a escultura original de David feita por Michelangelo na Galeria da Academia de Belas Artes de Florença e sua reprodução, também bela, na *Piazza della Signoria*. Há poucos metros da praça, seguimos caminhando para a Galeria Uffizi, que é um monumento arquitetônico a parte em uma cidade já tão rica em arte e cultura. O prédio foi originalmente construído pela família Médici no século XVI para agrupar toda sua estrutura de comando político. Com o tempo, a impressionante coleção de arte passou a ser acessível ao público. A galeria é uma forte expressão de poder, riqueza e beleza. Na entrada principal, após subir as escadas de acesso, nos deparamos com um imenso corredor decorado com os bustos de, praticamente, todos os imperadores romanos. Além deles, a galeria também reúne uma impressionante coleção de obras de da Vinci, Raphael, Caravaggio e Michelangelo, e pinturas de mestres flamengos como Rembrandt e Rubens. Passamos horas visitamos os espaços que foram projetados para transportar, através das artes, os seus visitantes ao passado europeu. Demos ainda uma volta pela toscana. Tomamos um café em Lucca, tiramos uma foto em Pisa, tomamos uma taça de vinho em San Gimignano e nos perdemos, por horas, em Siena.

No dia seguinte, seguimos viagem para Roma. Antes de chegarmos à cidade, paramos em Tívoli, a cerca de 30 quilômetros da capital romana. Lá visitamos as

ruínas da Villa Adriana, um impressionante conjunto arquitetônico construído no século II. O imperador Adriano era um viajante impetuoso e passou grande parte do seu reinado viajando por todos os cantos do vasto império. Na vila, que transformou em residência oficial e sede de seu governo, privilegiou o estilo arquitetônico grego e egípcio, expressos em prédios, jardins e piscinas. Visitar as ruínas foi um tremendo exercício de imaginação. Fui preciso reconstruir mentalmente os prédios e espaços que outrora reluziam em suntuosidade. Em Roma, exploramos ao máximo os sítios arqueológicos da cidade e nos abastecemos com sua culinária deliciosa. Em um dos dias, após uma longa visita ao Palatino e ao Fórum Romano, caminhamos até a *Piazza Navona*, que chegou a modernidade adornada por esculturas barrocas feitas por Bernini. Andando pelas ruelas nos arredores da praça, nos deparamos com um pequeno restaurante, chamado *Cul de Sac*. Na entrada, as senhas eram distribuídas em pedaços de papel de pão e uma grande quantidade de casais aguardava sua vez. A comida caseira era maravilhosa e a atmosfera do lugar inigualável. Faltou luz três vezes naquela noite e nem nos importamos. Foi o nosso jantar romântico à luz da lanterna do celular.

Recentemente, quando estivemos em Los Angeles, visitamos um museu que nos fez voltar no tempo e relembrar vividamente nossa lua de mel. Trata-se da *Getty Villa*, que foi erguida pelo magnata do petróleo J. P. Getty. A vila é uma reprodução da Villa de Papyri, que na antiguidade ficava localizada em *Herculaneum*, uma pequena cidade que foi soterrada, junto com Pompeia, pelo vulcão do Monte Vesúvio. Em vez de imaginar como eram as construções na antiguidade tendo como base ruínas, na Villa Getty o visitante tem a oportunidade de explorar como essas construções eram na realidade. Fiquei impressionado com a riqueza de detalhes e com a possibilidade de fazer uma volta ao passado em tempo real. Ao reproduzir a história e a arquitetura, a Villa Getty explora ao máximo a ideia de que a arte, acima de tudo, deve provocar uma transformação no pensamento das pessoas que com ela interagem. A vila expõe cerca de 1400 obras romanas e gregas que sobreviveram à modernidade e adornam seus espaços de forma a apresentar para ao visitante os diversos contrastes do estilo de vida romano da antiguidade. Tal qual a Villa Adriana, no jardim principal há um imensa piscina, que me fez lembrar o poderio econômico e cultural daquela civilização que outrora dominou o mundo. A entrada é franca e a vista para o oceano pacífico é impagável. Já no Brasil, vemos as artes e a cultura tomarem um espaço cada vez mais diminuto na vida pública.

No último dia de nossa lua de mel na Itália, prometi à minha esposa que voltaríamos para comemorarmos o nosso décimo aniversário de casamento. Estamos quase lá e cumprirei a promessa. Desde então, já perambulamos por diversos outros lugares e tenho sempre a certeza que nos tornamos pessoas diferentes a cada experiência.

# The Die is Cast

01/19//2019

Traveling, for me, is essential. I do not mind spending hours in an airplane, I do not feel seasick and I find it fascinating to go from one city to another on a bicycle. I enjoy learning to the fullest in each experience.

Years ago, my wife and I decided to spend our honeymoon in Italy. We both appreciate Roman culture and history and study it, to satisfy our curiosity, from an early age in our lives. Our trip started in Venice, a great city for romanticism. We took a gondola ride on the Grand Canal, had coffee at Caffè Florian and a Bellini, to sweeten life, at Harry's Bar, which was once frequented by Ernest Hemingway. We wandered in the following days in several cities. Our biggest goal was for the history to move our fun. So we had lunch in Verona, where we visited the statue of Juliet and a magnificent Roman theater, built just like an acoustic shell on the Adige River, and headed to Florence.

There, time passed slowly. We visited Michelangelo's original sculpture of David in the Gallery of the Academy of Fine Arts in Florence and its reproduction, also beautiful, in Piazza Della Signoria. A few meters from the square, we continued walking towards the Uffizi Gallery, which is an architectural monument apart in a city already so rich in art and culture. The Medici family originally built the building in the sixteenth century to group its entire political command structure. Over time, the impressive art collection became accessible to the public. The gallery is a strong expression of power, wealth and beauty. At the main entrance, after climbing the access stairs, we came upon an immense corridor decorated with the busts of practically all the Roman emperors. In addition to them, the gallery also brings together an impressive collection of works by da Vinci, Raphael, Caravaggio and Michelangelo, and paintings by Flemish masters such as Rembrandt and Rubens. We spent hours visiting the spaces that were designed to transport, through the arts, their visitors to the European past. We also made our way through the Tuscany. We had a coffee in Lucca, took a photo in Pisa, had a glass of wine in San Gimignano and we got lost for hours in Siena.

The next day, we headed to Rome. Before we got to the city, we stopped at Tivoli, about 30 kilometers from the Roman capital. There we visited the ruins of Villa

Adriana, an impressive architectural complex built in the second century. Emperor Hadrian was a fiery traveler and spent much of his reign traveling through all corners of the vast empire. In the village, which became the official residence of his government, he favored the Greek and Egyptian architectural style, expressed in buildings, gardens and swimming pools. Visiting the ruins was a tremendous exercise of imagination. I had to mentally reconstruct the buildings and spaces that once glittered in splendor. In Rome, we explored the archaeological sites of the city to the fullest and enjoyed its delicious culinary. On one of the days, after a long visit to the Palatine and the Roman Forum, we walked to Piazza Navona, which reached modernity adorned with baroque sculptures by Bernini. Walking through the alleyways around the square, we came upon a small restaurant called Cul de Sac. At the entrance, the passwords were distributed on pieces of paper and a large number of couples waited their turn. The home cooked meal was delicious and the atmosphere of the place was second to none. The lights went off three times that night and we did not even care. It was our romantic dinner illuminated by our smartphones flashlight.

Recently, when we were in Los Angeles, we visited a museum that made us go back in time and vividly remembered our honeymoon. We visited the Getty Villa, which was created by oil magnate J. P. Getty. The Villa is a reproduction of Villa de Papyri, which was originally located in Herculaneum, a small town that was buried along with Pompeii by the Mount Vesuvius volcano eruption. Instead of imagining how ancient buildings were built on ruins, at the Getty Villa the visitor has the opportunity to explore how these constructions really were. I was impressed by the richness of detail and the possibility of making a return to the past in real time. In reproducing history and architecture, the Getty Villa explores as much as possible the idea that art, above all, must making possible a transformation in the thinking of the people interacting with it. The village exhibits about 1400 Roman and Greek works that have survived modernity and adorn their spaces in order to present to the visitor the various contrasts of the Roman lifestyle. Like Villa Adriana, in the main garden there is an immense swimming pool, which reminded me of the economic and cultural power of that civilization that once dominated the world. The entrance is for free and the view of the Pacific Ocean is priceless. In Brazil, the arts and culture are taking an increasingly smaller space in public life.

On the last day of our honeymoon in Italy, I promised my wife that we would come back to celebrate our tenth wedding anniversary. We're almost there and I'll keep the promise. Since then, we have wandered through many other places and I am always sure that we have become different people from each experience.

# A Casa Branca

26/01/2019

As melhores viagens que fiz em minha vida foram aquelas que aconteceram de forma inesperada. De repente, quando menos se espera uma porta se abre e temos que ter coragem de atravessar a soleira e ver o que há lá dentro. Essas oportunidades mudam bastante a forma como encaramos o mundo e são ricos momentos em nossas vidas.

O dia havia sido longo e o calor do final da primavera não dava nenhum alívio para o ar condicionado que refrigerava o meu escritório. Um pouco depois das oito horas da noite, enquanto eu já arrumava minha mesa de trabalho para o dia seguinte, o computador ao meu lado soou o anúncio avisando que um novo e-mail havia chegado. O e-mail foi seguido, segundos depois, por uma mensagem no meu smartphone escrita por um dos meus melhores amigos no exterior, parceiro em múltiplos projetos, me avisando que o e-mail não era um *spam*. A correspondência tratava-se de um convite para uma cerimônia na Casa Branca. Nela, um pequeno grupo de educadores de instituições Norte Americanas e Latino Americanas receberiam uma premiação por terem sido selecionados pelo fundo de inovação do *100,000 Strong in the Americas*. Não pude conter minha alegria.

Essa história havia começado anos antes, quando iniciamos os trabalhos que resultou na criação de um instituto de estudos brasileiros nos EUA. A sua existência formalizou a possibilidade de concorremos a diversos incentivos para a educação internacional. O edital lançado pela Casa Branca naquele ano solicitava que os participantes apresentassem um bom projeto de pesquisa e uma proposta de inovação em educação internacional. O projeto deveria ser realizado na América Latina e contaria com o suporte das agências e empresas patrocinadoras ligadas ao governo Norte-Americano. Arregaçamos as mangas e em parceria com os colegas americanos escrevemos o projeto e reunimos todos os documentos necessários. Como os nossos colegas americanos são quase sempre bons brasileiros, submetemos o projeto na data limite e tratamos de tocar nossas vidas para outras preocupações. Sabíamos que a competição seria fortíssima e era impossível prever se as cartas que tínhamos em nossas mãos eram suficientes para obtermos o prêmio.

Meses depois, recebemos a notícia que havíamos sido premiados. O e-mail com convite oficial somente foi enviado cinco dias antes da cerimônia. Além

disso, para comparecer à cerimônia, eu deveria preencher todo um protocolo de segurança e enviar uma série de documentos. Li e reli cuidadosamente cada uma das perguntas e revisei todos os meus dados. Àquela altura os voos para Washington estavam extremamente caros, e optei viajar até Baltimore, cidade vizinha, e seguir viagem de ônibus até a capital americana. Cheguei na cidade, no dia anterior a cerimônia. Mesmo com o frio que fazia naquele dezembro, tirei o fim tarde do domingo para caminhar pelo *National Mall*. Fiz uma parada obrigatória na *National Gallery of Art* para visitar *Ginevra de' Benci*, a única obra de da Vinci exibida ao público nas américas. No dia seguinte, encontrei com meu amigo parceiro. Fizemos um almoço rápido no *Old Ebbitt Grill*, o restaurante mais antigo de Washington, e seguimos para a cerimônia que seria realizada na *Indian Treaty Room*, um pequeno espaço para recepções localizada no prédio anexo a Casa Branca. A primeira entrevista coletiva para a televisão do Presidente Eisenhower foi realizada nesta sala, bem como a assinatura do acordo de Bretton Woods.

Chegamos para a premiação com duas horas de antecedência. Na entrada, tive uma surpresa constrangedora. Meu nome estava na lista de convidados, mas não aparecia no sistema de liberação da segurança. Gelei! O meu amigo se recusou a entrar sem mim. Ele sabia que eu havia viajado de muito longe e corrido bastante para estar ali. O meu susto durou alguns bons minutos. Logo em sequência, mais dois colegas foram noticiados do mesmo problema, um deles era o presidente de uma das agências que havia financiado a premiação. Fiquei calmo, sabia que algo estava errado e que, possivelmente, seria corrigido. Depois de múltiplas ligações telefônicas, descobrimos o problema. Nós da América Latina consideramos como nosso sobrenome os nossos nomes de família. Na América do Norte, deve-se adotar apenas um único sobrenome. Nosso cadastro foi refeito. Para aquela ocasião, adotei o sobrenome do meu pai. Após passarmos pelo forte esquema de segurança, fomos conduzidos a cerimônia. Entrei na sala no mesmo momento em que o então Vice Presidente Joe Biden se dirigiu ao pódio para fazer o seu pronunciamento. Assisti-o discursar com paixão. Falou sobre como a política é pessoal e sobre o quanto precisamos ser capazes de compreender o ponto de vista das outras pessoas. Sem essa compreensão humana é muito difícil fazermos qualquer progresso. Concluiu enaltecendo os projetos premiados e destacou o quanto soubemos ler a natureza humana para diminuirmos as barreiras e construirmos parcerias internacionais longevas. Foi aplaudido de pé por todos os presentes.

O discurso foi seguido pela nomeação de cada uma das parcerias vencedoras. Ao final, fomos convidados para tirar uma foto. Uma chuva gelada começou a cair quando chegamos aos jardins da Casa Branca, mas não vi ninguém perder o sorriso para as fotos. Aprendi naquele ano que confiança se exerce e resiliência se experimenta. Ambas são fundamentais para a construção de uma vida singular.



# The White House

01/26//2019

The best trips I've made in my life were those that happened unexpectedly. Suddenly, when you least expect a door opens and we have to have the courage to cross the threshold and see what's inside. These opportunities greatly change the way we view the world and are rich moments in our lives.

The day had been long and the heat of late spring gave no relief to the air conditioning that cooled my office. Shortly after eight o'clock in the evening, while I was already organizing my work desk for the next day, the computer next to me rang the announcement that a new email had arrived. The email was followed, seconds later, by a message on my smartphone written by one of my best friends abroad, a partner in multiple projects, telling me that the email was not fake. The correspondence was an invitation to a White House ceremony. In it, a small group of educators from North American and Latin American institutions would receive an award for being selected by the 100,000 Strong in the Americas Innovation Fund. I could not contain my joy.

This story had begun years before when we began the work that resulted in the creation of a Brazilian studies institute in the USA. Its existence formalized the possibility of competing for various incentives for international education. The public bid launched by the White House that year called for participants to present a good research project and a proposal for innovation in international education. The project was to be carried out in Latin America and would be supported by agencies and sponsoring companies linked to the US government. We wrapped up our sleeves and, in partnership with our American colleagues, wrote the project and gathered all the necessary documents. As our American colleagues are almost always good Brazilians, we submit the project by the deadline and try to move our lives for other concerns. We knew that the competition would be very strong and it was impossible to predict if the cards that we had in our hands were enough to win the prize.

Months later, we received the news that we had been selected. The official invitation email was only sent five days prior to the ceremony. In addition, to attend the ceremony, I had to complete an entire security protocol and send a se-

ries of documents. I read and reread carefully each of the questions and reviewed all my data. The flights to Washington were extremely expensive by then, and I opted to travel to Baltimore, just nearby, and then travel by bus to the DC. I arrived in the city the day before the ceremony. Even in the cold of that December, I took the Sunday afternoon to walk the National Mall. I made a mandatory stop at the National Gallery of Art to visit Ginevra de 'Benci, the only da Vinci's work exhibited to the public in the Americas. The next day, I met my friend and partner. We had a quick lunch at Old Ebbitt Grill, Washington's oldest restaurant, and we went to the ceremony to be held at the Indian Treaty Room, a small reception space located in the annex building of the White House. President Eisenhower first TV press conference was held in this room, as well as the signing of the Bretton Woods agreement.

We arrived for the awards ceremony two hours in advance. At the entrance, I had an embarrassing surprise. My name was on the guest list, but it did not appear on the security system. I froze! My friend refused to come in without me. He knew that I had traveled from far away and had to rush a lot to be there. My embarrassment lasted some long minutes. Soon after, two more colleagues were told by security that they had the same problem, one of them was the president of one of the agencies that had funded the award. I was calm. I knew something was wrong and that it would, possibly, be corrected. After multiple phone calls, we discovered the issue. We in Latin America consider our family names as our last name. In North America, one single last name should be adopted. Our registration has been redone. For that occasion, I adopted my father's last name. After passing through the strong security scheme, we were led to the ceremony. I entered the room just as former Vice President Joe Biden headed for the podium to make his statement. I watched him speak with passion. He talked about how politics is personal and how much we need to be able to understand other people's point of view. Without this human understanding, it is very difficult to make any progress. He concluded by praising the award-winning projects and highlighted how much we have learned to read human nature in order to reduce barriers and build lasting international partnerships. He was applauded for everyone present.

The speech was followed by the nomination of each of the winning partnerships. In the end, we were invited to take a picture. A chilly rain began to fall when we reached the White House gardens, but I did not see anyone lose the smile for the photos. I learned that year that confidence is exercised and resilience is experienced. Both are fundamental for the construction of a singular life.

# A Terra Prometida

02/02/2019

O mundo muda muito rápido e constantemente temos que acelerar o passo para acompanhar sua evolução. Muitas vezes as mudanças são tão significativas que precisamos de um espaço de tempo para refletir sobre os impactos delas em nossas vidas.

O meu pai comprou nosso primeiro computador pessoal em uma rede de supermercados. Era início dos anos 90 e lembro que chegamos em casa animados com a novidade. Dentro da caixa imensa havia o tal “micro”. Foi um desafio homérico montá-lo e colocá-lo em funcionamento. O computador veio equipado com o sistema DOS. Nem eu, nem meu pai, entendíamos de programação computacional. Passamos dias nos divertindo com as tentativas de fazê-lo funcionar. Quando conseguimos, descobrimos o quão limitado eram os seus recursos. A tela era verde e os comandos básicos davam acesso a um programa elementar para digitação de textos e alguns jogos computacionais bem monótonos. Tempos depois, vi um computador funcionando com sistema Windows na casa de um amigo. A minha primeira impressão foi que aquilo era uma maravilha tecnológica. Lembro que pensei em suas diversas possibilidades de aplicação. Meu pai adorou a novidade e logo trocou o nosso computador por um novo que suportava este sistema. Veio até com um monitor colorido.

A Internet chegou lá em casa na mesma época em que eu comecei a estudar na universidade. Com ela, as coisas tomaram outro rumo. Tudo passou a ser mais dinâmico. Passei a ter a oportunidade de navegar por um mar de informação, em uma época em que as ferramentas de busca ainda eram precárias. Eu passava horas pesquisando sobre tudo aquilo que a minha curiosidade ditasse como importante. Salvava as páginas que mais gostava e mantinha arquivos detalhados com informações que julgava importante. Foi na internet que descobri como me candidatar a um mestrado e fiz minha vida seguir por outras aventuras. Quando começaram as aulas, encontrei uma outra realidade. Logo no início aprendi a como pesquisar na internet por artigos científicos de qualidade, e como deveria organizar toda a informação de modo que ela pudesse ser útil para o meu trabalho. Usar a internet como uma ferramenta de trabalho foi um avanço enorme em minha vida. Além disso, a conectividade também foi evoluindo pouco a pouco. Há uma distância enorme entre o que eu podia fazer no meu primeiro telefone celular e a quantidade de informação que tenho acesso atualmente no meu smartphone.

Olhando em perspectiva, saber como utilizar informação de forma qualificada foi o que possibilitou que eu construísse minha carreira. Compreender como usar a internet me deu oportunidades mundo afora. Mas, seu avanço no Brasil ainda merece bastante atenção. Os dados da OECD apontam que no país, em 2016, apenas 49,3% dos domicílios possuíam conexão com a internet, nos colocando à frente apenas do México e da Colômbia. Os dados não são muito animadores, especialmente quando observamos que na Coreia do Sul este percentual, no mesmo ano, era de 99,2%. Islândia, Holanda e Noruega, vêm logo atrás com percentuais acima de 96%. A última pesquisa do PNAD destacou que muitos avanços já foram feitos e o nordeste brasileiro já conta com quase 12 milhões de domicílios conectados. Quando olhamos a realidade escolar brasileira percebemos que ainda há muito trabalho pela frente. O acesso à internet não é uma realidade plena nas escolas de ensino fundamental e apenas 65,6% delas estão conectadas. Laboratórios de informática somente estão instalados em 46,8% dessas escolas. Nas escolas de ensino médio a realidade já avançou bastante e 91,3% já possuem conexão com a internet. Os dados mostram uma concentração maior do avanço nas regiões sul e sudeste.

O centro dessa discussão não é somente a infraestrutura necessária para transformar a realidade. Muito mais importante do que o acesso à internet, ou a espaços e recursos tecnológicos, é fazer com que esse acesso possibilite uma transformação ampla na interação do aluno com o conhecimento. É muito mais sobre saber como usar, do que simplesmente ter. É a ideia de que as políticas públicas e as estratégias para adoção de novas tecnologias devem produzir impactos positivos na formação de uma nova geração. É preciso construir um caminho que permita com que os estudantes desenvolvam, no presente, suas possibilidades de futuro. A educação é antes de tudo uma ferramenta de desenvolvimento humano. Difusão da tecnologia de forma ampla faz bem. Usar a tecnologia a nosso favor implica em pensarmos em estratégias eficientes de aliarmos os processos de aprendizagem à ecossistemas tecnológicos inovadores, que instiguem os alunos a progredirem em suas experiências estudantis. Neste espectro, as universidades de primeira linha no exterior possuem uma enorme vantagem, pois conseguem traduzir conhecimento especializado, produzido por seus professores, em ecossistemas de aprendizagem altamente eficientes. O mercado profissional, por sua vez, agradece, e continua a cobrar por mais avanços.

Eu me recordo da primeira vez que vi uma faixa no campus da universidade em que lia-se “área com cobertura WI-FI”. Foi como chegar à terra prometida. Hoje, quando entro em sala de aula, a grande maioria dos meus alunos já está conectada à internet em seus smartphones. Meu desafio passou a ser fazer com que eles usem esta ferramenta, que está em suas mãos, em favor de sua educação.

# The Promised Land

02/02/2019

The world changes very fast and we constantly have to accelerate the pace to follow its evolution. Often the changes are so significant that we need some time to reflect on its impacts on our lives.

My dad bought our first personal computer in a supermarket. It was the early 90's and I remember we came home excited with the novelty. Inside the immense box was this "microcomputer". It was a Homeric challenge to set it up and put it into operation. The computer came equipped with the DOS system. Neither my father nor I understood computer programming. We spent days reveling in our attempts to make it work. When we did, we discovered how limited their resources were. The screen was green and the basic commands gave access to an elementary program for typing texts and some very monotonous computer games. Some time later, I saw a computer running the Windows system at a friend's house. My first impression was that it was a technological marvel. I remember thinking about its various possibilities of application. My dad loved the idea and soon switched our computer to a new one that supported this system. It even came with a color monitor.

The Internet was installed at our home at about the same time I started to study at university. With it, things took a different turn. Everything became more dynamic. I had the opportunity to navigate a sea of information at a time when search platforms were still precarious. I spent hours researching everything that my curiosity dictated as important. I saved the pages that I liked best and kept detailed files with information I thought it was important. It was on the Internet that I discovered how to apply for a master's degree program and I made my life go through other adventures. When classes started, I found another reality. Early on I learned how to search the Internet for scientific articles, and how I should organize all the information so that it could be useful for my work. Using the Internet as a work tool was a huge breakthrough in my life. In addition, connectivity has also evolved little by little. There is a huge gap between what I could do on my first cell phone and the amount of information I currently have access on my smartphone.

Looking ahead, knowing how to use information in a qualified way was what enabled me to build my career. Understanding how to use the Internet has given me opportunities all over the world. But its breakthrough in Brazil still deserves a lot of attention. OECD data show that in the country, in 2016, only 49.3% of the households had an Internet connection, placing us ahead of only Mexico and Colombia. The data are not very encouraging, especially when we observe that in South Korea this percentage, in the same year, was 99.2%. Iceland, the Netherlands and Norway, comes just behind with percentages above 96%. The latest PNAD survey highlighted that many advances have already been made and the Brazilian northeast has already almost 12 million households connected. When we look at the Brazilian school reality, we realize that there is still a lot of work to do. Internet access is not a reality in elementary schools and only 65.6% of them are connected. Computer laboratories are only installed in 46.8% of elementary schools. In high schools the reality has already advanced a lot and 91.3% already have an Internet connection. The data show a higher concentration of advance in Brazil south and southeast regions.

The core of this discussion is not just the infrastructure needed to transform reality. Much more important than access to the Internet, or spaces and technological resources, is to make this access a possibility for a broad transformation in student interaction with knowledge. It is much more about knowing how to use, than simply having. It is the idea that public policies and strategies for adopting new technologies must produce positive impacts on the new generation. It is necessary to construct a way that allows the students to develop, in the present, their possibilities of future. Education is first and foremost a human development tool. Broad access to technology is good for society. Using technology to our advantage implies thinking of effective strategies for linking learning processes to innovative technological ecosystems that instigate students to progress in their student experiences. In this spectrum, leading universities abroad have a huge advantage because they can translate specialized knowledge produced by their professor into highly efficient learning ecosystems. The professional market, in turn, thanks, and continues to want further advancements.

I remember the first time that I saw a banner on the university campus that read “WI-FI area.” It was like getting to the Promised Land. Today, when I enter the classroom, the vast majority of my students are already connected to the Internet on their smartphones. My challenge has been to get them to use this tool, which is in their hands, in favor of their education.



# A Ironia

09/02/2019

De tempos em tempos, a vida nos apresenta com momentos irônicos e disruptivos. Eles exigem que mergulhemos na imensidão de nossa existência para alterarmos nossa própria visão de mundo.

Eu tinha treze anos de idade quando meu pai me apresentou a Bob Dylan. Era uma tarde de domingo e assistíamos pela televisão o concerto de celebração dos trinta anos de carreira desse artista. No palco, diversas bandas apresentavam suas interpretações das músicas escritas pelo cantor norte-americano. Quando George Harrison subiu ao palco para apresentá-lo, meu pai fez uma pausa no vídeo e me pediu que eu ouvisse com atenção a performance da “pesada” de Dylan. Ele apertou o *play* e na tela surgiu um sujeito franzino, que carregava um violão de forma desengonçada e parecia estar alheio a multidão. Quando começou a cantar me assustei com sua entonação fanhosa. Ele cantava frases rápidas, quase incompreensíveis, mesmo para alguém que já tinha alguma educação em língua inglesa. Para um garoto que comumente se vestia de preto e passava uma parte significativa do seu tempo ouvindo *Guns N’ Roses* ou *Metallica* aquilo não parecia, nem de longe, algo pesado.

Terminado o concerto, meu pai me explicou que as canções de Dylan haviam provocado uma verdadeira revolução cultural nos anos sessenta e influenciado toda uma geração. Como desafio, ele me entregou um pequeno caderno com algumas letras do cantor e propôs que eu as traduzisse. A primeira música que tentei traduzir foi “*All along the watchtower*”. Traduza-la foi fácil. A música, escrita em apenas 12 versos, possui poucas palavras. Compreendê-la foi o verdadeiro desafio. Ouvi a música diversas vezes em meu *walkman*. Em seu início, a canção apresenta o que aparentemente parece ser uma conversa entre dois arquétipos, personagens de uma trama misteriosa. De um lado havia um coringa, que buscava algum tipo de alívio através de uma tentativa de fuga, e do outro um ladrão, que, por experiência, já havia compreendido que a vida é feita de altos e baixos. Na letra haviam diversas passagens que não faziam nenhum sentido para mim. Fiz anotações em cada estrofe e fui mostrar as minhas muitas dúvidas para o meu pai.

Ele leu as minhas anotações e sorriu. Sabia que o desafio havia provocado em mim o efeito esperado. Começou sua fala dizendo que não havia uma forma definitiva de explicar aquela canção. Ela havia sido escrita em um momento muito particular

da carreira do cantor, após muitas transformações terem ocorrido em sua vida. Ele explicou que início de sua carreira, Dylan parecia ser um homem possuído por um dom imensurável. Suas letras eram belíssimas e entoavam, com uma elegância mordaz, em toda uma geração que ansiava por novas expressões de liberdade. O cantor foi alçado facilmente a condição de “profeta musical”, uma posição que não lhe trouxe muito acalento. E me esclareceu que aquela música, em particular, foi gravada após o cantor sofrer um acidente de moto, quando ele já buscava uma vida mais reclusa. A canção que eu havia traduzido era na verdade uma ironia. Era como se o cantor quisesse alimentar a necessidade de seu público por novas “profecias”, só que, em vez delas serem claras e concisas, as canções eram envoltas por mistérios indecifráveis. Meu pai então propôs que eu lesse os livros de Machado de Assis, pois assim compreenderia o quão paradoxais são as batalhas em nossas vidas.

Li os livros de Machado de Assis com avidez. Prestar mais atenção à ironia e as formas disruptivas de mudança de comportamento foi o que me impulsionou a estudar Psicologia anos depois. Ser capaz de observar essas mudanças é como ganhar um assento privilegiado para acompanhar a história. A mais recente de todas as transformações que tenho acompanhado são as mudanças que as novas tecnologias e redes sociais tem provocado em toda cadeia criativa e de aprendizagem. Um estudo recente do Fórum Econômico Mundial apontou que a inteligência artificial tem modificado toda a cadeia de conteúdo criativo, ajudando aos artistas e criativos e, até mesmo, as universidades a desenvolver e direcionar conteúdos específicos para seu público alvo. Os dados do estudo mostram que em média gastamos 47% do nosso tempo de lazer em interação com plataformas online. Em 2007, gastávamos 33%. Além disso, duas únicas empresas, *Facebook* e *Google*, são responsáveis por 70% de todo tráfego online. O cenário já é tão complexo que um romance, co-escrito por um programa de inteligência artificial, foi selecionado na primeira rodada do prêmio de literatura *Hoshi Shinichi* no Japão. Ainda não sabemos se a inteligência artificial será capaz de produzir obras mercedoras de um Nobel, tal qual Dylan. Mas, com certeza, as novas tecnologias provocarão alterações profundas em como interagimos com o conhecimento. A ironia dessa discussão é que essas transformações dependem essencialmente de nós, seres humanos. Então, temos que ser capazes de perceber a utilidade dessas plataformas para provocar novas ironias e disrupturas.

Ao ouvir Dylan aprendi que a ironia é também uma forma de abraçar a incerteza. Há momentos em que queremos fugir e nos isolar, e há momentos em que ficamos calmos mesmo diante de grandes trepidações. A disruptura se manifesta, muitas vezes, quando nos dizem que certas montanhas são intransponíveis e mesmo assim chegamos ao seu cume.

# The Irony

02/09//2019

From time to time, life presents us with ironic and disruptive moments. They require us to immerse ourselves in the immensity of our existence to change our own worldview.

I was thirteen years old when my father introduced me to Bob Dylan. It was a Sunday afternoon and we watched the concert of the thirty-year career anniversary of this artist on television. On stage, several bands presented their interpretations of the songs written by the American singer. When George Harrison took the stage to introduce him, my dad paused the video and asked me to listen carefully to Dylan's "heavy" performance. He pressed the play and on the screen appeared a small guy, who carried a guitar in a clumsy way and seemed to be oblivious to the crowd. When he began to sing, I was startled by his fiery intonation. He sang quick, almost incomprehensible phrases, even to someone who already had some education in English. For a boy who was usually dressed in black and spent a significant portion of his time listening to Guns N 'Roses or Metallica, it did not seem to be anything heavy at all.

After the concert, my father explained to me that Dylan's songs had triggered a true cultural revolution in the sixties and influenced an entire generation. As a challenge, he handed me a small notebook with some lyrics of the singer and proposed that I translate them. The first song I tried to translate was "All along the watchtower". Translating it was easy. The song, written in only 12 verses, has few words. Understanding it was the real challenge. I listened to the song several times in my Walkman. At the lyric's beginning, the song presents what appears to be a conversation between two archetypes, characters from a mysterious plot. On one side was a joker, who sought some kind of relief through an escape attempt, and on the other a thief, who, by experience, had already understood that life is made of highs and lows. There were several passages that made no sense to me. I wrote notes at each stanza and went to show my many doubts to my father.

He read my notes and smiled. He knew that the challenge had provoked in me the expected effect. He began his speech by saying that there was no definitive way to explain that song. It had been written at a very particular moment in

the singer's career after many transformations occurred in his life. He explained that early in his career, Dylan seemed to be a man possessed by an immeasurable gift. His lyrics were beautiful and chanted, with a scathing elegance, in an entire generation that yearned for new expressions of freedom. The singer was easily elevated to the status of "musical prophet", a position that did not bring him much cherishing. And he clarified to me that that song, in particular, was recorded after the singer suffered a motorcycle accident when he was already looking for a more reclusive life. The song I had translated was actually an irony. It was as if the singer wanted to feed his audience's need for new "prophecies," except that instead of being clear and concise, the songs were undecipherable mysteries. My father then proposed that I read the books of Machado de Assis, so that I would understand how paradoxical the battles are in our lives.

I read Machado de Assis' books avidly. Paying more attention to the irony and disruptive ways of behavior change was what drove me to study Psychology years later. Being able to observe these changes is like gaining a privileged seat to follow history. The most recent of all the transformations I have been following are the changes that new technologies and social networks have brought about in every creative and learning chain. A recent World Economic Forum study pointed out that artificial intelligence has modified the entire creative content chain, helping artists and creative and even universities to develop and direct content specific to their target audience. The study data show that on average we spend 47% of our leisure time interacting with online platforms. In 2007, we used to spend 33%. In addition, two unique companies, Facebook and Google, account for 70% of all online traffic. The scenario is already so complex that a novel, co-written by an artificial intelligence program, was selected in the first round of the Hoshi Shinichi literature award in Japan. We still do not know whether artificial intelligence will be able to produce works worthy of a Nobel, just as Dylan. But, of course, the new technologies will cause profound changes in how we interact with knowledge. The irony of this discussion is that these transformations depend essentially on us, humans. So we have to be able to realize the usefulness of these platforms to create new ironies and disruptions.

Upon hearing Dylan I learned that irony is also a way of embracing uncertainty. There are times when we want to flee and isolate ourselves, and there are times when we are calm even in the face of great trepidations. Disruption often manifests itself when we are told that certain mountains are insurmountable and yet we summit.

# Um Antídoto Para a Solidão

16/02/2019

Em alguns momentos da vida eu gosto de estar sozinho. Gosto de ter a calma para contemplar a realidade tendo a oportunidade de pensar, sem pressa, sobre sua dinâmica. Esses momentos sempre me ajudaram a fortalecer minha caminhada.

A primeira vez que fui à Salvador para estudar, eu senti o peso de estar só. Ainda não tinha amigos no programa de pós-graduação em que decidi estudar, não conhecia os professores, e não conhecia quase ninguém e quase nada da cidade. À medida que o ônibus avançou pela estrada ficou cada vez mais claro para mim que aquela aventura seria um enorme desafio. Naquela primeira viagem, eu participaria da primeira fase do exame de admissão para o mestrado e eu fiquei hospedado na casa de um amigo de longa data da minha família. Conversamos muito na noite que cheguei e ele logo tratou de me avisar que dali a alguns dias não estaria morando mais na cidade. Acontece que havia recebido uma proposta de trabalho em Aracaju e estava de mudança. Naquele momento, resolvi não me preocupar muito com aquilo. Teria provas duras pela frente e era melhor focar nos estudos.

No dia seguinte, saímos bem cedo de casa, pouco antes das seis horas da manhã. Ele se prontificou a me levar à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, onde eu faria os exames de admissão. No caminho, fez questão de me mostrar, em um volta longa, porém rápida, diversos pontos de referência da cidade. A ideia era que eu tivesse alguma noção de sua geografia. Deixamos seu apartamento no Engenho Velho de Brotas e seguimos até o Dique do Tororó, onde vi pela janela do carro as esculturas dos orixás. Lá, ele me mostrou o trajeto que os ônibus faziam até a estação central da Lapa, um importante ponto de baldeação da rede de transportes públicos da cidade. Retornamos, pegamos a avenida Centenário e subimos rapidamente para a Graça. De lá, seguimos até o Largo do Campo Grande, onde, além da praça, ele fez questão de me mostrar o Forte de São Pedro. Tive a oportunidade também de ver, de relance, o mar da Baía de Todos os Santos. Fiquei encantado! Quando saltei do carro no campus da UFBA em São Lázaro, ele falou algo que não esqueci. Disse-me que eu não iria me sentir só, pois o povo baiano era muito aberto e certamente faria novas amizades.

Fiz as provas e retornei à Aracaju. Duas semanas depois, viajei novamente para Salvador. Eu cheguei alguns dias antes da minha entrevista de admissão. Precisava

estudar intensamente, mas também queria conhecer melhor a cidade. O meu amigo me autorizou usar o seu apartamento até que fosse alugado. Ele havia deixado alguns poucos móveis e o sentimento quando cheguei era de um enorme vazio. Decidi passar o dia na rua. De manhã, ia para a UFBA e estudava na biblioteca. Fiz as minhas últimas revisões tentando imaginar todas as questões que os examinadores poderiam me fazer durante a minha entrevista. Lá, tomava informações úteis sobre as rotas de ônibus, e após o almoço, eu tirei as tardes para passear por elas. Nada melhor do que rodar na cidade em uma rota circular de ônibus para conhecer os seus pontos mais distantes. À noite, eu desembarcava em algum shopping, onde jantava e via a vida passar. Voltava para o apartamento perto das nove horas da noite, quando deitava no colchonete que havia trazido comigo em minha mochila de viagem e ouvia um pouco de música em um pequeno rádio portátil. Não havia televisão. Então o jeito era relaxar contemplando a vida.

Aqueles dias foram muitos intensos para mim, mas a solidão me deu a calma que eu precisava para superar os desafios e construir novas conexões. Recentemente, quando me preparava minhas aulas para mais um semestre letivo, me deparei com um dado sobre a solidão, publicado no último relatório “*Trends Shaping Education*” da OECD, que me chamou bastante atenção. Este documento explora as maiores tendências econômicas, políticas, sociais e tecnológicas que irão afetar o futuro da educação. Os dados da OECD apontam que o número de pessoas que vivem sozinhas está crescendo e que a qualidade das relações sociais está fortemente relacionada à percepção da solidão, independentemente da idade. Nos países do norte da Europa, como Finlândia, Alemanha, Estônia, Noruega e Dinamarca, a proporção de domicílios onde somente mora um habitante saltou de perto de 20% em 1970, para próximo de 40% em 2017. Outros países, como o Chile e México, embora em menor intensidade, seguem também em tendência de crescimento. Este crescimento levou o relatório a apontar que, no futuro próximo, poderemos ter uma epidemia de solidão, e como antídoto, propõe que a educação é uma das melhores saídas para revertermos esse quadro. É a ideia de que os ambientes educacionais são ótimos impulsionadores para o desenvolvimento de relações sociais fortes e significativas. Assim, o engajamento contínuo em processos educativos fornece a oportunidade de nos conectarmos com novas pessoas e construirmos novos sentidos para as nossas experiências ao longo da vida. No Brasil, precisamos pensar mais nos espaços de educação como ecossistemas capazes de conectar pessoas.

A profecia se concretizou. Fiz inúmeros amigos em Salvador com quem mantenho ótimas relações até hoje. Sempre encaro a solidão como algo que me impulsiona a me conectar com novas pessoas. Ela também nos abre os olhos para novas oportunidades.



# An Antidote to Loneliness

02/16//2019

In some moments of life, I like to be alone. I like to have the calmness to contemplate life having the opportunity to think, without haste, about its dynamics. These moments have always helped me to strengthen my journey.

The first time I went to Salvador to study, I felt the weight of being alone. I had no friends in the graduate program where I decided to study, I did not know the professors, and I did not know almost anyone and almost nothing of the city. As the bus advanced along the road it became clear to me that this adventure would be a huge challenge. On that first trip, I would participate in the first phase of the admission examination for the master's degree and I stayed in the apartment of a long-time friend of my family. We talked a lot the night I arrived and he soon tried to warn me that in a few days he would not be living in the city anymore. It turns out that he had received a proposal for work in Aracaju and was about to move. At that moment, I decided not to worry about that much. There would be hard exams ahead and it was better to focus on studying.

The next day we left early, just before six o'clock in the morning. He volunteered to take me to the College of Philosophy and Human Sciences at UFBA, where I would take the admission exams. On the way, he made a point for showing me, in a long but rapid ride, several points of reference of the city. The idea was that I had some notion of the city's geography. We left his apartment in Engenho Velho de Brotas and we drove to the Dique do Tororó, where I saw the sculptures of the orixás through the car window. There, he showed me the route that the buses made to the central station of Lapa, an important point of transfer of the public transportation network of the city. We turned, took the avenue Centenário and we quickly ascend to Graça. From there, we continue to Largo do Campo Grande, where, besides the square, he made a point of showing me the Forte de São Pedro. I also had the chance to glimpse the sea of Baía de Todos os Santos. I was delighted! When I got out of the car on the UFBA campus in São Lázaro, he said something I did not forget. He told me that I would not feel alone, because the baiano people were very open and I would certainly make new friends.

I did the exams and returned to Aracaju. Two weeks later, I traveled again to Salvador. I arrived a few days before my admission interview. I needed to study hard, but I wanted also to get to know the city better. My friend authorized me to use his apartment until it was rented. He had left little furniture and the feeling when I arrived was a huge void. I decided to spend the day on the street. In the morning, I would go to the UFBA and study in the library. I made my last revisions trying to imagine all the questions the examiners could ask me during my interview. There, I took useful information about the bus routes, and after lunch, I took the afternoons to walk through them. Nothing better than to ride in the city on a circular bus route to know its farthest points. At night I would disembark in a mall, where I dined and watched life go by. I would return to the apartment around nine o'clock in the evening as I lay down on the mat I had brought with me in my travel bag and listen to some music on a small portable radio. There was no television. So the way was to relax contemplating life.

Those days were very intense for me, but solitude gave me the calm I needed to overcome the challenges and build new connections. Recently, as I prepared my classes for another semester, I came across a piece of solitude, published in the latest OECD Trends Shaping Education report, which drew my attention. This report explores the major economic, political, social and technological trends that will affect the future of education. OECD data indicate that the number of people living alone is growing and that the quality of social relationships is strongly related to the perception of loneliness, regardless of age. In Northern European countries, such as Finland, Germany, Estonia, Norway and Denmark, the proportion of households where only one inhabitant lives have jumped from close to 20% in 1970 to close to 40% in 2017. Other countries, such as Chile and Mexico, albeit to a lesser extent, are also in a growth trend. This growth led the report to point out that in the near future we may have an epidemic of loneliness, and as an antidote, proposes that education is one of the best ways to reverse this situation. It is the idea that educational environments are great drivers for the development of strong and meaningful social relationships. Thus, continuous engagement in educational processes provides the opportunity to connect with new people and build new meanings for our lifelong experiences. In Brazil, we need to think more about education spaces as ecosystems capable of connecting people.

The prophecy came true. I have made countless friends in Salvador with whom I have maintained great relationships to this day. I always see loneliness as something that drives me to connect with new people. It also opens our eyes to new opportunities.

# ○ Capital Humano

23/02/2019

Todos os dias eu reservo um tempo significativo para examinar o conteúdo que irei lecionar. Verifico todas as informações que preparei antecipadamente e analiso a estratégia que usarei em sala de aula. Este é um trabalho que requer compreensão das nuances que compõem o público com que interajo diariamente.

Quando eu era criança, os sábados à noite eram reservados para uma sessão caseira de cinema. Meu pai sempre tinha alguma novidade, recente ou do passado, para me apresentar. À medida em que fui crescendo, ele foi alterando os filmes que assistíamos. Saímos das aventuras clássicas para *thrillers* mais profundos, que nos levavam a pensar nos múltiplos detalhes que compunham cada cena e sua trama. Lembro da noite em que assisti ao filme “Um corpo que cai” de Alfred Hitchcock. Logo no seu início há uma cena em que o personagem central, vivido por James Stewart, se vê envolvido em trama ao ser solicitado a trabalhar como detetive e seguir a esposa de um antigo colega de escola, que, aparentemente, estaria sujeita a algum tipo de perigo. Assim que os dois personagens começaram a dialogar, meu pai, percebendo meu interesse, pediu para eu prestasse atenção a como a câmera se movimentava e capturava o comportamento dos atores. Assisti a como eles interagem e se alternavam em um papel de dominância, a como os argumentos eram lançados e a como as expectativas eram acompanhadas pelo olhar dos dois atores. Esta cena reteve minha atenção por completo.

Após descobrir a cinematografia de Hitchcock passei a prestar mais atenção a como as pessoas, enquanto personagens, se movimentam na trama de suas vidas. Meu primeiro laboratório foi a própria sala de aula que frequentava todos os dias. Passei a observar o trabalho dos meus professores com mais cautela. Meu interesse era em como eles atuavam para passar o conteúdo que precisávamos aprender. Alguns tinham uma enorme facilidade de reter nossa atenção. Eles se movimentavam bastante em sala de aula, fazendo com que seguissemos seus passos com o olhar, contavam histórias interessantes para nos envolver na temática a ser estudada e, frequentemente, criavam analogias, o que facilitava o processo de compreensão dos conteúdos. Passei a perceber como esses professores criavam, em sala de aula, papéis para si mesmo, ao passo que outros, passavam o conteúdo mecanicamente, o que tornava o trabalho de aprendizagem chato e maçante.

Quando decidi me tornar professor, essas características passaram a ser ainda mais importantes para mim e nas temporadas que passei no exterior, vi a atuação dos professores ser feita com um nível de refinamento espantoso.

Lembro da primeira vez que estive no Wasserstein Hall e vi, em seu corredor, as fotos dos 180 professores titulares da Escola de Direito da Harvard. Essas fotografias, em formato de retratos “icônicos”, tiradas muitos anos atrás, são expostas de forma cronológica e dão uma noção de todo o contexto histórico da instituição. Elas tentam capturar a “essência” do professor, traduzidas na forma do seu olhar e de sua apresentação. Os retratos decoram o corredor central da instituição e ajudam a provocar uma continuidade nas interações entre professores, alunos e visitantes. É a ideia de que referências na vida acadêmica são importantes e elas ajudam a formar um personagem que irá atuar, fortemente, na formação de gerações de capital humano.

Muito embora avanços tenham sido feitos, globalmente, o sentimento ainda é de que muitos alunos estão matriculados nas instituições de ensino, mas não estão aprendendo. Em um relatório recente, o Banco Mundial analisou os dados sobre o avanço da aprendizagem em 164 países entre 2000 e 2017. Os resultados do estudo apontaram que há uma lacuna, particularmente aguda, entre a escolaridade e a aprendizagem nos países em desenvolvimento. Na Índia rural, por exemplo, metade dos alunos, entre oito e nove anos de idade, não conseguem resolver um problema matemático de subtração de dois dígitos. Essas distâncias se tornam ainda mais gritantes quando analisamos o desenvolvimento do capital humano. O relatório indica que os países da África subsaariana estão atrás de todos os outros países. Na América Latina, o Chile se destaca positivamente, estando próximo de países da Europa Oriental, como a Geórgia. A diferença entre Singapura e o Marrocos é quase que o dobro, o que coloca esta nação asiática em pé de igualdade com a Finlândia. O Brasil aparece marginalmente no estudo, indicando que ainda temos muito trabalho pela frente para avançarmos na qualidade de nossa Educação. O capital humano, ou seja, o conjunto de conhecimentos, habilidade e atitudes que favorecem a execução de um trabalho, corresponde por até um terço das diferenças de renda entre os países estudados. Inovações no sistema educacional e uma melhoria na qualidade do ensino em todos os níveis nos países mais pobres, como é o caso do Brasil, serão fundamentais para proporcionar às futuras gerações melhores oportunidades de trabalho. Assim, precisamos de um sistema que permita ao professor atuar com qualidade em larga escala.

A sala de aula é o meu palco. Aprendi, há muito tempo, a fazer de minha atuação um veículo que mobilize meus alunos a aprenderem mais e em melhor qualidade. Meu papel, enquanto educador, é tentar ajudá-los a se mover de onde estão em direção aos seus sonhos humanos e profissionais. Meu papel é transformar vidas.

# The Human Capital

02/23/2019

Every day, I set aside significant time to examine the content I will teach. I check all the information I have prepared in advance and discuss the strategy I will use in the classroom. This is a work that requires understanding of the nuances that make up the audience with which I interact daily.

When I was a kid, Saturday nights were reserved for a home movie session. My father always had some new movies, recent or from the past, to introduce to me. As I grew up, He changed the movies we watched. We went from classic adventures to deeper thrillers, which led us to think of the many details that made up each scene and its plot. I remember the night I watched Alfred Hitchcock's film "Vertigo." Right at the beginning, there is a scene in which the central character, played by James Stewart, is involved in the plot when being requested to work as a detective and to follow the wife of a former schoolmate, who, apparently, would be subject to some type of danger. As the two characters began to talk, my father, sensing my interest, asked me to pay attention to how the camera moved and captured the behavior of the actors. I watched as they interacted and alternated in a role of dominance, how the arguments were thrown, and how expectations were accompanied by the eyes of the two actors. This scene captured my attention completely.

After discovering Hitchcock's cinematography I began to pay more attention to how people, as characters, move in the plot of their lives. My first lab was the classroom that I attended every day. I began to observe the work of my professors more cautiously. My interest was in how they acted to pass on the content we needed to learn. Some had an enormous facility of holding our attention. They moved a lot in the classroom, making us follow their steps with our eyes, telling interesting stories to get us involved in the subject to be studied and often creating analogies, which facilitated the process of understanding the subjects. I began to see how these professors created, in the classroom, roles for themselves, while others instructed us mechanically, which made learning annoying and boring. When I decided to become a professor, these characteristics became even more important to me and in the time I spent abroad, I saw the professors' performance being done with an astonishing level of refinement.

I remember the first time I was at Wasserstein Hall and saw in the hallway the photos of the 180 tenured professors at Harvard Law School. These photographs, in the form of “iconic” portraits, taken many years ago, are chronologically exposed and give a sense of the entire historical context of the institution. They try to capture the “essence” of the professors, translated in the form of their look. The portraits decorate the institution’s central corridor and help to bring a sense of continuity in the interactions among professors, students, and visitors. It is the idea that references in academic life are important and they help to form a character that will act, strongly, in the development of generations of human capital.

Although progress has been made, globally, the feeling is still that many students are enrolled in educational institutions but are not learning. In a recent report, the World Bank analyzed data on learning progress in 164 countries between 2000 and 2017. The results of the study pointed out that there is a particularly acute gap between schooling and learning in developing countries. In rural India, for example, half of the students between eight and nine years of age cannot solve a mathematical problem of double-digit subtraction. These distances become even bigger when we look at the development of human capital. The report indicates that the countries of sub-Saharan Africa are behind all other countries. In Latin America, Chile stands out positively, being close to countries of Eastern Europe, such as Georgia. The difference between Singapore and Morocco is almost double, which puts this Asian nation on an equal footing with Finland. Brazil appears marginally in the study, indicating that we still have a lot of work ahead to advance in the quality of our Education. Human capital, that is, the set of knowledge, skills, and attitudes that favor the performance of a job, corresponds to up to one-third of the income differences between the countries studied. Innovations in the education system and an improvement in the quality of education at all levels in the poorest countries, such as Brazil, will be key to providing future generations with better job opportunities. Thus, we need a system that allows the professors to act with quality on a large scale.

The classroom is my stage. I learned, a long time ago, to make my performance a vehicle that mobilizes my students to learn more and in better quality. My role, as an educator, is to try to help them move from where they are toward their human and professional dreams. My role is to transform lives.



# © Caminho da Bondade

02/03/2019

Ser uma pessoa do bem dá muito trabalho. Trata-se de exercitar um contínuo esforço de desenvolvimento pessoal que deve servir também para a melhoria da sociedade. Na minha família, ser do bem sempre foi um imperativo.

Eu era adolescente quando li pela primeira vez o livro “*The Bonfire of the Vanities*” escrito por Tom Wolfe. Naquela época eu lia compulsivamente qualquer coisa que eu conseguia colocar nas mãos. Ler em inglês foi uma das maneiras que encontrei para desenvolver rapidamente uma compreensão ampla de uma segunda língua. Este livro me apresentou uma luta intensa entre personagens intrigantes que formam arquétipos importantes do mundo contemporâneo. Ele narra a história de Sherman McCoy, um ambicioso corretor de Wall Street, que foi vivido por Tom Hanks na adaptação do livro ao cinema. Este personagem possuía tudo aquilo que muitas pessoas desejam ter em suas vidas. Ele ganhava extraordinariamente bem em sua profissão. Frequentava os mais seletos círculos sociais e morava em um amplo apartamento na *Park Avenue*, um dos lugares mais exclusivos de Nova York. Era casado com uma elegante e sofisticada socialite e mantinha, em paralelo, um ardente relacionamento com uma jovem casada com um magnata que fez fortuna no Oriente. Ele era o que muitos diriam ser um “homem de sucesso”, ou nas palavras do autor um dos “mestres do universo”. Porém, tudo começou se degringolar em sua vida quando ele pegou uma saída errada na autopista após buscar sua amante no aeroporto. Ambos acabam em uma rua deserta, bloqueada por pneus, e sofrem uma tentativa de assalto. Ao tentarem fugir dos jovens que os cercavam, atropelam um dos assaltantes.

Esta curva da vida apresentou-se como uma verdadeira provação para todos os envolvidos na história. A família do jovem assaltante, internado em estado grave, recorreu a lideranças de sua comunidade. Rapidamente o caso chegou aos jornais e, inevitavelmente, houve uma disputa feroz nos tribunais. No livro, o autor faz longas caracterizações dos personagens que buscam por justiça em benefício do jovem acometido. Ele os apresenta como pessoas que almejavam para si ganhos para além da própria reparação e do senso de justiça. A trama do livro gira em torno de um princípio que questiona o valor de se conquistar o mundo inteiro em face de se perder a própria alma. E assim, tal qual em uma fogueira, as ambições, as invejas, e as maldades dos personagens vão

sendo queimadas para dar lugar a uma nova organização, necessária para que eles compreendam o quão agarrados estão a práticas infrutíferas. Ele torna vívida a luta entre aqueles que possuem os meios para usufruir de uma vida sem amarras e aqueles que, por imposição da realidade, buscam ter acesso a esse tipo de privilégio. O ponto central é que ambas as partes, muitas vezes, estão dispostas a fazer de “tudo” para ter acesso ou manter e ampliar seus privilégios. É a ideia de que ser do mal, ou fazer ações maldosas, se torna fácil quando se quer ter o que poucas pessoas possuem.

Reli este livro diversas vezes. Para mim, ele é um *fac simile* de muitas batalhas que vivemos em nossas vidas. Quando o releio, sempre me surpreendo com a falta de criatividade e de perseverança dos personagens para construir para si um caminho de vida ético e digno. Eles preferem destruir em vez de construir. Se seguissemos sempre por esse caminho jamais teríamos desenvolvimento. Felizmente, vivemos um momento singular, em que algumas pessoas, com acesso a grandes fortunas, passaram a se empenhar em usar seus vastos recursos financeiros para tentar contribuir para um amplo desenvolvimento da sociedade. Um exemplo importante é a *Bill & Melinda Gates Foundation*. Esta fundação foi criada a partir da crença de cada vida tem igual importância. Eles trabalham fortemente nos países em desenvolvimento para melhorar a condição de vida e de saúde das pessoas em uma tentativa de lhes dar uma oportunidade de sair da extrema pobreza. Buscam também ampliar o acesso à Educação para as crianças que não possuem condições financeiras para custear uma educação de qualidade. Tudo é visto como um investimento e cada centavo empregado deve ser capaz de produzir uma mudança significativa na vida das pessoas a quem se destina. Até o quarto trimestre de 2017, a fundação já havia investido US\$ 45,5 bilhões em 130 países ao redor do mundo, especialmente em ações relativas à saúde e a educação. A iniciativa já atraiu outros colaboradores de peso, como Warren Buffett, que em 2017 doou US\$ 2,4 bilhões para a fundação. Recentemente, em sua carta anual, os fundadores destacaram que ainda podem contribuir muito para minimizar diversos problemas mundo afora. Entre eles, a necessidade de potencializar a educação nos países da África Subsariana, de modo que a economia desta região possa florescer, e o uso de novas tecnologias como um importante pilar para um amplo desenvolvimento da qualidade nos processos educativos. Em essência, é a ideia de que ser do bem exige de nós a construção de uma contribuição significativa para o desenvolvimento da sociedade.

Sherman McCoy perdeu sua fortuna, mas, após ser inocentado, ganhou a oportunidade de reconstruir sua vida em outra direção. Sua história me mostrou a importância de não nos encastelarmos à mediocridade, que carrega consigo uma preguiça que nos impede de nos tornarmos pessoas melhores. Lembro disso todas as vezes que entro em sala de aula.

# The Path to Goodness

03/02//2019

Being a good person takes a lot of work. It is about exercising a continuous effort of personal development that must also serve for the improvement of society. In my family, being good has always been imperative.

I was a teenager when I first read “The Bonfire of the Vanities” by Tom Wolfe. At that time I was compulsively reading anything I could get my hands on. Reading in English was one of the ways I found to quickly develop a broad understanding of a second language. This book presented me with an intense struggle between intriguing characters that form important archetypes of the contemporary world. It tells the story of Sherman McCoy, an ambitious Wall Street broker whom Tom Hanks played in the adaptation of the book to the movies. This character possessed everything that many people wish to have in their lives. He did remarkably well in his profession. He frequented the most select social circles and lived in a large apartment on Park Avenue, one of New York’s most exclusive places. He was married to an elegant, sophisticated socialite, and in parallel had an extramarital relationship with a young woman married to a tycoon who made a fortune in the East. He was what many would say to be a “man of success,” or in the words of the author, one of the “masters of the universe.” However, it all began to fall apart in his life when he took a wrong exit on the freeway after picking up his mistress at the airport. They end up in a deserted street, blocked by tires, and are surrounded by robbers. In attempting to flee from them, they do a hit and run, leaving one of the young robbers injured.

This curve of life presented itself as a real ordeal for all involved in the story. The family of the young assailant, hospitalized in serious condition, appealed to leaders of his community. Quickly the case hit the newspapers and, inevitably, there was a fierce dispute in the courts. In the book, the author makes long characterizations of the characters that seek justice for the benefit of the young men injured. He presents them as people who longed for gain beyond repair or a sense of justice. The plot of the book revolves around a principle that questions the value of conquering the whole world in the face of losing one’s own soul. And so, just like in a bonfire, the ambitions, the envy, and the evil of the characters

are burned to give place to a new organization, necessary for them to understand how they are caught up in fruitless practices. It makes vivid the struggle between those who possess the means to enjoy a life without moorings and those who, by the imposition of reality, seek to have access to this kind of privilege. The central point is that both parties are often willing to do “everything” to gain access or maintain and extend their privileges. It is the idea that being evil, or doing evil actions, becomes easy when one wants to have what few people have.

I have read this book several times. For me, it is a facsimile of many battles that we live in our lives. When I reread it, I always surprise myself with the lack of creativity and perseverance of the characters to build for themselves an ethical and dignified way of life. They prefer to destroy rather than build. If we always followed this path, we would never have developed. Fortunately, we are living in a unique moment when some people, with access to great fortunes, have begun to use their vast financial resources to try to contribute to the broad development of society. An important example is the Bill & Melinda Gates Foundation. This foundation was created from the belief each life has equal importance. They work hard in developing countries to improve people’s living conditions and health in an attempt to give them an opportunity to get out of extreme poverty. They also seek to increase access to education for children who do not have the financial means to pay for quality education. Everything is seen as an investment and every penny employee must be able to produce a significant change in the lives of the people for whom it is intended. By the fourth quarter of 2017, the foundation had already invested \$45.5 billion in 130 countries around the world, especially in health and education actions. The initiative has already attracted other heavyweights such as Warren Buffett, who in 2017 donated \$ 2.4 billion to the foundation. Recently, in its annual letter, the founders emphasized that they can still contribute a great deal to minimize various problems worldwide. These include the need to enhance education in Sub-Saharan African countries so that the economy of this region can flourish and the use of new technologies as an important pillar for a broad development of quality in educational processes. In essence, it is the idea that being good requires us to make a significant contribution to the development of society.

Sherman McCoy lost his fortune, but after being acquitted, he was given the opportunity to rebuild his life in another direction. His story has shown me the importance of not embracing mediocrity, which carries with it laziness that prevents us from becoming better persons. I remember this every time I walk into the classroom.

# A Estrada é o Caminho

09/03/2019

Encarar a vida de forma positiva torna a nossa jornada um pouco mais leve. Prefiro sempre estar perto de pessoas que, mesmo diante de qualquer dificuldade, conseguem manter o pensamento positivo.

Eu estudei em uma escola relativamente pequena durante o ensino fundamental. Lá, tive bons professores e sempre fui bem avaliado. Embora todo mundo se conhecesse, durante aqueles anos fiz pouquíssimos amigos e, gradualmente, passei a dedicar um tempo considerável à leitura. Foi a forma que encontrei para conhecer um mundo distante e diferente do que convivia todos os dias. Quando cheguei ao ensino médio, minha mãe decidiu me matricular em uma nova escola, que prometia uma abordagem “construtivista”. Ela tentou atender à minha expectativa por uma educação que valorizasse mais a construção de novos caminhos. Não deu muito certo, especialmente porque os seus educadores confundiam construtivismos com ampla liberdade. Como consequência, eu e meus colegas passávamos muito tempo envolvidos em atividades pouco produtivas. Naquele ano, aproveitei toda a liberdade que me foi dada para ler intensamente.

No ano seguinte, voltei para uma escola que utilizava o modelo tradicional de ensino. A partir daí as coisas começaram a se complicar. A competição social era intensa e a maioria das conversas giravam em torno do tema “vestibular”. Os resultados dos simulados eram representações vivas das ansiedades dos alunos. Com o tempo, fui perdendo o interesse por tudo aquilo. Toda aquela luta de “vida ou morte” não fazia nenhum sentido para mim. Além disso, eu preferia empregar meu tempo lendo, em uma tentativa de conhecer coisas novas, ou conversando com os poucos amigos que tinha. Como resultado, meu desempenho escolar caiu e a pressão lá em casa, inevitavelmente, aumentou. Lembro da frase que meu pai me disse no dia do vestibular, quando me preparava para saltar do carro: “estamos juntos em qualquer resultado”. Escutar aquilo me deu um enorme alívio. Tirou toda a pressão que eu sentia em casa e na escola. Fiz as provas e consegui um resultado suficiente para chegar à universidade. Lá, as coisas mudaram bastante. A leitura se transformou literalmente em meu instrumento de trabalho. Havia diversos matizes psicológicos a serem explorados e fui passando por cada um deles, aprofundando o que lia a medida em que progredia nos temas de interesse. Além disso, os profes-

sores raramente diziam “você não deveria ler isso” ou “isto é muito avançado”. Eles comumente falavam “leia, pode ser bom para você”.

A educação que tive até o ensino médio e minhas experiência após chegar à universidade formaram capítulos completamente distintos em minha vida. Fui do isolamento à aventura de aprender a me conectar plenamente. Lá, aprendi que o “sim” conecta, e que o “não”, a depender das circunstância, nos aparta. Foi com esse espírito que conheci minha esposa, que naqueles anos era estudante de Direito. Com ela, aprendi a avaliar cada oportunidade de conexão como um nova etapa da jornada. Compreendi que deveria encarar os críticos de forma racional e que não deveria me importar com críticas “gratuitas” ou pouco construtivas. Passei também a minimizar o papel das pessoas que tentavam se elevar diminuindo aqueles com quem conviviam. Em nosso relacionamento, aprendi a importância de exercer confiança para superar os desafios diários que a vida nos apresenta. Para além do que me ensinaram em sala de aula, conhecê-la foi a maior mudança em minha vida.

Quando passei a interagir com universidades estrangeiras, tive a oportunidade de vivenciar como os professores trabalham para ampliar a confiança de seus alunos. Eles respondem as demandas com uma positividade avassaladora e mantém a mente extremamente aberta à novas possibilidades. Trata-se de cultivar uma atmosfera em que novas ideias, por mais simplórias que sejam, possam constantemente emergir. Eles atuam como verdadeiros conectores, ajudando a minimizar as diferenças entre seus estudantes e trabalhando para que a criatividade possa sempre florescer. Neste sentido, um estudo com 23 países realizado pela OECD apontou que na Austrália, na Coreia do Sul e nos países no norte da Europa, os professores estão mais propensos a considerar seus alunos como participantes ativos do processo de aquisição do conhecimento. Eles trabalham em conjunto para garantir que as mudanças necessárias permitam que uma nova perspectiva na relação ensino/aprendizagem possa emergir. Assim, as práticas e as atitudes dos professores são de profunda importância para a melhoria dos processos educacionais e é preciso criar as condições para um amplo desenvolvimento dos ambientes de aprendizagem, além de valorizar, significativamente, o trabalho dos professores, que atuam como mediadores nesta relação. Não obstante, no Brasil, assim como no sul da Europa e na Malásia, as instituições de ensino, com raras exceções, ainda privilegiam práticas pedagógicas que focam na mera “transmissão do conhecimento”.

Assim como eu, a minha esposa é professora. Atualmente, ela se dedica exclusivamente ao ensino da dança. Juntos, criamos as conexões necessárias para colocar seu projeto de vida em movimento na estrada longa que é a vida. Neste fim de semana, ela apresentará seu décimo sexto espetáculo anual. Parece que foi ontem. Mas, dezesseis anos não são dezesseis dias. Penso nisso todas as vezes que inicio um novo projeto.



# The Road is the Way

03/09//2019

Facing life in a positive way makes our journey a bit better. I prefer to always be close to people who, even in the face of any difficulty, can maintain positive thinking.

I studied in a relatively small school during my elementary school years. There, I had good teachers and I have always been well evaluated. Although everyone knew each other, during those years I made very few friends, and gradually I began to devote considerable time to reading. It was the way I found to know a world distant and different from what I used to live every day. When I got to high school, my mother decided to enroll me in a new school, which promised to have a “constructivist” approach. She tried to live up to my expectations for an education that further valued the building of new paths. It did not work very well, especially because their professors confused constructivism with unrestrained freedom. As a consequence, my colleagues and I spent a lot of time engaged in non-constructive activities. That year I took advantage of all the freedom I was given to read intensely.

The following year, I returned to a school that used the traditional model. From there things started to get complicated. The social competition was intense and most of the conversations revolved around the “universities’ admissions exams” theme. The results of the tests were lively representations of the students’ anxieties. In time, I lost interest in all that. That entire “life-and-death” struggle did not make any sense to me. Besides, I’d rather spend my time reading, in an attempt to meet new things, or talking to the few friends I had. As a result, my school performance fell and the pressure at home inevitably increased. I remember the phrase my father said to me on the day of the college entrance exam, when I was getting ready to jump out of the car: “we are together in any result.” Listening to it gave me great relief. It took away all the pressure I felt at home and at school. I took the tests and got a score enough to get to the university. There, things changed a lot. Reading literally became my instrument of work. There were various psychological nuances to be explored and I went through each one of them, deepening what I read as I progressed on the topics of interest.

In addition, professors rarely said to me “you should not read this” or “this is too advanced.” They commonly said, “Read it, it might be good for you”.

The education I had through high school and my experience after college came together in quite different chapters in my life. I went from isolation to the adventure of learning to connect. There, I learned that the “yes” connects, and that the “no”, depending on the circumstances, pulls us apart. It was in this spirit that I met my wife, who in those years was a law student. With her, I learned to evaluate each connection opportunity as a new stage of the journey. I understood that I should approach the critics rationally and that I should not care about what people with little constructive criticism had to say. I also began to minimize the role of people who tried to rise, diminishing those with whom they lived. In our relationship, I learned the importance of exercising confidence to overcome the daily challenges that life presents to us. Beyond what professors taught me in the classroom, meeting her was the biggest change in my life.

When I started interacting with foreign universities, I had the opportunity to experience how professors work to increase the confidence of their students. They respond to the demands with overwhelming positivity and keep the mind extremely open to new possibilities. It is about cultivating an atmosphere in which new ideas, no matter how simplistic, can constantly emerge. They act as true connectors, helping to minimize the differences between their students and working so that creativity can always flourish. In this sense, a study by 23 countries conducted by the OECD pointed out that in Australia, South Korea and countries in northern Europe, teachers are more likely to consider their students as active participants in the knowledge acquisition process. They work together to ensure that the necessary changes to allow a new perspective on the teaching/learning relationship to emerge. Thus, professors’ practices and attitudes are of profound importance for the improvement of educational processes and it is necessary to create the conditions for a broad development of learning environments, in addition to increasing, substantially, the importance of the work of teachers who act as mediators in this relationship. Nonetheless, in Brazil, as well as in southern Europe and Malaysia, educational institutions, with rare exceptions, still favor pedagogical practices that focus on the mere “transmission of knowledge.”

Just like me, my wife is a professor. Currently, she is dedicated exclusively to teaching dance. Together, we create the necessary connections to put your life project in motion on the long road that is life. This weekend, she will present her sixteenth annual show. Looks like it was yesterday. But sixteen years are not sixteen days. I think about it every time I start a new project.

# Navegar é Preciso

16/03/2019

Era para ser um voo tranquilo e rápido. Pouco mais de sete horas entre Recife e Lisboa. Logo no início, a contragosto de todos a bordo, o comandante nos informou que poderíamos enfrentar turbulências. Tão logo o avião começou a chacoalhar, peguei no sono.

Dormi que nem uma pedra. Acordei quando sobrevoávamos a cidade. A senhora sentada ao meu lado, que aparentemente não havia conseguido dormir, me deu bom dia e perguntou como havia conseguido pegar no sono com tanta trepidação. Eu lhe respondi afirmando que já estava acostumado com os balanços da vida. Avistamos o rio Tejo um pouco antes de pousarmos. A chegada foi caótica. Como qualquer grande aeroporto, o volume de passageiros torna a experiência confusa e atordoante. Passada a alfandega, peguei um táxi em direção ao hotel onde ficaria hospedado naquela semana de trabalho. Lá, um grande amigo meu me aguardava. Quando cheguei, pediu-me que guardasse as malas rapidamente, pois gostaria de me mostrar a cidade e suas belezas.

Entramos em seu carro e seguimos viagem. Descemos o Parque Eduardo VII e contornamos a Praça Marques de Pombal, onde, além da estátua do estadista português, avistei o Instituto Camões e uma agência do Banco do Brasil, e entramos na Avenida Liberdade. Enquanto dirigia, o meu amigo falava incessantemente e me contava o quanto a construção daquela avenida havia mudado a arquitetura da cidade e a aproximado da imagem icônica criada pelos *boulevards* de Paris. Seguimos contemplando o vai e vem das pessoas que passeavam pela avenida na manhã daquele domingo. Quando chegamos na Praça do Comércio, pude avistar mais de perto o estuário do rio Tejo. Embora o meu cansaço fosse visível, meu amigo sugeriu que seguissemos viagem margeando o rio. E assim passamos pela Torre de Belém, lotada de turistas, e ganhei de presente uma explicação de como os navios portugueses eram construídos na época das grandes navegações. De lá, fizemos um longo trajeto até o Cassino do Estoril, passando pela belíssima Praia do Carcavelos. Almoçamos em um pequeno café no Parque Jardim do Estoril, bem mais barato que o cassino, e conversamos bastante sobre as tramas e negociações diplomáticas que ali ocorreram durante a segunda guerra mundial. Terminado o almoço, retornamos a estrada e fomos até o Cabo da Roca. Chegando lá, o ponto mais ocidental do continente europeu, avistei a imensidão do Oceano Atlântico. Não me importei com o frio do mês de outubro, pois a visão do mar era de tirar o fôlego. Sem perder tempo, subimos a

serra e fomos até Sintra, onde provei os seus famosos travesseiros e visitei o belíssimo Palácio da Pena, uma das sete maravilhas de Portugal. Retornamos à Lisboa às pressas, pois o nosso primeiro compromisso oficial era ainda naquela noite.

A minha visita, bem como a de outros colegas, tinha como objetivo maior a realização do *kickoff meeting* de um projeto no âmbito do Programa Erasmus. Havíamos trabalhado exaustivamente para ter a proposta de financiamento aprovada. O meu amigo era um experiente vice-reitor e um diplomata nato. Conhecia bem as voltas que a vida era capaz de nos dar e fez questão de se cercar de pessoas em que confiava e que possuíam as habilidades necessárias para executar o projeto. As reuniões foram realizadas no belíssimo prédio da reitoria da Universidade Nova de Lisboa. A decoração de seus espaços mesclava traços da arquitetura moderna com mobiliário e quadros que remetiam à vasta história portuguesa. Lembro que meu amigo, ao me mostrar seu gabinete, falou-me que decidiu não decorá-lo com quadros, pois de lá podia ver os aviões decolando à distância no aeroporto da cidade. Era a manifestação plena do espírito do viajante, que sempre imagina seu próximo destino. Nas reuniões do projeto, a portas fechadas, tomamos todas as decisões em consenso. Foi impressionante participar de uma equipe coesa que agia sem tempestividade. Fui eleito representante para América Latina no projeto.

Olhando em perspectiva, sinto muito orgulho de ter participado da equipe que criou e executou este projeto. Distribuímos mais de quatro milhões de euros em bolsas de graduação, mestrado, doutorado, pós-doutorado, e, em especial, para pessoal técnico. É a ideia de que o grau mais avançado de criatividade é alcançado quando criamos uma plataforma em que outras pessoas podem expressar plenamente, através dela ou com seu apoio, suas criatividade. Trata-se de ir além do ato de criar isoladamente e de inspirar os outros pessoas com ideias, para fornecê-las as ferramentas necessárias para o seu próprio desenvolvimento. Vivemos um momento desafiador, e promissor ao mesmo tempo, para a educação internacional. O desafio é superarmos as barreiras do isolacionismo e criarmos novas plataformas internacionais que sejam capazes de conectar plenamente as pessoas e ampliar os benefícios da educação. Mas, infelizmente, enquanto isso, ainda lidamos no cotidiano com pessoas que acreditam na ideia ingênua de que formamos doutores apenas para formar doutores. Essas pessoas, muitas vezes, não compreendem o papel da educação para o avanço do desenvolvimento humano.

No último dia da viagem, enquanto visitávamos a Livraria Bertrand, considerada a mais antiga do mundo em funcionamento, o meu amigo me presenteou com uma cópia da poesia épica *Os Lusíadas*. Foi sua forma de dizer que temos que defender nossas tradições, ao passo que também precisamos nos aventurar em novos mares.

# Sailing is a Necessity

03/16//2019

It was supposed to be a quiet, fast flight. Just over seven hours between Recife and Lisbon. Early on, to the dislike of everyone on board, the commander informed us that we could face turbulence. As soon as the plane began to shake, I fell asleep.

I slept like a stone. I woke up when we were flying over the city. The lady sitting next to me, who apparently had not been able to sleep, said good morning and asked how I had managed to fall asleep with such trepidation. I told her that I was already familiarized to the swings of life. We saw the Tagus River just before we landed. The arrival was chaotic. Like any major airport, the volume of passengers makes the experience confusing. Passing the customs, I took a taxi to the hotel where I would be staying that week. There a great friend of mine was waiting for me. When I arrived, he asked me to drop the bags quickly, because he would like to show me the city and its beauties.

We got in his car and we went on a road trip. We descended Eduardo VII Park and rounded the Marques de Pombal Square, where, in addition to the statue of the Portuguese statesman, I saw the Instituto Camões and an agency of Banco do Brasil, and we entered Liberdade Avenue. While driving, my friend spoke incessantly and told me how the construction of that avenue had changed the architecture of the city, bring it closer to the iconic image created by the boulevards of Paris. We continued to watch the comings and goings of the people strolling down the avenue that Sunday morning. When we arrived at Praça do Comércio, I was able to see more closely the estuary of the river Tagus. Although my fatigue was visible, my friend suggested that we continue our journey along the river. And so we passed by the tower of Bethlehem, full of tourists, and I got an explanation of how the Portuguese ships were built in the time of the great navigations. From there, we made a long journey to the Casino of Estoril, passing by the beautiful Carcavelos Beach. We had lunch in a small cafe in Parque Jardim do Estoril, much cheaper than the casino, and we talked a lot about the plots and diplomatic negotiations that took place during World War II. After lunch, we returned the road and went to Cabo da Roca. Arriving there, the westernmost point of the European continent, I saw the immensity of the Atlantic Ocean. I did

not care about the cold. The sight of the sea was breathtaking. Without losing time, we went up the mountain and went to Sintra, where I tasted his famous *travesseiros* and visited the beautiful Palácio da Pena, one of the seven wonders of Portugal. We returned to Lisbon in a hurry because our first official appointment was still that night.

My visit, as well as that of other colleagues, had as its main objective the kick-off meeting of a project under the Erasmus Program. We had worked extensively to get the funding proposal approved. My friend was an experienced vice-rector and a self-made diplomat. He was well aware of the turns life could give us and made sure to surround himself with people he trusted and who possessed the skills necessary to carry out the project. The meetings were held in the beautiful building of the rectory of the New University of Lisbon. The decoration of its spaces blends traces of modern architecture with furniture and paintings that refer to the vast Portuguese history. I remember that my friend when he showed me his office, told me that he decided not to decorate it with paintings, because from there he could see the planes taking off in the distance from the city airport. It was the full manifestation of the spirit of the traveler, who always imagines his next destination. In the project meetings, behind closed doors, we made all decisions in consensus. It was impressive to join a cohesive team that acted without hostility. I was elected representative for Latin America in the project.

Looking behind, I am very proud to have participated in the team that created and executed this project. We distributed more than four million euros in undergraduate, masters, doctoral, postdoctoral and, in particular, technical personnel grants. It is the idea that the most advanced level of creativity is achieved when we create a platform on which other people can fully express, through it or with their support, their creativity. It is about going beyond the act of creating alone and inspiring other people with ideas, to provide them with the tools they need for their own development. We live in a challenging and promising moment for international education. The challenge is to overcome the barriers of isolationism and create new international platforms that are capable of fully connecting people and enhancing the benefits of education. But unfortunately, in the meantime, we still go about our day-to-day lives with people who believe in the naive idea that we are training doctors only to train doctors. These people often do not understand the role of education in advancing human development.

On the last day of the trip, while visiting the Bertrand Bookstore, considered to be the oldest in the world in operation, my friend presented me with a copy of the epic poem *Os Lusíadas*. It was his way of saying that we have to defend our traditions, while we also need to venture into new seas.



# A Fusão do Conhecimento

23/03/2019

De tempos em tempos, a vida nos surpreende. Na minha experiência de vida, essas surpresas vieram sempre acompanhadas com a amizade de pessoas com quem nutro profunda estima.

Era um dia frio, tão frio quanto o inverno pode ser. O meu último compromisso na agenda era participar de um encontro de pesquisadores brasileiros que residiam em Boston. Seria uma mistura de festa de natal antecipada com apresentações de temáticas relacionadas à Educação. No encontro, ao final da minha apresentação, quando retomei meu assento na plateia, um jovem estudante se aproximou de mim para contar-me sua experiência de vida. Falou-me que estava nos EUA já há bastante tempo. Viera para fazer um mestrado em estudos Latino Americanos na *University of Illinois at Urbana-Champaign*, uma experiência que classificou como dura e difícil. Lá, aprendeu a cultivar a excelência acadêmica nos mínimos detalhes. Passados dois anos, foi aprovado no doutorado em Ciência Política na *Brown University* e no MIT, ambas entre as melhores universidades do planeta. Escolheu se matricular na última, pois além de uma educação de primeira linha, teria a oportunidade de interagir cotidianamente com quem há de melhor em termos de inovações tecnológicas. Ao final daquele primeiro encontro, me disse que o que mais lhe fazia sentir falta do Brasil era o café americano, que considerava “aguado” e sem gosto.

Assim que retornei ao Brasil, após aquela primeira temporada, lhe enviei seis pacotes de café. Poucas semanas depois, recebi um e-mail em que, além de me agradecer pelo envio das “preciosidades”, me convidava para um tour privativo pelos principais departamentos do MIT. A sua ideia era me mostrar a filosofia por trás das ações empreendidas na instituição. E assim o fizemos. Nos encontramos na saída da estação de metrô na *Kendall Square* e seguimos a pé pela *Wadsworth Street* até o prédio do departamento de Ciência Política. A primeira coisa que notei quando chegamos aos escritórios dos professores e alunos, foi que o corredor era composto por fachadas de vidro repletas de equações matemáticas escritas com pincel atômico. Meu amigo me explicou que o curso de Ciência Política exigia do estudante um treino intensivo em estatística e econometria, para além da capacidade analítica dos diversos elementos intangíveis que compõem um sistema político. Contou-me que esta era uma tendência nos EUA e que o MIT,

em especial, privilegiava uma formação interdisciplinar. Falou-me que mesmo os alunos matriculados nos cursos de ciências exatas faziam um mínimo de oito cadeiras em humanidades, artes e ciências sociais, que a instituição considera ser essenciais para que eles enfrentassem os grandes desafios da humanidade. É a ideia de que devemos ser capazes de apreciar tanto equações matemáticas, quanto obras de arte. Além disso, todos deveriam desenvolver habilidades de comunicação, de modo a manter vivo o espírito de inovação da instituição. Diante do meu espanto, propôs-me continuarmos a caminhada para me apresentar a dois ambientes que considerava uma manifestação plena desta filosofia acadêmica.

Seguimos a pé pela *Memorial Drive* até alcançarmos a *Ames Street*. Lá, visitei pela primeira vez o MIT *Media Lab*. Trata-se de um laboratório que reúne pesquisadores de diferentes áreas que trabalham na integração entre novas tecnologias e as humanidades. O prédio, projetado por I. M. Pei, o mesmo da Pirâmide do Louvre, que foi aluno da instituição, reúne em seus seis andares, laboratórios, espaços de integração e áreas dedicadas à apresentação de artes e de novas tecnologias. Grandes janelas de vidro proporcionam uma perfeita iluminação natural e o ambiente moderno inspira a inovação. Como se fosse pouco, insisti que fossemos ao *Stata Center*, localizado a poucas quadras dali. Quando chegamos ao átrio que dá acesso ao complexo me deparei com um prédio que, por possuir uma geometria tão distinta, mais se assemelhava com um quadro surreal pintado por Pablo Picasso. Projetado por Frank Gehry, o prédio alterna em sua fachada o uso placas de metal brilhantes e tijolos vermelhos. O arranjo espacial denota um zigzague entre formas e ângulos que, por serem caóticos, trazem também à tona a necessidade de pensarmos o papel da inovação em nosso cotidiano. O complexo inclui salas de aula, instalações de pesquisa e um grande auditório que traduzem a necessidade de criarmos uma integração entre o realismo da ciência e a possibilidade de constituição de novos estilos de vida pela humanidade. Em um dos corredores há um bebedouro conectado a um hidrante e uma pequena placa em que se lê “receber uma educação no MIT é como tomar água através de uma mangueira de incêndio”, em referência à atuação interdisciplinar da instituição. Enquanto isso, no Brasil, convivemos ainda com o isolamento e o distanciamento das mais diversas áreas do conhecimento. Em uma semana que coroou o trabalho do Professor Marcelo Gleiser, do departamento Física e Astronomia da *Dartmouth College*, com o prestigiado Prêmio Templeton por sua contribuição excepcional para o diálogo entre a ciência e a espiritualidade, muitas instituições brasileiras poderiam dar mais atenção a projetos interdisciplinares.

Meu amigo hoje mora na Malásia. É professor de uma das melhores escolas de negócio da Ásia. Aprendi com ele o real valor da interdisciplinaridade para a vida acadêmica. Preciso arrumar um tempo para visitá-lo.

# The Fusion of Knowledge

03/23/2019

From time to time, life surprises us. In my life experience, these surprises have always been accompanied by the friendship of people with whom I cherish deep esteem.

It was a cold day, as cold as winter can be. My last appointment on the agenda was to attend a meeting of Brazilian researchers residing in Boston. It would be a mixture of an early Christmas party with presentations of themes related to Education. At the meeting, at the end of my presentation, when I resumed my seat in the audience, a young student approached me to tell me about his life experience. He told me that he was in the US for a long time already. He had come to take a master's degree in Latin American studies at the University of Illinois at Urbana-Champaign, an experience he categorized as tough and difficult. There, he learned to cultivate academic excellence in the smallest detail. After two years, he was approved to do a Ph.D. in Political Science at Brown University and MIT, which are among the best universities on the planet. He chose to enroll in the last one because, besides the possibility of receiving a first-line education, he would have the opportunity to interact daily with the best in terms of technological innovations. At the end of that first meeting, he told me that what made him miss Brazil the most was the American coffee, which he considered "watery" and tasteless.

As soon as I returned to Brazil, after that first season, I sent him six packets of Brazilian coffee. A few weeks later, I received an email in which, in addition to thanking me for sending the "precious" beverage, he invited to a private tour at MIT. His idea was to show me the philosophy behind the actions undertaken at the institution. And so we did. We met at the T station exit on Kendall Square and walk on Wadsworth Street to the Department of Political Science building. The first thing I noticed when we got to the professors 'and students' offices was that the hallway consisted of glass facades filled with mathematical equations written with an atomic brush. My friend explained to me that the Political Science program required from its students' intensive training in statistics and econometrics, beyond the capacity of analyzing intangible elements that make up a political system. He told me that this was a trend in the U.S. and that the MIT, in particular, favored interdisciplinary training.

He told me that even students enrolled in STEM science programs had to enroll also in a minimum of eight humanities, arts, and social science classes, which the institution considered to be essential for them to meet the great challenges of humanity. It is the idea that we should be able to appreciate both mathematical equations and works of art. In addition, everyone should develop communication skills in order to keep the institution's spirit of innovation alive. Faced with my astonishment, he proposed that we continue the journey, so he could introduce me to two buildings that he considered a full manifestation of this academic philosophy.

We walked on Memorial Drive until we reached Ames Street. There, I visited the MIT Media Lab for the first time. It is a laboratory that brings together researchers from different fields who work on the integration of new technologies and the humanities. The building, designed by I. M. Pei, the same as the Louvre Pyramid, who was a student of the institution, mix in its six floors, laboratories, integration spaces and areas dedicated to the presentation of arts and new technologies. Large glass windows provide perfect natural lighting and the modern architecture design inspires innovation. As if that were not enough, he insisted that we went on to visit the Stata Center, a few blocks away. When we got to the atrium that gives access to the complex, I came across a building that, by having such a distinguished geometry, resembled more with a surreal painting painted by Pablo Picasso. Designed by Frank Gehry, the building alternates in its facade shiny metal plates and red bricks. The spatial arrangement denotes a zigzag between forms and angles that, due to its chaotic organization, also bring to the surface the need to think about the role of innovation in our daily life. The building includes classrooms, research facilities, and a large auditorium that reflect the need to create an integration between the realism of science and the possibility of forming new lifestyles for humanity. In one of the corridors, there is a water cooler connected to a fire hydrant and a small sign that reads "getting an education at MIT is like taking a drink from a fire hose," in reference to the interdisciplinary approach of the institution. Meanwhile, in Brazil, we are still living with the isolation and distancing of the most diverse areas of knowledge. In a week that has crowned the work of Professor Marcelo Gleiser, Physics and Astronomy professor at Dartmouth College, with the prestigious Templeton Prize for his outstanding contribution to the dialogue between science and spirituality, many Brazilian institutions could pay more attention to interdisciplinary projects.

Currently, my friend lives in Malaysia. He is a professor at one of Asia's leading business schools. I learned from him the real value of interdisciplinary studies for academic life. I need to make time to pay him a visit.

# Sonhos e Vidas

30/03/2019

Eu me lembro da cena vividamente. Eu estava em consultório médico em São Paulo. Na minha frente, sentado confortavelmente, estava meu oncologista, médico que supervisionou todo o meu tratamento de saúde. Sobre sua mesa, meus exames, um grande *check-up* que fiz após concluir a quimioterapia. Meu cabelo ainda estava crescendo, pois a medicação já havia cessado há algum tempo, mas eu ainda usava uma boina para disfarçar minha aparência. Ele iniciou a consulta me perguntando como eu me sentia. O tom da conversa era uma mistura de calma, em virtude do seu profissionalismo, e ansiedade, por minha busca por respostas. Eu lhe respondi que me sentia cansado. Naquela época, ao contrário de hoje, eu dormia muito e ainda tinha uma certa dificuldade para me conectar com coisas básicas da rotina. A minha sensação era a de que eu tinha sido atropelado e que a minha alma ainda voltava vagorosamente ao meu corpo. Pediu-me licença para olhar as lâminas da tomografia na sala ao lado. Quando retornou, colocou sua caneta gentilmente sobre o bloco de notas e me disse uma frase que jamais esqueci: “vá viver sua vida, você está bem”.

Aquela frase agiu em mim como um alarme despertador, que joga ao ar um som que faz nos movermos rumo a uma nova direção. Aquele momento foi um grande ponto de inflexão em minha vida. Até ali, posso caracterizá-la como uma enorme sequência de momentos de aprendizagem, que gosto de chamar como uma busca por “compreensões sobre a vida”. Estudar, lá em casa, sempre foi prioridade. Com muito esforço, eu me graduarei em Psicologia, fiz mestrado e doutorado. Passei uma quantidade imensa de horas em bibliotecas, lendo e escrevendo sobre temas que me desafiavam. Trata-se de uma busca por entendimentos que me levou a um longo processo para tornar realidade minhas ideias e desejos. Para mim, essa segunda etapa começou quando recebi liberação médica para seguir em frente com minha vida, e gosto de chamá-la de “materialização dos sonhos”. Aquele se tornou o meu momento de “fazer coisas”. Eu havia descoberto, de uma maneira muito dura, o quanto a vida é preciosa. Então, nenhum tempo poderia ser desperdiçado dali em diante. Passei a priorizar a ação, em vez de pensar nos mínimos detalhes acerca das coisas que gostaria de fazer em minha vida. O medo da morte tirou de mim também o medo de viver e, mais do que tudo, despertou a vontade de realizar intensamente. Trouxe para mim a ideia de que quando tudo é incerto, podemos acelerar o passo para que o improvável possa acontecer.

Esquecer certos riscos me levou a lugares incríveis e a conhecer pessoas fascinantes. Desde então, viajei bastante, conheci pessoas em diferentes países que se tornaram meus amigos e me ajudaram a implementar projetos dos quais tenho orgulho de ter participado, pois contribuíram para o desenvolvimento dos estudantes com quem sempre interagi. Mais do que tudo, me deixou alerta para as infinitas possibilidades que a vida nos apresenta. Passei a viver quase como quem não tem tempo para recobrar o folego. Aceleradamente, aprendi o quão importante é cultivar novas compreensões sobre aquilo que nos toca. Aprendi também a importância de se ter um porto seguro, e fiz da minha sala de aula o meu ancoradouro. Lá, busquei sempre reunir minhas experiências de vida ao processo formal de aquisição do conhecimento, ambos amplamente necessários para evoluirmos no mundo contemporâneo. Passei a carregar comigo a noção elementar de que a educação transforma nossa mente e a experiência modifica nossa alma. Estas, quando presentes no cotidiano, fazem com que os alunos também se motivem a descobrir novos caminhos para suas vidas.

Essa perspectiva foi fundante para mim. No exterior, vi de perto a importância de se criar vínculos com pessoas capazes de mover para frente projetos estratégicos. É a compreensão de que o terreno precisa estar arado e organizado para que as ideias possam florescer. Por aqui, infelizmente, atravessamos ainda um momento complexo. Os dados da OECD mostram que avanços foram feitos, mas que eles ainda não são suficientes para suplantarmos as necessidades educacionais de nosso país. Na última década, gastamos cerca 3,5 vezes mais com estudantes do ensino superior, *per capita*, do que com estudantes das demais etapas da educação. Mesmo assim, entre os inúmeros problemas que enfrentamos estão a necessidade constante da melhoria na qualidade da educação, em todos os níveis, e uma maior articulação entre educação e o mercado de trabalho. O desemprego no país é altíssimo, cerca de 12,5%, mais que o dobro da média mundial, e a OIT aponta que este indicador cairá lentamente em 2019 e 2020. Há muito profissional, com currículo invejável, dirigindo Uber por simplesmente não encontrar outra ocupação, sem contar aqueles que a educação formal não ofereceu nenhuma oportunidade. São sonhos que não conseguem ser concretizados em vida. E, enquanto isso, vivemos em um bate boca contínuo, que permeia várias esferas de nossa sociedade, que, além de ser um sinal de imaturidade, demonstra nossa incapacidade, momentânea, de formularmos ações concretas para solucionarmos os problemas que nos afligem.

Todos os anos entro em um tomógrafo. Nas semanas que se antecedem ao exame, eu corro quilômetros. Gosto de me preparar porque sei que depois da ansiedade vem a vontade de realizar. Precisamos acordar o país da letargia em que vive.



# Dreams and Lives

03/30/2019

I remember the scene vividly. I was in a doctor's office in São Paulo. In front of me, sitting, comfortably, was my oncologist, a doctor who supervised all my health care treatment. On his desk, my exams, a check-up that I made after completing chemo. My hair was still growing, as the medication had stopped some time earlier, but I still wore a beret to disguise my appearance. He started the query asking me how I felt. The tone of the conversation was a mixture of calmness, due to his professionalism, and anxiety, for my search for answers. I told him that I felt tired. At that time, unlike today, I slept a lot and still had some difficulty in connecting with basic routine. My feeling was that I had been run over and that my soul was still coming back to my body. He politely asked me to excuse him while he would look at the tomography slides in the next room. When he returned, he placed his pen gently on the notepad and told me a phrase I never forgot: "Go live your life, you're fine."

That phrase acted in me like an alarm clock, which plays into the air a sound that makes us move in a new direction. That moment was a great turning point in my life. Until then, I can characterize it as a huge sequence of moments of learning, which I like to call a quest for "insights into life." Studying at my home was always a priority. With a lot of effort, I graduated in Psychology, and did a master's degree and doctorate. I spent a great deal of time in libraries, reading and writing on topics that challenged me. It is a search for understanding that led me to a long process to make my ideas and desires come to reality. For me, this second stage of life began when I received the medical release to move on with my life, and I like to call it "materialization of dreams". That became my moment of "doing things". I had discovered in a very hard way, how precious life is. So no time could be wasted from then on. I began to prioritize the action, instead of thinking about the smallest details regarding the things I would like to do in my life. The fear of death also took away the fear of living from me, and more than anything, it aroused the will to perform intensely. It brought to me the idea that when everything is uncertain, we can accelerate the pace so that the improbable can happen.

Forget certain risks, led me to incredible places and to meet fascinating people. Since then, I have traveled extensively, met people in different countries who became my friends and helped me to implement projects that I am proud to have participated in, as they have contributed to the development of the students with whom I have always interacted. Most of all, it has left me alert to the infinite possibilities that life presents to us. I started to live almost like someone who does not have the time to catch the breath. In fast mode, I learned how important it is to cultivate new understandings about what touches us. I also learned the importance of having a safe harbor, and made my classroom my anchorage. There, I always sought to gather my life experiences to the formal learning process, both widely needed to evolve in the contemporary world. I began to carry with me the elementary notion that education transforms our mind and experience modifies our soul. These, when present in the daily life, cause the students also to be motivated to discover new ways for their lives.

This perspective was instrumental to me. Abroad, I could experience, closely, the importance of creating bonds with people capable of moving forward strategic projects. It is the understanding that the terrain needs to be plowed and organized so ideas can flourish. Around here, unfortunately, we are still going through a difficult time. The OECD data show that advances have been made, but that they are still not enough to overcome Brazil's educational needs. In the last decade, we spend about 3.5 times more on higher education students, per capita, than on students from other stages of education. Even so, among the many problems we face are the constant needs for improvement in the quality of education, at all levels, and a closer link between education and the labor market. Unemployment in the country is very high, about 12.5%, more than double the world average, and the ILO points out that this indicator will fall slowly in 2019 and 2020. There are a lot of professionals, with enviable curriculum, driving Uber due to the fact that they simply cannot find another occupation, not to mention those that formal education offered no opportunity. These are dreams that cannot be fulfilled in life. And in the meantime we live in a continuous unsuccessful debate, which permeates various spheres of our society that, in addition to being a sign of immaturity, demonstrates our, momentary, inability to formulate concrete actions to solve the problems that afflict us.

Every year I go into a computed tomography. In the weeks leading up to the exam, I run miles. I like to prepare myself because I know that after anxiety comes the will to do things. We need to wake the country from the lethargy in which it lives.

# Amigos à Distância

06/04/2019

A semana havia sido longa, intensa e cansativa. Eu havia passado todo o meu tempo dos dias anteriores ciceroneando convidados e organizando, nos bastidores, para que todas as etapas do evento dessem certo. Entre os convidados, havia pessoas de diversos países, o que, permanentemente, forçava com que eu alternasse entre idiomas, ampliando o meu cansaço mental. O último compromisso do evento era um jantar de despedida para todos os convidados, ofertado em um restaurante com vista para as belas praias da nossa Aracaju. Eu estava acordado desde às cinco da manhã e bolhas já haviam se formado nos meus pés. Eles ardiam, mas não me impediam de continuar minha missão. A conversa, àquela altura, já havia migrado do debate técnico sobre Educação para as curiosidades relatadas pelos convidados sobre seus países. O tom era de amizade e confraria. Ríamos um bocadinho. Para simplificar todo o processo e minimizar as diferenças culturais, havíamos combinado com o restaurante um menu com quatro opções executivas, que variavam entre carnes, peixes, massas e saladas. Passei boa parte do tempo circulando entre os convidados, alternando meu assento na enorme mesa para dar atenção a todos.

Quando a refeição chegou, notei que um dos convidados, integrante da delegação indiana, parecia constrangido e não comia. Eu me aproximei e, calmamente, lhe perguntei se havia algo errado. Ele me falou que em sua salada havia lascas de queijo e pequenos pedaços de carne. Entendi o problema e, tal qual um garçom, retirei o seu prato e pedi ao *maitre* que fizesse, com urgência, uma nova salada, pura e simples, de modo que o professor pudesse se alimentar seguindo suas tradições. Passado o alvoroço, e já bem nutridos, engatamos uma longa conversa sobre a cultura asiática e todas as suas idiossincrasias. Ele me contou que naquele momento estava morando na Malásia, pois havia aceitado o desafio de tentar ajudar a desenvolver toda a parte de ensino à distância da universidade em que trabalhava. Seu objeto de pesquisa, ao longo de toda sua carreira acadêmica, havia sido buscar compreender as estratégias criadas para o avanço da Educação à distância na Ásia. Falou-me o quanto essencial era esta modalidade de ensino para o seu país, em particular, que possuía uma população superior a um bilhão de habitantes e enormes desafios educacionais. E concluiu mostrando-me algumas fotos de *Penang Island*, onde residia.

No dia seguinte, fiz questão de levá-lo ao aeroporto. Antes do embarque, ele me passou o seu número de *WhatsApp* e me disse “vamos manter contato, você estará em minhas orações”. Salvei o número e, dali em diante, iniciamos um prolífica conversa online. A sua história de vida profissional havia sido cheia de reviravoltas. Por 18 anos, ele havia sido Diretor Regional na *Indira Gandhi National Open University*, uma universidade com proporções continentais que foi criada pelo Parlamento Indiano e que ocupa, atualmente, a posição de maior universidade do planeta em número de alunos matriculados, com pouco mais de quatro milhões de estudantes. Por lá, exerceu um papel vital na implementação de políticas e programas acadêmicos. Atuou também como diretor do importante *Commonwealth Educational Media Centre for Asia*, um centro dedicado a utilização mais eficaz dos recursos de mídia educacional para Educação à distância, além de manter um intenso trabalho enquanto professor e pesquisador internacional. Nada havia sido fácil e, como muitas pessoas, já havia superado enormes desafios se aventurando na educação internacional.

O seu comprometimento e esforço, bem como o de diversos outros colegas, fizeram o cenário do sul da Ásia mudar para melhor. Recentemente, o Banco Mundial publicou um estudo sobre o desenvolvimento acadêmico nesta região, comparando alguns dos seus países, como por exemplo, a Índia, Maldivas, Paquistão e Sri Lanka, com outros importantes competidores globais, a exemplo da China e do Brasil. Os dados apontam que a Índia assumiu um papel de liderança no desenvolvimento acadêmico naquela região e, sozinha, é responsável por 88% das suas publicações acadêmicas. Além disso, sua performance é relativamente boa quando comparada com outros países. Seus pesquisadores tem publicado mais por unidade de GERD, indicador que mede os gastos domésticos brutos totais com pesquisa e desenvolvimento em empresas, universidades, governo e organizações sem fins lucrativos, do que o Vietnã, a Tailândia, o Brasil e a China. Mas, nem tudo são flores, e, mesmo com todo o esforço dos pesquisadores indianos, pouco menos de 20% das publicações da região são produtos de colaboração internacional, e a produção científica, entre 2012 e 2016, representou apenas 5,3% da produção mundial. Tal qual o Brasil, a região ainda precisa desenvolver uma melhor estrutura acadêmica que propicie colaborações mais amplas e diversificadas, de modo a potencializar os esforços contínuos de seus pesquisadores. É a ideia de que esforço profissional deve ser aliado a uma base sólida que propicie seu pleno desenvolvimento.

O meu amigo mora atualmente em Nova Deli. Já trabalhamos juntos em diversos projetos de cooperação acadêmica. No Natal passado, em vez de uma mensagem eletrônica, lhe enviei, pelo correio, um cartão natalino. Ele me respondeu pedindo que, se eu pudesse, lhe enviasse mais “selos”. Foi seu modo de dizer que precisamos encontrar novas formas de estar mais próximos.

# Long Distance Friendship

04/06/2019

The week had been long, intense and tiring. I had spent all my time from the days before, hosting guests and organizing, behind the scenes, so that all stages of the event would work out. Among the guests were people from various countries, which permanently forced me to switch between idioms, increasing my mental fatigue. The last appointment of the event was a farewell dinner for all the guests, offered in a restaurant overlooking the beautiful beaches of our Aracaju. I had been up since five o'clock in the morning and bubbles had already formed at my feet. They burned, but they did not stop me from continuing my mission. The conversations, by then, had already migrated from the technical debate on education to the curiosities reported by the guests about their countries. The tone was one of friendship and brotherhood. We laughed a lot. To simplify the whole process and minimize cultural differences, we had arranged with the restaurant a menu with four executive options, ranging from meat, fish, pasta, and salads. I spent a good deal of time talking with different guests, alternating my seat at the huge dinner table to give attention to everyone.

When the meal arrived, I noticed that one of the guests, a member of the Indian delegation, seemed embarrassed and did not eat. I approached and quietly asked him if there was anything wrong. He told me that in his salad there were cheese and small pieces of meat. I understood the problem and, like a waiter, I removed his plate and asked the maître to prepare a new salad, so that the professor could eat according to his traditions. After the uproar, and already well-nourished, we engaged in a long talk about Asian culture and all its idiosyncrasies. He told me that he was living in Malaysia at that time because he had accepted the challenge of trying to help develop all the distance-learning educational program of the university where he worked. His research object, throughout his academic career, had been to seek to understand the strategies created for the advancement of distance education in Asia. He told me how essential this type of education was for his country, in particular, with a population of more than one billion inhabitants and enormous educational challenges. And he concluded by showing me some pictures of Penang Island, where he resided.

The next day, I insisted on driving him to the airport. Before boarding, he handed me his WhatsApp number and told me “let’s keep in touch, you’ll be in my prayers.” I saved the number, and from then on we started a prolific online conversation. His professional life story had been full of twists and turns. For 18 years, he had been Regional Director at the Indira Gandhi National Open University, a university with continental proportions that was created by the Indian Parliament and which currently occupies the position of the largest university on the planet in the number of students enrolled, with little more than four million students. There, he played a vital role in the implementation of academic policies and programs. He also acted as director of the important Commonwealth Educational Media Center for Asia, a center dedicated to the most effective use of educational media resources for distance education, and also keep an intense work as a professor and international researcher. Nothing had been easy and, like many people, he had already overcome enormous challenges venturing into international education.

His commitment and effort, as well as that of several other colleagues, has made the South Asian scenario change for the better. Recently, the World Bank has published a study on academic development in this region, comparing some of its countries, such as India, Maldives, Pakistan and Sri Lanka, to other major global competitors, such as China and Brazil. The data indicate that India has taken a leading role in academic development in that region and alone accounts for 88% of its academic publications. In addition, its performance is relatively good compared to other countries. Indian researchers have published more per unit of GERD, an indicator that measures total gross domestic expenditure on research and development in business, universities, government, and non-profit organizations, than Vietnam, Thailand, Brazil and China. But not all are flowers, and even with all the efforts of Indian researchers, less than 20% of the region’s scientific publications are done through international collaboration, and, between 2012 and 2016, it only represented 5.3% of the worldwide production. Like Brazil, the region still needs to develop a better academic structure that allows for broader and more diversified collaborations, in order to enhance the continuous efforts of its researchers. It is the idea that professional effort must be combined with a solid foundation for its full development.

My friend currently lives in New Delhi. We have already worked together on various academic cooperation projects. Last Christmas, instead of an electronic message, I sent him a Christmas card by mail. He asked me if I could send him more “seals.” It was his way of saying that we need to find new ways of being closer.



# A Longa Estrada

13/04/2019

O mês havia sido longo. Dia a dia, via o outono chegando ao fim. Além do frio e do cansaço, eu também sentia um pouco de desânimo. Tentava há meses solucionar um quebra-cabeça em um projeto em que trabalhava. Academicamente o projeto era ótimo, mas haviam implicações burocráticas a serem superadas. Algumas delas, exigiam a ajuda de um parceiro disposto a auxiliar incondicionalmente. E assim saí, de porta em porta, conversando com uma imensa gama de universidades para ver quem estaria disposto a cooperar. Até aquele dia, somente havia ouvido promessas vagas e pouco construtivas. A sola do meu sapato já estava ficando gasta e a fé, embora resoluta, balançava à medida que o inverno chegava. Na agenda do dia, havia encontros com professores e entusiastas de estudos brasileiros, além de uma reunião com o vice-reitor da *University of Massachusetts, Boston*. Seria mais uma tentativa para viabilizar o projeto. Eu me preparei para ouvir novas promessas.

Um grande amigo, que na época trabalhava como consultor, se ofereceu para me levar de carro até lá. Embora conseguisse chegar facilmente de metrô, ele havia me dito que o trajeto de carro valeria a pena por conta da bela vista para o oceano. Saímos no início da tarde de Cambridge em direção a Columbia Point, uma das penínsulas que formam a baía de Boston. No trajeto, pegamos trânsito lento, mas a vista do mar e da cidade à distância eram impagáveis. Quando chegamos lá, a universidade mais se assemelhava a um canteiro de obras. Para onde se olhava, via-se construções em diferentes estágios de evolução. Do estacionamento, avistei a biblioteca Kennedy, que se estendia imponentemente cercada por novas construções. Nossa reunião seria realizada no escritório de programas globais da instituição, no campus center, um prédio que abrigava departamentos e áreas para eventos sociais. Seus escritórios seguiam um padrão inusitado. As salas não possuíam portas e, para privacidade, usava-se biombos decorativos. No corredor de acesso a sala do vice-reitor, antes de entrarmos para a reunião, o meu amigo me falou, em voz baixa: “você terá apenas cinco minutos”. Respirei fundo e segui em frente.

Quando entrei em seu gabinete, conheci uma pessoa extremamente simpática e atenciosa. Sua sala era decorada com vários artefatos culturais que lhe haviam sido presenteados por pessoas mundo afora. Na parede, ao lado da poltrona em que sentei, havia uma carta assinada pelo Presidente Obama que lhe agradecia por suas

contribuições à ciência. Não tive dúvida de sua excelência e, de imediato, saquei de minha pasta o presente que havia lhe trazido, um livro sobre cultura popular sergipana, e o meu iPad, para lhe apresentar o projeto que buscava desenvolver. Fiz uma apresentação rápida da ideia e, antes que eu finalizasse, ele me questionou se eu gostaria de fazer o projeto junto com ele. Sem hesitar, lhe respondi que sim. Engatamos então uma longa conversa, na forma de sabatina, em que me fez questões sobre todos os pormenores do projeto. A sua inteligência e atenção aos mínimos detalhes eram excepcionais. A cada pergunta, ele aumentava o grau de complexidade e exigia de mim resposta coesas e diretas. Não havia espaço para incertezas. Ao final da reunião, quase uma hora depois, demos uma volta no campus. Durante o passeio, fez questão de me mostrar que o projeto que eu havia concebido se encaixava perfeitamente com o momento de transformação que sua instituição passava.

O seu foco e o seu olhar compenetrado eram o resultado de uma longa estrada. Fez graduação e mestrado da *American University of Beirut*, uma das instituições de maior prestígio do oriente médio. Estudou por lá durante uma época em que as tensões, por conta da guerra civil libanesa, eram enormes. De lá, seguiu para fazer um doutorado na *University of Nebraska, Lincoln* e plantou raízes nos EUA. Atuou por mais de 30 na *University of Illinois at Urbana-Champaign*, uma universidade de excelência em pesquisa, onde chegou ao posto de Professor Emeritus por suas significativas contribuições a ciência. Foi lá que tomou gosto por educação internacional, tendo se dedicado a diversos projetos no exterior, e foi premiado pela Fundação *Fulbright* com uma bolsa de distinção acadêmica, o que lhe rendeu um temporada frutífera na *York University*, Canadá. Trouxe para a *UMass Boston* o dinamismo internacional que lhe faltava. Ele soube compreender o esforço que é para uma universidade brasileira fincar a bandeira em solo estrangeiro. Para se ter uma ideia, a *Harvard University*, com todo seu potencial acadêmico e financeiro possui apenas vinte e dois centros internacionais ao redor do mundo, que variam em escopo e escala, e atuam como impulsionadores da missão global da universidade. É a ideia de que conhecer o mundo é um esforço contínuo que exige criarmos conexões para além do que vivemos em nosso cotidiano. Nos dois anos seguintes, trabalhamos intensamente e nos tornamos grandes amigos. Tenho um enorme orgulho de ter criado um instituto brasileiro em uma universidade americana, o que eu não teria conseguido sem sua ajuda e empenho.

Eu ainda guardo os sapatos que usei naquela época. Suas solas gastas são uma recordação viva do quanto caminhei naqueles anos. Foi com este sapato, com uma das solas furadas, que fui receber a premiação concedida pelo fundo de inovação do *100,000 Strong in the Americas* na Casa Branca. Está na hora de arrumar as malas novamente.

# The Long Road

04/13/2019

The month had been long. Day by day, I saw the autumn coming to an end. Aside from the cold and weariness, I also felt a little discouraged. I had been trying for months to solve a puzzle in a project that I was working on. Academically the project was great, but there were bureaucratic implications to be overcome. Some of them required the help of a partner willing to assist unconditionally. And so I went out, door to door, talking to a huge range of universities to see who would be willing to cooperate. Until that day, I had only heard vague and little constructive promises. The sole of my shoe was already getting worn out, and faith, though resolute, rocked as winter came. On the agenda of the day, there were meetings with professors and enthusiasts of Brazilian studies, as well as a meeting with the Vice-Provost of the University of Massachusetts, Boston. It would be another attempt to make the project viable. I prepared myself to hear new promises.

A great friend, who at the time worked as a consultant, offered to drive me there. Although I could easily get by subway, he had told me that the car ride would be worth it because of the beautiful view of the ocean. We left early in the afternoon from Cambridge to Columbia Point, one of the peninsulas that form Boston Bay. On the way, we caught slow traffic, but the view of the sea and the city from a distance were priceless. When we got there, the university looked more like a construction site. Wherever one looked, one could see constructions at different stages of evolution. From the parking lot, I saw the Kennedy Presidential Library, which was imposingly surrounded by new buildings. Our meeting would be held at the institution's global program office, at the campus center, a building that housed departments and areas for social events. Their offices followed an unusual pattern. The rooms had no doors and, for privacy, they used folding decorative screens. In the corridor leading to the vice provost's office, before we entered the meeting, my friend said to me, in a low voice, "you will only have five minutes." I took a deep breath and moved on.

When I entered his office, I met an extremely friendly person. His room was decorated with various cultural artifacts that had been given to him by people around the world. On the wall, next to the chair I sat on, was a letter signed by President Obama

that thanked him for his contributions to science. I had no doubt of his excellence, and I immediately took from my briefcase the gift I had brought him, a book on Sergipe popular culture, and my iPad, to present to him the project I sought to develop. I made a quick presentation of the idea and, before I finished, he asked me if I would like to do the project with him. Without hesitation, I said yes. We then engaged in a long conversation, in the form of a hearing, in which he asked me questions about all the details of the project. His intelligence and attention to detail were exceptional. In each question, he increased the degree of complexity and demanded of me a cohesive and direct answer. There was no room for uncertainty. At the end of the meeting, almost an hour later, we walked around campus. During the tour, he made a point of showing me that the project I had conceived fit perfectly with the moment of transformation that his institution was undergoing.

His focus and his concentrated expression were the results of a long road. He graduated from the University of Beirut, one of the most prestigious institutions in the Middle East. He studied there during a time when tensions, because of the Lebanese civil war, were enormous. From there, he went on to do a Ph.D. from the University of Nebraska, Lincoln and established himself in the United States. He served for more than 30 years at the University of Illinois at Urbana-Champaign, a university of excellence in research, where he became Professor Emeritus for his significant contributions to science. It was there that he took an interesting for international education affairs, having devoted himself to various projects abroad, and was awarded by the Fulbright Foundation with a scholarly scholarship, which earned him a fruitful season at York University, Canada. He brought to UMass Boston the international dynamism the institution needed. He understood how hard it is for a Brazilian university to lay the flag on foreign soil. To give you an idea, Harvard University, with all its academic and financial potential, has only twenty-two international centers around the world, which vary in scope and scale, and act to bolster the university's global mission. It is the idea that knowing the world is a continuous effort that requires us to create connections beyond what we live in our daily lives. Over the two following years, we worked hard and became great friends. I am extremely proud to have created a Brazilian institute at an American university, which I would not have been able to achieve without his help and commitment.

I still keep the shoes that I wore during that time. Its outsoles are a living memory of how much I walked in those years. It was with this shoe, with one of the soles completely damaged, that I went to receive the award granted by the 100,000 Strong in the Americas Innovation Fund in the White House. It's time to pack up again.

# Summa Cum Laude

19/04/2019

Eu tirei o carnaval deste ano para descansar. Combinei com a minha esposa que ficaríamos em casa, longe da folia. O máximo de esforço que faríamos seria uma corridinha “leve” pelo Parque dos Cajueiros para ajudar a recarregar as energias. Encarnei o espírito de que o ano no Brasil somente começa após o carnaval, e deixei tudo que precisava de mais atenção para depois do feriado. Recuperado, na semana seguinte, recebi um e-mail um tanto inesperado. Tratava-se de um convite para participar de um seminário de pesquisa e de um workshop com a alunos de pós-graduação feito por uma das principais professoras do departamento de literatura e língua românticas da Harvard University.

Passei os dias seguintes relendo o e-mail e pensando se deveria aceitá-lo. A última vez em que estive em Boston, eu não disse adeus propriamente. Retornei ao Brasil como parte da minha rotina de trabalho e o destino me chamou a seguir em outra direção. Assim, uma nova visita, inevitavelmente, me levaria a refletir sobre coisas do meu passado. Após ponderar, resolvi que estava mais do que na hora de tocar o barco adiante e tratei de seguir com as providências para viagem. Além disso, o tom da mensagem soava mais como uma “convocação” do que com um convite. Não havia espaço para uma resposta negativa. Passei o restante de fevereiro e o mês de março trabalhando intensamente e me preparando para esta viagem. Academicamente, as coisas estavam bem organizadas. Mas, visitar a Harvard novamente, neste momento de minha vida, seria para mim como olhar nos olhos de um leão. Decidi que precisava estar afiado para o desafio. Seus alunos e professores são altamente qualificados e exigentes. Então, resolvi revisar, nos mínimos detalhes, o que me propus a discutir. E assim o fiz, até o momento de entrar no avião no final de semana passado.

Minha relação pessoal com a instituição já é antiga. A primeira vez que a visitei fazia tanto frio que pensei em desistir da viagem assim que cheguei no aeroporto. Os ventos eram uivantes, e daqueles de doer os ossos. Minha bagagem havia sido extraviada e, com ela, meus casacos de neve. Quando cheguei ao hotel em que ficaria hospedado, descobri que minha reserva havia sido feita para uma data alguns dias mais adiante. Fui recebido com um belíssimo “bem-vindo”, escrito literalmente com letras maiúsculas, o que me mostrou o quão dura é a realidade desta cidade. Com calma e paciência, aos poucos tudo foi se resolvendo e, em vez de jogar a

oportunidade para o alto, passei os meus momentos iniciais tentando compreender como as pessoas e, em especial, as instituições funcionavam. Valeu a pena. Tão logo aprendi como as pessoas pensavam, passei a perceber o valor que elas dão a quem é capaz de fazer as coisas acontecerem. Percebi que a vida acadêmica não deve ser limitada simplesmente ao quê e a como aprendemos. É preciso ir além e explorar o quê podemos fazer com que aprendemos. Embora elementar, passei a carregar comigo a noção de que, muitas vezes, as ideias são a parte fácil do processo. Difícil mesmo é colocá-las em prática. E a experiência de vida, aquilo que vivenciamos em nossa existência, conta muita na hora de transformar ideias em realidade.

Carreguei esta lição comigo para todas as outras viagens que fiz a Boston. Eu tinha uma ideia do que eu queria fazer e levava, para cima e para baixo, um projeto que havia escrito e pensado nos mínimos detalhes. Mas, pouco conhecia da cidade e de suas idiossincrasias. Somente com o tempo fui conhecendo as pessoas que se tornaram chaves para o desenvolvimento do projeto em que eu estava trabalhando. Uma delas, foi a professora que me convidou para visitar a Harvard esta semana. Nosso primeiro encontro, anos atrás, foi surpreendente ao ponto de mudar a minha perspectiva sobre Educação. Lembro de ela me dizer “é preciso ir além da interpretação das ideias”. Queria chamar minha atenção para necessidade de colocar em ação aquilo que desejamos para nossas vidas. Passei a observar cada vez mais o meu papel enquanto educador e a não temer a ação. Mantivemos uma relação de proximidade e ela sempre me incentivou a buscar voos acadêmicos cada vez mais altos e complexos. Não desisti de mim, mesmo quando cessei as visitas à cidade, ao que serei eternamente grato. Soube deixar a porta aberta para novas contribuições e, pouco a pouco, fomos preenchendo o espaço com novos projetos e iniciativas.

Esta semana, ela me deu um dos maiores presentes que já recebi em minha vida acadêmica: a oportunidade de falar para seus estudantes de pós-graduação, que formam a mais seleta elite acadêmica mundo afora. Além de falar, tive a obrigação de dar contribuições para os projetos de pesquisa em desenvolvimento, de modo a ajudar os estudantes a tornar suas ideias uma realidade. Escolhi, como tema de minha apresentação, falar sobre “reparações simbólicas”, nada mais justo para um momento tão especial em minha vida. Assim que entrei na sala de aula e que o debate se iniciou, todas as dificuldades que vivi até chegar aqui, que não foram poucas, e qualquer memória triste que ainda existia em mim se apagou completamente. Foram as duas horas mais intensas que já vivenciei em minha vida acadêmica.

Ao final do encontro, ainda cercado pelos alunos, lembrei do meu pai. Ele sempre me ensinou que na vida não existem atalhos. Para chegar até aqui é preciso estar disposto a fazer o trabalho. São quase meia noite e a Widener Library continua lotada.



# Summa Cum Laude

04/19/2019

I took the carnival this year to rest. I agreed with my wife that we would stay at home, away from the festivities. The maximum effort we would make would be a “light” run through the Cajueiros Park to help recharge the energies. I embraced the spirit that in Brazil the year only begins after the carnival, and left everything that needed more attention to doing after the holiday. Recovered, in the following week, I received an unexpected email. It was an invitation to attend a research seminar and a workshop with graduate students by one of the main professors in the department of romantic literature and language at Harvard University.

I spent the next few days rereading the e-mail and wondering if I should accept it. The last time I was in Boston, I did not say goodbye properly. I returned to Brazil as part of my work routine and destiny called me to follow in another direction. So a new visit would inevitably lead me to reflect on things from my past. After pondering, I decided it was time for me to go ahead with my life and to proceed with the arrangements for the trip. In addition, the tone of the message sounded more like a “summons” than with an invitation. There was no room for a negative answer. I spent the rest of February and the month of March working intensely and getting ready for this trip. Academically, things were well organized. But visiting Harvard again, at this point in my life, would be for me just like to look into the eyes of a lion. I decided I needed to be sharp for the challenge. Its students and professors are highly skilled and demanding. So I decided to review, in the smallest detail, what I set out to discuss. And so I did, until the moment of getting on the plane last weekend.

My personal relationship with the institution is quite old. The first time I visited it, it was so cold that I thought about giving up the trip as soon as I got to the airport. The winds were howling, which hurt my bones. My luggage had been lost, and with it, my snow coats. When I arrived at the hotel where I would be staying, I discovered that my reservation had been made for a date a few days later. It was greeted with a beautiful “welcome,” written literally in capital letters, which showed me how hard the reality of this city is. With calm and patience, little by little, everything was solved, and instead of throwing the opportunity up, I spent

my early moments trying to understand how people, and especially institutions, worked. It worth it. As soon as I learned how people thought I came to realize the value they give to those who are able to make things happen. I realized that academic life should not be limited simply to what and how we learn. We must go further and explore what we can do with what we learn. Although elementary, I came to carry with me the notion that ideas are often the easy part of the process. It's really difficult to put them into practice. And the experience of life, what we experience in our existence, tells us a lot when it comes to turning ideas into reality.

I carried this lesson with me for every other trip I made to Boston. I had an idea of what I wanted to do, and I carried up and down a project I had written and thought of in the smallest detail. But I knew little about the city and its idiosyncrasies. Only with time, I did get to know the people who became key to the development of the project I was working on. One of them was the professor who invited me to visit Harvard this week. Our first meeting, years ago, was startling to the point of changing my perspective on education. I remember her telling me "we must go beyond the interpretation of ideas." She wanted to draw my attention to the need to put what we want for our lives into action. I began to observe more and more my role as an educator and not to fear the action. We have maintained a close relationship and she has always encouraged me to seek increasingly tall and complex academic challenges. She did not give up on me, even when I stopped visiting the city, to which I will be forever grateful. She knew how to leave the door open for new contributions and, little by little, we were filling the space with new projects and initiatives.

This week she has given me one of the greatest gifts I have ever received in my academic life: the opportunity to speak to her graduate students, who make up the most select academic elite in the world. In addition to speaking, I had an obligation to make contributions to their research projects, in order to help them to make their ideas a reality. For the theme of my presentation, I chose to talk about "symbolic reparations", nothing fairer for such a special moment in my life. As soon as I entered the classroom and the debate began, all the difficulties that I experienced until I arrived here, which were not few, and any sad memories that still existed in me were completely erased. It was the two most intense hours I have ever experienced in my academic life.

At the end of the meeting, still surrounded by the students, I remembered my father. He taught me that in life there are no shortcuts. To get here you have to be willing to do the work. It's almost midnight and the Widener Library is still full of people.

# A Primavera de Safo

27/04/2019

A atmosfera da sala de aula ressoava impaciência. Sentados à uma mesa retangular, elegantes estudantes de doutorado em literatura clássica tinham diante de si dois textos igualmente complexos. Todos permaneciam quietos à espera de nossa anfitriã. O respeito ecoava mudo pelo ar. Eles sabiam que a missão para aquela tarde seria desafiadora.

A professora entrou na sala qual uma maestra. O seu leve atraso era consequência direta de uma rotina de trabalho intensa e de sua profunda dedicação à educação. Ainda de pé, pediu que todos se levantassem e nos conduziu à sala ao lado, de modo que pudesse realizar um pequeno “aquecimento”. Sentiu que ainda havia ansiedade no ar e que era necessário livrar-se dela para fazer emergir um novo cenário. A fez através de um jogo de palavras, uma brincadeira, em que o brincante substitui números ordinais por sonoridades bizarras. A ação nos levou a relaxar diante do inesperado. Então, a professora pediu para que uma de suas estudantes declamasse os seis fragmentos de poemas escritos por Safo que se encontravam sobre a mesa de trabalho. A declamação, feita em grego clássico, nos transportou para antiguidade. Ela entonava os versos com uma leveza que permitia transmitir a emoção de cada palavra declamada no ritmo exigido pelos poemas. Uma passagem me chamou a atenção profundamente. Nela, a poetisa se declarava não ser alguém “que gosta de ferir, em vez eu tenho uma mente tranquila”.

Terminada a declamação, a professora nos deu uma instrução clara e direta. Deveríamos utilizar o segundo texto, uma passagem do livro “Vigiar e Punir” do filósofo Michel Foucault para produzir alguma nova forma de expressão artística. O texto havia sido lido em voz alto no dia anterior, quando iniciamos o *workshop*. Para a ação, ela nos encorajou a utilizar pequenos pedaços de cartolina, tesouras e cola. Cada um estaria livre para criar uma nova produção, seja ela um novo poema, uma coletânea de frases ou até mesmo imagens formadas por palavras. Teríamos que explorar a ideia de que, naquele momento, seríamos donos do texto e, com ele, poderíamos fazer o que quiséssemos. Iniciei com uma releitura do texto. O fragmento do texto que lia, apresentava as ordens que deveriam ser seguidas em caso do surgimento de uma praga em uma cidade no século dezessete. As medidas de exclusão e de proibição era devastadoras. Em contraste com os poemas de Safo,

inspirados em intensa paixão e repleto de descrições sobre o amor, as palavras de Foucault apresentam ações drásticas diante de situações de desespero e angústia.

As ideias de Foucault sempre se apresentaram para mim como um choque filosófico. É a noção de que a história se torna mais eficaz quando produz uma descon-tinuidade em nosso próprio ser. Ao terminar de reler a passagem de seu livro, um questionamento permaneceu em minha mente. Queria explorar se a ideia, utópica, de uma cidade perfeitamente governada seria a força motriz por trás da nossa neces-sidade por um poder amplamente disciplinar. Voltei ao poema de Safo e, ao reencon-trar a expressão “mente tranquila”, lembrei de que a noção de progresso construída na obra de Foucault está muito vinculada à nossa própria necessidade, enquanto socie-dade, de controlar e normatizar as expressões de pensamento. Em sua obra há a crítica de que, para construirmos sociedades eficientes, precisamos produzir conformidade. Para tanto, poder e conhecimento implicam diretamente um ao outro, e se alimen-tam em um sistema que possui vida própria. Ao produzirmos “mentes tranquilas”, eliminamos também algumas possibilidades de usufruto de nossa própria liberdade. Mas, o poder não pode ser compreendido somente como instância repressora. Ele também é uma instância criativa. Como artistas, muitas vezes precisamos produzir intervenções inesperadas que alterem a visão humanística das pessoas com quem con-vivemos em nossa própria sociedade. Eu fiz isso por toda a minha vida.

Recortei algumas frases do texto que remetiam a esta ideia inspirada pelo po-ema de Safo. A nossa anfitriã pediu que formássemos um pequeno círculo. Novos poemas foram declamados e desenhos inspirados no texto de Foucault foram apre-sentados. Era como se o texto, extremamente técnico, tomasse uma forma artística através de intervenções imprevisíveis. Após a rodada de apresentações, a professora, em vez de nos perguntar o quê havíamos aprendido, nos questionou o quê havíamos produzido. Esta indagação disparou uma série de novos sentidos sobre o trabalho do grupo. Houve quem indagasse sobre si mesmo, quem expressasse seus sentimen-tos sobre o texto, e quem levantasse a importância da liberdade de criar a partir de obras complexas. E então, a professora nos lembrou que “quando somos criativos, não há motivo para desespero”. Há sempre a possibilidade de criarmos um caminho novo e, mesmo diante de toda a modernidade, quatro “tecnologias de ponta” ainda continuarão amplamente necessárias: a nossa capacidade de pensar criticamente, de sermos criativos, de colaborarmos e de comunicar nossas ideias. Estes pilares, bem como a ampliação das habilidades de leitura e escrita, do exercício da cidadania e das possibilidades de inovação formam o *Pre-text Protocol* na Harvard University.

A viagem certamente muda o viajante. Na saída da aula, ao sentir o vento frio da primavera de Boston, a professora falou-me do acalanto que sente ao ver seus alunos produzirem algo inesperado. Pediu-me para continuarmos colaborando.

# The Spring of Sappho

04/27/2019

The atmosphere of the classroom was impatient. Seated at a rectangular table, elegant Ph.D. students in classical literature had before them two equally complex texts. Everyone was still waiting for our hostess. Respect echoed mute through the air. They knew that the mission for that afternoon would be challenging.

The professor entered the room like a conductor. Her slight delay was the direct consequence of an intense work routine and her deep dedication to education. Still standing, she asked everyone to stand up and led us to the next room, so that she could do a little “warm up.” She felt that there was still anxiety in the air and that it was necessary to get rid of it to bring forth a new scenario. She did it through a game of words, a joke, in which the player replaces ordinal numbers with bizarre sonorities. The action took us to relax before the unexpected. Then the professor asked one of her students to recite the six fragments of poems written by Sappho that were on the table. The declamation, done in classical Greek, transported us to antiquity. She sang the verses with a lightness that allowed transmitting the emotion of each word recited in the rhythm demanded by the poems. One passage caught my attention deeply. In it, the poet declared herself not to be someone “who likes to wound rather I have a quiet mind.”

After the declamation, the professor gave us clear and direct instruction. We should use the second text, a passage from the book “Discipline & Punish” by the philosopher Michel Foucault to produce some new form of artistic expression. The text had been read aloud the day before when we started the workshop. For the action, she encouraged us to use small pieces of cardstock, scissors and glue. Each person would be free to create a new production, be it a new poem, a collection of sentences or even images formed by words. We would have to explore the idea that at that moment we would be the owners of the text and, with it, we could do whatever we wanted. I started by rereading the text. The fragment of the text I read presented the orders to be followed in the event of a plague in a city in the seventeenth century. The measures of exclusion and prohibition were devastating. In contrast to Sappho’s poems, inspired by intense passion and full of descriptions of love, Foucault’s words present drastic action in the face of situations of despair and anguish.

Foucault's ideas always presented themselves to me as a philosophical shock. It is the notion that history becomes more effective when it produces a discontinuity in our own being. As I finished rereading the passage of his book, a questioning remained in my mind. I wanted to explore whether the utopian idea of a perfectly governed city would be the driving force behind our need for a broadly disciplinary power. I returned to Sappho's poem, and when I re-found the expression "quiet mind," I recalled that the notion of progress built in Foucault's work is closely bound up with our own need as a society to control and standardize the expressions of thought. In his work, there is criticism that in order to build efficient societies, we must produce conformity. For this, power and knowledge directly imply one another and feed on a system that has a life of its own. By producing "quiet minds," we also eliminate some possibilities of usufruct of our own freedom. But power cannot be understood only as a repressive instance. It is also a creative instance. As artists, we often need to produce unexpected interventions that alter the humanistic view of the people with whom we live in our own society. I've done this all my life.

I cut some sentences from the text that refer to this idea inspired by Sappho's poem. Our hostess asked us to form a small circle. New poems were recited and drawings inspired by Foucault's text were presented. It was as if the extremely technical text took an art form through unforeseeable interventions. After the round of presentations, the professor, instead of asking us what we had learned, asked us what we had produced. This inquiry triggered a series of new senses about the work of the group. There were those who wondered about themselves, who expressed their feelings about the text, and who raised the importance of the freedom to create from complex works. And then, the professor reminded us that "when we are creative, there is no reason for despair." There is always the possibility of creating a new path and, even in the face of modernity, four "cutting-edge technologies" will still be widely needed: our ability to think critically, to be creative, to collaborate and to communicate our ideas. These pillars, as well as the expansion of reading and writing skills, the exercise of citizenship and the possibilities of innovation, form the Pre-text Protocol at Harvard University.

The voyage certainly changes the traveler. At the end of the class, as she felt Boston's cold spring wind, the professor told me how she feels cherished when her students produce something unexpected. She asked me to continue collaborating.



# As Esculturas do Deserto

04/05/2019

Era para ser uma reunião rápida. Uma conversa sobre programas internacionais. Meu amigo, com quem já havia trabalhado em outras aventuras, organizou o encontro seguindo os melhores protocolos. Trocaríamos presentes e discutiríamos perspectivas acadêmicas para os nossos países.

Minha anfitriã era uma experiente antropóloga, que chefiava as iniciativas sobre o Brasil em sua instituição. Logo no início da conversa, forneci-lhe um panorama detalhado das principais áreas de Educação de nosso país. Infelizmente, quando usei a palavra “governo”, a nossa discussão, caminhou da área técnica para a área política. Tratava-se da última semana antes das recentes eleições brasileiras e discutir assuntos técnicos sob uma ótica política, naquele momento, seria um exercício inoportuno. Em qualquer eleição no Brasil, lidamos com muitas incertezas, o que torna o trabalho analítico complexo e, em muitos casos, impreciso. Busquei acalmá-la e expliquei que, mesmo com os muitos solavancos políticos, o Brasil continuava comprometido com um projeto democrático. Alinhamos o discurso em muitos pontos e convergimos para o entendimento de que ainda era prematuro prever o que a retórica política tornaria realidade no futuro próximo.

Saí da reunião com a sensação de que, talvez, o meu trabalho de explicar o Brasil para muitos colegas acadêmicos mundo afora poderia se tornar mais difícil do que já era. Quando voltamos ao seu escritório, o meu amigo me disse que havia programado uma surpresa para mim para o restante do dia. Queria me mostrar algo especial e pediu-me que trocasse de roupa. Substituí o terno e a gravata por uma bermuda cargo azul escura, uma camisa leve com estampa de praia e, para dar um ar de rebeldia, minhas botas *moc toe*, estilo imortalizado pelo ator Jack Nicholson no filme “Um Estranho no Ninho”. Parecia alguém que havia desembarcado nos anos noventa e iria para um show de alguma banda de *grunge*. Ao me ver com roupas novas, meu amigo disse-me que o meu novo estilo combinava bem para onde íamos e fez questão de emprestar-me um chapéu, pois, sem ele, não sobreviveria cinco minutos fora do carro. Seguimos para o estacionamento da universidade, onde nossas esposas nos aguardavam para pegarmos a estrada.

A jornada seria um tanto quanto longa. Para acalmar nossos ânimos, ele nos disse que faríamos um “reabastecimento” providencial em uma pequena cidade

no meio do caminho. Assim, começamos a ver a paisagem mudar enquanto seguíamos em direção a *Borrego Springs* no deserto californiano. Aos poucos, fomos deixando a cidade para trás e a paisagem foi se tornando mais serrana. Seguimos pela *Kumeyaay Highway* até a altura da *State Route 79*, onde a estrada se tornou bastante sinuosa. Contornamos e subimos o vale, com sua belíssima paisagem campestre, até chegarmos a Julian, uma pequeníssima cidade, construída como refúgio montanhoso localizada nas belas montanhas de *Cuyamaca*, pouco mais de uma hora de viagem de San Diego, de onde partimos. Estacionamos o carro em frente ao *Candied Apple*, uma pequena pastelaria, especializada em tortas de maçã com sorvete. Sentamos na sombra para apreciar o doce e, ao caminharmos pela cidade, experimentamos cidra de maçã, que era ácida, porém doce. Nos relatou que a cidade também era famosa por ter sido parte da corrida pelo ouro no século dezenove. O estilo das construções ainda lembra, e muito, um filme clássico de faroeste americano.

Em sequência, seguimos viagem, dessa vez vale abaixo. Saímos do verde pleno para uma paisagem que se assemelhava a uma pedraria. Cortávamos o vale cercados por pedras de ambos os lados. Assim que chegamos à planície, comecei a notar que no meio do deserto haviam enormes artefatos que se assemelhavam à esculturas. Quando menos esperávamos, nosso amigo guiou seu o jipe em direção às areias do deserto. Estacionamos ao lado de uma escultura gigante de um escorpião. O calor era de rachar a alma. O chapéu, que tomei emprestado, se mostrou providencial. O meu amigo nos contou que o Parque Estadual do Deserto Anza-Borrego possuía mais de 130 esculturas como aquela. Sua construção foi patrocinada, em parte, por um importante filantropo californiano, herdeiro de uma das empresas mais prósperas dos EUA. Enquanto obras de arte, as esculturas representavam mamíferos pré-históricos, dinossauros e personagens humanos que, ao longo da história da humanidade, haviam habitado aquele mesmo deserto. As esculturas retratam a luta pela sobrevivência em um ambiente inóspito. É a ideia de que, através de intervenções artísticas, podemos alcançar compreensões mais amplas sobre os dilemas de nossa própria humanidade. As esculturas atraem ao deserto milhares de pessoas dos EUA e de outros países, que passeiam, espantados, entre suas magnitudes. Enquanto isso, no Brasil, ainda precisamos fortalecer, e muito, as artes e as humanidades, bem como as outras áreas da ciência em nossas instituições para que possamos competir globalmente. É preciso equilibrar o discurso para que educação e cultura sejam sempre pensadas como prioridades.

Na volta para casa, ao dirigir com cuidado na estrada sinuosa que nos levava de volta a San Diego, nos deparamos com animais silvestres na pista. No carro, enquanto esperávamos que passassem, notei o estranhamento que expressavam com nossa presença. Lembrei da reunião tensa em que havia participado pela manhã e de como é importante construirmos pontes eficientes de diálogo.

# The Desert Sculptures

05/04/2019

It was supposed to be a quick meeting. A conversation about international education. My friend, with whom I had already worked on other adventures, organized the meeting following the best protocols. We would exchange gifts and debate academic perspectives for our countries.

My hostess was an experienced anthropologist, who led initiatives on Brazil in her institution. Early in the conversation, I provided a detailed overview of the Brazil main initiatives in Education. Unfortunately, when I used the word “government”, our discussion moved from the technical area to the political arena. It was the last week before the recent Brazilian elections and discussing technical issues from a political standpoint at that time would be an inopportune exercise. In any election in Brazil, we deal with a lot of uncertainties, which makes analytical work complex and, in many cases, inaccurate. I tried to reassure her that, even with the many political bumps, Brazil remained committed to a democratic project. We aligned the discourse on many points and we converged to the understanding that it was still premature to predict what political rhetoric would make a reality in the near future.

I left the meeting with the feeling that perhaps my job of explaining Brazil to many academic colleagues around the world could become more difficult than it already was. When we returned to his office, my friend told me that he had scheduled a surprise for me for the rest of the day. He wanted to show me something special and asked me to change my clothes. I replaced the suit and tie with dark blue cargo shorts, a beach-print shirt, and, to give an air of freedom, my moc-toe boots, style immortalized by Jack Nicholson in the movie *One Flew Over the Cuckoo's Nest*. I looked like someone who had landed in the nineties and would go to a concert of some grunge band. As soon as he saw me in new clothes, my friend told me that my new style suited well and made a point of lending me a hat because without it I would not survive five minutes out of the car. We headed to the university parking lot where our wives were waiting for us to take the road.

The journey would be somewhat long. To calm our spirits, he told us that we would do a providential “refueling” in a small town halfway. So we began to see the landscape change as we headed toward Borrego Springs in the Californian

desert. Gradually, as we were leaving the city behind, the landscape became more mountainous. We took the Kumeyaay Highway to the point of State Route 79, where the road became quite winding. We went up and down the valley, with its beautiful countryside, until we reached Julian, a tiny town, built as a mountain refuge in the beautiful mountains of Cuyamaca, just over an hour's drive from San Diego, where we began our journey. We parked the car in front of the Candied Apple, a small pastry shop specializing in apple pies with ice cream. We sat in the shade to enjoy the sweet, and as we walked through the city, we tried apple cider, which was acid but sweet. He told us that the city was also famous for being part of the gold rush in the nineteenth century. The style of the buildings still resembles, and much, a classic Western American movie.

In sequence, we returned to the road, this time down below the valley. We left the full green for a landscape that resembled a pebble mountain. We cut the valley surrounded by stones on both sides. As soon as we reached the plain, I began to notice that in the middle of the desert there were huge artifacts that resembled with sculptures. When we least expected it, our friend guided his jeep into the desert sands. We parked right next to a giant sculpture of a scorpion. The heat was cracking the soul. The hat, which I borrowed, was providential. My friend told us that the Anza-Borrego Desert State Park had more than 130 sculptures like that. Its construction was sponsored, in part, by an important Californian philanthropist, heir to one of the most prosperous companies in the United States. As works of art, the sculptures represented prehistoric mammals, dinosaurs and human characters that throughout the history of mankind had inhabited that same desert. The sculptures depict the struggle for survival in an inhospitable environment. It is the idea that through artistic interventions we can achieve broader understandings about the dilemmas of our own humanity. The sculptures draw thousands of people from the United States and other countries into the desert, strolling in amazement among its magnitudes. Meanwhile, in Brazil, we still need to strengthen the arts and humanities, as well as other areas of science in our institutions, so that we can compete globally. It is necessary to balance the political rhetoric so that education and culture can be thought always as priorities.

On our way home, driving carefully along the winding road that led us back to San Diego, we encountered wild animals on the road. In the car, as we waited for them to pass, I noticed the strangeness they expressed with our presence. I remembered the tense meeting I had attended in the morning and how important it is to build efficient bridges for dialogue.

# As Tramas do Destino

11/05/2019<sup>9</sup>

Eu lembro vividamente da primeira vez que o vi. Parecia ser uma pessoa simples envolta em uma vida complexa. Àquela altura, ele já era uma pessoa que havia caminhado muito e carregava no olhar a sagacidade de quem já tinha enfrentado touros e leões. Nada em sua vida havia sido fácil. Tudo que havia conquistado tinha lhe chegado através de muito suor e foco.

Na ocasião de nossa primeira conversa mais longa e íntima, meu pai havia acabado de partir. Tive que substituí-lo enquanto padrinho em um casamento no Rio de Janeiro. Minha mãe não queria desapontar a noiva, filha de seu irmão querido, e buscava forças para encarar a cerimônia. Na festa, acabamos sentando juntos e, em meio à conversa, me confessou um sonho audacioso. Escutei o que tinha a dizer e não pude deixar de notar que qualquer pessoa que ouvisse sua ideia naquele momento ficaria espantada. Decidi subir o sarrafo para testar a consistência do seu pensamento. Disse-lhe que para o plano dar certo, além de gerar ganhos de imagem para sua instituição, este deveria produzir também algumas “moedinhas”. Naquela época, eu já vivia envolvido com ideias de internacionalização e sabia que sucesso na América do Norte é medido, em parte, pela capacidade de um projeto em atrair recursos financeiros que, por sua vez, devem ser usados para dar-lhe vida longa. É dito comum para qualquer americano sensato que projetos sem recursos são meros sonhos utópicos. Ele protestou! Me disse que não queria ganhar proventos com a ideia, que ela deveria simplesmente se pagar. Todavia, percebi que ele me olhou como alguém que teve a coragem de lhe dizer o que pensava.

Seguimos conversando e aceitei a incumbência de tentar tornar seu sonho, realidade. Eu tinha acabado de olhar a morte de frente. Fazia pouco mais de um ano que o tratamento quimioterápico a que me submeti havia cessado e, ansiava fazer um projeto que me levasse a viver novos horizontes. Juntamos forças em um objetivo comum. Com o tempo, fui aprendendo a lidar, com calma, com sua enorme ansiedade, fruto de quem tem uma mente voltada para o futuro. Gosto

9 Originalmente escrita para uma leitura pública na Academia Sergipana de Letras, realizada no dia de 06/05/2019.

de pensar também, que, nos tornamos amigos. Com resignação, pensei o projeto como quem constrói uma casa. Era necessário construí-la no melhor terreno possível, mesmo contando apenas com poucos recursos. E assim decidimos explorar a Nova Inglaterra, região mundialmente reconhecida por suas instituições educacionais de excelência. Primeiro assentei o terreno, depois preparei as mentes, pois existem profundas diferenças entre o nordeste brasileiro e o norte-americano, para, por fim, fazer subir as paredes e o telhado da nova casa. Tudo a seu bom tempo, pois na vida não podemos ficar refém de nossos próprios sonhos.

Lembro-me da primeira vez que fomos juntos ao exterior. Era uma viagem curta que nos serviria muito mais para um propósito didático do que exploratório. Todos nós ainda estávamos aprendendo a lidar com as circunstâncias do que desejávamos criar. No primeiro dia da viagem chovia tanto que, enquanto caminhávamos pelo campus da universidade, pensei, por um momento, que o projeto tinha escorrido pelo ralo junto com a água fria da chuva. Aguentar o frio da Nova Inglaterra seria um enorme desafio para qualquer nordestino. Apaguei esta ideia da minha mente assim que vi o brilho no seu olhar ao insistir em seguir com a caminhada e com o longo dia de visitas. Guardei aquele olhar, de quem imaginava continuamente possibilidades, no fundo da minha mente.

Nos anos seguintes trabalhamos duro. Ouvi de muitas pessoas que o plano era impossível. Aprendi a filtrá-las bem e a não deixar que ideias frágeis contaminassem a construção do projeto. Como a vida sempre trama a nosso favor, quando minha fé começou a balançar encontrei a porta que precisávamos atravessar para fazer de seu sonho uma realidade. Não imagine que foi fácil atravessá-la. Só com os doutores da lei ianques negociamos por quase um ano. A medida que os obstáculos externos diminuía, os conflitos internos emergiam com mais força. Trata-se do interesse natural que qualquer projeto de impacto desperta em outras pessoas. Foquei nas peças que ainda precisava mexer no complexo tabuleiro de xadrez que jogava para garantir a sua existência plena. Pensei comigo mesmo que “sem palco, não há artista que possa brilhar” e decidi que valeria a pena seguir em frente, mesmo que eu não estivesse lá quando as cortinas se abrissem. Passei meses trabalhando com afinco para garantir que todas as portas continuassem abertas. Assinados os termos contratuais, fui até a Casa Branca buscar os recursos financeiros necessários para que a luz do sol entrasse pela janela da nova construção.

Finda está etapa, encarei com naturalidade a necessidade de seguir adiante. Naquele momento decidi permanecer em silêncio. Me afastei de todos que, por motivo de interesse, queriam que eu fizesse qualquer mal ao amigo. Decidi esperar o devido tempo para que a vida pudesse traçar novos caminhos e, olhando



em perspectiva, nenhuma das estradas em que agora me encontro trilhando haveriam de emergir se eu não houvesse caminhando primeiro por esta experiência. Recentemente, um professor estrangeiro, que conheci quando lutava mundo afora pelo projeto, disse-me que na língua *Yiddish* há uma diferença fundamental entre a palavra “*Menschheit*”, que significa humanidade, e “*Menschkeit*”, que propriamente designa a condição humana. É a diferença de uma letra que nos propõe a noção de que, para avançarmos em nossa existência, precisamos compreender que nossa própria humanidade e nossa condição enquanto seres humanos são elementos distintos, mas indissociáveis. O *Menschkeit* designa justamente o conjunto de qualidades que levam uma pessoa a se tornar um “*Mensch*”, ou seja, uma pessoa digna, que sabe o que é certo e que reconhece suas responsabilidades na vida em sociedade. Falou-me que a vida trama, e muito, para fazer com que a pessoa compreenda a sua própria condição, e que o *Menschkeit* é um processo que, ora aparta e ora aproxima, em experiência, homens de igual valor, fazendo com que eles busquem compreender o que precisam para evoluir. É justamente o espaço que existe entre a possibilidade de um aperto de mão. Traz, em essência, a ideia de que a experiência nos ensina na prática aquilo que a teoria não consegue nos demonstrar.

Um pescador sempre reconhece seus semelhantes no mar. No último dia da viagem, que recentemente fiz ao exterior, ao caminhar no frio da primavera, vi, à distância, a estátua do John Harvard, fundador da instituição que leva seu nome. Lembrei que na primeira viagem que fiz com o amigo ao exterior tiramos uma foto juntos no mesmo lugar. Espero que esta memória lhe tenha igual valor.

# The Plots of Destiny

05/06//2019<sup>10</sup>

I remember vividly the first time I saw him. He seemed to be a simple person shrouded in a complex life. By then, he was already a person who had walked a lot and carried the gaze of the wit of those who had already faced bulls and lions. Nothing in his life had been easy. Everything he had conquered had come to him through much sweat and focus.

At the time of our first long, intimate conversation, my father had just passed away. I had to replace him at a wedding in Rio de Janeiro. My mother did not want to disappoint the bride, the daughter of her beloved brother, and sought the strength to face the ceremony. At the party, we ended up sitting together and, in the midst of the conversation, he confessed to me a bold dream. I listened to what he had to say, and I could not help noticing that anyone who heard his idea at that moment would be amazed. I decided to raise the matter to test the consistency of his thinking. I told him that for the plan to work, besides generating image value for his institution, it should also produce some “pennies”. At that time, I was already involved with ideas of internationalization and I knew that success in North America is measured in part by a project’s ability to attract financial resources, which in turn should be used to give it a long life. It is common sense to any American that projects without resources are mere utopian dreams. He protested! She told me that she did not want to earn a living from the idea, which should simply pay for itself. However, I noticed that he looked at me as someone who had the courage to tell him what its thought.

We continued talking and I accepted the task of trying to make his dream come true. I had just looked at death head-on. It had been a little more than a year since the chemotherapy treatment that I underwent had ceased, and I longed for a project that would lead me to live new horizons. We join forces in a common goal. Over time, I learned to cope, calmly, with his great anxiety, the fruit of one who has a mind towards the future. I like to think too, that we have become friends. With resignation, I thought of the project as someone who builds a house. It was necessary to build it in the best possible terrain,

10      Originally written for a public reading at the Academia Sergipana de Letras, held on 06/05/2019.

even with only limited resources. And so we decided to explore New England, a world-renowned region for its educational institutions of excellence. First I laid the ground, and then prepared minds, for there are deep differences between the Brazilian and North American Northeast, in order to eventually raise the walls and roof of the new house. All in good time, because in life we cannot be held hostage by our own dreams.

I remember the first time we went abroad together. It was a short trip that would serve us much more for a didactic purpose than exploratory. All of us were still learning to deal with the circumstances of what we wanted to create. On the first day of the trip, it rained so much that as we walked the campus of the university, I thought for a moment that the project had run down the drain along with the cold rainwater. Enduring the New England cold weather would be a huge challenge for any Northeasterner. I erased this idea from my mind as soon as I saw the gleam in his gaze as he insisted on following the walk and the long day of visits. I kept that look, of someone who imagined possibilities continuously, deep in my mind.

In the following years, we worked hard. I have heard from many people that the plan was impossible. I learned how to filter them well and not let fragile ideas contaminate the construction of the project. As life always plots in our favor, when my faith began to sway I found the door that we needed to cross to make of his dream a reality. Do not imagine that it was easy to cross. Only with the Yankee lawyers, we negotiated for almost a year. As external obstacles diminished, internal conflicts emerged more strongly. It is the natural interest that any impact project arouses in other people. I focused on the pieces I still had to move on the complex chessboard I was playing to ensure its full existence. I thought to myself “without a stage, there is no artist who can shine” and decided that it would be worthwhile to move on, even if I was not there when the curtains opened. I spent months working hard to make sure that all the doors were open. With the contractual terms signed, I went to the White House to fetch the financial resources necessary for sunlight to enter through the window of the new building.

After this stage, I faced naturally the need to move on. At that moment I decided to remain silent. I turned away from everyone who, out of interest, wanted me to do any harm to my friend. I decided to wait for the right time so that life could chart new paths, and looking in perspective, none of the roads I now find walking would emerge if I had not first walked through this experience. Recently a foreign teacher, whom I met while fighting the world over the project, told me

that in the Yiddish language there is a fundamental difference between the word *Menschheit*, which means humanity, and *Menschkeit*, which properly designates the human condition. It is the difference of a letter that proposes to us the notion that, in order to advance in our existence, we must understand that our own humanity and our condition as human beings are distinct but inseparable elements. The *Menschkeit* precisely designates the set of qualities that lead a person to become a Mensch, that is, a worthy person, who knows what is right and who recognizes his responsibilities in life in society. He told me that life always makes plots to make a person understand his own condition and that *Menschkeit* is a process that separates and sometimes brings together men of equal value into experience, making them seek to understand what they need to evolve. It is precisely the space that exists between the possibilities of a handshake. It brings, in essence, the idea that experience teaches us in practice what theory cannot demonstrate to us.

A fisherman always recognizes his fellows in the sea. On the last day of the trip, which I recently made abroad, as I was walking in the cold of spring, I saw in the distance the statue of John Harvard, founder of the institution that bears his name. I remembered that the first trip I did with my friend abroad, we took a picture together in the same place. I hope this memory has an equal value to him.

# Estradas e Destinos

18/05/2019

O dia tinha tudo para ser tranquilo. Nossa primeira parada daquele domingo foi para o café da manhã em *Venice Beach*, bem perto do nosso hotel. Chegamos cedo e o calçadão da praia, bem como a academia de ginástica que ajudou a alçar Arnold Schwarzenegger para a fama, ainda estavam vazias. Sentamos em um café à beira mar e fizemos o nosso desjejum com omeletes e panquecas recheadas de *maple syrup* e morangos. Depois do café, caminhamos pelos canais da “Veneza” californiana, que foram construídos, no início do século XX, para dar um ar mais europeu à cidade. O nosso plano era passarmos o dia no *Los Angeles County Museum of Art*, conhecido popularmente como LACMA, e ver o por do sol em uma das colinas da cidade. O LACMA é um complexo que reúne diferentes prédios e ocupa praticamente um quarteirão inteiro. Trata-se do maior museu de arte da região oeste dos EUA, com uma coleção de pouco mais de 150.000 obras, que abrange diversos períodos da história da humanidade. No trajeto, passamos pela Rodeo Drive, imortalizada pela atriz Julia Roberts no filme “Uma Linda Mulher”, antes de tomarmos a *Wilshire Boulevard*, onde está localizado o museu. Logo na entrada, avistamos o *Urban Light*, uma escultura de luzes, em grande escala, criada pelo artista Chris Burden.

Começamos a visita subindo a enorme escada rolante que dá acesso ao *Broad Contemporary Art Museum* no LACMA. Trata-se de uma galeria que reúne uma imensa coleção de arte moderna. O complexo foi projeto pelo arquiteto Renzo Piano, o mesmo do centro *Georges Pompidou* em Paris. Ao subir as escadas, vimos, à distância, as colinas do *Runyon Canyon Park*. Os três andares do prédio apresentam uma seleção de obras de artistas norte-americanos, entre elas, peças únicas do celebrado artista plástico Andy Warhol, principal figura do movimento pop art. Deixamos as horas passarem enquanto olhávamos os detalhes de cada obra que capturava nossa atenção. Dedicamos um tempo especial à exposição criada em homenagem ao coreógrafo Merce Cunningham, que revolucionou a dança ao introduzir a ideia desafiadora de que seus elementos, movimento, música, figurino e cenário, podem ser criados independentemente para serem unidos, em um tempo comum e único, em uma performance. Ficamos fascinados com o seu método de trabalho interdisciplinar e em como seus objetivos eram alcançados mesmo diante de tanta incerteza.

Terminada a visita, subimos a colina para ter uma vista ampla da cidade. Nosso destino era o *Griffith Observatory*, que foi um dos cenários marcantes do filme “Rebelde Sem Causa” estrelado pelo ator James Dean. Quando digitei o nome do famoso observatório no GPS, este me forneceu uma lista de opções e, por equívoco, selecionei a primeira opção imaginando ser a mais comum por se tratar de um destino tão turístico. Este erro nos lançou na *freeway* muito além do que desejávamos. Enquanto dirigíamos, víamos as colinas ficarem para trás. O GPS também disponibilizava conexão de internet e minha esposa pôde consultar em seu smartphone o endereço correto. Como a vida sempre nos prega “peças”, enquanto digitávamos o novo endereço para onde desejávamos ir, o GPS simplesmente parou de funcionar. A tela do aparelho ficou completamente preta. Perder-se em uma cidade, imensa e complexa, como Los Angeles não é uma experiência agradável, mas conseguimos fazer todo o trajeto com a ajuda do mapa que minha esposa havia acessado em seu smartphone antes de perdermos por completo a conexão. Chegamos ao observatório quase com o cair da noite e nos certificamos que o mapa impresso da cidade, que sempre levamos conosco em nossas andanças pelo mundo, estava bem guardado em nossa mochila, que, por confiarmos demais na tecnologia, havíamos deixado no porta-malas do carro.

Ao avistar as luzes da cidade, lembrei de uma frase que meu pai havia me dito muitos anos atrás, um verso da música *Any Road* de George Harrison, canção inspirada no livro “As Aventuras de Alice no País das Maravilhas” do escritor Lewis Carroll, que diz que “se você não sabe para onde está indo, qualquer estrada vai te levar até lá”. Foi sua maneira de me dizer que, na vida, é importante explorarmos caminhos, mas precisamos definir bem destinos. Esta frase resume bem o momento atual da Educação brasileira. Nos últimos meses, convivemos com intensas mudanças na política educacional de nosso país e com uma instabilidade que não nos ajuda a pensar o futuro de forma estratégica. É papel de qualquer governo definir, de forma clara e precisa, os objetivos que precisamos alcançar. Estes devem ser encarados como um destino, e a estrada é justamente a estratégia que iremos adotar para alcançarmos o que almejamos. É bem verdade que a crise não vem de agora e que muitos erros foram cometidos no passado. No entanto, não podemos ficar presos, tal qual Alice, em uma lógica absurda. Precisamos acessar os bons mapas, que já existem no país e mundo afora, para traçar objetivos e estratégias que tragam resultados que nos ajudem a superar estrategicamente os problemas com que convivemos cotidianamente em nossas instituições de ensino.

A viagem faz o viajante. Com a ajuda do mapa impresso, descemos a colina e chegamos tranquilamente ao nosso hotel em Santa Mônica. A aventura de se perder nos trouxe a racionalidade que precisávamos para achar o caminho. Precisamos pensar mais sobre isso em nosso país.



# Roads and Destinations

05/18/2019

The day had everything to be quiet. Our first stop that Sunday was for breakfast in Venice Beach, near our hotel. We arrived early and the beach promenade, as well as the gym that helped raise Arnold Schwarzenegger to fame, were still empty. We sat at a seafront cafe and had our breakfast with omelets and pancakes stuffed with maple syrup and strawberries. After breakfast, we walked along the California “Venice” canals, which were built at the beginning of the 20th century to give the city more European flavor. Our plan was to spend the day at the Los Angeles County Museum of Art, popularly known as LACMA, and watch the sunset on one of the city’s hills. LACMA is a complex that congregates different buildings and occupies almost a whole block. It is the largest art museum in the western US, with a collection of just over 150,000 works spanning various periods of human history. On the way, we passed Rodeo Drive, immortalized by actress Julia Roberts in the movie “Pretty Woman,” before taking a turn at Wilshire Boulevard, where the museum is located. At the entrance, we spotted the Urban Light, a large-scale sculpture of lights created by Chris Burden.

We begin the visit by climbing the huge escalator that gives access to the Broad Contemporary Art Museum in LACMA. This is a gallery that brings together an immense collection of modern art. Architect Renzo Piano, the same as the Georges Pompidou center in Paris, designed the complex. As we climbed the stairs, we saw, in the distance, the hills of Runyon Canyon Park. The three floors of the building feature a selection of works by American artists, among them unique pieces created by Andy Warhol, the leading figure in the pop art movement. We let the hours pass as we looked at the details of each work that captured our attention. We dedicate a special time to the exhibition created in honor of choreographer Merce Cunningham, who revolutionized dance by introducing the challenging idea that its elements, movement, music, costumes, and scenery can be created independently to be united in common and unique time, in a performance. We were fascinated by his interdisciplinary method of work and how his goals were achieved even in the face of so much uncertainty.

As we finished the visit, we climbed uphill to have a wide view of the city.

Our destination was the Griffith Observatory, which was one of the highlights of the film “Rebel Without a Cause” starring actor James Dean. When I entered the name of the famous observatory on the GPS, it gave me a list of options and, by mistake, I selected the first option, imagining it to be the most common because it was such a tourist destination. This mistake got us into the freeway and we drove far beyond what we wanted. As we drove, we let the hills behind us. The GPS also provided an Internet connection and my wife could consult on her smartphone the correct address. Because life always pranks us, as we typed the new address we wanted to go to, GPS simply stopped working. The screen of the device went completely black. Getting lost in an immense and complex city like Los Angeles is not a pleasant experience, but we managed to make the entire route using the map that my wife had accessed on her smartphone before we completely lost the connection. We arrived at the observatory almost at nightfall, and we made sure that the printed map of the city, which we always carried with us on our journeys around the world, was well stored in our backpack, that, because we relied too much on technology, we had left it in the trunk of the car.

As I glimpsed the city lights, I remembered a phrase that my father had told me many years ago, a verse from George Harrison’s Any Road song, a composition inspired by Lewis Carroll’s book “Alice’s Adventures in Wonderland”, which says that “if you do not know where you are going, any road will take you there.” It was his way of telling me that in life it is important to explore ways, but we need to define well the destinations. This phrase sums up the current moment of Brazilian education. In recent months, we have been living with intense changes in our country’s educational policy and with the instability that does not help us think strategically for the future. It is the role of any government to define clearly and precisely the objectives that we need to achieve in this area. These should be seen as a destination, and the road is precisely the strategy we will adopt to achieve what we aim for. It is true that this crisis didn’t start now and that many mistakes have been made in the past. However, we cannot get stuck, such as Alice, in an absurd logic. We need to access the good maps, which already exist in the country and the world, to outline goals and strategies that could bring results that help us strategically to overcome the problems we face daily in our educational institutions.

The journey makes the traveler. With the help of the printed map, we descended the hill and arrived easily at our hotel in Santa Monica. The adventure of losing ourselves brought us the rationality that we needed to find the way. We need to think more about that in our country.

# Atalhos Para a Magnitude

25/05/2019

“Há uma coisa muito engraçada neste aeroporto, você vai ver quando chegarmos”, disse-me uma amiga enquanto sobrevoávamos, durante a madrugada, os lençóis maranhenses. Perguntei-lhe o quê seria e ela me respondeu me questionando se eu havia despachado minha mala. O seu sorriso irônico não antecipou o que eu iria ver.

O avião pousou sem maiores problemas e quando descemos as escadas para o desembarque vi à distância algumas tendas montadas com o que parecia ser um receptivo improvisado para os passageiros. Enquanto caminhávamos a minha amiga, que ria compulsivamente, me disse que as tendas foram a solução encontrada para que o aeroporto continuasse funcionando até que o teto do prédio original que servia o desembarque pudesse ser reparado. Ela carregava somente uma mala de mão, pois já havia sido apresentada as tendas do aeroporto anteriormente e preferiu não arriscar. Cercado por passageiros, lutei para que receber a minha mala. As bagagens nos foram entregues a partir de um reboque acoplado a um trator do aeroporto. As pessoas pegavam suas malas e corriam para saída, como se houvessem escapado de alguma tragédia.

O cansaço de um dia longo de trabalho somados ao voo noturno e à experiência inusitada no aeroporto exauriu minhas energias. Pela manhã nos reencontramos novamente e seguimos para a Universidade Federal do Maranhão onde aconteceria a reunião, naquele ano, da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Na agenda do dia haveria um encontro com a direção e a equipe técnica de cooperação institucional do CNPq. A reunião serviria para que nós, gestores das mais diversas universidades brasileiras, tivéssemos a oportunidade de compartilhar experiências em programas importantes, como o Ciência Sem Fronteiras. Após uma rápida apresentação da diretoria, o plenário foi aberto para perguntas e debates. Neste momento vi que um dilema que eu vivenciava também era comum e intenso em todos os meus colegas. Todos tinham perguntas, dúvidas e questionamentos.

A cerca de um ano convivíamos com aquela iniciativa, que tinha por objetivo enviar 100,000 mil alunos ao exterior. Naquela época, muito poucas instituições brasileiras possuíam, de forma estruturada e sistêmica, processos de internacionalização. Os obstáculos para fazer o programa acontecer eram inúmeros. A lista de

problemas enfrentados incluíam a baixa proficiência em língua estrangeira dos nossos estudantes, as escassas oportunidades para realizar os exames exigidos em línguas estrangeiras, e a falta de treinamento para lidar com processos acadêmicos internacionais complexos. A angústia de todos naquele momento inicial do programa se localizava na necessidade de maximizarmos os esforços para garantir bolsas para os nossos alunos e, ao mesmo tempo, administrar suas ansiedades em relação às inúmeras dúvidas e incertezas que circundavam o programa. relatei aos colegas que, naquele primeiro ano, havia aprendido que era crítico dedicar atenção individualizada a cada aluno. Para além das reuniões gerais que fazíamos para a divulgação das oportunidades internacionais, eu dedicava um tempo considerável de trabalho para conversar com os estudantes para entender suas habilidades e seus anseios, de modo a ampliar ao máximo as possibilidades, tanto de obtenção de bolsa, quanto de sucesso no intercâmbio. Me dediquei a compreender a lógica de pensamento das instituições e dos consórcios estrangeiros que participavam do programa, a fim de facilitar o direcionamento dos estudantes.

Lembro que saí da reunião com a impressão de que ainda seria preciso superar muitos obstáculos. O governo estava determinado a implementar todas as bolsas e era preciso transformar os contratempos em oportunidades. Nos anos seguintes, adotei uma metodologia ampla de trabalho seguindo a lógica do que havia experimentado em universidades estrangeiras. Os escritórios de programas globais das principais universidades mundo afora mantêm um serviço de orientação contínuo para conhecer a fundo as características de seus alunos e pavimentar o caminho para que eles tenham acesso às oportunidades fecundas de desenvolvimento acadêmico no exterior. É a noção de que precisamos fazer o trabalho, sem procurar, a todo momento, por atalhos, que muitas vezes, se provam infrutíferos ao processo. A China tem feito isso em um nível extremamente produtivo. Uma de suas principais estratégias é estabelecer Institutos Confúcio nas mais diversas universidades norte-americanas. Isto ajuda a criar um relacionamento íntimo entre as instituições e os representantes chineses, que trabalham para promover projetos de interesse comum. Ver essa estratégia de perto me ajudou a formatar, alguns anos depois, o instituto brasileiro que criei em Boston. O Ciência Sem Fronteiras alcançou seu objetivo e, através dele, tive a felicidade de pavimentar o caminho para que muitos alunos tornassem seus sonhos em realidade. Mas, como outros projetos no Brasil, enfrentou um sério problema de continuidade. Se levarmos em consideração que, somente no ano passado, a China possuía cerca 340,000 alunos em universidades norte-americanas, vemos que ainda temos muito a aprender.

Antes de entrar no avião para o voo de volta, lembro que vi novamente, à distância, as tendas improvisadas no aeroporto. Pensei sobre o quanto precisamos sair do improviso em nosso país. Tenho a sensação que ainda vamos caminhar bastante para alcançar este objetivo.

# Shortcuts to Magnitude

05/25/2019

“There’s something very funny about this airport, you’ll see when we get there,” a friend told me as we flew over the sheets of Maranhão at the dark. I asked her what it would be and she answered by asking me if I had checked my bag. Her ironic smile did not anticipate what I was about to see.

The plane landed without major problems and as we descended the stairs I saw a few tents mounted in the distance with what appeared to be an improvised receptive for the passengers. As we walked my friend, who laughed compulsively, told me that the tents were the solution found to keep the airport running until the original building ceiling that served for departures and arrivals could be repaired. She had only a carry on bag since she had already been presented to the airport tents before and she preferred not to risk it. Surrounded by passengers, I fought for my suitcase. The luggage was delivered to us from a trailer attached to an airport tractor. People grabbed their suitcases and ran out as if they had escaped some tragedy.

The fatigue of a long day of work coupled with the night flight and the unusual experience at the airport exhausted my energies. In the morning we meet again and went to the Federal University of Maranhão where the meeting of the Brazilian Society for the Progress of Science would take place that year. In the schedule of the day, there would be a meeting with the institutional cooperation management and technical team of CNPq. The meeting would allow us, managers of the most diverse Brazilian universities, to share experiences in important programs, such as Science Without Borders. After a brief presentation of the board, the debate was open for questions and discussions. At this moment I saw that a dilemma that I experienced was also common and intense in all my colleagues. Everyone had questions and doubts.

About a year ago we lived with that initiative, which aimed to send 100,000 students abroad. At that time, very few Brazilian institutions had, in a structured and systemic way, internationalization processes. The obstacles to making the program happen were innumerable. The list of problems faced included the low foreign language proficiency of our students, the scarce opportunities to take

the required examinations in foreign languages, and the lack of training to deal with complex international academic processes. Everyone's anguish at that early stage of the program was the need to maximize efforts to secure fellowships for our students and at the same time manage their anxieties about the many doubts and uncertainties surrounding the program. I told my colleagues that, in that first year, I had learned that it was critical to devote individual attention to each student. In addition to the general meetings we held for the dissemination of international opportunities, I spent considerable time working with students to understand their skills and their desires, in order to maximize the possibilities of them to be granted a scholarship and had success in studying abroad. I set out to understand the rationality used by the host institutions abroad and the consortia that participated in the program in order to facilitate the directive action with the students.

I remember that I left the meeting with the impression that many obstacles still had to be overcome. The government was determined to implement all the scholarships and the setbacks had to be turned into opportunities. In the following years, I adopted a broad methodology of work following the logic of what I had experienced in foreign universities. The global program offices of major universities around the world maintain a continuing mentoring service to thoroughly know the characteristics of their students and pave the way for them to have access to the fruitful opportunities for academic development abroad. It is the notion that we have to do the work, without seeking, at all times, shortcuts, which often prove fruitless to the process. China has done this at an extremely productive level. One of its main strategies is to establish Confucius Institutes in the most diverse North American universities. This helps create an intimate relationship between Chinese institutions and representatives, who work to promote projects of common interest. Seeing this strategy closely helped me to design, some years later, the Brazilian institute that I created in Boston. Science Without Borders achieved its goal and, through it, I had the pleasure of paving the way for many students to make their dreams come true. But, like other projects in Brazil, it faced a serious problem of continuity. If we take into account that, only last year, China had about 340,000 students in American universities, we see that we still have a lot to learn.

Before getting on the plane for the return flight, I remember that I saw again, in the distance, the improvised tents at the airport. I thought about our necessity of getting out of the impromptu in our country. I have the feeling that we are still going far away from achieving this goal.

# Picos de Energia

01/06/2019

Eu havia dormido quase todo o trajeto da viagem. Somente acordei quando o piloto do avião avisou que sobrevoamos as Montanhas Rochosas. Quando vi os contornos daquela cordilheira, decidi que tentaria vê-la de perto.

Eu tinha viajado até Denver para participar da conferência anual organizada pela *Nafsa*, a maior feira de educação internacional do planeta, em que cerca de dez mil profissionais de diversos países se reúnem para um intenso networking. Quando cheguei ao salão de exposições da feira, um grande amigo meu, que atuava como um dos organizadores da delegação brasileira, já trabalhava intensamente coordenando as ações dos colegas na montagem do espaço. A sua vida internacional havia começado muito cedo. Tinha morado em Londres por muitos anos, pois queria se tornar músico profissional. Por lá, trabalhou muito, com quase tudo, e aprendeu de perto o quanto é dura a vida de um imigrante. Seus sonhos musicais não deram muito certo, mas retornou ao Brasil com uma enorme bagagem cultural, o que lhe rendeu um emprego seguro na Embratur. Quando o conheci, já tinha ajudado a organizar a participação brasileira nas principais feiras internacionais ao redor do mundo. Nos meses anteriores a esta viagem, nos falávamos quase que diariamente. Participar de feiras internacionais requer sempre muita atenção. Países como Estados Unidos, Japão, Alemanha, Austrália, China, Coreia do Sul, Espanha e França investem pesadamente em espaços amplos de divulgação, ao passo que as instituições brasileiras, por dispor, muitas vezes, de um menor investimento, precisam traçar estratégias que as permitam transformar obstáculos em oportunidades.

Em eventos desta magnitude é muito fácil se tornar um peixinho perdido em um oceano repleto de tubarões. Portanto, é preciso arregaçar as mangas e ter clareza do que se quer alcançar. Combinei com meu amigo que, ao longo do primeiro dia, faríamos algumas paradas estratégicas para tomar um café e trocar impressões sobre o que estava acontecendo, de modo que pudéssemos fazer um exame contínuo da estratégia que estávamos adotando. Em um desses encontros rápidos, ele me deu uma sugestão que jamais esqueci. Disse-me que eu já tinha uma base sólida de parceiros internacionais, muitos deles, amplamente desejáveis por outras instituições, fruto de um intenso trabalho que fiz nos anos anteriores. Assim, seria aconselhável que eu dedicasse uma atenção especial a eles. Me falou



que a ideia central da feira é fazer com que as pessoas movam seus projetos para horizontes cada vez maiores. Para tanto, eu precisaria dispor da plataforma que já havia construído para ter acesso a outras instituições de igual prestígio. É a ideia de que buscar por mais e mais, sem prestar a atenção ao que já se tem, ou seja, na comunidade a qual já se faz parte, pode levar a resultados infrutíferos.

E assim, nos dias seguintes, tratei de me cercar dos meus melhores parceiros. Tomei café da manhã com os meus amigos representantes norte-americanos do *Partners of the Americas*, participei de um agradável piquenique no gramado do *Denver Performing Arts Complex* e de uma elegante recepção no *Clyfford Still Museum* organizada pela delegação alemã e austríaca, além de inúmeras conversas e pequenos eventos organizados pelos meus amigos de diversos países com parceiros seletos. Tudo isso, sem perder o olho no que se passava na feira, para não deixar escapar outras oportunidades que poderiam ser igualmente importantes. Com meu amigo brasileiro, participei de uma recepção em uma das inúmeras cervejarias da região organizada pela delegação australiana. Junto aos meus amigos bostonianos fui a um jantar promovido pelos representantes escoceses, em que a fila para se provar whisky, de altíssima qualidade, era maior que a da comida. Apreendi naqueles dias o valor de se fazer parte de uma comunidade internacional composta por pessoas que são capazes de nos ajudar a fazer avançar nossos objetivos. A noção difundida internacionalmente é a de que, na prática, socialmente somos a média das pessoas com quem mais convivemos. E são justamente as pessoas que fazem uma determinada comunidade ser excepcional. Portanto, se desejamos avançar, é preciso fazermos um enorme esforço para estar sempre perto de parceiros que compreendam a importância de atuar positivamente para que as pessoas que fazem parte de sua comunidade floresçam. Neste processo, temos que nos afastar de pessoas que somente criam obstáculos, para ocupar o nosso tempo com quem nos dá energia para seguir adiante. Me conectar com qualidade a alguns parceiros estratégicos foi o que me permitiu alçar voos ainda mais complexos nos projetos que me encontro engajado atualmente. Enquanto isso, no Brasil, infelizmente, ainda há quem advogue pelo mais puro isolacionismo. É extrema importância que nossos governantes compreendam que conexões de qualidade geram oportunidades valiosas. Essa ideia é por demais importante para o nosso querido Sergipe.

No último dia da feira, ao me despedir do meu amigo, falei-lhe sobre a minha curiosidade acerca das montanhas. Ele me indicou a pegar um ônibus na *Union Station*, poucas quadras dali, e seguir até a cidade de Boulder, no sopé das Montanhas Rochosas. A viagem durou pouco mais de uma hora e ver de perto, mesmo que por pouquíssimas horas, aquela natureza exuberante foi uma experiência inesquecível. Fiz a viagem de volta imerso em um sentimento de gratidão por a vida ter sempre me oportunizado conexões com pessoas tão generosas.

# Power Peaks

06/01/2019

I had slept most of the trip. I just woke up when the plane pilot warned that we were flying over the Rocky Mountains. When I saw the contours of that mountain range, I decided that I would try to see it closely.

I had traveled to Denver to attend the annual conference organized by Nafsa, the largest international education fair on the planet, in which about 10,000 professionals from different countries come together for intense networking. When I arrived at the exhibition hall of the fair, a great friend of mine who acted as one of the organizers of the Brazilian delegation was already working intensely to coordinate all the actions of our colleagues for the assembling the space. His international life had begun very early. He had lived in London for many years because he wanted to become a professional musician. Over there, he worked hard, with almost everything, and he learned closely how hard an immigrant life can be. His musical dreams did not work out very well, but he returned to Brazil with a huge cultural experience, which earned him a safe job at Embratur. When I met him, he had helped organize the Brazilian participation in the main international fairs around the world. In the months before this trip, we spoke almost daily. Participating in international fairs always requires a lot of attention. Countries such as the United States, Japan, Germany, Australia, China, South Korea, Spain, and France invests heavily in wide spaces, whereas Brazilian institutions, often having fewer resources, need to develop strategies that to turn obstacles into opportunities.

In events of this magnitude, it is very easy to become a lost goldfish in an ocean full of sharks. So you have to roll up your sleeves and be clear about what you want to achieve. I had organized with my friend that, during the first day, we would make some strategic stops to have coffee and exchange impressions about what was happening, so that we could analyze the strategy we were adopting. At one of those quick meetings, he gave me a suggestion I never forgot. He told me that I already had a solid base of international partners, many of them, widely desired by other institutions, which was the result of an intense work that I did in previous years. So it would be advisable for me to pay special attention to them.

He told me that the main idea of the fair is to get people moving their projects to ever-greater horizons. To do so, I would need to use the platform I had already built to have access to other institutions of equal prestige. It is the idea that seeking for more and more, without paying attention to what you already have, that is, in the community to which you are already a part, can lead to fruitless results.

And so, in the days that followed, I tried to surround myself with my best partners. I had breakfast with my friends, US representatives from the Partners of the Americas, attended a pleasant picnic on the lawn of the Denver Performing Arts Complex, and an elegant reception at the Clyfford Still Museum organized by the German and Austrian delegation, as well as countless conversations and small events organized by my friends from different countries with select partners. All this, without losing sight of what was happening at the fair, so as not to miss other opportunities that could be equally important. With my Brazilian friend, I attended a reception at one of the numerous breweries in the region organized by the Australian delegation. Together with my Bostonian friends I went to a dinner organized by the Scottish representatives, where the queue to taste whiskey, of very high quality, was bigger than that of food. I learned in those days the value of being part of an international community made up of people who are able to help us advance our goals. The notion spread internationally is that, in practice, we are socially the average of the people with whom we live the most. And it is precisely the people who make a given community exceptional. So if we want to move forward, we must make a great effort to be always close to partners who understand the importance of acting positively so that the people who are part of their community can flourish. In this process, we have to move away from people who only create obstacles, to occupy our time with those who give us the energy to move on. Connecting with quality to some strategic partners allowed me to move to even more complex projects, which I am currently engaged in. Meanwhile, in Brazil, unfortunately, there are still those who advocate about the purest isolationism. It is extremely important that our leaders understand that quality connections generate valuable opportunities. This idea is very important for our State of Sergipe.

On the last day of the fair, when I was saying goodbye to my friend, I told him about my desire to visit the mountains. He indicated me to take a bus at Union Station, a few blocks away from where we were, and from there go to Boulder, a city at the foot of the Rocky Mountains. The trip lasted little more than an hour and to see, up close, even for very few hours, that exuberant nature was an unforgettable experience. I made the trip back immersed in a feeling of gratitude for life, which has always given me opportunities to connect with such generous people.

# O Sindicato

08/06/2019

A água fria nas minhas mãos fez contato em meu rosto qual uma corrente elétrica e me fez despertar imediatamente. Eram as primeiras horas do sábado e a atmosfera fria da madrugada holandesa ainda pairava no ar. Tomei um banho rápido, igualmente gelado, e, após me vestir, corri para a estação *Den Haag Centraal*, de onde partem os trens para Amsterdã. Uma grande amiga minha liderava um grupo de colegas alunos da *The Hague Academy of International Law*. O objetivo daquela manhã era explorar um pouco a cidade e ver de perto alguns dos seus magníficos museus.

Eu subi no trem sem tomar café da manhã e minha amiga, vendo meu rosto pálido, me ofereceu um croissant que havia trazido consigo em sua mochila. Ela havia trabalhado por muitos anos como executiva do agronegócio e conhecia bem os meandros do mundo corporativo. Progrediu em cada uma das etapas do negócio. Montou a operação de uma grande empresa nos EUA, onde tomou gosto pela vida internacional, ao mesmo tempo que se tornou proprietária de um frigorífero no Brasil. Quando o setor começou a se consolidar, resolveu que era hora de investir seu tempo consigo mesma e passou a residir permanentemente no exterior. Nada mais justo para quem tinha passado a vida enfrentando, olho no olho, os mais diversos touros que existem neste setor. Os demais colegas eram advogados ávidos por experiências de vida que os levassem a conhecer mais sobre o ofício que haviam escolhido. Eu a assisti manejar com maestria a conversa com os colegas enquanto fazia meu desjejum.

À medida que o trem avançava as cidades, o vagão se tornava cada vez mais cheio. Havia várias crianças perto de nós e notei que elas seguravam bandeiras arco-íris, símbolo do movimento LGBT. Perguntei aos colegas se alguém sabia se haveria alguma celebração em Amsterdã naquele dia. Ninguém soube responder. Havíamos passado os últimos dias imersos em contratos internacionais e legislação, pulando literalmente de aula em aula, e ninguém havia tido tempo para checar a programação da cidade. Quando chegamos a *Amsterdam Centraal Station* nos deparamos com um mar de gente. Com calma, atravessamos a multidão e conseguimos pegar um *Tram* até o *Rijksmuseum*, o museu nacional holandês, localizado na *Museum Square*, que ficou mundialmente conhecida por dispor a escultura icônica “I amsterdam”. No caminho, víamos milhares de pessoas se dirigindo aos canais da cidade. Àquela altura, já havíamos sido informados que

naquele dia aconteceria na cidade a *Amsterdam Gay Pride*, festival criado para celebrar a liberdade e a diversidade. Alguns colegas saltaram do bonde elétrico no caminho. Abdicaram do passeio ao museu para ver a festa. Eu e minha amiga preferimos ver as obras de arte primeiro para depois assistir a celebração.

Quando entramos no *Rijksmuseum*, encontramos suas galerias igualmente lotadas. Muitas pessoas que vieram a Amsterdã para o festival aproveitaram a ocasião para também ver as preciosidades deste museu, que inclui nada menos que a maior coleção do mundo de pinturas de Rembrandt. A minha amiga queria ver primeiro a “Ronda Noturna” e seguimos para a *Night Watch Gallery*, espaço que foi projetado especialmente para receber o retrato pintado por Rembrandt para a guarda civil liderada pelo Capitão Frans Banninck Cocq no século dezessete. Cercado por outros turistas, vimos, rapidamente, as diversas expressões de drama, ação e o contraste de luz criado nesta obra prima pelo pintor, uma verdadeira visão criativa de como o caos pode fazer sentido quando buscamos significado para os seus mais diversos elementos. De lá, seguimos vagando pelas salas do museu, tentando explorar áreas inexploradas pelos turistas. Em uma das salas, nos deparamos com um quadro de Rembrandt que causou em mim um profundo impacto. Trata-se da pintura “Os síndicos da guilda dos alfaiates”, em que o pintor retrata ricos inspetores de tecido, que controlavam a qualidade do que era produzido na cidade. Na pintura, eles são, aparentemente, surpreendidos com a chegada de algum visitante, uma interação direta entre os espectadores e as figuras retratadas na pintura. Ver as expressões desafiantes em seus rostos foi surpreendente. Ao ver o quadro, a minha amiga disse-me “Nossa, não se pode falsificar um Rembrandt!”, e completou afirmando que alguém pode até tentar copiar o estilo, mas não será capaz de emular a personalidade, ou seja, o coração da ideia original de quem a concebeu. Falou-me que, em sua vida profissional, já havia vivido inúmeras situações como aquela retratada no quadro e que tinha aprendido, com o tempo, a sempre transformar uma atmosfera desfavorável em uma oportunidade inegável. “Faço que nem você”, disse-me ela, e explicou-me o quanto de esforço fazia para estar sempre acima da média. Ideias originais partem da nossa capacidade de pensar criticamente sobre como podemos contribuir positivamente para a sociedade. Buscar inovar é, antes de tudo, produzir inspiração, algo que copiadores, geralmente, dão muito pouca atenção.

Terminado o passeio no museu, voltamos a pé para a estação de trem. No trajeto vimos as margens dos canais lotados por famílias e expectadores que assistiam o desfile de barcos na *Amsterdam Gay Pride*. Ao sentar no trem para voltar a Haia, minha amiga era só sorrisos. O dia tinha sido impagável. Lembro que pensei nas dificuldades que inúmeros artistas, tal qual Rembrandt, passaram para tentar tornar o mundo melhor. Vale sempre a pena continuar inspirando.

# The Union

06/08/2019

The cold water in my hands made contact in my face like an electric current and made me wake up immediately. It was the early hours of Saturday and the cool Dutch night air still hung in the atmosphere. I took a quick shower, also ice-cold, and after dressing, I ran to the Den Haag Centraal station, where the trains leave for Amsterdam. A great friend of mine led a group of fellow students at The Hague Academy of International Law. The purpose of that morning was to explore the city a little and to see up close some of its magnificent museums.

I got on the train without having breakfast and my friend, seeing my pale face, offered me a croissant that she had brought in her backpack. She had worked for many years as an agribusiness executive and knew the ins and outs of the corporate world. She progressed in each of the stages of the business. She set up the operation of a large company in the USA, where she began to like international life while owning a regional slaughterhouse in Brazil. When the industry began to consolidate, she decided that it was time to invest in herself and move to live permanently abroad. Nothing fairer for those who had spent their lives facing, eye to eye, the most diverse bulls that exist in this sector. The other colleagues were lawyers eager for life experiences to get them to know more about the craft they had chosen. I watched her masterfully handle the conversation with our classmates as I made my breakfast.

As the train advanced the cities, the carriage became more and more crowded. There were several children near us and I noticed that they held rainbow flags, the symbol of the LGBT movement. I asked my colleagues if anyone knew if there was any celebration in Amsterdam that day. No one knew how to answer. We had spent the last few days immersed in international contracts and legislation, literally jumping from class to class, and no one had had time to check the city's programming. When we arrived at Amsterdam Centraal Station we came across a sea of people. Calmly, we crossed the crowd and managed to take a Tram to the Rijksmuseum, the Dutch national museum, located in Museum Square, which became worldwide famous for the iconic sculpture "I amsterdam". On the way, we saw thousands of people heading for the canals of the city. By that time, we had already been informed that on that day Amsterdam Gay Pride, a festival created to celebrate freedom and

diversity, would take place in Amsterdam. Some colleagues jumped off the streetcar on the way. They abandoned the museum visit to see the party. My friend and I prefer to see the artwork first and then watch the celebration.

When we entered the Rijksmuseum, we found its galleries equally crowded. Many people who came to Amsterdam for the festival took the opportunity to also see the treasures of this museum, which includes nothing less than the world's largest collection of Rembrandt paintings. My friend wanted to see the "Night Watch" first and then we proceeded to the Night Watch Gallery, a space that was specially designed to receive the portrait painted by Rembrandt for the Civil Guard led by Captain Frans Banninck Cocq in the seventeenth century. Surrounded by other tourists, we quickly saw the various expressions of drama, action and the contrast of light created in this masterpiece by the painter, a true creative vision of how chaos can make sense when we seek meaning for its various elements. From there, we wandered through the museum rooms, trying to explore areas unexplored by tourists. In one of the rooms, we found a Rembrandt's painting that has caused a profound impact on me. It is the painting "Syndics of the Drapers' Guild", in which the painter portrays rich fabric inspectors, who controlled the quality of what was produced in the city. In the painting, they are apparently surprised by the arrival of some visitor, a direct interaction between the spectators and the figures presented in the painting. Seeing the challenging expressions on their faces was astounding. When I saw the painting, my friend said to me, "Wow, you can not fake a Rembrandt!" and added that someone might even try to copy the style, but would not be able to emulate the personality, that is, the heart of the original idea of who conceived it. He told me that in his professional life he had lived through innumerable situations like the one portrayed in the painting and that he had learned, over time, to always transform an unfavorable atmosphere into an undeniable opportunity. "I do just like you," she told me and explained how much effort she made to always be above average. Original ideas come from our ability to think critically about how we can contribute positively to society. Seeking for innovation, first of all, is also an act to produce inspiration, something that copycats usually give very little attention to.

Finished the tour in the museum, we walked back to the train station. On the way, we saw the banks of the canals crowded with families and spectators who watched the parade of boats on the Amsterdam Gay Pride festival. As we sited on the train to return to The Hague, my friend was all about smiles. The day had been priceless. I remember thinking of the difficulties that countless artists, such as Rembrandt, have gone through to try to make the world better. It is always worth continuing to inspire.



# O Hotel dos Sonhos

15/06/2019

Era um dia quente. Havíamos passado o dia caminhando por *Manhattan*, fazendo paradas obrigatórias em lojas e cafés que possuíam ar condicionado. Aquele semestre havia sido difícil. Eu e minha esposa havíamos decidido que passaríamos alguns dias longe do nosso convívio diário. Tentaríamos aproveitar o verão norte americano de maneira simples e serena.

No final daquele dia, seguimos para uma aventura noturna. A minha esposa, que é bailarina e profissional do mundo das artes, havia me pedido para fugirmos dos tradicionais espetáculos da Broadway, exibidos aos turistas que visitam Nova York. O frenesi da *Times Square* não se encaixa muito bem com o nosso estilo de vida, e ao ler o jornal, logo pela manhã, encontramos uma opção um tanto quanto inusitada. Quando o taxi parou para saltarmos na 11th avenida com a rua 27th, vi à distância o *High Line*, um parque elevado que corta o *Chelsea* por cerca de uma milha qual um oásis verde no meio de uma “selva de pedras”. Vi também que uma pequena fila já se formava na porta do nosso destino, o *The McKittrick Hotel*, um pseudo hotel, em que performances interativas, para lá de ecléticas, são apresentadas em cenários montados ao longo dos seus cinco andares. Fizemos o check-in e atravessamos um corredor escuro que nos levou ao *Manderley Bar*, um aconchegante clube de jazz, cuja decoração lembrava a de um *speakeasy* dos tempos do *prohibition* norte-americano. Quando entramos, o trio de jazz tocava uma versão da música *Summertime*, que compõe a ópera *Porgy & Bess*, uma canção de ninar que mostrar o quão complexas são as divisões na vida em sociedade. A atmosfera nos fez acreditar que havíamos voltado no tempo. Um garçom, vestindo um clássico *tuxedo*, nos abordou para perguntar se gostaríamos de beber algo. Seus sapatos, impecavelmente lustrados, brilhavam mais que qualquer luz do palco. Ao declinar a ofertar, ele me respondeu “Querido, é melhor você beber alguma coisa!”. Queria dizer que eu deveria me preparar para o que iria assistir. Minha esposa optou por um Martini e eu, que geralmente não bebo álcool, engoli um Whisky.

A banda parou de tocar e o *maitre* anunciou uma sequencia de números que indicava quais dos espectadores poderiam adentrar a peça naquele momento. Seguimos para um pequeno corredor que levava a um elevador de cargas. Na porta de acesso, ele nos explicou as três regras que deveríamos seguir naquela noite. Não poderíamos conversar, usar nossos smartphones, nem tirar a mascara que nos foi entregue e que,

daquele momento em diante, nos designava como expectadores. Ele apertou o botão mais elevado no controle do elevador e, a medida que subíamos, nos aconselhou a explorar e a interagir com os mais diversos elementos da peça. Subitamente, o elevador parou. Um dos expectadores saltou e foi surpreendido com o fechamento brusco da porta. Em tom solene, o *maître* nos disse “a sorte favorece os audazes!” Todos riram, em uma tentativa de extravasar o medo pelo caminho desconhecido que iríamos percorrer. Assistiríamos a peça *Sleep No More*, uma adaptação de *Macbeth* na forma de uma experiência imersiva esteticamente influenciada pelos filmes de *Hitchcock*.

Saltamos no quinto andar e começamos nossa jornada. Caminhando com passos lentos na escuridão nos deparamos com o que parecia ser um asilo psiquiátrico abandonado. Havia camas, consultórios médicos, sala de operação, uma cela toda acolchoada e uma sala cheia de registros de pacientes. A sensação era de que estávamos presos em um pesadelo. Quando tentávamos achar as escadas para ter acesso aos outros andares nos deparamos com uma personagem, que parecia ser uma enfermeira. Ela passou por nós com os olhos cheios de ódio e a perdemos na escuridão. Descemos para o quarto andar, onde encontramos os cenários lotados por outros expectadores, que observavam objetos e seguiam os personagens que apareciam, entre eles um barman que atuava em o que parecia ser um bar destruído. Os expectadores se divertiam buscando por pistas entre os objetos e todos corriam freneticamente quando algum personagem aparecia. O enredo somente começou a fazer sentido para mim quando chegamos no terceiro andar, onde haviam uma área residencial reservada ao Lorde *Macbeth*. A decoração dava arrepios de tão decadente. Lá, a trama da peça se desenrolou na inabilidade de *Macbeth* em atingir a paz e tranquilidade após ter cometido uma série de assassinatos. Ele não gozava mais do conforto dos inocentes. Os atores, ora interagiam entre si, ora sussurravam no ouvido, mostravam ou entregavam objetos aos expectadores. Assistimos a dramaticidade do enredo na forma de uma obsessão permanente pela culpa. Logo percebi que a peça trazia em seu âmago a ideia de que uma sociedade não pode ser desenvolvida tendo como base o ressentimento e atos de violência. Ela me apresentou as consequências, físicas e psicológicas, de ficarmos presos às ambições e ao abuso de poder. Esta é uma lição que o Brasil ainda precisa aprender. Minimizar estes obstáculos permitirá que nossa sociedade floresça. Não escaparemos dos erros, mas precisamos ter maturidade para superar as incertezas do momento atual e construirmos pontes para um futuro melhor. Viver é sobre criar novos caminhos.

Quando retornamos ao bar, a banda tocava a música *I Shall be Released*, em que Bob Dylan retrata sua busca contínua por redenção. Era um clima de festa e celebração. Minha esposa me ofereceu outro Whisky e lembrei o quanto Shakespeare nos inspirou a buscarmos por dias melhores, sem perdermos a inocência de dormirmos tranquilamente todas as noites.

# The Hotel of Dreams

06/15/2019

It was a hot day. We had spent the day walking through Manhattan, making stops in shops and coffee shops that had air conditioning. That semester had been difficult. My wife and I had decided that we would spend a few days away from our daily life. We would try to enjoy the North American summer in a simple and serene way.

At the end of that day, we went on an evening adventure. My wife, who is a dancer and a professional in the art world, had asked me to get away from the traditional Broadway shows that were shown to tourists visiting New York. The frenzy of Times Square does not fit our lifestyle very well, and by reading the newspaper, early in the morning, we found a somewhat unusual option. When the taxi stopped onto 11th avenue with 27th street, I saw in the distance the High Line, a raised park that cuts Chelsea for about a mile like a green oasis in the middle of a “jungle of stones.” I also noticed that a small queue was already forming in the door of our destination, The McKittrick Hotel, a pseudo hotel, where interactive performances, beyond eclectic, are presented in scenarios set up along its five floors. We checked in and crossed a dark corridor that took us to the Manderley Bar, a cozy jazz club whose decor resembled that of a speakeasy from the times of American prohibition. When we entered, the jazz trio played a version of the song Summertime, which composes the opera Porgy & Bess, a lullaby that shows how complex the divisions are in society. The atmosphere made us believe we had gone back in time. A waiter, wearing a classic tuxedo, approached us to ask if we would like something to drink. His impeccably polished shoes shone brighter than any stage light. As I declined his offer, he replied, “Honey, you better have something to drink!” Meaning that I should prepare myself for what I would watch. My wife opted for a Martini and I, who generally do not drink alcohol, swallowed a Whiskey.

The band stopped playing and the maître announced a sequence of numbers that indicated which of the spectators could enter the play at that moment. We headed down a small corridor that led to a freight elevator. At the door, he explained the three rules we should follow that night. We could not talk, use our smartphones, or take off the mask that was given to us, which, from that

moment on, designated us as spectators. He pressed the highest knob on the elevator control and as we went up he advised us to explore and interact with the various elements of the play. Suddenly, the elevator stopped. One of the spectators jumped and was surprised by the abrupt closing of the door. In a solemn tone, the maître told us “Luck favors the audacious!” Everyone laughed, in an attempt to vent fear for the unknown path we were to follow. We would watch the play *Sleep No More*, an adaptation of *Macbeth* in the form of an immersive experience aesthetically influenced by Hitchcock’s films.

We jumped on the fifth floor and started our journey. Walking slowly in the darkness we came across what appeared to be an abandoned psychiatric asylum. There were beds, doctors’ offices, an operating room, an all-padded cell, and a room full of patient records. The feeling was that we were stuck in a nightmare. When we tried to find the stairs to gain access to the other floors we came across a character who seemed to be a nurse. She passed us with eyes full of hatred and we lost her in the darkness. We descended to the fourth floor, where we found the scenarios filled with other spectators, who watched objects and followed the characters that appeared, among them a bartender who acted in what appeared to be a destroyed bar. The spectators were amused searching for clues between the objects and all ran frantically when some character appeared. The plot only began to make sense to me when we arrived on the third floor, where there was a residential area reserved for Lord Macbeth. The decor gave shivers of so decadent. There, the plot of the play unfolded in Macbeth’s inability to achieve peace and tranquility after committing a series of murders. He no longer enjoyed the comfort of the innocent. The actors interacted with each other, sometimes whispered in their ears, showed or delivered objects to viewers. We watch the drama of the plot in the form of a permanent obsession with guilt. I soon realized that the play had at its core the idea that a society cannot be developed on the basis of resentment and acts of violence. It presented to me the physical and psychological consequences of being stuck with ambitions and abuse of power. This is a lesson that Brazil still needs to learn. Minimizing these obstacles will allow our society to flourish. We will not escape from mistakes, but we must have the maturity to overcome the uncertainties of the present moment and build bridges for a better future. Living is about creating new paths.

When we returned to the bar, the band played the song *I Shall Be Released*, in which Bob Dylan portrays his continuing quest for redemption. It was a celebration party. My wife offered me another Whiskey and I remembered how much Shakespeare inspired us to look for better days, without losing the innocence of sleeping peacefully every night.

# A Viagem é o Destino

22/06/2019

O trem vagava lentamente na escuridão. Ele seguia até a última estação da linha B, onde eu saltaria e caminharia até a Boston College. A chuva havia tornado tudo cinza e as poucas pessoas que me acompanhavam no vagão faziam eu me sentir só.

Cerca de vinte e quatro horas antes, eu havia deixado minha casa com minha esposa para uma viagem que combinaria trabalho e aventura. O voo para São Paulo avançou a madrugada e dormimos juntos, desconfortavelmente aconchegados nas poltronas do avião. Acordamos quando o piloto anunciou que faltavam cinco minutos para o pouso. Quando chegamos em Guarulhos descobrimos que o nosso voo seguinte, que partiria no início daquela noite, estava com overbooking. Fomos colocados em uma lista de espera e seguimos para um hotel. Eu e ela somos viajantes experientes e já passamos por muita coisa em aeroporto. Aproveitamos o tempo para descansar. Ambos havíamos trabalhado incessantemente nos dias que antecederam esta viagem e não dispensamos a tranquilidade do hotel, mesmo que por poucas horas. À noite, retornamos para o aeroporto e fomos informados que a fila de espera havia diminuído. Algumas pessoas haviam desistido. Havia uma chance de embarcarmos e, se não conseguíssemos, poderíamos remarcar a passagem para o voo seguinte. Aproveitamos o tempo novamente para fazer um jantar leve. Aprendemos, já há muito tempo, a não nos preocuparmos com aquilo que não podemos controlar.

Na hora do voo, um a um os passageiros da lista de espera foram atendidos. Chegada a nossa vez, fomos informados que somente haveria um assento restante na aeronave. Minha esposa me disse de imediato “Vá, você precisa fazer sua apresentação”. Nos despedimos rapidamente e corri velozmente até o portão de embarque. Fui o último passageiro a entrar no avião, enquanto minha esposa remarcaria a sua passagem e voltava para o hotel onde ficaria hospedada. No voo não consegui dormir. É uma sensação horrível ter que deixar a pessoa amada para trás, mesmo que momentaneamente. Ao chegar em Boston fui direto para a universidade, onde teria uma programação intensa de atividades. O evento que participaria foi organizado pelo Center for International Higher Education (CIHE). Trata-se do melhor centro de estudos em educação superior do planeta, que tem por missão

avancar o conhecimento sobre questões complexas relacionadas ao setor, conectando pessoas internacionalmente e ajudando diversas instituições e profissionais mundo afora. Todos os verões, o centro reúne experts em temas centrais para discutir o futuro da educação internacional. Pesquisadores da América Latina, Europa, África, Ásia viajam para Boston para realizar um intenso trabalho de troca de dados e ideias. Os trabalhos começaram no início da tarde, com direito uma palestra de abertura com o diretor do centro, seguindo de uma apresentação inicial de todos os convidados. Na minha fala, por conta de todo o cansaço e tensão que sentia, fiz questão de destacar que estava presente em “corpo”, pois minha “alma” ainda estava no Brasil. Todos riram e o clima de descontração facilitou o trabalho de networking que se seguiu.

No final do dia, decidi que aguardaria notícias de minha esposa caminhando pela cidade. Ainda havia o risco dela não embarcar. Então, o melhor era espiaçar revendo alguns dos meus locais preferidos. Na saída da conferência, um amigo indiano me perguntou se eu poderia levá-lo à Harvard University. Sabia das minhas andanças por lá. Respondi que sim e lhe ofereci um tour privativo pela instituição. Nada melhor do que fazer o tempo passar conversando sobre história e educação. A caminhada foi boa. Mostrei-lhe o Harvard Yard, onde está localizada a estátua do John Harvard, patrono da instituição, o Science Center, que no seu corredor central apresenta o computador Mark I, desenvolvido durante a Segunda Guerra Mundial em uma parceria entre a instituição e a IBM, visitamos a Escola de Direito e a Escola de Educação, e passeamos pelos corredores da Widener Library, sentamos na Harvard Square para comer uma pizza enquanto eu aguardava notícias da minha esposa. Perto das dez da noite ela me avisou que havia embarcado no avião. Senti um alívio enorme e assim que voltei para o meu alojamento na universidade, mesmo muito cansado, decidi ainda revisar a minha apresentação antes de dormir.

No dia seguinte, levantei bem cedo. A chuva do dia anterior havia se intensificado. O céu estava completamente cinza a neblina cobria o topo dos prédios mais altos. Tomei um banho rápido, engoli um café forte e corri para a Walsh Hall, onde a conferência estava sendo realizada. Eu falaria sobre o futuro da Educação brasileira em face ao sério problema de continuidade que possuímos em nosso país. Por ironia do destino, minha apresentação estava marcada para praticamente o mesmo horário que o seu voo pousaria na cidade. Decidi então quebrar uma das minhas regras fundamentais em sala de aula, e mantive meu celular ligado aguardando notícias. Quando me dirigi ao pódio para falar, senti o meu smartphone vibrar em minha mão. Era uma mensagem dela me avisando que estava bem e que já estava no táxi a caminho da universidade. Saber disso me deixou mais tranquilo e pude encarar de frente a apresentação que tinha pela frente. Falei dos problemas que tivemos no passado e como boas ideias e programas, como o Ciências Sem Fronteiras, foram descontinuados, e abordei as incertezas e a falta de clareza do momento atual, o que torna difícil a tarefa de se pensar o futuro. No final da minha fala, vi minha esposa na porta de entrada do auditório tirando fotos com seu smartphone. Tive

a certeza de que há momentos que a vida nos aparta para nos tornar cada vez mais próximos. Paradoxalmente, as perguntas que me foram feitas após minha fala se referiam a nossa capacidade de superar, continuamente, os desafios que nos são impostos.

Na hora do almoço, nós dois fugimos da conferência e fomos almoçar em um restaurante italiano nos arredores da universidade. Quando sentamos, uma pequena caixa de som localizado no bar do restaurante tocava a música The ballad of John and Yoko. “Cristo sabe que não é fácil!” Está na hora de pegar uma praia.



# The Journey is the Destination

06/22/2019

The train was slowly wandering in the darkness. It drove to the last station on line B, where I would jump and walk to Boston College. The rain had turned everything gray and the few people accompanying me in the wagon made me feel lonely.

About twenty-four hours earlier, I had left my house with my wife for a trip that would combine work and adventure. The flight to São Paulo advanced at dawn and we slept together, uncomfortably cuddled in the seats of the plane. We woke up when the pilot announced that it was five minutes to the landing. When we arrived in Guarulhos we discovered that our next flight, which would depart earlier that night, was overbooked. We were put on a waiting list and headed to a hotel. She and I are experienced travelers and have been through a lot at the airport. We took the time to rest. We had both worked incessantly in the days leading up to this trip and we did not dismiss the tranquility of the hotel, even for a few hours. In the evening, we returned to the airport and were informed that the waiting list had shortened. Some people had given up. There was a chance we could board, and if we couldn't, we could reschedule for the next flight. We took the time again to make a light dinner. We have learned a long time ago not to worry about what we cannot control.

At the time of the flight, one by one the waiting list passengers were met. When it was our turn, we were informed that there would only be one seat left on the aircraft. My wife immediately told me "Go, you need to make your presentation." We said goodbye quickly and I ran fast to the departure gate. I was the last passenger to board the plane while my wife rescheduled her ticket and returned to the hotel. On the flight, I could not sleep. It feels awful to have to leave your loved one behind, even momentarily. Upon arriving in Boston I went straight to the university, where I would have an intense schedule of activities. The event that I would attend was organized by the Center for International Higher Education (CIHE). It is the best center for higher education studies on the planet, whose mission is to advance knowledge on complex issues related to

the sector, connecting people internationally and helping various institutions and professionals around the world. Each summer, the center brings together experts on core themes to discuss the future of international education. Researchers from Latin America, Europe, Africa, Asia travel to Boston to do an intense work of exchanging data and ideas. The work began early in the afternoon, with an opening lecture with the center director, followed by an initial presentation by all the guests. In my speech, because of all the tiredness and tension I felt, I made a point of highlighting that I was present in “body” because my “soul” was still in Brazil. Everyone laughed and the relaxed atmosphere facilitated the networking work that followed.

At the end of the day, I decided that I would wait for news of my wife by walking around town. There was still the risk of her being unable to board. So it was best to relax by reviewing some of my favorite places. On leaving the conference, an Indian friend asked me if I could take him to Harvard University. He knew about my wanderings there. I said yes and offered him a private tour of the institution. Nothing better than spending time talking about history and education. The walk was good. I showed him the Harvard Yard, where is located the statue of John Harvard, the institution’s patron, the Science Center, which in its central corridor features the Mark I computer, developed during World War II in a partnership between the institution and IBM. We visited the Law School and the School of Education and wandered the halls of the Widener Library, sat in Harvard Square for pizza while I waited for news from my wife. Around 10 pm she texted me that she had boarded the plane. I was greatly relieved and as soon as I returned to my university accommodation, even very tired, I decided to revise my presentation before bed.

The next day, I got up very early. The rain from the previous day had intensified. The sky was completely gray and the fog covered the tops of the tallest buildings. I took a quick shower, swallowed a strong coffee, and ran to Walsh Hall, where the conference was being held. I would talk about the future of Brazilian education in the face of the serious problem of continuity that we have in our country. Ironically, my performance was scheduled at about the same time as her flight would land in the city. So I decided to break one of my ground rules in the classroom and kept my cell phone on waiting for news. As I headed to the podium to speak, I felt my smartphone vibrate in my hand. It was a message from her telling me she was fine and that she was already in the cab on the way to college. Knowing that made me feel more relaxed, and I could face the presentation before me. I spoke of the problems we had in the past and how good ideas and

programs such as Science Without Borders were discontinued, and I addressed the uncertainties and unclearness of the present moment, which makes the task of thinking about the future difficult. At the end of my speech, I saw my wife at the front door of the auditorium taking pictures with her smartphone. I was sure that there are moments that life pulls us apart to make us closer. Paradoxically, the questions posed to me after my speech referred to our ability to continually overcome the challenges posed to us.

At lunchtime we both escaped from the conference and went to lunch at an Italian restaurant on the outskirts of the university. As we sat down, a small speaker located in the restaurant bar played The Ballad of John and Yoko. “Christ you know it ain’t easy,” It’s time to hit a beach.

# A Cidade das Bruxas

29/06/2019

A fila era longa. As pessoas esperavam pacientemente para subir no ônibus que nos levaria de South Station para o Rental Car Center no Logan International Airport. Antes de subirmos, um dos passageiros perguntou à condutora se aquela era a condução correta que seguiria até o Aeroporto. Ela, de imediato, lhe questionou: “você está vendo todas essas pessoas com malas?” A “cordialidade” bostoniana, conhecida popularmente como “surly”, nos seguiu por toda aquela manhã. Um segundo ônibus, completamente lotado, nos levou do terminal à locadora de veículos, onde a atendente tentou, insistentemente, nos vender itens “opcionais” para o carro que alugaríamos. Aprendemos, há muito tempo, a não responder, em situação conflituosas, de forma rude. Simplesmente desviamos dessas ocasiões com simpatia.

Havíamos decidido passar o dia em Salem. Minha esposa, que possui um enorme interesse por história e cultura, havia decretado que se iríamos a Massachusetts, teríamos que conhecer de perto a “cidade das bruxas”. Meus compromissos na Boston College e na Harvard University haviam sido concluídos e chegara a hora de trilharmos uma aventura de verão. Assim que o carro foi liberado, compramos café e alguns donuts e pegamos a estrada. Passamos por Revere, uma pequena cidade ao norte de Boston, que possui entre suas qualidades o fato de ter construído a primeira praia pública dos EUA, conceito um tanto quanto estranho em terras brasileiras, e seguimos pela Massachusetts Route 107, rodovia que corta a costa norte do Estado. A chuva caía lentamente à medida que progredíamos na estrada, o que tornava o atmosfera um pouco sombria. Assim que chegamos a Salem, estacionamos o carro na Washington Street, bem perto dos principais museus e atrações da cidade. Com um mapa na mão, minha esposa resolveu pedir algumas informações em um pequeno coffee shop. Ao soltar a primeira palavra em inglês, a atendente lhe respondeu com um sutil questionamento: “você é brasileira?” O sotaque do seu inglês era inconfundível e as duas rapidamente se engajaram em uma alegre conversa, que rendeu algumas dicas importantes para o nosso passeio. Ela nos sugeriu pegarmos a Church Street até o Salem Common, onde encontraríamos Witch Trial Museum, um museu de-

dedicado aos documentos e artefatos usados nos julgamentos das bruxas no século dezessete. No caminho, os passantes, em sua maioria, trajados de preto, alguns com os cabelos pintados de roxo ou azul, apresentavam aos visitantes um pouco do cenário cultural da cidade. Quando chegamos ao museu, a chuva aumentou e as pessoas na fila pareciam irritadas. Decidimos que era melhor evitarmos mais uma dose de “cordialidade” e seguimos um pouco mais adiante para conhecermos a *The House of Seven Gables*, que ficou mundialmente famosa através do romance gótico cujo o título leva o seu nome, escrito no século dezenove por Nathaniel Hawthorne.

Localizada no porto da cidade, com uma vista incrível para o Atlântico Norte, a casa por si possuiu uma história incrível. Foi construída em 1668 pelo capitão e proprietário de navios John Turner. Entramos na casa pela cozinha, que nos apresentou a dureza do que era viver em uma época tão complexa e difícil. O teto do ambiente era incrivelmente baixo, de modo que uma enorme lareira, que servia também como fogão, era capaz de aquecer todo o ambiente usando pouca quantidade de lenha. Esse estilo de construção era típico das casas de classe média daquele período, pois os recursos eram poucos para a aquisição contínua de lenha. As panelas e artefatos eram pesados e as pessoas tinham que ter um cuidado redobrado no seu manejo, sob pena de sofrerem queimaduras que poderiam levar à morte, especialmente pela ausência de medicamentos. Seguimos pelos demais ambientes e fomos vendo como a casa se transformou em uma nobre residência, fruto do próspero comércio da cidade com outros portos distantes, como os da China e da Índia. A casa passou por diversas gerações da família Turner até chegar à prima de Hawthorne. Apesar de ele não ter morado lá, o autor a usou como inspiração para o seu livro, que em sua trama retrata eventos que acontecem em uma casa “mal-assombrada”, desde sua construção. Vimos uma das passagens secretas utilizadas por um dos personagens caracterizados no livro para se mover entre os cômodos da residência, além de como toda construção foi mudando de estilo entre os séculos dezessete, dezoito e dezenove, ganhando sutileza em seus detalhes e elegância. Logo que saímos da histórica residência, encontramos a casa que o escritor realmente morou quando escreveu o seu romance. Ela havia sido construída em outra localidade e sido transplantada para o complexo do museu a fim de mostrar aos visitantes, em detalhes, um pouco da vida do escritor, que era conhecido por sua reclusão. Lá, havia uma pequena placa que mostrava toda descendência da família Hawthorne. Ao examinarmos a placa com cuidado notamos que seu tataravô havia sido um dos mais cruéis juízes durante o período da caça às bruxas. Diante dessa informação, lembrei que no mundo artístico a

ideia de intervenção compreende a noção de que uma obra literária ou de arte deve possibilitar uma mudança de pensamento. Ao escrever um romance sobre toda uma herança histórica de uma casa “mal-assombrada”, Hawthorne estava também possibilitando que o seus leitores saíssem da interpretação rígida comumente feita dos “crimes” cometidos pelas pessoas acusadas como bruxas na época de seu tataravô, e buscassem ter mais clareza acerca de outros elementos que permeiam a dinâmica de nossa vida em sociedade. Essa noção é por demais importante para o contexto brasileiro atual, em que, em muitos momentos, nos vemos presos a pensamentos rígidos que impossibilitam uma visão mais ampla das possibilidades.

Era quase noite quando deixamos Salem em direção ao litoral sul. Quando avistamos, através de uma fina neblina que embelezava a paisagem, a faixa de mar que corre embaixo da Segamore Bridge, ponte que dá acesso a Cape Cod, minha esposa me disse “eu não esperava um verão como este”. Queria me dizer que ainda havia muito o quê aprendermos.

# The City of Witches

06/29/2019

The line was long. People waited patiently to board the bus that would take us from South Station to the Rental Car Center at Logan International Airport. Before we got up, one of the passengers asked the driver if this was the correct bus that would go to the airport. She immediately asked him, “Are you seeing all these people with bags?” The Bostonian “cordiality”, popularly known as “surly,” followed us all that morning. A second bus, fully packed, took us from the Airport terminal to the Rental Car Center, where the clerk insistently tried to sell us “optional” items for the car we would rent. We have learned a long time ago not to respond, rudely, in conflicting situations. We simply deviate from these occasions with sympathy.

We had decided to spend the day in Salem. My wife, who has a keen interest in history and culture, had decreed that if we were to go to Massachusetts, we would have to get to know the “witch town” closely. My appointments at Boston College and Harvard University had been completed, and the time had come for us to take a summer adventure. As soon as the car was released, we bought coffee and some donuts and hit the road. We passed Revere, a small town north of Boston, which has among its qualities that it built the first US public beach, a rather odd concept on Brazilian territory, and we followed the Massachusetts Route 107, a highway that crosses the coast upstate. The rain fell slowly as we progressed down the road, which made the atmosphere a little gloomy. Once we arrived in Salem, we parked the car on Washington Street, very close to the city’s main museums and attractions. With a map in hand, my wife decided to ask for some information in a small coffee shop. Speaking the first word in English, the attendant answered her with a subtle question: “Are you Brazilian?” The accent of her English was unmistakable and the two quickly engaged in a cheerful conversation, which yielded some important tips for our tour. She suggested we take Church Street to Salem Common, where we would find the Witch Trial Museum, a museum dedicated to the documents and artifacts used in the seventeenth-century witch trials. On the way, most of the passersby, dressed in black, some with their hair dyed purple or blue, presented visitors with some of the



city's cultural scene. When we arrived at the museum, the rain increased and the people in line looked annoyed. We decided it was best to avoid another dose of "friendliness" and go a little further to get to The House of Seven Gables, made the world famous by the Gothic novel named after it, written in the nineteenth century by Nathaniel Hawthorne.

Located on the city's harbor with incredible views of the North Atlantic, the house itself has had an incredible history. It was built in 1668 by captain and ship owner John Turner. We entered the house through the kitchen, which presented us with the hardness of what it was like to live in such a complex and difficult time. The ceiling of the room was incredibly low, so that a huge fireplace, which also served as a stove, was able to heat the entire room using little wood. This style of construction was typical of middle-class homes of that period, as resources were scarce for the continued purchase of firewood. The pans and artifacts were heavy and people had to be extra careful in their handling, otherwise, they would suffer burns that could lead to death, especially for the absence of medicines. We went through the other environments and saw how the house became a noble residence, the fruit of the city's prosperous trade with other distant ports, such as China and India. The house went through several generations of the Turner family until it reached Hawthorne's cousin. Although he did not live there, the author used it as inspiration for his book, which in his plot portrays events that have taken place in a "haunted" house since its construction. We saw one of the secret passages used by one of the characters featured in the book to move between the rooms of the residence, as well as how every building changed its style between the seventeenth, eighteenth and nineteenth centuries, gaining subtlety in its detail and elegance. As soon as we left the historic residence, we found the house that the writer lived in when he wrote his novel. It had been built elsewhere and transplanted into the museum complex to show visitors in detail some of the writer's life, which was known for his reclusion. There was a small sign that showed all the Hawthorne family's offspring. Upon careful examination of the plaque, we noticed that his great-great-grandfather had been one of the cruelest judges during the witch-hunting period. Given this information, I recalled that in the art world the idea of intervention comprises the notion that a literary or artwork must enable a change of thought. By writing a novel about an entire historical heritage of a "haunted" house, Hawthorne was also enabling his readers to move away from the commonly held rigid interpretation of the "crimes" committed by people accused of being witches at the time of their great-great-grandfather, and to seek be clearer about other elements that per-

meate the dynamics of our life in society. This notion is very important for the current Brazilian context, where, in many moments, we find ourselves stuck with rigid thoughts that make it impossible to take a broader view of the possibilities.

It was almost night when we left Salem toward the south coast. When we saw, through a thin fog that embellished the landscape, the strip of water that runs under the Sagamore Bridge, which gives access to Cape Cod, my wife told me “I did not expect a summer like this.” She wanted to tell me that there was still a lot to learn.

# A Dama de Cinza

06/07/2019

A balsa navegava lentamente pela baía de *Hyannis Port*. Eram as primeiras horas da manhã e, além do frio, eu e minha esposa sentíamos fome. A nossa anfitriã para o dia era a mãe de uma grande amiga. Embora já tivéssemos ouvido falar muito dela, somente a havíamos conhecido pessoalmente alguns dias antes. Era uma mulher viúva, que já havia superado inúmeros desafios. Havia trabalhado duro como garçone em diversos restaurantes para financiar os estudos de nossa amiga em escolas de excelência, de modo que lhe garantisse uma vida com mais oportunidades. Os seus olhos transpiravam sabedoria e suas palavras, expressas sempre com espontaneidade, apontavam ser de uma pessoa que sabia tratar com leveza as adversidades da vida.

Assim que a balsa acelerou oceano avante, tomamos um café quente, o que fez com que todos acordassem. Minha amiga tratou de contar um pouco mais sobre o nosso destino, a ilha de *Nantucket*. Ela conhecia bem a região e, ainda nos anos 90, havia trabalhado como babá para uma família de um influente advogado de Washington, que possuía uma casa no exclusivo *Downtown Historic District*, balneário frequentado pela classe rica norte-americana. Ela nunca tinha visto tanto dinheiro jorrar com facilidade como naquela época. Tudo correu bem até o dia em que descobriu que seu patrão falsificava *Red Herring Prospectus*, documento essencial para que uma empresa abra capital nas bolsas de valores norte-americanas, em um grande esquema de “*Pump and dump*”, bem ao estilo do filme “O Lobo de Wall Street”. Ela decidiu que era chegada a hora de seguir adiante, sem perder o foco no trabalho com o público, qualidade que havia herdado de sua mãe.

A embarcação em que viajávamos ancorou suavemente e fomos apresentados a um novo amigo que nos aguardava no cais. Ambos trabalharam como guias de excursões de adolescentes nas diversas cidades que compõem a região de *Cape Cod* nos tempos áureos de sua juventude. Seguimos caminhando pelo ancoradouro da ilha, que no século XIX servira como um importante porto baleeiro. As residências principais, que na época eram habitadas por capitães do mar, possuem até hoje em seus telhados um *widow's walk*, um pequeno terraço em que as esposas, que tinham grandes chances de se tornarem viúvas precocemente, podiam observar o oceano na expectativa do retorno das embarcações. As casas, em sua maioria, eram cinza, em madeira crua envelhecida pela maresia. O estilo cinzento, sem pintura, virou moda e nosso novo amigo,

que fazia as vezes de guia, nos contou que a ilha fazia parte da vida de sua família desde a lua de mel de seus pais. Alcançamos a *Main Street*, cujo o calçamento foi feito com as pedras que eram usadas como lastros nos navios, e paramos na *Murray's Toggery Shop*, uma tradicional loja de roupas de verão. Na porta da loja, o vendedor, que usava um terno branco com listras azuis, feito todo em algodão fino e enrugado, conhecido pela elite como "*Seersucker Suit*", nos perguntou se alguém no Brasil se vestia daquele jeito no verão. Eu e minha esposa não conseguimos disfarçar o riso e lhe explicamos, graciosamente, que nas praias brasileiras, em muitos casos, menos é mais.

Chegamos ao carro do nosso guia, estacionado logo adiante. Como não havia espaço para todos viajarem confortavelmente, minha amiga e sua mãe decidiram dividir o assento de passageiro dianteiro e toda uma discussão sobre legislação, liberdade e democracia se seguiu até alcançarmos um trecho da estrada em que um policial supervisionava a construção de um ponto de ônibus. "Ele nos viu?", perguntou o nosso guia. "Ele não está nem aí", afirmou minha amiga, explicando que aquele era um trabalho disputado em *Massachusetts*, pois deixava os policiais fora de perigo. Em um lugar conhecido por sua rigidez, foi inusitado assistir a lei ser deixada de lado momentaneamente. Quando chegamos no *Sankaty Head Light*, um farol marítimo localizado no ponto mais oriental da ilha, começamos a sentir o calor do verão. Passeamos e exploramos a natureza exuberante ao seu redor, e logo seguimos para um novo destino, um pequena cervejaria próximo a *Cisco beach*, onde almoçaríamos. Comemos cachorros-quentes e *lobster rolls* e nos divertimos no jardim repleto de lavandas. No meio da tarde voltamos à cidade e nosso guia ainda nos mostrou o porto privado da ilha, repleto de iates e veleiros de diversas partes do mundo. Nos despedimos dele e seguimos caminhando em direção ao cais em que havíamos desembarcado. Foi então que nossa anfitriã nos chamou para tomarmos mais uma cerveja, só que dessa vez em um autêntico *Dive Bar*, um estabelecimento, de reputação duvidosa, frequentado apenas pelos locais. Lá, na escuridão do porão, ao observá-la destilar simpatia em um ambiente duro, lembrei que meu avô materno certa vez me explicou que na vida é importante perdermos algumas ilusões para darmos espaço a projetos firmes. Perder a ingenuidade, sem perder a esperança, é fundamental para a evolução em qualquer esfera da vida, em especial na vida profissional. Para tanto, é preciso ser forte e, ao mesmo tempo, saber navegar pela vida com a leveza de uma criança. Esta é uma lição que, em muitos aspectos, o Brasil ainda não aprendeu.

À noite, enquanto assávamos *smore* de *marshmallows* em uma fogueira no quintal de sua casa, nossa anfitriã, sentada elegantemente em um banco de jardim, observava nossas travessuras. As chamas iluminavam seus cabelos acinzentados, tal qual as casas que não necessitam de disfarce. Seu olhar vívido era de quem não vê o mundo cor de rosa, iguais aos de meu avô, que no último São João completaria 100 anos. Certamente ele ficaria feliz em nos ver navegando.

# The Gray Lady

07/06/2019

The ferry sailed slowly down the bay of Hyannis Port. It was the first hours of the morning and, in addition to the cold, my wife and I felt hungry. Our hostess for the day was the mother of a great friend. Although we had heard so much about her, we had met her only a few days before. She was an experienced woman, who had already overcome many challenges. She had worked hard as a waitress in a number of restaurants to fund our friend's studies at schools of excellence, to ensure her a life with more opportunities. Her eyes were sweating wisdom, and her words, always expressed with spontaneity, pointed out to be of a person who knew how to deal lightly with the adversities of life.

As soon as the ferry accelerated into the ocean ahead, we drank a hot coffee, which made everyone wake up. My friend tried to tell us a little more about our destination, Nantucket Island. She knew the area very well, and back in the 1990s, she had worked as a nanny for a family of an influential Washington lawyer who owned a house in the upscale Downtown Historic District, a resort frequented by the wealthy American class. She had never seen so much money gush easily as then. All went well until the day she discovered that her boss was forging Red Herring Prospectus, an essential document for a company to raise capital on the US stock exchanges in a grand scheme of "Pump and Dump", such as it is portrayed in "The Wolf of Wall Street" movie. She decided that it was time to move on, without losing focus on working with the public, a quality she had inherited from her mother.

The boat on which we were traveling anchored softly and we were introduced to a new friend who was waiting for us on the quay. Both worked as tour guides for teenagers in the various cities that make up the Cape Cod region, during the heyday of their youth. We walked by the anchorage of the island, which in the nineteenth century had served as an important whaling port. The main residences, which at that time were inhabited by sea captains, have until today a widow's walk on their roofs, a small terrace where wives, who had great chances of becoming widows prematurely, could observe the ocean in expectation of the return of vessels. The houses, mostly, were gray, made of raw wood, aged by the sea wind. The gray unpainted style became fashionable, and our new friend, who served as a guide, told us that the island had

been part of his family's life since his parents' honeymoon. We reached Main Street, whose cobblestones were used as ballast on ships, and stopped at Murray's Toggery Shop, a traditional summer clothing store. At the door of the store, the shopkeeper, wearing a white suit with blue stripes, all made of thin, wrinkled cotton, known to the elite as "Seersucker Suit," asked us if anyone in Brazil dressed like that in the summer. My wife and I cannot disguise the laughter and we explain, graciously, that on Brazilian beaches, in many cases, less is more.

We got to our guide's car, parked just ahead. As there was no room for everyone to travel comfortably, my friend and her mother decided to split the front passenger seat and a whole discussion of legislation, freedom, and democracy followed until we reached a stretch of road where a police officer supervised the construction of a bus stop. "Has he seen us?" Asked our guide. "He doesn't care", my friend said, explaining that this was a job disputed in Massachusetts, due to the fact that the policeman would be out of danger. In a place known for its rigidity, it was unusual to watch the law be momentarily put aside. When we arrived at Sankaty Head Light, a maritime lighthouse located at the easternmost point of the island, we began to feel the heat of summer. We strolled around and explored the surrounding exuberant nature, and soon we headed to a new destination, a small brewery near Cisco beach, where we would have lunch. We ate hotdogs and lobster rolls and had fun in the garden full of lavenders. In the middle of the afternoon, we returned to the city and our guide still showed us the private Port of the island, full of yachts and sailboats from different parts of the world. We said goodbye to him and continued walking towards the pier where we had arrived. It was then that our hostess called us to have another beer, only this time in an authentic Dive Bar, an establishment of dubious reputation, frequented only by locals. There, in the darkness of the basement, as I watched her distill sympathy in a harsh environment, I remembered that my maternal grandfather once explained to me that in life it is important to lose some illusions to give room for long term projects. Losing naivety, without losing hope, is fundamental to evolution in any sphere of life, especially in professional life. To do this, one must be strong and at the same time be able to navigate through life with the lightness of a child. This is a lesson that, in many ways, Brazil has not yet learned.

At night, as we roasted s'more of marshmallows in a fire in the backyard of her house, our hostess, sitting elegantly on a garden bench, watched our mischief. The flames lit up her gray hair, just like houses that do not need a disguise. Her vivid gaze was one of those persons who do not see the world as enchanted, the same as of my grandfather's, who in the last St. John Party would complete 100 years. Surely he would be happy to see us sailing.

# ○ Mar de Tubarões

13/07/2019

“Nove tubarões brancos foram avistados na costa”, falou-nos nosso amigo, enquanto entrávamos no carro. Naquela manhã, iríamos dirigir pouco mais de uma hora até *Provincetown*, uma pequena cidade localizada no extremo norte da península de *Cape Cod*. A ideia era visitarmos a cidade e aproveitarmos para pegar uma praia. Queria realizar um sonho antigo de tomar um banho de mar no Atlântico Norte. Havíamos passado os dias anteriores explorando a natureza da região e já havíamos chegado ao mar diversas vezes, mas sempre de passagem. Dessa vez, entrei no carro já vestido com meu calção de banho.

Assim que coloquei o carro em movimento, a esposa do nosso amigo começou a nos contar um pouco mais sobre a cultura oceânica que existe na região. Ela nos falou que os grandes tubarões brancos estavam de volta às águas de Massachusetts e que as autoridades já haviam emitido um alerta. Um dos tubarões havia sido visto a cerca de quarenta metros da costa, em *Marconi Beach*, vinte minutos de carro de onde iríamos. Entramos na *Mid-Cape Highway* e aceleramos estrada avante enquanto ela nos contava que no verão passado, um jovem surfista de havia sido atacado por um tubarão na região e, infelizmente, não havia sobrevivido aos ferimentos. Aquele havia sido o primeiro ataque fatal em mais de 80 anos em *Cape Cod*. Completou nos contando que o icônico filme “Tubarão”, dirigido Steven Spielberg, havia sido inspirado na cultura da região. Apesar do filme se passar na fictícia *Amity Island*, toda a produção havia sido filmada em *Martha's Vineyard*, uma ilha localizada ao sul da península.

A grande rodovia, que por ora corria duplicada, foi se estreitando e passamos a dirigir em uma pequena estrada de mão dupla. Era o sinal que havíamos chegado na parte mais estreita da península. O trânsito foi ficando mais lento, fruto da grande tráfego que se dirigia à cidade de *Provincetown*. Logo avistamos pequenas casas de veraneio enfileiradas na costa oeste da península. Assim que alcançamos o que parecia ser uma área florestal, meu amigo nos disse, “está bom aqui! Vamos ver as dunas”. Estacionei o carro no acostamento da rodovia cercado por enormes pinheiros. Nos dias anteriores havíamos caminhado exaustivamente e ali marcaria o início de mais uma aventura. Avançamos rapidamente por entre os pinheiros e as pedras que estavam pelo caminho foram substituídas por areia quente. Senti as solas dos meus pés arderem enquanto subíamos e pensei que o sacrifício valeria a pena, pois o mar estaria



logo ali, no outro lado. Quando chegamos no topo, me surpreendi com a imensidão das dunas. Elas pareciam um enorme deserto que se estendia amplamente, cercado por um oásis distante na forma de oceano. Encontramos com um pintor que nos contou que vinha sempre à região e tinha naquelas dunas um dos seus cenários favoritos. Ele nos falou que no verão anterior havia feito uma residência artística em um dos pequenos chalés localizados por entre as dunas, perto do mar. Passava os dias pintando. Olhei para aquelas casinhas distantes com a vontade de quem deseja realizar o sonho de fazer uma residência literária em meio a natureza exuberante.

Nos despedimos do pintor e aproveitamos para explorar mais algumas dunas, com direito a uma maravilhosa aula de geologia ministrada *in loco* pelo meu amigo geólogo. A paisagem era incrível e meu amigo completou dizendo que o filme “Lawrence da Arábia” poderia ter sido facilmente filmado ali. “Era só não apontar a câmera para o oceano”, nos falou brincando. O calor apertou e nenhum de nós teve condições de seguir caminhando, com as solas dos pés queimadas, para alcançarmos a praia. Democraticamente, votamos pelo conforto do ar condicionado do carro e seguimos em direção ao centro de *Provincetown*. Lá, estacionamos o carro no *Pilgrim Monument*, uma torre reproduzida ao estilo minarete renascentista que foi construída em 1910 em homenagem aos primeiros puritanos ingleses que viajaram para a Nova Inglaterra em 1620 no *Mayflower*. “Vocês não vão encontrar mais conservadores por aqui” disse-nos nossa amiga, e completou que se avistássemos algum, este havia feito alguma curva errada na Pensilvânia. A cidade é amplamente conhecida pelo seu apoio ao movimento LGBT. Passeamos pela *Commercial Street*, famosa pelas suas galerias de arte e restaurantes, e visitamos uma pequena loja de joias da irmã de um grande amigo de Boston. Paramos para almoçar num belo restaurante à beira-mar, onde esfriamos a cabeça com um bom vinho verde e cerveja de gengibre, que muito me agrada. Após o almoço, disse aos amigos que tomaria um banho de mar. O oceano não me escaparia naquele dia. Eles me olharam sem surpresa. Sabiam que eu não desistiria. Entrei no mar caminhando sobre as pequenas pedras na enseada que formam o pequeno porto privado da cidade. A água estava geladíssima e, mesmo com frio, senti a paz imensa. No fundo do mar apenas os caranguejos-ferraduras, artrópodes marinhos, vagando lentamente. Ao caminhar em direção à área, lembrei que na vida não podemos nos imobilizar diante dos perigos que nos cercam. São muitos os tubarões que nos rodeiam durante nossa existência e é preciso ter diplomacia para transformar as feras do mar em parceiros estratégicos.

No fim da tarde, eu dirigia em silêncio enquanto todos dormiam. O sol os havia vencido. Quando deixamos a rodovia, minha amiga despertou e me perguntou porquê eu gostava tanto do oceano. Lembrei-a da aventura que fizemos no Oceano Pacífico e lhe disse que o mar é especial para mim. “Haverão mais aventuras como esta”, ela me respondeu.

# The Sea of Sharks

07/13/2019

“Nine white sharks were sighted on the shore,” our friend told us as we got in the car. That morning we would drive just over an hour to Provincetown, a small town located in the far north on the Cape Cod peninsula. The idea was to visit the city and enjoy the beach. I wanted to realize an old dream of taking a bath in the North Atlantic Ocean. We had spent the previous days exploring the nature of the area and had already reached the sea several times, but always in passing. This time, I got into the car dressed in my swim trunks.

As soon as I got the car moving, our friend’s wife began to tell us a bit more about the oceanic culture that exists in the region. She told us that the great white sharks were back in the waters of Massachusetts and that the authorities had already issued an alert. One of the sharks had been seen about forty yards off the coast at Marconi Beach, twenty minutes’ drive from where we were going. We entered the Mid-Cape Highway and accelerated along the way as she told us that last summer a young surfer had been attacked by a shark in the area and, unfortunately, had not survived. That had been the first fatal attack in over 80 years on Cape Cod. She completed telling us that the iconic film “Jaws”, directed by Steven Spielberg, had been inspired by the region’s culture. Although the film happens on the fictional Amity Island, the entire production had been filmed on Martha’s Vineyard, an island located south of the peninsula.

The highway, which had double tracks, narrowed and we drove on a small two-lane road. It was the signal we had reached in the narrowest part of the peninsula. Traffic slowed as a result of the number of people traveling to Provincetown. Soon we saw small cottages lined up on the west coast of the peninsula. As soon as we reached what appeared to be a forested area, my friend told us, “It’s good here! Let’s see the dunes.” I parked the car on the side of the highway, surrounded by huge pine trees. In previous days we had walked extensively and there spot would mark the beginning of another adventure. We walked through the pines and the stones that were in the way were soon replaced by hot sand. I felt the soles of my feet burn as we climbed and I thought the sacrifice would be worth it because the sea would be right there on the other side. When we reached the top, I was surprised by the

vastness of the dunes. They looked like a vast desert that stretched wide, surrounded by a distant oasis in the shape of an ocean. We met a painter who told us that he always came to the region and had in those dunes one of his favorite scenarios. He told us that the previous summer he had made an artistic residence in one of the small cottages located among the dunes near the sea. He spent his days painting. I looked at those distant houses with the will of those who wish to realize the dream of making a literary residence amid the exuberant nature.

We said goodbye to the painter and took the time to explore the dunes, receiving as a present a wonderful geology lesson taught locally by my friend geologist. The landscape was incredible and my friend completed saying that the movie “Lawrence of Arabia” could have been easily filmed there. “It was just not pointing the camera at the ocean,” he told us jokingly. The heat tightened and neither of us was able to continue walking, with our soles burned, to reach the beach. Democratically, we voted for the comfort of the car’s air conditioning and headed toward downtown Provincetown. There, we parked the car at the Pilgrim Monument, a tower reproduced in the style of the Renaissance minaret that was built in 1910 in honor of the first English Puritans who traveled to New England in 1620 on the Mayflower. “You will not find any more conservatives around here,” said our friend, and added that if we saw any of them, he would have made some wrong turn in Pennsylvania. The city is widely known for its support of the LGBT movement. We strolled down Commercial Street, famous for its art galleries and restaurants, and visited a small jewelry store of the sister of a great friend from Boston. We stop for lunch in a beautiful restaurant on the seafront, where we cool our heads with a *Vinho Verde* wine and Ginger Ale, which I like very much. After lunch, I told my friends that I would take a sea bath. The ocean would not escape me that day. They looked at me without surprise. They knew I would not give up. I entered the sea walking on the small stones in the cove that forms the small private port of the city. The water was very cold and even freezing I felt great peace. At the bottom of the sea there were only the horseshoes crabs, marine arthropods, wandering slowly. As I walked towards the area, I remembered that in life we cannot be immobilized by the dangers that surround us. There are many sharks that surround us during our existence and we need diplomacy to turn the sea beasts into strategic partners.

Toward the end of the afternoon, I drove in silence while everyone slept. The sun had beaten them. When we left the highway, my friend woke up and asked me why I liked the ocean so much. I reminded her of our adventure in the Pacific Ocean and told her that the sea is special to me. “There will be more adventures like this”, she told me.

## ○ Sodalício

20/07/2019

Quando nasci, minha avó materna já despojava traquejo social há algumas décadas. Ela havia aprendido a sutil arte dos relacionamentos humanos após muitos anos de convivência junto à elite social. Quando nova, teve a sagacidade de construir uma vida própria em torno de sua família. Durante anos, trabalhou arduamente como costureira, fazendo vestidos para as damas da sociedade. Suas criações eram tidas como belas e elegantes, e muitos questionavam como ela havia conseguido adquirir tamanha habilidade em *Haute Couture*. Com o tempo, foi juntando recursos e abriu sua loja, pequena e modesta no primeiro momento. Com o seu desenvolvimento profissional e com a ajuda fiel de meu avô, que batalhava no mundo jurídico, conseguiu abrir uma loja ampla, no centro da cidade.

Logo depois, a família se transferiu, em definitivo, para sua primeira casa própria. Para construí-la, ela fez um extenso trabalho de pesquisa. Comprou diversos filmes fotográficos e viajou ao Rio de Janeiro e a São Paulo para fotografar as mais belas casas que pôde encontrar. Com a ajuda de familiares que por lá moravam, conversou com diversos proprietários e profissionais, e estudou todas as suas sugestões. Compôs os espaços de sua casa nos mínimos detalhes, escolhendo um estilo colonial, simples, porém charmoso. Quando recebia qualquer convidado, lhe dizia com precisão onde havia adquirido cada uma das peças do mobiliário e da decoração, além da fonte de inspiração para cada um dos ambientes. Do mármore branco à madeira usada para construir o corrimão da escadaria que levava aos quartos da residência, sabia de cor a origem de cada material usado. Nas paredes, verdadeiros tesouros artísticos que havia garimpado mundo afora, além de muitas fotos da família e os diplomas que meu avô havia coletado ao longo da vida. No centro da casa, sempre manteve uma pequena mesa redonda repleta de esculturas, que antecipava aos convidados o acesso a duas salas sociais. Este primeiro obstáculo, rico em beleza, tornava fácil direcioná-los às rodas de conversa que se distribuíam pelas duas salas da residência. Quando preparava um jantar, fazia com muito gosto e extrema atenção aos detalhes. Nada poderia estar fora de seu lugar. Entre os convidados, sempre familiares e amigos queridos, que ela fazia questão que fossem presença constante em sua vida.

Em uma dessas noites, quando eu ainda era adolescente, vi um elegante senhor chegar com sua esposa à porta da casa. Ele fez questão de cumprimentar e conversar rapidamente com todos antes de se sentar em definitivo entre seus amigos. Lembro que per-

guntei à minha avó quem ele era, que me respondeu afirmando “ele é um homem sério, preocupado com as questões de Estado”. Guardei o seu comentário em minha memória. Observei que o ilustre senhor mantinha uma amizade com meu pai e meu avô, e que minha avó sempre fazia questão de sua presença em suas festas. Com o passar dos anos, os encontros promovidos por minha avó diminuíram, especialmente após o meu avô partir, e o perdi de vista. Como a vida dá muitas voltas, no início desse ano, minha família resolveu se reunir para celebrar o natalício de minha avó. Dessa vez, a festa seria para poucos convidados, pois a idade já havia imposto limites à sua vida social. Quando cheguei, minha mãe me falou que havia um senhor que gostaria de falar comigo. Quando o vi, o reconheci de imediato, e fiz questão de cumprimentá-lo com alegria. Engatamos uma conversa franca e ele me confidenciou que lia os meus artigos de jornal. Como se não bastasse a felicidade que havia me provocado, me pediu que escrevesse um artigo para ler publicamente na Academia Sergipana de Letras. Surpreso, lhe respondi positivamente e disse que para mim seria uma honra dirigir algumas palavras para os Imortais. Percebi que poderíamos nos tornar amigos.

Combinamos a leitura para após uma viagem que eu faria aos EUA. Embarquei no avião com um rascunho do texto a ser lido e nele trabalhei com afinco por dias seguidos na Widener Library. Por conta da fria primavera de Boston, retornei ao Brasil com uma forte gripe e no dia marcado para a leitura senti que minha voz falhava. Antes que lesse o artigo em homenagem a um dos imortais daquele sodalício, por quem tenho enorme respeito, o meu amigo fez uma apresentação solene relembrando a todos presentes um pouco da história de vida de meus antepassados. Fiquei profundamente emocionado. Aquela energia positiva me deu forças para esquecer a gripe e fazer a leitura. No calor do debate que se sucedeu, enquanto discutíamos a complexidade do cenário educacional de nosso país, cometi um pequeno pecado. Antecipei para o público um projeto que estava em desenvolvimento. A minha avó havia me ensinado a jamais antecipar ideias inconclusas ao grande público. O meu amigo fez questão de me parabenizar pela iniciativa e, diante das expectativas, tratei de arregaçar as mangas para tornar realidade o projeto que havia prometido. Enquanto educador, senti, por anos, a necessidade de que um veículo de comunicação desse visibilidade as boas práticas educacionais. A equipe do Jornal da Cidade acolheu o projeto que idealizei e fez o Caderno de Educação chegar ao grande público esta semana. Vejo-o como um vetor para dinamizar o debate sobre Educação.

No dia do lançamento, após visitar diversas escolas, fui ver minha avó. Queria lhe mostrar pessoalmente aquela publicação. Quando me viu, ela tratou de me dizer “faz tempo que você não vem aqui”. Eu lhe respondi que a falta era minha, por viver uma vida imposta por compromissos. Ela contestou, mas vi seus olhos brilharem ao correr as páginas do caderno. Quero ter tempo para me dedicar a quem gosto.

# The Academy

07/20/2019

When I was born, my maternal grandmother had already developed her social skills for some decades. She had learned the subtle art of human relationships after many years of living closely with the social elite. When she was young, she had the wit to build a life of her own around her family. For years, she worked hard as a seamstress, making dresses for the ladies of high society. Her creations were seen as beautiful and elegant, and many questioned how she had managed to acquire such skill in Haute Couture. Over time, she was earned enough money and opened her shop, small and modest at first. With her professional development and with the faithful help of my grandfather, who was working in the legal world, she managed to open a beautiful store in the city's downtown.

Shortly thereafter, the family moved definitively to their first home. To build it, she did extensive research. She bought several photographic films and traveled to Rio de Janeiro and São Paulo to photograph the most beautiful houses she could find. With the help of family members who lived there, she talked to various owners and professionals and studied all their suggestions. She composed the spaces of her house in the smallest detail, choosing a colonial style, simple yet charming. When she received any guests, she could tell them precisely where she had purchased each piece of furniture and decoration, as well as the source of inspiration for each room. From the white marble to the wood used to build the railing of the staircase that led to the rooms of the residence, she knew the origin of each material used. On the walls, true artistic treasures that she had gathered during her trips around the world, along with many family photos and the diplomas that my grandfather had collected throughout his life. In the center of the house, she always kept a small round table full of sculptures, which anticipated the guests' access to two social rooms. This first obstacle, rich in beauty, made it easy to direct them to the small groups that spread through the two rooms of the residence. When preparing dinner, she did everything with great pleasure and extreme attention to detail. Nothing could be out of place. Among the guests, always family and dear friends, which, by her will, were a constant presence in her life.

On one of those nights, when I was still a teenager, I saw an elegant gentleman arrive with his wife at the door of the house. He made sure to greet and chat quickly with

everyone before finally sitting down among his friends. I remember asking my grandmother who he was, who answered me by stating, “he is a serious man, concerned about state issues.” I kept your comment in my memory. I observed that the illustrious gentleman maintained a friendship with my father and grandfather and that my grandmother always insisted to have his presence at her parties. As the years passed, my grandmother slowed down her social meetings, especially after my grandfather departure, and I lost sight of him. As life takes many turns, at the beginning of this year, my family decided to meet to celebrate my grandmother’s birthday. This time, the party would be for a few guests, since age had already imposed limits on her social life. When I arrived, my mother told me that there was a gentleman who would like to talk to me. When I saw him, I recognized him immediately, and I made a point of greeting him with joy. We engaged in frank conversation and he confided to me that he read my newspaper articles. As if the happiness that had provoked me was not enough, he asked me to write an article to read publicly at the *Academia Sergipana de Letras*. Surprised, I replied positively and said that it would be an honor for me to address some words to the Immortals. I realized that we could become friends.

We agreed to do the reading after a trip that I would make to the USA. I boarded the plane with a rough draft of the text, and I worked hard on it for days at a time in the Widener Library. Because of the cold spring of Boston, I returned to Brazil with strong flu and on the day marked for reading I felt my voice fail. Before I read the article in honor of one of the immortals of the academy, for whom I have great respect, my friend made a solemn presentation reminding everyone life history of my ancestors. I was deeply moved. That positive energy gave me the strength to forget the flu and do the reading. In the heat of the debate that followed, as we discussed the complexity of our country’s educational scenario, I committed a small sin. I previewed to the public a project that was still under development. My grandmother had taught me never to anticipate inconclusive ideas for the general public. My friend made a point of congratulating me on the initiative and, in the face of expectations, I had to roll up my sleeves and work hard to make the project I had promised becoming a reality. As an educator, I have felt for years the need for a vehicle of communication to give visibility to good educational practices. The *Jornal da Cidade* team welcomed the project that I designed and made the *Caderno de Educação* reach the general public this week. I see it as a vector to energize the debate on Education.

On launch day, after visiting several schools, I went to see my grandmother. I wanted to show her that publication in person. When she saw me, she said immediately “it’s been a while since you’ve come here.” I told her that it was my fault for living a life full of compromise. She protested, but I saw her eyes shine as she ran the pages of the *Caderno*. I want to have more time to devote myself to who I like.



# A Princesa e o Guerreiro

27/07/2019

Esta é a história de uma princesa e de um guerreiro. Eu conheço o guerreiro há muito tempo, foi um dos melhores amigos do meu pai. Nasceu em uma família humilde e seu pai trabalhou muito para poder criar seus filhos com dignidade. Para ele, a educação era o único vetor de ascensão social. No fim da adolescência, o guerreiro decidiu estudar contabilidade. Tinha, até então, um sonho modesto. Queria se formar e fazer a escrituração de algumas empresas para poder se manter. Acreditava que com três empresas já conseguiria ter um bom sustento. Longo que começou o curso universitário, seu pai, que atuava no universo bancário, lhe conseguiu um emprego como encarregado em um banco. Fazer projetos lhe fascinava e saber como monetizá-los era um segredo que ele queria descobrir.

Lá, aprendeu as regras implícitas que regem o mundo das movimentações financeiras. Progrediu por praticamente todas as funções até se tornar um dos homens de confiança do gerente. Naquela época compreendeu que a confiança é o elemento chave quando se administra o patrimônio de terceiros. Como o destino, muitas vezes, favorece quem luta, o guerreiro foi convidado por seu chefe para seguir com ele para uma agência bancária de um concorrente. Naquela época, os gerentes de banco eram pessoas chaves no relacionamento com os clientes. As facilidades do internet banking ainda não haviam surgido e as redes bancárias lutavam para ter em seus quadros bom gestores com ampla capacidade de relacionamento. O convite rendia um bom aumento salarial para o guerreiro e a possibilidade de conhecer gente nova. Decidiu recusar. Ele já tinha em mente a ideia de abrir um posto de lavagem e manutenção de motos. As motocicletas eram sua grande paixão pessoal e fez dela o veículo de inúmeras aventuras em sua vida. Junto com seus irmãos, fez do pequeno posto um primor. Lavava e dava manutenção a dezenas de motos por dia. Passado um ano, seu desempenho acadêmico caiu e resolveu que era hora de passar o posto adiante. Conversou com seu ex-chefe, que ainda o tinha como uma pessoa de confiança, e voltou para o mundo bancário. Por lá ficou até abrir seu escritório de contabilidade.

Foi por essa época que a princesa nasceu. Era sua segunda filha e com ela veio a necessidade de ter um cuidado redobrado com seu empreendimento contábil. Não dava mais para manter a filosofia de que um negócio precisa gerar o sustento. Era

preciso fazê-lo crescer e torná-lo perene a longo prazo. E assim ele o fez, ao mesmo tempo que a princesa também se desenvolvia em plenitude. Ela era daquelas pessoas que vem ao mundo para ser quem é com enorme naturalidade. É importante dizer que sua beleza faria Iracema, ou qualquer outra beldade, suspirar de inveja. Ela logo aprendeu que podia desfilhar na vida e não hesitava em fazer o guerreiro transpirar de felicidade, mesmo nas menores oportunidades. Acima de tudo, ela era muito inteligente e se destacou na escola em todas as matérias e nas atividades que resolveu se aplicar. Tal qual o pai, era dotada de um senso prático de inteligência e tinha, a mais, um senso de humor que tornava doce suas relações com as outras pessoas. Tinha um talento natural para comunicação e tornava qualquer conversa fácil e leve. A princesa e o guerreiro, além de filha e pai, se tornaram amigos e confidentes, companheiros inseparáveis. Era bonito vê-los juntos.

Quando chegou à adolescência, a princesa percebeu que o guerreiro precisava de ajuda nas lutas em que travava no mundo dos negócios e por ali resolveu trilhar o seu destino profissional. Cursados os primeiros semestres na universidade, ela começou a trabalhar junto com o pai no escritório, que já havia se tornando grande, e passou a ver de perto suas lutas diárias. Logo percebeu que são poucas as pessoas que tem disposição natural para enfrentar o risco diário de qualquer grande negócio. Como simples reviravolta do destino, logo que pegou o ritmo do trabalho, ela começou a sentir um pequeno incômodo em seu corpo. O guerreiro, que nunca dormiu no ponto, tratou de providenciar que os melhores médicos a examinassem. Descobriu que a questão era grave e logo foi informado que aquela seria a maior batalha de sua vida. Nos meses seguintes, o guerreiro fez de tudo! Moveu montanhas e lutou como um obstinado, mas, infelizmente, a enfermidade progrediu. Quando alcançou a alma da princesa, ela apresentou a todos que lhe cercavam o seu maior dom. Passou a cuidar deles como se eles precisassem de mais atenção do que ela e se despediu de todos com enorme dignidade. Eu, que passei por um problema de saúde semelhante ao da princesa, acredito que esta é uma missão que poucos são capazes de executar.

Quando fui dizer adeus à princesa, os Paralamas do Sucesso tocavam alto no rádio do meu carro: “se eu queria enlouquecer essa é a minha chance”. Não existe designação no português para um pai e uma mãe que perde um filho. Trata-se da inversão da ordem natural que, jamais, desejamos que aconteça. Quando acontece, temos que ter forças para enfrentar a situação, que é realmente enlouquecedora. Para continuar a trilhar seu caminho, o guerreiro terá que abdicar um pouco da sua racionalidade e encarar a vida tal qual a princesa, com a leveza natural de uma criança que está descobrindo o mundo. Este é o seu maior desafio agora. Tenho certeza que chegará lá.

# The Princess and the Warrior

07/27/2019

This is the story of a princess and a warrior. I have known the warrior for a long time, was one of my father's best friends. He was born in a humble family and his father worked hard to raise his children with dignity. For him, education was the only way of social ascension. In his late teens, the warrior decided to study to become an accountant. He had, until then, a modest dream. He wanted to graduate and do bookkeeping for some companies so he could make his living. He believed that if he worked for three companies he would make a good life. After he started studying at college, his father, who worked in the banking universe, got him a job as a bank clerk. Making projects fascinated him and knowing how to monetize them was a secret that he wanted to discover.

There, he learned the implicit rules that governed the financial world. He progressed through virtually every position until he became one of the manager's trusted men. At that time, he understood that trust is the key element when managing other peoples' assets. As fate often favors those who work hard, the warrior was invited by his boss to go with him to a competitor's bank branch. Back then, bank managers were key persons in customer relationships. The facilities of Internet banking had not yet emerged and banking networks struggled to have good managers with broad relationship skills. The invitation yielded a good salary increase for the warrior and the possibility of meeting new people. He rejected the invitation. He already had in his mind the idea of opening a motorcycle washing and maintenance garage. Motorcycles were his great personal passion and it was his vehicle of countless adventures in his life. Together with his brothers, he made of the small garage a prime shop. He washed and serviced dozens of bikes a day. A year later, his academic performance dropped and it was time to move on. He talked to his former boss, who still had him as a trusted person, and returned to the banking world. He stayed there until he opened his accounting office.

It was around this time that the princess was born. She was her second child, and with her came the need to be extra careful with his accounting venture. He could no longer maintain the philosophy that a business needs to make a

living. He had to expand it and make it long-lasting business. And so he did, while the princess was also developing. She was one of those people who come into the world to be who she is with great naturalness. It is important to say that her beauty would make Iracema, or any other beauty, sigh with envy. She soon learned that she could parade in life and did not hesitate to make the warrior sweat with happiness, even at the slightest opportunity. Above all, she was very intelligent and excelled at school in all the subjects and activities she decided to apply. Like her father, she had a practical sense of intelligence and, moreover, had a sense of humor that made her relationships with others sweet. He had a natural knack for communication and made any conversation easy and light. The princess and the warrior, besides daughter and father, became friends and confidants, inseparable companions. It was beautiful to see them together.

By the time she was a teenager, the princess realized that the warrior needed help in his fights in the business world, and there she decided to pursue her professional destiny. After her first semesters at university, she began working with her father in his, by now, big office and began to see his daily fights closely. She soon realized that few people have a natural disposition to face the daily risk of any big business. As a simple twist of fate, as soon as she got the rhythm of work, she began to feel a little discomfort in her body. The warrior, who never asleep at the wheel, got the best doctors to examine her. He found that the matter was serious and was soon informed that this would be the biggest battle of his life. In the following months, the warrior did everything he could! He moved mountains and fought like a stubborn man, but unfortunately, the disease progressed. When it reached the princess's soul, she introduced everyone around her to her greatest gift. She took care of them as if they needed more attention than she did and said goodbye to everyone with great dignity. I, who went through a health problem similar to that of the princess, believe that this is a mission that few can do.

When I was driving to say goodbye to the princess, the Paralamas do Sucesso played loudly on my car radio: "If I wanted to go crazy, this is my chance." There is no designation in Portuguese for a father and mother who lose a child. It is the inversion of the natural order that we never wanted to happen. When this happens, we have to have the strength to face the situation, which is maddening. To continue on his path, the warrior will have to give up some of his rationality and face life like the princess, with the natural lightness of a child discovering the world. This is his biggest challenge now. I'm sure he will get there.

# A Colônia

03/08/2019

Eram as primeiras horas da manhã, e, naquele dia, eu viajaria de trem de Haia até Colônia, na Alemanha. Seria uma viagem curta, um trajeto de pouco mais de três horas, e tentaria voltar para a Holanda ainda no mesmo dia. Na agenda, uma conversa franca com um amigo alemão que tinha grandes expectativas sobre o Brasil. Aquele tinha tudo para ser mais um dia em que a velocidade dos compromissos me atropelaria, impedindo que eu observasse com calma a realidade que me cercava. Procurei fazer as coisas com calma, pois gosto de ver o mundo com clareza.

Eu havia levantado muito cedo e subi no trem sem comer. No bolso do meu paletó haviam apenas meu smartphone, documentos, um pouco de dinheiro e a passagem do trem, que imprimi por recomendação do amigo que iria visitar. Passei pelo trem à procura do vagão restaurante e o encontrei lotado. Percebi que em uma das mesas haviam um senhor e uma senhora conversando em inglês. Ele tentava chamar a sua atenção enquanto ela tirava fotografias das paisagens holandesas. Nas outras mesas só se falava holandês ou alemão, e as pessoas pareciam estar centradas em suas atividades. Diante da fome, resolvi arriscar e perguntei se eles se importariam se eu me somasse para tomar um café da manhã. “Eu estava justamente procurando com quem conversar”, me respondeu alegremente o senhor, que logo me perguntou de onde eu vinha e o que fazia. Eu lhe respondi que era professor universitário e que me dedicava à educação internacional. Sua expressão de surpresa foi indisfarçável, ao tempo que contou-me, com ênfase, que também era professor e se dedicava à área internacional. Pura coincidência! O que era para ser uma conversa para passar o tempo se tornou um animado debate. Sua especialidade eram os negócios internacionais e ele estava indo a Alemanha ministrar um curso de três semanas sobre os desafios para o crescimento da China, Índia e África. Já era professor há mais de trinta anos em Nova York na *Pace University*, onde lecionava na *Lubin School of Business*, uma das mais prestigiadas escolas de negócio dos EUA. Enquanto comíamos croissant, ele me contou que lá havia aprendido a importância de estar sempre ampliando os horizontes de atuação em sua vida profissional e o quanto era necessário se ter uma visão de longo prazo. Em uma cidade onde tudo acontece rapidamente e que, em sua grande maioria, seus habitantes estão focados em perseguir algum objetivo em específico, é de suma importância manter o olho aberto para as constantes mudanças de mentalidade.

Quando chegamos a Düsseldorf, o condutor anunciou que o trem diminuiria sua velocidade até estacionar em Colônia, poucos quilômetros dali. O trem atravessou lentamente a *Hohenzollern Bridge*, sobre o Rio Reno, proporcionando uma vista impagável da cidade, até parar na *Köln Hauptbahnhof*, a sua estação central. A cidade, fundada pelos romanos, era um dos pontos estratégicos da expansão do império. Eu me despedi do casal, que seguiria viagem até Frankfurt, e caminhei em direção da *Kölner Dom*, a catedral da cidade, onde encontraria meu amigo alemão. A catedral, por si só, já vale uma visita a Colônia. Trata-se de uma belíssima construção gótica do século XIII dedicada a São Pedro, que, mesmo durante a Segunda Guerra Mundial, conseguiu ficar em pé diante de uma cidade que foi completamente destruída pelos ataques aéreos. Assim que encontrei com o meu amigo, sugeri a ele que fôssemos para um lugar mais calmo, sem tantos turistas, e seguimos a pé até uma pequena praça, nas redondezas da catedral, onde encontramos o *Funkhaus Café-Bar-Restaurant*, um pequeno café em estilo *art-nouveau* em que a tranquilidade imperava. Sentamos e engatamos uma conversa franca sobre a realidade brasileira que durou por toda a tarde. Ele queria ter uma noção mais clara do ambiente de negócios que existia no Brasil, pois, embora já houvesse visitado o país, sofria para compreender algumas de suas idiossincrasias. Sua empresa tinha uma forte parceria estratégica com o *Jülich Solar Institute*, um instituto de pesquisa que se dedicava a inovações em energia solar. Ele era responsável pelo planejamento e implementação de projetos mundo afora. Fiz o que sempre faço diante de qualquer estrangeiro interessado no Brasil. Lhe apresentei uma defesa das potencialidades do país, apontando, com seriedade, os obstáculos que ele haveria de enfrentar. Aprendi que pouco adianta tentar convencer outras pessoas sobre as potencialidades do Brasil a partir de meras ilusões. Diante da minha explicação, ele me confidenciou que lia diariamente notícias sobre o país em busca de informações úteis e se surpreendera com as constantes mudanças na retórica política. Afirmei que o brasileiro é um povo muito trabalhador e aberto a novas possibilidades, e que, infelizmente, algumas vezes, a retórica política caminhava distante das ações reais que necessitam ser implementadas. Um país para ser forte precisa abraçar objetivos estratégicos a longo prazo, com clareza e independência, sem se perder, constantemente, em um debate político infrutífero que soa, em muitos ouvidos, como improdutivo.

No trem de volta para a Holanda, enquanto comia um autêntico *Bratwurst*, o bilheteiro apareceu e, com seu alicate, foi perfurando, uma a uma, as passagens dos passageiros. Sentado ao meu lado, um senhor tentou lhe mostrar sua passagem no smartphone. O bilheteiro “gentilmente” lhe explicou que ele teria que comprar uma nova passagem ou descer na próxima estação, já que o bilhete online não era válido. Vi de perto a rigidez alemã em seu “melhor”. Sem opção, ele acabou comprando uma nova passagem. Vaguei por aquela madrugada com saudades de casa.

# The Colony

08/03/2019

It was early morning, and that day I would travel by train from The Hague to Cologne, Germany. It would be a short trip, a journey of just over three hours, and I would try to return to the Netherlands on the same day. On the agenda, a frank conversation with a German friend, who had high expectations about Brazil. It had something to be another day when the speed of commitments would overwhelm me, keeping me from calmly observing the reality around me. I tried to do things calmly because I like to see the world with clarity.

I had got up very early and got on the train without eating. In my jacket pocket were just my smartphone, documents, some money, and the train ticket, which I printed out on the recommendation of the friend I was visiting. I walked through the train looking for the dining car and found it packed. I noticed that at one of the tables there was a gentleman and a lady talking in English. He was trying to get her attention as she took photographs of the Dutch landscapes. In the other tables, people only spoke Dutch or German and seemed to be focused on their activities. Faced with hunger, I decided to take a chance and asked if they would mind if I added up for breakfast. "I was just looking for someone to talk to," answered him cheerfully, who immediately asked me where I came from and what I was doing. I told him that I was a professor and dedicated myself to international education. His expression of surprise was unmistakable as he told me emphatically that he was also academic and dedicated to international affairs. Pure coincidence! A conversation that was supposed to pass the time became a lively debate. His specialty was an international business and he was going to Germany to teach a three-week course on growth challenges for China, India, and Africa. He had been a professor for over thirty years in New York at Pace University, where he taught at Lubin School of Business, one of the most prestigious business schools in the United States. While we were eating croissants, he told me that he had learned there the importance of always broadening the horizons of his professional life and how much it was necessary to have a long-term vision. In a city where things happen quickly and where the vast majority of its inhabitants are focused on pursuing a specific goal, it is of paramount importance to keep an eye out for the ever-changing mindset.



When we arrived in Düsseldorf, the driver announced that the train would slow down to a stop in Cologne, a few kilometers away. The train slowly crossed the Hohenzollern Bridge over the Rhine River, offering priceless views of the city, until it stopped at Köln Hauptbahnhof, its central station. The city, founded by the Romans, was one of the strategic points of the empire's expansion. I said goodbye to the couple, who would travel to Frankfurt, and walked towards the Kölner Dom, the city's cathedral, where I would meet my German friend. The cathedral, by itself, is already worth a visit to Cologne. It is a beautiful 13th-century Gothic building dedicated to St. Peter, who, even during World War II, managed to stand before a city that was destroyed by airstrikes. As soon as I met my friend, I suggested to him that we should go to a quieter place, without so many tourists, and we walked to a small square on the outskirts of the cathedral where we found the Funkhaus Cafe-Bar-Restaurant, a small cafe in an art-nouveau style where tranquility reigned. We sat down and engaged a frank conversation about the Brazilian reality that lasted all afternoon. He wanted to get a clearer picture of the business environment that existed in Brazil because although he had already visited the country, he was struggling to understand some of its idiosyncrasies. His company had a strong strategic partnership with the Jülich Solar Institute, a research institute dedicated to innovations in solar energy. He was responsible for projects' planning and implementation worldwide. I did what I always do to any foreigner interested in Brazil. I presented him with a defense of the country's potential, seriously pointing out the obstacles he would face. I learned that it is no use trying to convince other people about Brazil's potential from mere illusions. After my explanation, he confided to me that he was reading daily news about the country for useful information and was surprised by the constant changes in political rhetoric. I stated that Brazilians are very hard-working people and open to new possibilities, and that, unfortunately, sometimes, political rhetoric went far from the real actions that need to be implemented. A country to be strong must embrace long-term strategic goals, clearly and independently, without constantly getting lost in a fruitless political debate that sounds in many ears unproductive.

On the train back to the Netherlands, while eating an authentic Bratwurst, the ticket agent appeared and, with his pliers, pierced the passengers' passages one by one. Sitting next to me, a gentleman tried to show him his ticket on his smartphone. The ticket agent "kindly" explained to him that he would have to buy a new ticket or get off at the next station, as the online ticket was not valid. I watched closely the German rigidity at its "finest". Without an option, he ended up buying a new ticket. I wandered feeling homesick through that night.

# O Lado Bom da Vida

10/08/2019

“Conte a ela”, me disse em tom sério. Eu não consegui ver bem o seu rosto, mas reconhecia plenamente a sua voz. Dei um passo à frente para tentar ver se o enxergava melhor, mas a claridade que emergia doía nos meus olhos. Olhei para trás, em direção ao barulho que vinha do lado de fora. Lá, as pessoas caminhavam apressadas sem se importar em entrar no que parecia ser uma igreja. Procurei por ele mais uma vez. Queria lhe contar um pouco sobre o que tinha vivido nos últimos tempos. Ele havia sumido. Quando dei mais um passo para frente, acordei! Tudo estava escuro no quarto. Peguei o relógio na cabeceira e vi que marcava quinze para três da madrugada. Estava sem sono. Levantei e, após tomar um copo d’água, resolvi ouvir um pouco de música no meu iPod “velho de guerra” no sofá da sala. Na minha infância, algumas vezes eu acordava de madrugada sem motivo aparente. Simplesmente ficava sem sono. Passei muitas dessas noites em companhia do meu pai. Ele tocava violão bem baixinho para não incomodar mais ninguém na casa. Ia dos clássicos do samba às composições de sua autoria. Capturava minha atenção logo que começava a tocar. As primeiras músicas soavam como se eu houvesse sido convidado para participar de uma festa privada. Duas ou três músicas depois, eu já estava dormindo novamente.

Assim que dei play no iPod, o trompete de Miles Davis soou estridente nos meus ouvidos. Ele havia revolucionado a música e nada melhor que a complexidade do seu som para me fazer dormir. Lembrei das palavras de meu pai quando me apresentou a ele. “Ação e reação”, um movimento constante que fazia com que a interação entre os músicos evoluísse. É como se tivéssemos uma necessidade contínua de nos movermos sempre para o novo, sem nos darmos conta que, às vezes, o ótimo é inimigo do bom. “Chega de Saudade” tocou em sequência como se João Gilberto quisesse me dizer que esquecesse o passado. Eu acredito firmemente que o passado é prólogo. No entanto, é preciso ter sagacidade para não nos agarrarmos demais a ele e aprisionarmos o nosso futuro. Comigo a positividade impera e ressentimento é algo que não costumo guardar em minha vida. A voz suave de João Gilberto relembrou o meu cansaço. Os últimos meses haviam sido intensos de trabalho. Muitas aulas, viagens e textos escritos. Momentos que só consigo parar para pensar com clareza quando estou em velocidade de cruzeiro durante as minhas corridas diárias. Correr me deixa mais calmo para observar o

mundo ao meu redor. O som do violão embalava o meu sono. Meu pai, que era um amante da bossa nova, tinha um estilo de tocar um pouco diferente. Gostava de acentuar certas transições entre as notas para fazer o ouvinte capturar a essência da música que cantava. Fazia isso sem cansar os seus ouvidos com ênfases desnecessárias. É justo ter um cuidado especial com quem lhe dá atenção.

O trompete melódico de Chat Becker soou nos meus fones de ouvido em sequência. “Um coração cheio de alegria e felicidade sempre banirá a tristeza e o conflito” ele cantava como quem recomenda sempre a positividade como caminho para superar qualquer adversidade. Apaguei novamente! Dessa vez, tudo estava bem mais tranquilo em meu sonho. Eu estava sentado em uma praia e assistia ao pôr do sol. Na minha mão, sentia as pequenas conchas marinhas na superfície da areia. Atrás de mim, casas grandes e pequenas se alternavam na paisagem. Todas elas possuíam vista para o mar. Eu estava longe de casa, tinha certeza. Olhei ao redor para ver se via meu pai novamente. Havia apenas algumas pessoas caminhando à beira mar. Sentado ali, fui invadido por uma lembrança de o quanto os sonhos são importantes em nossas vidas. Para transformar sonhos em realidade é necessário ter compromisso consigo mesmo e ser um verdadeiro obstinado enquanto se persegue os objetivos que se almeja alcançar. Meu pai me ensinou a não reclamar, pois aqueles que reclamam nunca assumem responsabilidade por nada em sua existência. Essa lição me tornou resiliente e me fez sempre olhar para frente. Passei a sempre manter o foco na mudança e acelerar o passo para me transformar quando percebia que a realidade se altera ao meu redor. Aprendi cedo que nada é para sempre em nossas vidas. Sonhando com o mar, lembrei novamente o quanto queria contar a meu pai sobre o último ano de minha vida. Este foi um ano acelerado. Foi como se estivesse em uma avenida em que todos os sinais gradativamente fossem se tornando verdes. “Eu já estive nessa avenida antes” pensei comigo mesmo. Só que, dessa vez, minha ambição maior era apreciar a vista.

Quando acordei a luz do dia já havia invadido a sala. O iPod tocava a música “Lados” de autoria de meu pai. “O lado do bem estar está no modo do pensar” ecoava em meus ouvidos e me fazia lembrar que os sonhos impulsionam a nossa existência. É preciso dá-los sempre uma direção positiva. Aprendi com ele a jamais desistir dos meus ideais. Ao escrever uma coluna semanal no Jornal da Cidade, além de realizar de um sonho antigo, aprendi o quanto é importante compartilhar ideias com o grande público. Escrever trouxe para mim um compromisso maior com os meus próprios sonhos.

No fim daquele dia fui tomar um café com minha mãe. “Serão cinquenta” lhe disse enquanto comentava sobre um outro sonho antigo que se encaminha para realização. O café borbulhava na cafeteira enquanto eu pensava em todas as coisas que ainda tenho para escrever.

# The Good Side of Life

08/10/2019

“Tell her,” he told me seriously. I couldn’t see his face well, but I fully recognized his voice. I stepped forward to see if I could see him better, but the light that was emerging hurt my eyes. I looked back toward the noise coming from outside. There, people walked hurriedly without bothering to enter what appeared to be a church. I searched for him one more time. I wanted to tell him a little about what I had been living lately. He was gone. When I took another step forward, I woke up! Everything was dark in the room. I looked at the clock from the headboard and saw that it was quarter to three in the morning. I was sleepless. I got up and, after drinking a glass of water, I decided to listen to a little bit of music on my old iPod on the living room couch. In my childhood, I sometimes woke up at dawn for no apparent reason. I was simply sleepless. I spent many of those nights with my father. He played the guitar very softly so as not to disturb anyone else in the house. He went from samba classics to compositions of his own. He caught my attention as soon as it started playing. The first songs sounded like I’d been invited to a private party. Two or three songs later, I was already sleeping again.

As soon as I pressed play at the iPod, Miles Davis’s trumpet sounded shrill in my ears. He had revolutionized music and nothing better than the complexity of its sound to make me sleep. I remembered my father’s words when he introduced his music to me. “Action and reaction”, a constant movement that made the interaction between musicians evolve. It is as if we have a continual need to always move into the new, without realizing that sometimes the great is the enemy of the good. “Chega de Saudade” played in sequence as if João Gilberto wanted to tell me to forget the past. I firmly believe that the past is prologue. However, we must have wit so that we do not cling too much to it and imprison our future. With me, positivity reigns and resentment is something I don’t usually keep in my life. Joao Gilberto’s soft voice reminded me of my tiredness. The last months had been of intense work. Lots of classes, travel and written texts. Moments I can only stop to think clearly when I am cruising during my daily runs. Running makes me calmer to observe the world around me. The sound of the guitar lulled

me to sleep. My father, who was a bossa nova lover, had a slightly different playing style. He liked to emphasize certain transitions between notes to make the listener capture the essence of the song he sang. He did this without tiring their ears with unnecessary emphasis. It is fair to be extra careful about with these who gives you attention.

Chat Becker's melodic trumpet sounded in my headphones in sequence. "A heart, full of joy and gladness, will always banish sadness and strife", he sang as one who always recommends positivity as a way to overcome any adversity. I blacked out again! This time, everything was much quieter in my dream. I was sitting on a beach and watching the sunset. In my hand, I felt the small seashells on the surface of the sand. Behind me, big and small houses alternated in the landscape. All had a view of the sea. I was away from home, for sure. I looked around to see if I saw my father again. Only a few people were walking by the sea. Sitting there, I was invaded by an idea that reminded me of how important dreams are in our lives. To make dreams come true requires a commitment to oneself and being a true stubborn while pursuing the goals one aims to achieve. My father taught me not to complain because those who complain never take responsibility for anything in their existence. This lesson made me resilient and always made me look ahead. I kept focusing on change and speeding up to change when I realized that reality is changing around me. I learned early that nothing is forever in our lives. Dreaming of the sea, I remembered again how much I wanted to tell my father about the last year of my life. This has been an accelerated year. It was like an avenue where all the street signs were gradually turning green. "I've been to this avenue before," I thought to myself. Only this time my biggest ambition was to enjoy the view.

When I woke up the daylight had already invaded the room. The iPod played the song "Lados" composed by my father. "The well-being side of life is in the way of thinking" echoed in my ears and reminded me that dreams drive our existence. One must always give them a positive direction. I learned from him never to give up on my ideals. By writing a weekly column in *Jornal da Cidade*, as well as realizing an old dream, I learned how important it is to share ideas with the public. Writing brought me a greater commitment to my own dreams.

At the end of that day, I went to have coffee with my mother. "There will be fifty," I told her as I commented on another old dream that is heading for fulfillment. Coffee bubbled in the coffee maker as I thought of all the things I still have to write.

## Epílogo

Eu gosto de olhar a vida como um sucessão de longos capítulos. Em cada um deles aprendemos algo de extrema importância para o nosso desenvolvimento humano. Estes capítulos são como longas estradas que precisamos ter paciência para percorrer. Os obstáculos são inúmeros, mas a recompensa, na forma de engrandecimento pessoal é formidável.

O ofício de escritor é complexo. São dias e noites pesquisando sobre temas e vasculhando em nossas memórias os detalhes para levar ao leitor, em poucas palavras, a mensagem que se quer passar. Com o passar das semanas e, à medida em que eu me aprofundava mais e mais nas histórias de vida que fazem parte da minha história pessoal e profissional, o meu trabalho foi ficando mais fácil e natural. Passei a não me importar com a corrida contra o tempo para ter a coluna pronta para ser enviada ao meu editor todas as sextas-feiras pela manhã. Escrever se tornou um hábito, muito bem organizado na minha rotina de trabalho, que por sua vez, sempre me permitiu interagir com pessoas incríveis e conhecer lugares fantásticos. Isto já é motivo suficiente para uma pessoa ser extremamente grata, e sou! Cada uma dessas experiências são para mim como passos que me ajudaram a seguir em minha caminhada como educador. Escrever e compartilhar minhas experiências é o meu *double bottom-lines*,

## Epilogue

I like to think about life as a succession of long chapters. In each chapter, we learn something of extreme importance for our human development. These chapters are like long roads that we need to have the patience to go through. The obstacles are innumerable, but the reward in the form of self-development is formidable.

The work of a writer is complex. Days and nights researching on themes and scouring in our memories the details to convey to the reader, in a few words, the message that one wants to pass. As the weeks passed, and as I delved more and more into the life stories that are part of my personal and professional history, my work became easier and more natural. I did not mind the race against the clock to have the column ready to be sent to my editor every Friday morning. Writing has become a habit, very well organized in my work routine, which in turn has always allowed me to interact with amazing people and to travel to fantastic places. This is reason enough for a person to be extremely grateful, and I am! Each of these experiences are to me steps that have helped me to follow in my walk as an educator. Writing and sharing my experiences is my double bottom-lines, that is, my double gain that comes from the possibility of inspiring others to seek for a broadening of the senses of their existences.



ou seja, o meu ganho duplo que advém da possibilidade de inspirar outras pessoas a procurarem por uma ampliação dos sentidos de suas existências.

Eu continuarei escrevendo. Este é um compromisso que tenho comigo mesmo, pois quero contribuir mais para o debate sobre Educação em nosso país e compartilhar minha história de vida. Ainda precisamos avançar muito, mas tenho que confiança que histórias de vida inspiradoras e exemplos que podem ser seguidos nos ajudarão a alcançar uma caminhada mais leve. Eu lhe convido para continuar lendo as minhas crônicas, escritas sobre as minhas aventuras, todos os fins de semana no *Jornal da Cidade*.

Até o próximo capítulo desta história.

I will keep writing. This is a commitment that I have with myself, because I want to contribute more to the debate on Education in Brazil and share my life story. We still need to make a lot of progress, but I have confidence that inspiring life stories and examples that can be followed will help us achieve a lighter journey. I invite you to continue reading my chronicles, written about my adventures, every weekend in the *Jornal da Cidade*.

See you in the next chapter of this story





|           |                                                                                                                       |
|-----------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Tiragem   | 300 exemplares                                                                                                        |
| Formato   | 20x23cm                                                                                                               |
| Tipologia | Adobe Garamond Pro 12pt, 11pt; Calibri 9pt;<br>Giorello Demo 20pt; Birdrockers 60pt;<br>AmsiProCond-LightItalic 14pt. |
| Papel     | Off-set 75g/m <sup>2</sup> (miolo)<br>Cartão Triplex 250g/m <sup>2</sup> (capa)                                       |

Esta coletânea dos artigos do Professor Doutor Matheus Batalha Moreira Nery contém muito mais do que a exposição pausada da vasta experiência do autor como aluno e professor, tal como publicados com regularidade semanal no Jornal da Cidade de Aracaju nos anos de 2018 e 2019.

Carlos Pinna de Assis  
Academia Sergipana de Letras

Este é um livro de reflexões pessoais que provaram despertar interesse público. O livro recolhe as reflexões de um acadêmico dedicado que se tornou um entusiasta público humanista e escritor criativo. Não há nada necessário ou previsível sobre esse caminho de desenvolvimento. Foi importante traduzir sentimentos e memórias pessoais para um núcleo de experiências que equivalem a observações interpessoais.

Doris Sommer  
Harvard University

Este livro é cheio de pensamentos, perspectivas, experiências e mensagens, mas, mais do que isso, tem muito coração. São essas mensagens sinceras sobre as reflexões do autor sobre questões humanas, educacionais, sociais e culturais que surgem em alto e bom som, com música tocando ao fundo ou tocando violão em primeiro plano! De qualquer forma que você olhe, este livro é uma coleção de fotos bem escritas da vida, e é definitivamente uma leitura agradável e vencedora!

Schuyler S. Korban  
University of Illinois at Urbana-Champaign

